

QUER, QUE NOS CH

roximo está para se celebrar com
; Frades Menores da Ordem de S
& Reformados, na Igreja, ou C
loma dos Frades Menores da dit
oſſo Senhor Jeſu Chriſto, até o c
para que obra tão pia ſe faça con
ção das Almas, applicados com
eis Chriſtãos de hum, & outrc
ſarem, & commungarem, &
e Araceli, ou alguma das Igre
do Mundo, deſde o dia da feſti
lia da Feſta da Santiffima Trinda
s F^o corpo a dos F



MUSICA
D O
PARNASSO
DIVIDIDA EM QUATRO COROS

DERIMAS
PORTUGUESAS, CASTELHANAS,
Italianas, & Latinas.

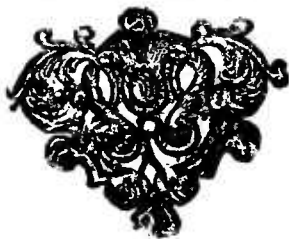
COM SEU DESCANTE COMICO REDUZIDO
em duas Comedias,

OFFERECIDA

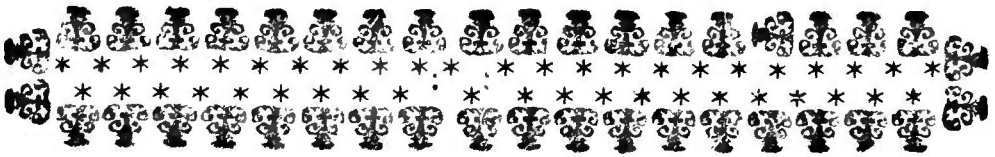
AO EXCELLENTISSIMO SENHOR DOM NUNO
Alvares Pereyra de Mello, Duque do Cadaval, &c.
E E N T O A D A

PELO CAPITAM MOR MANOEL BOTELHO
de Oliveyra, Fidalgo da Caza de Sua
Magesdade.

L I S B O A.



Na Officina de MIGUEL MANESCAL, Impressor do
Santo Officio. Anno de 1705.



AO EXCELLENTISSIMO

SENHOR D. NUNO ALVARES PEREYRA de Mello, Duque do Cadaval, Marquez de Ferreyra, Conde de Tentugal, Alcayde mór das Villas, & Castellos de Olivença, & Alvor, Senhor das Villas de Tentugal, Buarcos, Villa nova danfos, Rabaçal, Alvayazere, Penacova, Mortagoa, Ferreyradaves, Cadaval, Cercal, Peral, Villaboa, Villarruyva, Albergaria, Agoa de peyxes, Mujé, Noudar, & Barrâcos: Comendador das Comendas de Grandola, Sardoal, Eyxo, Moraes, Marmeleyra, Noudar, & Barrancos. Dos Conselhos de Estado, & Guerra, & do despacho de mercês, & expediente. Mestre de Campo General da Corte, & Provincia da Extremadura junto á pessoa de Sua Magestade, Capitão General da Cavallaria da mesma Corte, & Provincia, Presidente do Dezembargo do Paço, &c.



ELEBRE fez em Focio ao Monte Parnasso o ter sido das Musas do micilio, mas se nisto teve a fortuna de ser tal vez o prumeyro, não faltou quem lhe tirasse a de ser unico. Essa queyxa pode formar da famosa Grecia, para cujas interiores Provincias se passaraõ, as Musas com tanto empenho, como foy o que tiveraõ em fazer aquelle portento da sua

Arte o Insigne Homero, cujo poema eternizou no Mundo as memoriaes da sua penna, & do seu nome. Transformouse Italia em hũa nova Grecia, & assim, ou se passarão outra vez de Grecia, ou de novo renascerão as Musas em Italia, fazendo-se tão connaturaes a seus engenbos, como entre outros o forão no do Famoso Virgilio, & elegante Ovidio, os quaes, vulgarizada depois, ou corrupta a lingua Latina na mesma Italia se reproduzirão no grande Tasso, & delizioso Marino, Poetas, que entre muytos florecerão com singulares creditos, & não menores estimaçoens. Ultimamente se transferirão para Hespanha, aonde foy, & he tão fecunda a copia de Poetas, que entre as demais naçoens do Mundo parece que as Hespanhoes adoptarão as Musas por seus filhos, entre os quaes mereceu o culto Gongora extravagante estimação, & o vastissimo Lope applauso universal: porêm em Portugal, illustre parte das Hespanhas, se naturalizarão de sorte, que parecẽ identificadas com os seus Patricios; assim o testemunhão os celebrados Poemas daquelle Lusitano Appollo o Insigne Camoens, de Jorge Monte Mayor, de Gabriel Pereyra de Castro, & outros que nobilitarão a lingua Portugueza com a elegante consonancia de seus metros.

Nesta America, inculta habitação antigamente de Barbaros Indios, mal se podia esperar que as Musas se fizessem Brasileyras com tudo quizerão tambem passar-se a este Emporio, aonde como a doçura do açúcar he tão sympathica com a suavidade do seu canto, acharão muitos engenbos, que imitãto aos Poetas de Italia, & Hespanha, se applicassem a tão discreto entretenimêto, para que se não queyxaesse esta ultima parte do Mundo, que assim como Appollo he cõmunica os rayos para os dias, he negasse as luzes para os entendimentos. Ao meu, posto que inferior aos de que he tão fertil este Paiz, dictarão as Musas as presentes Rimas, que me resolvi expor á publicidade de todos, para ao menos ser o prim. yro filho do Brazil, que faça publica a suavidade do metro, já que
o não

o não sou em merecer outros maiores creditos na Poesia.

Porém encolhido em minha desconfiança, & temerizo de minha insufficiencia, me pareceu logo preciso valerme de algum Heroe, que me alentasse em tão justo temor, & me segurasse em tão racional receyo, para que nem a obra fosse alvo de callumnias, nem seu autór despijo de Zoylos, cuja malicia costuma tyrannizar a ambos, mais por impulso da inveja, que por arbitrio da razão: para segurança pois destes perigos solicito o amparo de Vossa Excellencia, em quem venero relevantes prerogativas para semelhante patrocínio; porque se he proprio de Principes o amparar aquem os busca, Vossa Excellencia o he não menos na generosidade de seu animo, que na regalia de seu sangue, com cuja tinta trasladou em Vossa Excellencia a natureza o exemplar das heroycas prendas de seus Illustrissimos Progenitores, de quem como Aguia legitima não degenerou a sua soberania: a Vossa Excellencia venera o estado do Reyno por Conselheyro o mais politico, pois assim sabe nelle propôr as difficuldades, & investigar os meyoys. A Vossa Excellencia faz o nosso Serenissimo Monarca arbitro dos negocios mais arduos, & archivo dos segredos mais intimos, repartindo, ou descargando em Vossa Excellencia como em generoso Atlante o grande peso de toda a Esfera Lusitana; nella reconhecem a Vossa Excellencia por luminar, ou astro muy benéfico, tantos quantos são os que participão das continuadas influencias de sua grandeza, a qual como logra propriedades de Sol, a todos alcança com seus benignos influxos; assim o experimentão tantas viuvas, a quem Vossa Excellencia soccorre compassivo, tantas donzellas, a quem dota liberal, tantas molheres que tem o titulo de visitadas, a quem se não visita sua pessoa, remedeia todos os mezes sua munificencia, sendo esta em Vossa Excellencia tão fecunda, como o mostrão outras muytas esmolas, que por sua mão fas, alêm das que em trigo, & dinheyro todo o anno reparte por seu Esmaler, & Páro-

co, que são dous continuos aqueductos, pelos quaes perennemente correu fote de sua liberalidade; e esta dá Vossa Excellência muyto maiores realces, quando tão pia, e profusamente a exercita com o sagrado, ornando, e enriquecendo os Templos, especialmente o em que foy baptizado, e quem consignou todos os annos copiosa congrua para seu culto, favorecendo com toda a grandeza as Communidades, provendo com larga mão as Religieões do que necessitam, como o confeça a Serafica Familia do grande Patriarca San Francisco, e dando aos Conventos pobres das Religiosas vestimenta para todas, sendo a sua caridade como fogo, que nunca disbista para dar, em quanto acha necessidades que socorrer; esta lhe conciliou a Vossa Excellencia o renombre de Pay da pobreza, titulo entre os muytos que logra, o mais illustre, pois tanto o assemelha ao mesmo Deos, que por ser o summo Bem, sempre se está communicando a todos.

Mas como nos astros não sò hã influxos, senão tambem luzes, os brilhantes reflexos das de Vossa Excellencia bem se virão em todos os Tribunaes deste Reyno, que forão os illuminados Zodiacos, aonde gyrarão tanto tempo seus resplandores: aqui luzio a sua justiça com rayos sempre directos, porque nunca houve couza, que pudesse torcer, nem ainda inclinar a sua rectidão: aqui brilhou o seu zelo com luzes tão vivas, que nada pôde diminuir sua efficacia, nem esfriar o intenso de sua actividade, sendo em Vossa Excellencia este zelo tão gêral, e prompto para todas as materias tocantes ao bem do Reyno, que por causa deste o levou no tempo presente dos Tribunaes aos exercitos, e da Corte para a Campanha, na qual se houvera mais, ou mayor es occasiões para a peleja, o admiraríamos todos vivo retrato daquelle Famoso Marte Lusitano o Senhor Nuno Alvares Pereyra, de quem Vossa Excellencia herdou o valor com o nome, e com o sangue a generosidade, e ficara conhe-

cendo

cendo o Mundo como na pàs, & na guerra era Vossa Excellencia sempre Cesar.

Bem certificado estava de seu Marcial animo, & militar sciencia o nosso Serenissimo Monarca, pois em Sabbado 4. de Outubro lhe encarregou o governo da primeira linha do exercito, para q̄ dirigisse a marcha delle ao sitio, que se pretendia, empresa tão difficil em si, como pelas circumstancias para Vossa Excellencia gloriosa, porque obedecendo com prompto rendimento à Real vontade, & encarregando-se com singular prudencia desta acção, que Sua Magestade lhe fiara, fez marchar o exercito com tão admiravel ordem, que todos os Cabos Nacionaes, & Estrangeyros concorrerão a darlhe os parabens do acerto, com que Vossa Excellencia desempenhou felizmente o bom successo, que nesta empresa se desejava: bem conhecerão a Vossa a Excellencia por Heroe capàs, & digno de outras mayores as Magestades ambas, pois na bataria, que se fes no Porto de Agueda em sette de Outubro, vendo livre das balas do inimigo, especialmente de huma que lhe chamuscou a anca, & cauda do cavallo, em que andava montado, não podendo dissimular o seu jubilo, davão tambem multiplicados parabens a Vossa Excellencia de escapar a tantos perigos, em que o meteo o seu valor, & de que o livrou a Providencia Divina, favor bem merecido da piedade, com que Vossa Excellencia soccorria na Campanha aos soldados com tão repetidas esmolas, escudos fortissimos, que o defendem nos mayores apertos da terra, ao mesmo tempo, que lhe servem de poderosas armas, com que Vossa Excellencia está conquistando o Ceo. Mais pudera dizer de outras muitas heroycas acçoens, relevantes prendas, & singulares virtudes de Vossa Excellencia, se este epilogo do papel fora capàs de tanto empenho; por em comò nelle não cabe a multiplicidade de tantos titulos, quantos as acreditão, seria temeridade querer recopilar hum mar immenso em tão limitada concha, & copiar figura tão agigantada em hum quadro tão peque-

no, Guarde Deos à pessoa de Vossa Excellencia por dilatados, & felicissimos annos para gloria de Portugal.

De Vossa Excellencia

Menor subdito

Manoel Botelho de Oliveyra.



PROLOGO

AO LEYTOR.

ESTAS Rimas, que em quatro linguas estão compostas, offereço neste lugar, para que se entenda que pôde hũa só Musa cantar com diversas vozes. No principio celebra-se huma Dama com o nome de Anarda, estylo antigo de alguns Poetas, porque melhor se exprimem os affectos amorosos com experiencias proprias: porém porque não pareceffe fastidioso o objecto, se aggregaram outras Rimas a varios assumptos: & assim como a natureza se presa da variedade para a fermosura das cousas creadas, assim tambem o entendimento a deseja, para tirar o tedio da lição dos livros. Com o titulo de Musica do Parnasso se quer publicar ao Mundo: por porque a Poesia não he mais que hum cânto Poetico, ligando se as vozes com certas medidas para consonancia do metro.

Tambem se escreveram estas Rimas em quatro linguas, porque quis mostrar o seu Autor com ellas a noticia, que tinha de toda a Poesia, & se estimasse esta obra, quando não fosse pela elegancia dos conceytos, ao menos pela multiplicidade das linguas. O terceyro, & quarto coro das Italianas, & Latinas estão abbreviadas, porq̃ além desta composição não ser vulgar para todos,

todos, bastava que se dêsse a connecer em poucos versos. E a m.
bem se accreentaram duas Comedias, para que participasse
este livro de toda a composiçã poetica. Húa dellas, Hay ami-
go para amigo, anda impressa sem nome. A outra, Amor, En-
gaños, y Zelos, sahe novamente escrita : & juntas ambas
fazem hum breve desçante aos quatro Coros. Se te parecerem
bem, terey o louvor por premio de meu trabalho; se te parece-
rem mal, ficarey com a cênfura por castigo de minha confi-
ança.

V A L E.



L I C E N C I A S

DO SANTO OFFICIO.

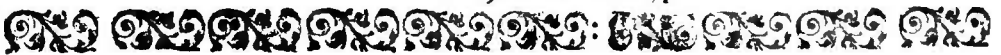
Vistas as informações, pôde se imprimir o livro, de que esta petição trata, & impresso tornarà para se cõferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrà Lisboa. 19. de Julho de 1703.

Carneyro. Monis. Frey Gonsalo. Hassé. Monteiro. Ribeyro.



Pode-se imprimir o livro, de que esta petição trata, & impresso tornarà para se dar licença para correr. Lisboa. 14. de Outubro de 1703.

Frey Pedro Bispo de Bona.



L I C E N C I A DO P A C O.

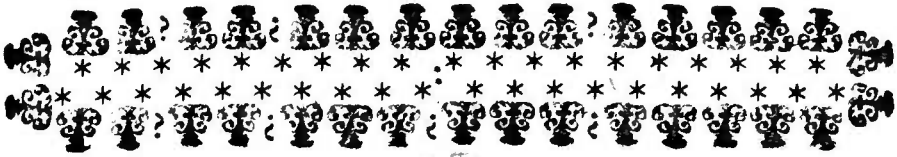
Oue se possa imprimir, vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarà a Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso não correrà. Lisboa 20. de Outubro de 1703.

Oliveyra. Azevedo.



Taxaõ este livro em trezentos & sinçoenta reis. Lisboa 27. de Fevreyro de 1705.

Lacerda. Vieyra. Carneyro. Almeida.



PRIMEYRO C O R O

DE RIMAS PORTUGUESAS EM
versos amorosos de Anarda.

S O N E T O S.

Anarda invocada.

S O N E T O I.



Nvoco agora Anarda lastimado
Do venturoso, esquivo sentimento:
Que quem motiva as anfiãs do tormento,
He bem que explique as queyxas do cuydado.
Melhor Musa serà no verso amado,
Dando para favor do sabio intento
Por Hippocrene o lagrymoso alento,
E por louro o cabello venerado.
Se a gentil fermosura em seus primores
Toda ornada de flores se avalia,
Se tem como harmonia seus candores;
Bem pòde dar agora Anarda impia
A meu rude discurso cultas flores,
A meu plestro feliz doce harmonia.

A

Persuade

*Persuade a Anarda què ame.***SONETO II.**

A Narda vê na estrella, que empiedoso
 Vital influxo move amor querido,
 Adverte no jasmim, que embranquecido
 Candida fê publica de amoroso.
 Confidera no Sol, que luminoso
 Ama o jardim de flores guarnecido;
 Na rosa adverte, que em coral florido
 De Venus veste o nacar lastimoso.
 Anarda pois, não queyras arrogante
 Com desdem singular de rigorosa
 As armas desprezar do Deus triunfante:
 Como de amor te livras poderosa,
 Se em teu gesto florido, & rutilante
 Es estrella, es jasmim, es Sol, es rosa?

*Ponderação das lagrymas de Anarda.***SONETO III.**

S Uspende Anarda as ansias do alvedrio,
 Quando a fortuna cegamente ordena
 Essa dor, que dilatas pena a pena,
 Esse aljofar, que vertes fio a fio-
 Se es dura rocha no rigor impio,
 Se es brilhadora luz na fronte amena;
 A triste chuva de crystaes serena,
 Da successiva prata embarga o rio.
 Mas ay, que não depões o sentimento,
 Para que em ti padeça rigor tanto,
 Se tens meu coração no peyto izento.
 De forte pois, que no amoroso encanto
 A vivas em teu peyto o meu tormento,
 Derramas por teus olhos o meu pranto.

Sol,

Sol, & Anarda.
SONETO IV

O Sol ostenta a graça luminosa,
Anarda por lufida se pondera;
O Sol he brilhador na quarta esfera,
Brilha Anarda na esfera de fermosa.
Fomenta o Sol a chamma calorosa,
Anarda ao peyto viva chamma altera;
O jasmim, cravo, & rosa ao Sol se esmera,
Cria Anarda o jasmim, o cravo, & rosa.
O Sol à sombra dà bellos desfmayos,
Com os olhos de Anarda a sombra he clara,
Pinta Mayos o Sol, Anarda Mayos.
Mas [defiguaes fô nifto) se repara
O Sol liberal sempre de seus rayos,
Anarda de seus rayos sempre avara.

Mostra-se que a fermosura esquiva não pôde ser amada.

SONETO V

A Pedra Iman, que em qualidade occulta
Naturalmente attrahe o ferro impuro,
Se não vê do diamante o lustre puro,
Prende do ferro a sympathya inculta.
Porêm logo a virtude difficulta,
Quando se ajunta co diamante duro:
Que hum odio atè nas pedras he seguro,
Que atè nas pedras huma inveja avulta-
Prendendo pois com attracção fermosa
A fermosura, qual Iman se aviva,
He diamante a dureza rigorosa;
Aquella junta com a dureza esquiva,
Não logra a sympathya de amorosa,
Perde a virtude logo de attractiva.

Irás de Anarda castigadas:

SONETO VI.

DO cego Deus, Anarda, com pellido
 Vejo teu rosto, & digo meu tormento;
 Digo para favor do sentimento,
 Vejo para recreyo do sentido;
 As rosas de teu rosto defabrido,
 De teus olhos o esquivo lusimento;
 Este fulmina logo o rayo isento,
 Estas espinhaõ logo ao Deus Cupido.
 Porèm para experiencias amorosas,
 Quando de amor as ansias atropellas,
 As perfeições se mudaõ deslustrosas:
 Porque tomando amor vingança dellas,
 Nos rigores te afea as lindas rosas,
 Nas iras te escurece as lufes bellas.

Vendo a Anarda depõe o sentimento.

SONETO VII.

ASerpe, que adornando varias cores,
 Com passos mais obliquos, que serenos,
 Entre bellos jardins, prados amenos,
 He ma yo errante de torcidas flores;
 Se quer matar da sede os disfavores,
 Oscrystaes bebe co a peçonha menos,
 Porque naõ morra cos mortaes venenos,
 Se a caso gosta dos vitaes liquores.
 Assim tambem meu coraçã que yxo lo,
 Na sede ardente do feliz cuydado
 Bebe cos olhos teu crystal fermoso;
 Pois para naõ morrer no gosto amado,
 Depoem logo o tormento venenoso,
 Se a caso gosta o crystallino agrado.

Cega duas vezes, vendo a Anarda.

SONETO VIII.

Querendo ter Amor ardente enfayo,
Quando em teus olhos seu poder inflamma,
Teus soes me acendem logo chamma a chamma,
Teus soes me cegaõ logo rayo a rayo.
Mas quando de teu rosto o bello Mayo
Deidinha amores no rigor que acclama,
De meus olhos o pranto se derrama
Com viva queyxa, com mortal defmayo
De sorte, que padeço os resplandores,
Que em teus olhos lufentes sempre avivas,
E finto de meu pranto os disfavores:
Cego me fazem já com ansias vivas
De teus olhos os soes abraçadores,
De meus olhos as agoas successivas.

Rigores de Anarda na occasião de hum temporal.

SONETO IX.

AGora o Ceo com ventos duplicados,
E com setas de prata despedidas
Se enfurece com nuvens denegridas,
E se irrita com golpes fulminados.
Quando Anarda em tormentos desprefados
Fulmina nas finessas padecidas
Os rayos dos rigores contra as vidas,
As nuvens dos deidens contra os cuydados.
Mas húa, & outra tempestade encerra
Diverfo mal nas amorosas calmas,
Ou quando forma da borrasca a guerra:
Porque perdendo Amor illustres palmas,
Aquelle he tempestade contra a terra,
Mas esta he tempestade contra as almas.

Ponderação do rosto, & olhos de Anarda.

SONETO X.

Quando vejo de Anarda o rosto amado,
 Vejo ao Ceo, & ao jardim ser parecido;
 Porque no affombro do primor lufido
 Tem o Sol em feus olhos duplicado.
 Nas faces confidero equivocado
 De açucenas, & rosas o vestido;
 Porque se vê nas faces redufido
 Todo o Imperio de Flora venerado.
 Nos olhos, & nas faces mais galharda
 Ao Ceo prefere quando inflamma os rayos,
 E prefere ao jardim, se as flores guarda:
 Em fim dando ao jardim, & ao Ceo defmayos,
 O Ceo ostenta hum Sol; dous soes Anarda,
 Hum Mayo o jardim logra; ella dous Mayos.

Não podendo ver a Anarda pelo estorvo de hũa planta.

SONETO XI.

Esta arvore, que em duro sentimento,
 Quando não posso ver teu rosto amado,
 Oppoem grilhões amenos ao cuydado,
 Verdes embirgos forma ao pensamento;
 Parece que em soberbo valimento,
 Como a vara do proprio, que hà logrado,
 Dando essa gloria a seu frondoto estado,
 Nega essa gloria a meu gentil tormento.
 Porém para favor dos meus sentidos
 Essas folhas castiguem rigorosas,
 Os teus olhos (Anarda) os meus gemidos:
 Pois cay ião, sequem pois folhas ditosas,
 Já de neys ays aos ventos repetidos,
 Já de teus soes às chammmas luminosas.

Ponde-

Ponderação do Tejo com Anarda.

SONETO XII.

TEjo fermoso, teu rigor condeno,
Quando despojas altamente impio
Das lindas plantas o frondoso brio,
Dos ferteis campos o tributo ameno.
Nas amorosas lagrymas, que ordeno,
Porque cresças em claro senhorio,
Corres ingrato ao lagrymoso rio,
Vas fugitivo com desdem sereno.
Oh como representa o desdenho
Da bella Anarda teu crystal activo,
Neste, & naquelle effeyto lastimoso!
Em ti já vejo a Anarda, ò Tejo esquivo,
Se teu crystal se ostenta rigoroso,
Se teu crystal se mostra fugitivo.

Ao sono.

SONETO XIII.

QUando em màgoas me vejo atribulado,
Vem sono a meu desvelo padecido,
Refrigèra os incendios do sentido,
Os rigores suspende do cuydado.
Se no monte Cimmerio retirado
Triste lugar occupas, te convido
Que venhas a meu peyto entristecido,
Porque triste lugar se tem formado.
Se querem noyte escura teus intentos,
E se querem silencio; nas tristezas
Noyte, & silencio tem meus sentimentos:
Porque triste, & secreto nas ternesas,
He meu peyto hũa noyte de tormentos,
He meu peyto hum silencio de finesas.

Anel de Anarda ponderado.

SONETO XIV

E Sse vinculo, Anarda, luminoso,
 Do minimo jasmim prisaõ dourada,
 Logra na mão belleza duplicada,
 Quando logra na mão candor fermoso.
 Se te aprisiona feu favor lustroso,
 Te retrata os effeytos de adorada;
 Porque quando te adorna a luz amada,
 Me aprisionas o peyto venturoso.
 Agora podem teus desdens esquivos
 Na breve roda de ouro ver seguros,
 Se cuydados, se incendios logro activos;
 Pois nella confidero em males duros,
 Que tenho a roda dos cuydados vivos,
 Que tenho o ouro dos incendios puros.

Anarda esculpida no coração lagrymoso.

SONETO XV

Q Uer esculpir artifice engenhoso
 Húa estatua de bronze fabricada,
 Da natureza fôrma equivocada,
 Da natureza imitador famoso.
 No rigor do elemento luminoso,
 (Contra as idades sendo eternizada)
 Para esculpir a estatua imaginada,
 Logo derrete o bronze lagrymoso.
 Assim tambem no doce ardor que avivo,
 Sendo artifice o Amor, que me desvela,
 Quando de Anarda faz retrato vivo;
 Derrete o coração na imagem della,
 Derramando do peyto o pranto esquivo,
 Esculpindo de Anarda a estatua bella.

Anarda

Anarda temerosa de hum rayo.

SONETO XVI.

B Ramando o Ceo, o Ceo resplandecendo,
Bello a hum tempo se via, & rigoroso,
Em fugitivo ardor o Ceo lustroso,
Em condensada voz o Ceo tremendo.
Gyra de hum rayo o golpe, não soffrendo
O capricho de hũa arvore frondoso:
Que contra o brio de hum subir glorioso
Nunca falta de hum rayo o golpe horrendo.
Anarda vendo o rayo defabrido,
Por altiva temeu seu golpe errante,
Mas logo o defengano foy sabido.
Não temas (disse eu logo) o fulminante:
Que nunca offende o rayo ao Ceo lufido,
Que nunca teme ao rayo o Sol brilhante.

Effeytos contrarios do rigor de Anarda.

SONETO XVII.

A Narda bella no rigor soffrido
Deseja a morte ao lastimoso peyto,
Sem ver que em seu perigo a morte aceyto,
Pois sempre vive Anarda em meu sentido:
Mas como o mortal golpe defabrido
Nunca ezprimenta hum infeliz fugeyto,
Morro sômente de amoroso effeyto,
Nunca morro do golpe pretendido.
Teme em meu coração a Parca forte
O divino retrato, que convida
A meu peyto amoroso immortal forte.
De forte pois, que em gloria padecida
Anarda propria me deseja a morte,
Anarda propria me defende a vida.

B

Espe-

Esperanças sem logro?
SONETO XVIII.

SE contra minha forte em fim pejejo,
 Que quereis, esperança magoada?
 Se não vejo de Anarda o bem que agrada,
 Não procureis o bem do que não vejo.
 Quando frustrar-se o logro vos prevejo,
 Sempre a ventura espero dilatada;
 Não vejo o bem, não vejo a gloria amada,
 Mas que muyto, se he cego o meu desejo?
 Enfermais do temor, & não se alcança
 O que sem cura quer vossa locura;
 E morrereis de vossa confiança.
 Esperança não fois, porém se apura,
 Que só nisto fereis certa esperança;
 Em ser falsa esperança da ventura.

Encarece a fineza do seu tormento.

SONETO XIX.

MEu pensamento está favorecido,
 Quando cuyda de Anarda o logro amado;
 Elle se vê nas glorias do cuydado,
 Eu me vejo nas penas do sentido.
 Elle alcança o fermoso, eu o sofrido,
 Elle presente vive, eu retirado;
 Eu no potro de hum mal atormentado,
 Elle no bem, que logra, presumido.
 Do pensamento está muyto offendida
 Minha alma, do tormento deseiosa,
 Porque em gloria se vê, bem que fingida:
 Tão fina pois, que está por amorosa,
 De hum leve pensamento arrependida,
 De hum vão contentamento esculpulosa.

Rosa, & Anarda.

SONETO XX.

Rosa da fermosura, Anarda bella
Igualmente se ostenta como a rosa;
Anarda mais que as flores he fermosa,
Mais fermosa que as flores brilha aquella.
A rosa com espinhos se delvela,
Arma-se Anarda espinhos de impiedosa;
Na fronte Anarda tem purpura ayrosa,
A rosa he dos jardins purpurea estrella.
Brota o carmim da rosa doce alento,
Respira olor de Anarda o carmim breve,
Ambas dos olhos são contentamento:
Mas esta differença Anarda teve;
Que a rosa deve ao Sol seu lusimento,
O Sol seu lusimento a Anarda deve.



MADRIGAES.

Navegação amorosa.

MADRIG. I.

HE meu peyto navio,
São teus olhos o Norte,
Aquem segue o alvedrio,
Amor Piloto forte;
Sendo as lagrymas mar, vento os suspiros,
A venda velas são, remos seus tiros.

Pesca amorosa.

MADRIG. II.

FOy no mar de hum cuydado
 Meu coração pescado;
 Anzois os olhos bellos;
 São linhas teus cabellos
 Com solta gentileza,
 Cupido pescador, isca a belleza.

Naufragio amoroso.

MADRIG. III.

QUerendo meu cuydado
 Navegar venturoso,
 Foy logo çoçobrado
 Em naufragio amoroso;
 E foraõ teus desdens contrario vento,
 Sendo bayxo o meu vil merecimento.

Effeytos contrarios de Anarda.

MADRIG. IV.

SE sahe Anarda ao prado,
 Campa todo de flores matizado;
 Se sahe à praya ondosa,
 Brilha toda de rayos luminosa;
 Em fim se està presente,
 Tudo se vê contente;
 Mas eu sô nos desden, scom que me assiste,
 Quando presente està, me vejo triste.

Ponderação do rosto, & Sobrancelhas de Anarda.

MADRIG. V:

SE as sobrancelhas vejo,
Settas despedes contra o meu desejo;
Se do rosto os primores,
Em teu rosto se pintam varias cores;
Vejo pois para pena, & para gosto
As sobrancelhas arco, Iris o rosto.

Encarecimento dos rigores de Anarda.

MADRIG. VI:

SE meu peyto padece,
O rochedo mais duro se enternece;
Se afino o sentimento,
O tronco se lastima do tormento;
Se acafo choro, & canto,
A fera se entristece do meu pranto;
Porèm nunca estas dores
Abrandam, doce Anarda, teus rigores.
Oh condição de hum peyto!
Oh desigual effeyto!
Que não possa abrandar hũa alma austera
O que abranda ao rochedo, ao tronco, à feral!

Ver, & amar.

MADRIG. VII.

ANarda vejo, & logo
A meu peyto atormenta o brando fogo;
Em fim quando me inflamma,
Procedendo da lus a bella chamma,
Vejo por glorias, finto por desmayos,
Relampagos de lûs, de incendios rayos.

Cabello preso de Anarda.
MADRIG. VIII.

SE esse vinculo bello
Prende, Divina ingrata, teu cabelo;
Justa prisaõ lhe offende,
Quando em castigos prende quem me prende;
Querendo a ley de Amor, quando o condena,
Que seja a propria culpa propria pena.

Ao veo de Anarda.
MADRIG IX.

NEgando hum veo ditoso
Da bella Anarda o resplendor queyxozo,
Beberam meus suspiros
De Amor as chammãs, & do Amor os tiros;
De forte que em motivos de meu gosto
Era venda do Amor o veo do rosto.

Ao mesmo.
MADRIG. X.

SE me encobres, tyranna,
De teu rosto gentil a luz ufana,
Julga meu pensamento
Que hãs de dar bem ao mal, gosto ao tormento;
Sen do esse linho, se padeço tanto,
A's chagas atadura, lenço ao pranto.

De/dem,

Desdem, & fermosura.

MADRIG. XI.

Querendo ver meu gosto
O Candido, & purpureo de teu rosto,
Sinto o desdem tyranno,
Que fulmina teu rosto soberano;
Mata-me o esquivo, o bello me convida,
Encontro a morte, quando busco a vida.

Anarda escrevendo.

MADRIG. XII.

Quando escreves, ordena
Meu amor que te dicte minha pena;
Para que decorada,
De ti seja lembrada:
Mas ay, que na lição da pena impia
Me botas os borrões da tyrannia.

Naõ póde o amor prender a Anarda.

MADRIG. XIII.

AMor, que a todos prendes
Naquelle doce ardor que nalma acendes,
Prende a Anarda, que dura
Isenta de teu fogo a fermosura;
Mas ay, que já não podes, pois primeyro
Em seus olhos ficaste prifioneyro.

Sepulchro amoroso.
MADRIG. XIV.

JA morro,doce ingrata,
 Já teu rigor me mata:
 Seja enterro o tormento,
 Que inda morto alimento;
 Por resposos as queyxas,
 Se tiras me a vida & o amor me deyxas;
 E por sepulchro aceyto,
 Pois teu peyto he de marmore, teu peyto.

Amante preso.
MADRIG. XV

ANarda, fuy primeyro
 De teus valentes rayos prifioneyro:
 Prendeume agora o fado,
 A's mãos de hũa desgraça castigado;
 Tenho pois de prifões dobrado peso;
 No corpo preso estou, nalma estou preso.

Suspiros.
MADRIG. XVI.

QUando o fogo se inflamma,
 Sobe ao Ceo natural a nobre chamma;
 Veras o mesmo effeyto,
 Divina Anarda, no amoroso peyto,
 Que em brando defafogo
 Sobe o suspiro ardente de meu fogo
 A teu lufido rosto; & naõ me admiro,
 Pois he teu rosto Ceo, chamma o tufpiro.

Rosas de listões no cabello de Anarda.

MADRIG. XVII.

Quando, Anarda, hás formado
As rosas de listões nesse toucado,
Julga meu pensamento
Que produs os listões teu lusimento;
Que para florecer jardim tam bello,
São rosas os listões, Sol o cabelo.

Doutoramento amoroso.

MADRIG. XVIII.

ANarda, o Deus Cupido
Entre as leis de constante
Dà por premio lufido
O venturoso grao de sabio amante;
São propinas forçolas
As finezas custosas;
As orações prudentes,
Os rogos eloquentes;
Sendo Padrinho o Agrado;
Doutor o coração, Borla o cuydado.

Conveniencias do rosto, & peyto de Anarda.

MADRIG. XIX.

Teu rosto por florido
Com bello rosicler se vè lufido;
Teu peyto a meus amores
Brota agudos rigores;
Unifte em fim por bens, & penas minhas
No rosto rosas, & no peyto espinhas.

*Ao mesmo.***MADRIG. XX:**

O Stentando esplendores,
 Teu rosto vivifica mil candores;
 Despresando finessas,
 Teu coração congela mil tibeças;
 Por frio, & branco em fim chamar se deve
 Neve teu coração, teu rosto neve.

*Anarda vendo-se a hum espelho.***MADRIG. XXI.**

A Narda, que se apura'
 Como espelho gentil da fermosura,
 N'hum espelho se via,
 Dando dobrada lus ao claro dia;
 De forte que com pròvido conselho
 Rerràta-se hum espelho noutro espelho.

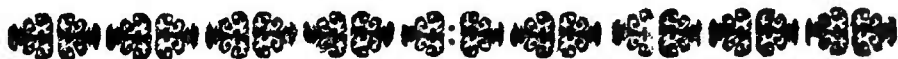
*Anarda jugando a Espadilha.***MADRIG. XXII.**

J Oga, Anarda fermôsa,
 Espadilha amorosa:
 Os Parceyros attentos
 Sejam meus pensamentos;
 Serão os matadores
 Teus esquivos rigores;
 E por mayor triunfo
 A fermosura o preço, Amor o trunfo.

Teme que seu amor não possa encobrir-se.

MADRIG. XXIII.

N Aõ pòde, bella ingrata,
Encobrir-se este fogo, que me mata;
Que quando callo as dores,
Teme meu coração que entre os ardores
Das chamma, que deseja,
Meu peyto se abra, & minha fê se veja.



DECIMAS.

Anarda vendo-se a hum espelho.

DECIMA I.

DE Anarda o rosto lusia
No vidro, que o retratava,
E tão bello se ostentava,
Que animado parecia:
Mas se em affeyos do dia
No rosto o quarto farol
Vê seu lustroso arrebol;
Alli pondèra meu gosto
O vidro espelho do rosto,
O rosto espelho do Sol.

2.

He da piedade grandesa
Nesse espelho ver-se Anarda,
Pois ufano o espelho guarda
Duplicada a gentileza:
Confidera-se finesa,
Dobrando as bellezas suas,
Pois contra as tristezas cruas

Dos amorosos enlejos
 Me repete dous recreyos,
 Me offerece Anardas duas.

3.

De forte que sendo amante
 Da belleſa ſingular,
 Poſſo outra belleſa amar
 Sem tropeços de inconſtante;
 E ſendo outra ves triunfante
 Amor do peyto, que adora
 Hũa Anarda brilhadora,
 Em dous roſtos ſatisfeyto,
 Se em hum fogo ardia o peyto,
 Em dous fogos arde agora.

4.

Porèm depois rigorofa,
 Deyxando o eſpelho luſtroſo,
 Oh como fica queyxozo,
 Perdendo a copia fermoſa!
 Creyo pois que na amorofa
 Ley o cego frechador,
 Que decreta unico ardor,
 Naõ quis a imagem que inflamma,
 Por extinguir outra chamma,
 Por eſtorvar outro amor.

A hum Cupido de ouro, que trazia preſo Anarda nos cabellos.

DECIMA I.

A O Cyprio Rapàs, izento,
 De Anarda prende o rigor;
 E ſe prende ao meſmo Amor,
 Que muyto que a hum pensamento?
 Já no ſolto luſimento,
 Já nos olhos ſempre amados,

Alli se vem ponderados,
Vencedores, não vencidos,
Os seus olhos por Cupidos,
Os cabellos por dourados.

2.

SE já não foy que o Deus cego
Quer à bella Anarda amar;
Que bem se pôde invejar
De hum Deus tão divino emprego.
Em feliz desaffocego,
Sentindo amorosa brasa,
Parece nhúa, & noutra aza,
Quando de amante se enlea,
Ouro não, com que se asea,
Chamma fim, com que se abraza.

3.

Creyo já que disfarçado
Quer lograr Anarda bella,
E naquelle ouro desvela
Lufimentos de hum cuydado:
Pois qual Jove namorado
Daquelle bello thesouro,
Hum, & outro amante louro,
Ambos são no ardor querido,
Jove em ouro convertido,
Convertido Amor em ouro.

Lacre atrevido a hũa mão de Anarda:

DECIMA I.

QUando a tanta neve pura
Liquida-se ardor lusente,
Solicita o centro ardente
Nessa ardente fermosura;
Oh como nelle seapura,

Para que explique meu rogo
 De meu pranto o dezafogo!
 Pois quando o lacre se adverte,
 Lagrymas de fogo verte,
 Verto lagrymas de fogo.

2.

Porèm com vario rigor
 Effa chamma lagrymosa,
 Ardendo na mão fermosa,
 Queyma da neve o candor:
 Mas em teu peyto, que Amor
 Nunca o transforma, fugeyto,
 Logra meu pranto outro effeyto;
 Pois quando padeço tanto,
 Estillo o fogo do pranto,
 Não queymo a neve do peyto.

Exemplos com que se considera amante de Anarda.

DECIMA I.

Qual Gyrafol por amante
 Solicita o ingrato Sol,
 Tal meu peyto Gyrafol
 O Sol de Anarda brilhante;
 E qual no Estio flammante,
 Quer Zefyro, & quer ver dor
 O prado: quer meu Amor,
 Abrazado na esquivaça,
 O verdor de hũa esperança,
 O Zefyro de hum favor.

2.

Qual o centro natural
 Dezeja o fogo nocivo,
 Qual pretende o mar esquivo
 Do rio ameno o crystal;
 Tal busca em dezejo i gual

De

De Anarda no senhorio,
Que he centro de ardor impio,
Que he mar de crystaes brilhante,
De meu peyto o fogo amante,
De meu pranto o largo rio.

3.

Qual o mōte sublimado,
Qual a planta envelhecida;
Esta de folhas detpida,
Aquelle de cās nevado;
Querem n'hum, & noutro estado
De Abril o bello horizonte;
Taes querem de Anarda a fronte,
Como Abril de graça tanta,
De meu pensamento a planta,
De minha firmesa o monte.

Sono pouco permanente.

DECIMA.

Quando, Anarda, o sono brando
Quer suspender meus tormentos,
Condenando os sentimentos,
Os desvelos embargando;
Dura pouco, porque quando
Cuydo que em bello arrebol
Estou vendo teu farol,
Foge o sono à cova fria;
Porque lhe amanhece o dia,
Porque lhe apparece o Sol.

Comparações no rigor de Anarda.

DECIMA.

Quando Anarda me desdenha
Affectos de hum coração,

He diamante Anarda? não,
 Não diamante, porque he penha:
 Penha não, porque se empenha,
 Qual Aspid seu rigor forte;
 Aspid não, que tem por sorte
 Ser qual tigre na cruesa:
 Tigre não, que na fereza
 Tem todo o imperio da Morte.

Rosto de Anarda.

DECIMA.

O Sol em bellos enfiados,
 Por representar-se bello
 Com luminoso desvelo
 De teu rosto aprende os rayos;
 De teu rosto os lindos Mayos
 Unicas luzes apura
 Com qualquer belleza pura
 De sorte, que no arrebol
 He fermosura do Sol,
 Brilha Sol da fermosura.

Cravo na bocca de Anarda:

DECIMA.

Quando a purpura fermosa
 Deste cravo, Anarda bella,
 Em teu ceo se jasta estrella,
 Senão lucente, olorosa;
 Equivoca-se lustrosa,
 (Por não receber o aggravo
 De ser nessa bocca escravo)
 Pois he, quando o cravo a toca,
 O cravo cravo da bocca,
 A bocca bocca de cravo.

Rosa na mão de Anarda envergonhada.

DECIMA.

NA bella Anarda hũa rosa,
Brilhando desvanecida,
Padeceu por atrevida
Menoscabos de fermosa:
Porém não, que vergonhosa
Com mais bella galhardia
Do que era d'antes, se via;
Pois quando se envergonhava,
Mais vermelha se jactava,
Mais fermosa se corria.

Comparação do rosto de Medusa com o de Anarda.

DECIMA:

Contra amorosas venturas
He de Medusa teu rosto,
E por castigo do gosto
São cobras as iras duras;
As transformações seguras
Acharàs em meus amores;
Pois ficando nos ardores
Todo mudado em finessas,
Sou firme pedra às tristessas,
Sou dura pedra aos rigores.

Comparação dos Gigantes com os pensamentos amorosos.

DECIMA.

AO Ceo de Anarda lustroso
Com montes de vãos intentos
Subiram meus pensamentos
Gigantes, no ardor queyxoso;

D

Fulmi-

Fulminou logo o penoso
 Castigo de disfavores
 A pezar de altos primores;
 Que em mercedos desmayos
 Seus rigores foram rayos,
 Etnas foram meus ardores.

Eco de Anarda.

DECIMA.

E Ntre males desvelados,
 Entre desvelos constantes,
 Entre constancias amantes,
 Entre amores castigado;
 Entre castigos chorados,
 E choros, que o peyto guarda,
 Chamo sempre a bella Anarda;
 E logo a meu mal, fiel,
 Eco de Anarda cruel
 Sò responde ao peyto que Arda.



REDONDILHAS.

Anarda ameaçandolhe a morte.

REDONDILHAS.

A Meças o morrer:
 Como morte podes dar,
 Se estou morto de hum penar,
 Se estou morto de hum querer?
 Mas he tal essa fereza,
 Que quer dar a hum fino amor
 Hũa morte com rigor,
 Cutra morte co a belleza.
 E com razão prevenida

Quis duplicar esta forte,
Que a pena daquelle he morte,
Que a gloria daquella he vida.
Da morte ã me contento,
Se por nojo de mal tanto
Derrames hum bello pranto,
Formes hum doce lamento.
Tornaràs meu peyto activo
Com tão divino conforto,
Se ao rigor da Parca morto,
Por gloria do pranto vivo.
De teu rigor applaudidas
Seraõ piedosas grandefas;
Porque tearmes mais feresas,
Porque te entregue mais vidas.
Quando teu desdem se alista,
Impedes o golpe atroz;
Pois quando matas co a voz,
Alentas entã co a vista.
Confunde pois a nociva
Impiedade, que te exhorta,
A hum tempo hũa vida morta,
A hum tempo hũa morte viva.
De teu rigor os abrolhos
Se rompem da vida os laços,
Heyde morrer em teus braços,
Heyde enterrarme em teus olhos.

Que hà de ser o amor hum sô.

REDONDILHAS.

H Uma alma do abrazador
Frecheyro he gloriosa palma;
Quem pois sacrifica hũa alma,
Deve adorar hum Amor.
Rende Amor por magestade
Do entender a excellencia,

D ij**Da**

Da memoria a persistencia,
 A inclinação da vontade.
 Prendem bellas fugeyções
 O coração nos ardores;
 Quem pois cria dous amores,
 Ha mister dous corações.
 Inconstante hà de lograr
 Dous fogos, por mais que anele;
 Pois quando cuyda naquelle,
 Neste já deyxá de amar.
 Inteyro amante não he,
 Que no florido primor,
 Partida a flor, não he flor,
 Partida a fê, não he fê.
 Amor he Sol no fugeyto,
 Que bellos incendios cria;
 E se brilha hum Sol no dia,
 Hum amor brilhe no peyto.
 Veneno amor, he julgado;
 Mate pois, quando o condeno,
 Se hum ve neno, outro veneno,
 Hum cuydado, out. o cuydado.
 Ha de ser no coração
 Hum, ou outro emprego bello
 Agrado fim, não de svelo,
 Faisca fim, chamma não.
 Venêro em fim, se avalio
 Entre muytos hum dezejo,
 Muytas damas no coiteo,
 Hũa Anarda no alvedr. o.

Que o Amor hà de ser descuberto.

REDONDILHAS.

SE brilha hum fogo lufido,
 (O mesmo no Amor he certo)
 Arder não pòde encuberto,

Lufir não pòde efcondido.
 Se he rayo Amor, rompa o medo,
 Quando os sentidos inflamma,
 Patentee a luz da chamma,
 Rasgue a nuvem do fegredo.
 Se quando a bellefa adora,
 Qual harmonia fe eftuda;
 Nunca a harmonia foy muda,
 Sempre a harmonia he sonora.
 Atreva-fe o Amor constante
 A publicar o que fente;
 Não defmaye, fe he valente,
 Não fe encolha, fe he gigante.
 Se brilha qual perla, ou rofa,
 Nunca eftimações ordena,
 No botaõ a rofa amena,
 Na concha a perla fermofa.
 Cupido n'afpeyção louca
 Este intento hà perfuadido;
 Os olhos cerra Cupido,
 Não cerra Cupido a bocca.
 Se amor de ave tem a empresa,
 Quando o encerra algum defpreso,
 Por violencia vive preso,
 Porém não por natureza.
 Quando Amor fe mostra, he certo
 Que, como fe vê defpido,
 Não se encobre Amor veftido,
 Mostra-fe Amor defcuberto.
 Anarda pois, no Amor ledo,
 Por mais que filencios gozes,
 Se o calla o medo das vozes,
 Dizem-no as vozes do medo.



ROMANCES.

Anarda passando o Tejo em huma barca.

ROMANCE I.

O Crystal do Tejo Anarda
 Em ditosa barca sulca;
 Qual perla, Anarda se alinda,
 Qual concha, a barca se encurva.
 Se falta o vento, Cupido
 Batendo as azas com furia,
 Zefyro alenta amoroso,
 Aura respira segura.
 Augmenta o Tejo seus logros,
 Que com tanta fermosura
 Crystal em seu collo bebe,
 Ouro em seu cabello usurpa.
 Se bem nas agoas copiado,
 Alli se viam confusas
 Ondas de ouro no cabelo,
 E do crystal ondas puras.
 Já deyxá o nome de rio,
 Oceano se assegura,
 Pois a branca Thetis logra,
 Pois o claro Sol occulta.
 Corta o aljofre etcumoso,
 Que como Venus se julga,
 Ufano se incha o aljofre,
 Cânda se ri a escuma.
 De seus o. hos foge o rio,

Que

Que pois nelle a vista occupa,
Evitar seus olhos trata,
Fugir às chammãs procura.
Logrando o cabello a barca,
(Se bem feliz, o não furta)
Hum por veo de ouro se jacta,
Outra por Argo se inculca.
Ardem chammãs n'agoa, & como
Vivem das chammãs, que apura;
São ditosas Salamandras
As que são nadantes turbas.
Meu peyto tambem, que chora
De Anarda au'ências perjuras,
O pranto em rio transforma,
O suspiro em vento muda.

Anarda doente.

ROMANCE II.

A Narda enferma fluctua,
E quando fluctua enferma,
Jãs doente a fermosura,
Estã fermosa a doença.
Se nella a doença triste
Bella estã, que ferã nella
De tanta graça o donayre!
De tanta luz a bellefa!
Se o mal he sombra, ou eclipse,
He pensã das luzes certa,
Que ao Ceo huma sombra aspire,
Que ao Sol hum eclipse offenda.
Crucis prognosticos vejo,
Pois são ameaças feras,
O Sol entre eclipses pardos,
O Ceo entre nuvens densas.
Quando as bellas flores sentem

De Anarda a grave tristeza,
 Digam-no as rosas na face,
 Digam-no os jasmims na testa.
 Faltam flores, faltam luzes,
 Pois enfina Anarda bella
 Lições de flores ao Mayo,
 E leis de luzes à Esfera.
 As almas se admiram todas
 Em repugnancias austeras,
 Vendo enferma a mesma vida,
 Vendo triste a gloria mesma.
 Desdenhado Amor se vinga,
 Se n'ansia a febre a condena;
 Pois qual ansia amor se forja,
 Pois qual febre amor se gera.
 Basta já, Frecheyro alado,
 Bate as azas, solta a venda;
 Do rosto o suor lhe alimpa,
 Do peyto o ardor refresca.
 Vem depressa, Amor piedoso,
 Que te importa, pois sem ella
 Em vão excitas as chammas,
 Em vão despedes as settas.
 Mas não teme a morte Anarda,
 Que se l'úa morte a cometa,
 Com mil almas se defende,
 Com mil corações te alenta.
 De mais fim que nunca a Parca
 Contra Anarda se atrevera,
 Que contra as frechas da morte
 Fulmina de Amor as frechas.

Anarda sangrada.

ROMANCE III.

HE bem que deseste Anarda
 De tanto sangue os embargos;

Sendo

Sendo o fangue rio alegre,
Sendo Anarda Abril galhardo.
Enfina no braço, & fangue
Com branco, & purpureo ensayo
A ser neve à mesma neve,
A ser cravo ao mesmo cravo.
Se bem n'hum, & noutro effeyto,
Fas Amor milagre raro;
Pois a neves une rosas,
Pois Dezembros une a Mayos.
Se Anarda he vida de todos,
E o fangue à vida comparo;
Tantas vidas vay perdendo,
Quantos coraes vay brotando.
Pàra hum pouco, & como teme
De haver dado morte a tantos,
Ficava presa acorrente,
Ficava sem fangue o braço.
E não mata a fangue frio,
Se com fangue està matando;
Pois aviva mil ardores,
Pois abraza mil cuydados.
A fangue, & fogo publica
Guerra a meu peyto abrazado;
A fangue em coraes vertidos,
A fogo em olhos tyrannos.
Corre o fangue, porque dizem
Que està corrido, admirando
Do rosto o carmim confuso,
Da bocca o nacar rasgado.

Anarda chorando.

ROMANCE IV.

SE o mar da belleza temes,
Alerta, amoroso peyto,
Alije-se huma esperança,

E

A nay-

Amayne-se hum pensamento.
 Tempestades lagrymosas
 Te provocam os receyos;
 Pois vejo o dia nublado,
 Pois não vejo o Ceo sereno.
 Porém não temas, covarde,
 Que na cor do rosto bello
 Navego em marè de rosas,
 Em hum mar leyte navego.
 Mas inda naquelles olhos
 Fatal prodigio me temo;
 Quem vio agoa em brazas duas?
 Quem vio chuva em dous luzeyros?
 Não são piedade os suspiros,
 Nem seu pranto, pois he certo
 Brotar chammas húa pedra,
 Abrir fontes hum rochedo.
 Se são Astros, que me influem,
 Amor, com razão receyo
 Impiedades nos euydados,
 Infortunios nos dezejos.
 Vay a meu peyto, & seus olhos
 Pelo amor, pelo tormento
 Da vida os fios cortando,
 Do pranto os fios vertendo.
 Naquellas agoas Cupido,
 Por avaro, & por severo,
 Das chammas excita a sede,
 Das settas amola o ferro.
 E quando as lagrymas param
 Nas gentis faces, pondero
 Que se fas rubi parando,
 O que era aljofre correndo.

Anarda colbendo neve.

ROMANCE V.

C Olhe a neve a bella Anarda,
E nos peytos encendidos
Contra delitos de fogo
Arma de neve castigos.
Na brancura, na tibiesã
Tem dous triunfos unidos;
Vence a neve à mesma neve,
Vence o frio ao mesmo frio.
Congelã-se, & se derrete
De forte, que em branco estillo
A hum deſdem se hà congelado,
A dous foes se hà derretido.
Seja não he que os candores
Daquella neve vencidos,
Liquidam-se pranto a pranto,
Lastimam-se fio a fio.
As mãos escurecem tanto
A neve, que em pasmos lindos
O que era prata chuvosa,
Ficava azeviche tibio.
A seu Sol suspiros voam,
E tornam por atrevidos,
Como exhalações do peyto,
Em nevados desperdiços.
Da neve tiros me vibra,
E felismente imagino
Que não são tiros de neve,
Que são mãos de Anarda os tiros.
Frustra a neve seus effeytos,
Que me tinham defendido,
De Anarda o Sol luminoso,
De Amor o fogo nocivo.

Anarda cingindo huma espada.

ROMANCE VI.

V Aronilmente arrogante
 Anarda se confidera,
 Já na ferefa da espada,
 Já na espada da ferefa.
 Em dous affombros unidas,
 Duas Deusas se vem nella;
 Fermosa Venus se acclama,
 Armada Pallas se ostenta.
 Não he muyto que valente
 Se prefe pois sempre altera,
 Valentias no donayre,
 Valentias na bellefa.
 Quis augmentar os rigores,
 Porque matàffe soberba,
 Já da bellefa nas luzes,
 Já do ferro nas violencias.
 Porém parece frustrado,
 Se o mortal ferro se empenha;
 Porque quando efgaime o ferro,
 Já deu morte a gentilefa.
 Porém quando mata os peytos,
 Que refuscitam de vella,
 Noutra morte os ameaça,
 Noutra vida os atropella.
 Se já não he, que cingindo
 Dura espada, representa
 Da bellefa a guerra dura,
 Que a bellefa he dura guerra.
 Armada do agrado & ferro,
 Hum, & outro brio augmenta,
 Sendo mais que armada amada,
 Mais que bellicofa bella.
 Defigual co Deus menino

Se arma, ella a luz, elle a venda,
Ella ornada, elle despido,
Ella a espada, Amor a frecha.

Volta.

DEyxa as armas, lhe disse,
Cruel, attenta
Que nas luzes fulminas
Armas mais feras.
Se he para render vidas,
As armas deyxas;
Todo o peyto a teus olhos
A vida entrega.
De ponto em branco armada
Sempre te afeas,
De ponto a bocca em branco
A fronte amena.

Anarda vista de noyte.

ROMANCE VII.

CONtra os imperios da noyte
Anarda bella se vê,
Que hũa noyte mal podia
A tantos soes offender.
Oh como a noyte se queyxa
Contra a brilhadora ley!
Pois rompem seu privilegio,
Pois revogam seu poder.
Sò nisto noyte parece,
Que em seu rosto, olhos crucis,
Candida Lua descobre,
Lufidas estrellas tem.
Se no inferno condenada
Habita a noyte infiel;
Como pòde a noyte infausta.

A gloria de Anarda ver?
 Se condus a noyte o sono,
 Não pòde permanecer,
 Que Anarda embarga o repouzo,
 Que Anarda desvela a fê.
 Se a noyte affecta silencios,
 Não pòde silencios ter;
 Porque em queyxa lastimosa
 Clama o suspiro fiel.
 Se borrifa agoas de Lethes,
 Não pòde o Lethes verter;
 Pois della se acordam todos,
 Della se esquece ninguem.
 Deyxa Anarda tantas luzes,
 Que inda a noyte em seu temer,
 Occulta Anarda, se encolhe,
 Autente o Sol, se detem.

Anarda sabindo fóra.

ROMANCE VIII.

A Lerta peytos, alerta,
 Que sahe a gentil Anarda,
 Aquelle acinte das rosas,
 Aquelle arrufo das graças.
 Desafia a todo o peyto,
 Illustremente alentada,
 Tendo a graça valentona,
 Tendo a belleza fidalga.
 Ostenta com dous motivos,
 Muy soberba, muy bisarra,
 O seu brio à Portugueza,
 O seu pico à Castelhana.
 Com seus olhos de azeviche,
 Com sua florida cara,
 Aos astros dà bellas figas,
 Aos jasinins fas muytas rayvas.

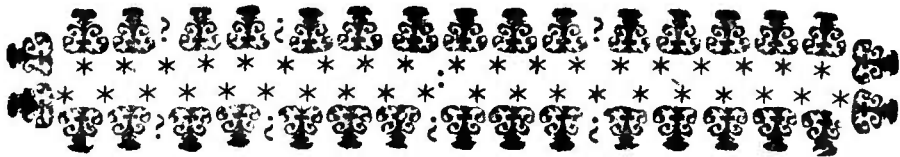
Mostrando-se muy senhora,
Aos escravos peytos dava
De hum menosprezo as injurias,
De hum rigor as bofetadas.
Ao mesmo tempo se juntam
Na fermosura adorada
Os rigores de Quaresma
Entre alegrias de Pascoa.
Estocadas dà de penas,
De amores fulmina balas,
Se as graças defembainha,
Se os resplandores dispara.
Nas mangas de olanda bella
Contra amor rebelde se arma;
Por Hollanda a olanda vejo,
Por mangas receyo as mangas,
Castigandoa por traidora
O Rey menino, formava
O cada falso do collo,
O degollado da gala.
He Ceo a belleza sua,
Quando o manto se adornava,
Servindo o manto de gloria,
Servindo a garça de graça



VERSOS
VARIOS
QUE
PERTENCEM
AO PRIMEYRO
C O R O
DAS RIMAS
PORTUGUESAS.



ESCRITTO
A VARIOS ASSUMPTOS.



A MORTE
 FELICISSIMA
 DE HUM JAVALI PELO
 tiro, que nelle fes hũa Infanta
 de Portugal.

SONETO I.



AM sey se diga(ò)brutoque viveste,
 Ou se alcançaste morte venturosa;
 Pois morrendo da dextravalerosa,
 Melhor vida na morte mereceste.
 Esse tiro fatal,de que morreste,
 Em ti fes hũa acção tão generosa,
 Que entre o fogo da polvora ditosa
 Da nobre gloria o fogo recebeste.
 Deves agradecer essa ferida,

Quando esse tiro o coração te inflamma,
 Pois a mayor grandesa te convida:
 De forte,que te abriu do golpe a chamma
 Huma porta perpetua para a vida,
 Hũa bocca sonora para a fama.

Abum grande /ugeyto invejado , & applaudido.

SONETO II.

TEmeraria, soberba, confiada,
 Por altiva, por densa por lustrosa,
 A exbalação, a Nevoa, a Mariposa,
 Sobe ao Sol, cobre o dia, a lus lhe enfada.
 Castigada, desfeyta, malograda,
 Por ouzada, por debil, por briosa,
 Ao rayo, ao resplendor, à lus fermosa,
 Cae triste, fica vã, morre abrazada.
 Contra vòs sollicita, empenha, altera,
 Vil affecto, ira cega, acção perjura,
 Forte odio, rumor falso, inveja fera.
 Esta cae, morre aquelle, este não dura,
 Que em vòs logra, em vòs acha, em vòs venera,
 Claro Sol, dia candido, luz pura.

*A Frey Joseph Religiofo Descalça, prêgando na festa de
 São Joseph.*

SONETO III.

Hoje, Joseph, voffo discurso acclama
 Do Divino Joseph sacros primores;
 E vòs ganhando applauso em seus louvores,
 Por hum Joseph outro Joseph se affama:
 Hum, & outro Joseph mayor se chama,
 Elle dos Santos, vòs dos Prêgadores;
 E o nome de Joseph obra melhores
 Nelle augmentos de graça, em vòs de fama.
 Com tanta discrição, affombro tanto
 Voffo discurso seu louvor provoca,
 Que vossa bocca infunde doce encanto:
 E para ser perfeyta no que toca,
 Se falla vossa bocca em Joseph Santo,
 Falla o Santo Joseph por vossa bocca.

A Affon

A Affonso Furtado Rios & Mendoça sabindo do porto de Lisboa a governar o Estado do Brasil em occasiã tempestuosa, havendo depois bonança nos mares.

SONETO IV

ENtre horrores crueis do crespo vento
 Cortais, Affonso, o pelago arrogante,
 Vòs constante no brio, elle inconstante,
 Elle em frio crystal, vòs no ardimento.
 Se nos conflicts do Mavorcio intento
 Marte vos respeytou sempre triunfante,
 Venceis no mar de hum Deos o Reyno errante,
 E na terra de hum Deos o forte alento.
 Perde Neptuno as iras obediente,
 Ou entrega seus ceruleos senhorios,
 Affonso invicto, a voffo braço ardente,
 E por gloria mayor de vossos brios
 Prostra ao voffo Bastão o seu Tridente,
 Obedece seu mar a vossos Rios.

Ao mesmo Senbar entrando no porto da Bahia na mesma occasiã tempestuosa, havendo antes bonança nos mares.

SONETO V

NOs maritimos Reynos imperioso
 Ereis do Rey Neptuno obedecido,
 Com voffo illustre jugo ennobrecido,
 Inchado o mar se vio por venturoso.
 Tethys já vos queria para esposo,
 Amfitrite vos tem favorecido;
 Prendia Amor ao Boreas atrevido,
 E defatava ao Zefyro amoroso.
 Mas sabendo Neptuno o voffo cargo,
 Voffa ausencia previo, & no Hemisferio
 Borrascas move com tormento amargo:
 Pois sente que com facil vituperio
 Deyxeis de seu cr ystal o imperio largo,
 E da terra busqueis o novo Imperio

A morte do Dezembargador Jeronymo de Sá & Cunha.

SONETO VI.

Ministro douto, affavel, comedido,
 Discreto, pio, recto, & respeytado,
 Foste de todos igualmente amado,
 Como foste de todos bem sentido.
 Morreste; porèm cuydo persuadido
 Que não morreste, não porque lembrado
 Vives nos corações tão retratado,
 Como se nunca foras fenecido.
 Inda que contra nòs a Parca corte
 Os teus fios vitaes por despedidas,
 Não temas de que acabes dessa forte;
 Antes entre memorias repetidas,
 Se húa vida perdeste em húa morte,
 Nos corações cobraсте muytas vidas.

*Ao Astrolabio inventado, & fabricado pelo engenho do Reverê-
 do Padre Mestre Jacobo Estancel Religioso da
 Companhia.*

SONETO VII.

Artifice engenhozo da escultura,
 Famoso Mestre da cerulea via,
 Que quanto discorreis na Astrologia,
 Tudo facil fazeis na Architectura;
 Neste Astrolabio a fama vos segura,
 Que pouco se ha mister ver meyo o dia,
 Que no Zenith està da mòr valia,
 Quando a sciencia lùs na mòr Altura.
 Tomais o Sol com pensamento leve;
 Dedalo sabio o Mundo vos acclama,
 Quando invento tão raro se vos deve.
 E quando voffo nome mais se affama,
 Sendo a terra a seus voos orbe breve,
 Tomais o Sol por orbe à vossa fama.

Ao General João Correa de Sá vindo da Índia.

SONETO VIII.

Quem vos vê sem tropeços de inconstante,
 Quem vos trata sem notas de invejoso,
 Vos rende o coração por amoroso,
 Vos tributa a vontade por amante:
 Na Plaga Oriental serà constante
 A fama em voffo nome generoso;
 Que são voffas empresas (Sà famozo)
 Melhores azas a feu voo errante.
 Entre o laço de affavel senhorio
 Correa fois em fim, que aquem vos ama,
 A vontade lhe atais, sem ter desvio.
 Sà fois: & quando o Mundo vos acclama,
 Preservais com o fal de voffo brio
 Da corrupção dos tempos vossa fama.

A' vida solitaria:

SONETO IX.

Que doce vida, que gentil ventura,
 Que bem suave, que descanso eterno,
 Da paz armado, livre do governo,
 Se logra alegre, firme se affigura!
 Mal não molesta, foge a desventura,
 Na Primavera alegre, ou duro Inverno,
 Muyto perto do Ceo, longe do inferno,
 O tempo passa, o passatempo atura.
 A riqueza não quer, de honra não trata,
 Quieta a vida, firme o pensamento,
 Sem temer da fortuna a furia ingrata:
 Porèm attento ao rio, ao bosque attento,
 Tem por riqueza igual do rio a prata,
 Por aura honrosa tem do bosque o vento.

Ao Cravo.

SONETO X.

QUando Rey dos floridos esplendores
 Te reconhece Abril, te aclama o prado,
 Em folio de esmeralda enthronizado,
 Da purpura tevestes os primores.
 Luzes qual Sol entre Astros brilhadores,
 Se bem Rey mais propicio, & mais amado;
 Que elle estrellas desterra em regio estado,
 Em regio estado não desterras flores.
 Porém deyx a soberba, que te anela
 Essa fragrançia, essa belleta culta,
 Pois sômente em queymarte se desfvela:
 Que se teu luzimento mais se avulta,
 Esse alento, que exhala, he morte bella,
 Essa grã, que se veste, he chamma occulta.

A' Açucena.

SONETO XI.

QUando alentas por gloria do sentido
 O fermoso candor, que Abril enflora;
 Não te applaude, Açucena, a linda Flora,
 Nevada estrella sim no Ceo florido.
 Entre applausos do adorno embranquecido,
 Quando ao prado amanhece a bella Aurora,
 No luminoso Oriente hũa Alva chora,
 Outra Alva nasce no jardim luzido.
 Teme o fim, flor ufana, que a temello
 A propria fermosura te convida,
 Que ha de abraçar-se no solar desfvelo:
 Porque aos rayos do Sol pouco advertida,
 Neve te julgo já no candor bello,
 Neve te julgo já na fragil vida.

Contra

Contra os Julgadores.

SONETO XII.

Que julgas,ò Ministro de Justiça?
 Porque fazes das leis arbitrio errador?
 Cuydas que dâs sentença sem peccador?
 Sendo que algum respeyto mais te atia
 Para obrar os enganos da injustiça,
 Bem que teu peyto vive confiado,
 O entendimento tens todo arrastado
 Por amor,ou por odio,ou por cobiça.
 Se tens amor,julgaste o que te manda;
 Se tens odio,no inferno tens o pleyto,
 Se tens cobiça,he barbara,execranda.
 Oh miseria fatal de todo o peyto!
 Que não basta o direyto da demanda,
 Se o julgador te nega esse direyto.

A hum clarim tocado no silencio da noyte.

SONETO XIII.

Quando em accentos placidos respiras,
 Por modo estranho docemente entoas,
 Que estando immovel,pelos ares voas,
 E inanimado,com vigor suspiras.
 Da faudade cruel a dor me inspiras,
 Despertas meu desejo, quando soas,
 E te ao silencio mudo não pedroas,
 De minha pena o mesmo exemplo tiras.
 Sentindo o mal de hum padecido rogo,
 Com que Nise se oppõe a meu lamento,
 Pretendes respirarme o defafogo:
 Mas contigo he diverso o meu tormento;
 Que eu sinto de meu peyto o ardente fogo,
 Tu gozas de teu canto o doce vento.

G

A morte

A' morte do Reverendo Padre Antonio Vieyra.

SONETO XIV.

Fostes, Vieyra, engenho tão subido,
 Tão singular, & tão avantejado,
 Que nunca fereis mais de outro imitado,
 Bem que seiais de todos applaudido.
 Nas sacras Escrituras embebido,
 Qual Augustinho, fostes celebrado;
 Elle de Africa affombro venerado,
 Vós de Europa portento esclarecido.
 Morrestes; porém não; que ao Mundo atroa
 Vossa penna, que applausos multiplica,
 Com que de eterna vida vos coroa;
 E quando immortalmente se publica,
 Em cada rasgo seu a fama voa,
 Em cada escrito seu húa alma fica.

*A' morte de Bernardo Vieyra Ravasco Secretario do Estado
 do Brasil.*

SONETO XV.

IDea illustre do melhor desenho
 Fostes entre o trabalho successivo,
 E nas ordens do Estado sempre activo
 Era o zeloda Patria o vosso empenho.
 Ostentastes no officio o desempenho
 Com prompta execuçaõ, discurso vivo,
 E formando da penna o voo activo,
 Aguia se vio de Apollo o vosso engenho.
 Despede a morte, cegamente irada,
 Contra vós húa setta rigorosa,
 Mas não vos tira a vida dilatada:
 Que na fama immortal, & gloriosa,
 Se morrestes como Aguia sublimada,
 Renalceis como Fenix generosa.

*Ponderação da morte do Padre Antonio Vieira, & seu irmão
Bernardo Vieira ao mesmo tempo succedidas.*

SONETO XVI.

Criou Deus na celeste Architectura
Dous luzeyros congyro cuydadoso,
Hum que prefida ao dia luminoso,
Outro que prefidisse à noyte escura.
Dous luzeyros tambem de igual ventura
Criou na terra o Artifice piedoso;
Hum, que foy da Escrittura Sol famoso,
Outro, Planeta da ignorancia impura.
Brilhando juntos hum, & outro luzeyro,
Com sabia discricião, fizo profundo,
Não podia hum viver sem companheyro,
Succedeo justamente neste Mundo,
Que fenecendo aquelle por princyro,
Este tambem feneça por segundo.

A hum illustre edificio de columnas, & arcos.

SONETO XVII.

Esta de illustre maquina belleza,
Que o tempo goza, & contra o tempo atura;
He soberbo primor da architectura,
He prodigo milagre da grandesa.
Fadiga da arte foy, que a Natureza
Inveja de seus brios mal segura;
E cada pedra, que nos Arcos dura,
He lingoa muda da fatal empresa.
Não teme da fortuna os varios cortes,
Nem do tempo os discursos por errantes,
Arma-se firme contra as leis das sortes.
Que nas columnas, & Arcos elegantes,
Contra a fortuna tem columnas fortes,
Contra o tempo fabrica Arcos triunfantes.

A Dom Josão de Lincastro na occasião do incendio do Mosteyro, & Igreja de S. Bento em Lisboa, fazendo-se menção de se livrar do naufragio da Barra da Bahia.

SONETO XVIII.

A Rde o templo com fogo furibundo,
 He tudo confusão, & teme a gente;
 E todo o inferno se conjura ardente,
 Para abraçar o templo no profundo.
 Contra Lusbel, & seu poder immundo
 Vos arrojaís Catholico, & valente,
 E abraçado co a Virgem felismente,
 Livrastes de hum eclipse ao Sol do Mundo.
 Pagando a Virgem vossa fê ditosa,
 Vendovos perigar no mar irado,
 Vos livra agradecida, & generosa.
 Em ambos fica o empenho executado;
 Ella vos livra da agoa procellosa,
 Vòs a livrais do fogo conjurado.

Ao mesmo Senhor, trazendo a Imagem de Nossa Senhora da Graça desde o seu templo até o Mosteyro de São Bento sem alargar de seus hombros.

SONETO XIX.

C Om generoso brio o forte Atlante
 [Sem recear do Ceo o peso urgente]
 Toma sobre seus hombros firmemente
 Do Ceo superno o pelo rutilante.
 Vòs tambem com primor dà Fê constante
 Tomais em vossos hombros reverente
 O Ceo claro da Virgem preminente:
 Que tem muyto valor hum peyto amante.
 Porèm sois mais que Atlante esclarecido,
 Que elle de Alcides pede a fortaleza
 Para largarlhe o Ceo, como opprimido:
 Diga a Fama que em hũa, & outra empresa
 Elle largou o Ceo, enfraquecido,
 Vòs sustentais o Ceo, sem ter fraquesa.

Ao meſmo Senhor, mandando a ſeu filho Dom Rodrigo de Lancaſtro para a India.

SONETO XX.

M Andastes voffo filho deſejado
 Aos perigos do pelago eſpantoso,
 Porèm Thetis, amando o geſto ayroſo,
 Farà que nunca o mar ſeja alterado.
 Neſta auſencia cruel, avantejado
 No ſerviço Real, por generozo,
 Abalo vos não fas o amor queyxoso,
 Nem vos perturba o ſangue magoado.
 Voffo peyto fiel ao Rey deſcobre
 Que ſois Paraõ de illuſtre fortaleſa,
 Para que com valor virtudes obre.
 Pois em vòs com plauſivel inteyreſa.
 He mais forte que o filho a Patria nobre,
 Mais o affecto leal, que a natureſa.

Ao nacimiento do Principe Noſſo Senhor.

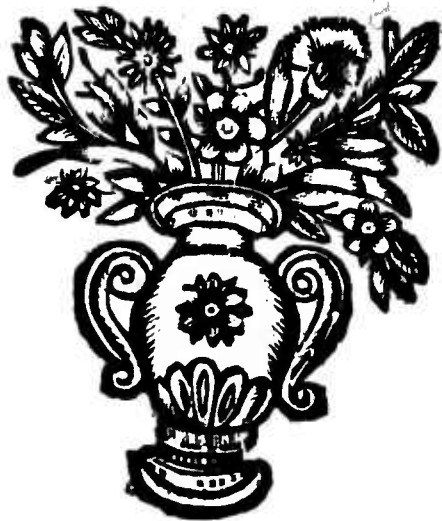
SONETO XXI.

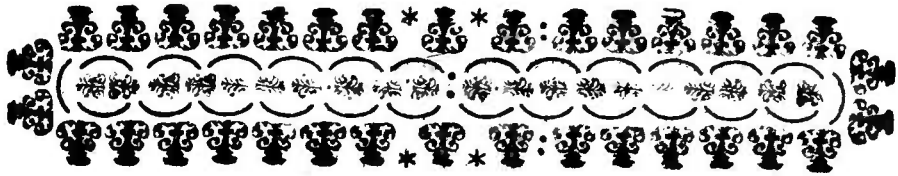
DE hum Regio tronco, de huma Regia rama,
 Qual ramo naſces, & qual flor respiras;
 E porque a todos ſingular prefiras,
 Auſtria te alenta, Portugal te inflamma.
 O Monſtro alado no ſeu templo acclama
 Futuras obras, a que tanto aspiras;
 Que inda, quando entre lagrymas ſuſpiras,
 Gême o mar, treme a terra, voa a fama.
 De Lyſia tomaràs o ſetro honroſo
 E te veràs na ſacroſanta guerra
 Abſoluto Monarea glorioſo.
 A teu valor, que a tenra idade encerra,
 Promettem para Imperio poderoſo,
 Marte o eſforço, o mar Thetis, Jove a terra,

*A morte da Senhora Rainha Dna Maria Sofia Isabel, ali-
viada com a vida dos Senhores Principes,
& Infantes.*

SONETO XXII.

SAhe o Sol dos crepusculos do Oriente,
E começando em lu idos enlayos,
Representa depois ardentes rayos
No theatro do Polo refulgente.
Chega depois ao Occaso, & quando sente
(Bem que a seu resplendor floream Mayos)
Na vida, que ostentou, mortaes desmayos,
Os Astros ficam pelo Sol ausente.
Assim tambem alivios semelhantes
Deyxa este Sol aos olhos nouca enxutos
Dos corações dos Lusos sempre amantes:
Porque nos deyxá, sendo noyte os lutos,
Nas Regias prendas Astros rutilantes,
Que sejam de seus rayos substitutos.





PANEGYRICO

A O

EXCELLENTISSIMO SENHOR

MARQUEZ DE MARIALVA,
Conde de Cantanhede, no tem-
po que governava as Armas
de Portugal.

OYTAVAS,



GORA, Aquilles Lusitano, agora,
Se tanto concedeis se aspiro a tanto,
Deponde hum pouco a lança vencedora,
Inclinay vossa fronte ao rude canto:
Se minha vea vossa fama adora,
Corra em Mavorcio, corra em sabio espãto,
Chea de gloria, de Hippocrene chea,
No Mundo a fama no discurso a vea.



Vos

II.

Sua genealogia

Vòs Ramo illustre de hũa excelsa planta,
 Que em fecunda virtude ennobrecida,
 Entre os Troncos mais altos se levanta,
 Grande na estirpe, no valor crecida:
 Tam nobre sempre, que em nobresa tanta,
 Com agoa naõ, com sangue foy nacida,
 Da Infanta Heroyca, dando em tempos muytos
 De espadas folhas, de vittorias fruytos.

*Donde descen-
dem os Mene-
zes.*

III.

*Começou a en-
sajar-se na
guerra com o
exercicio da
caça.*

Escassamente quinze Mayos eram,
 Que abrem do tenro buço os resplandores,
 Quando logo no peyto vos alteram
 Guerreyra propensaõ vossos Mayores:
 Venatorio exercicio pretenderam
 Vossos brios, se verdes, superiores,
 Vendo em desejos de tratar escudos
 De Cynthia agrados naõ, de Marte estudos.

IV.

*Correndo a
cavallo.*

Quantas vezes o bruto generoso,
 Que em virtude do impulso soberano
 Alterna as plantas gravemente ayrozo,
 Move a carreyra loucamente ufano;
 Seguia ao cervo, que de vòs medrozo,
 Azas lhe dava aos pès o proprio dano,
 De sorte que seguio no mesmo alento,
 Naõ bruto ao bruto, porèm vento ao vento.

V

Entre os ocios da pàs já valeroso
 Ostentaveis, Senhor, ao mesmo instante
 No peyto denodado, & gesto ayrozo,
 Alentado valor, bello semblante:
 De sorte pois que em genio bellicoso,
 De sorte pois, que em gentileza amante,
 Unindo as prendas de hũa, & outra sorte,
 Ereis ga. hardo Heytor, Narciso forte.

VI.

Na manhã tenra da florida idade,
Onde se offusca a lus do entendimento,
Com nevoas de appetites a vontade,
Com nuvens de locura o pensamento:
Na manhã tenra em fim a claridade
Da prudencia mostraveis sempre attento,
Qual dia bello, que em manhã celeste
Não se orna nuvens, não; rayos, se veste.

*Sua mocidade,
& prudencia.*

VII.

Quando vosso primor alimentava
Os doutos partos do subtil juizo,
Lusitania felis vos acclamava,
Entre verde saber maduro fizo:
Lusitania felis vos admirava,
Quando entre ostentações de sabio aviso
Fruttificava em prevenido abono
Na verde Primavera o rico Outono.

*Sua sciencia
na mesma idade.*

VIII.

Quando a Patria fugeyta se rendia
Do Castelhana Imperio à força crua,
Oh como infelicamente se affligia,
Funebre, triste, desmayada, nua!
Depois izenta da violencia impia,
Despindo as dores da tristesa sua,
Acclamouse no ardor de vossa espada
Festiva, alegre, valerosa, ornada.

*Restauração
de Portugal.
em que teve
grande parte
o Senhor
Marquez.*

IX.

Descingindo da fronte bellicosa
As verdes folhas da Arvore funesta,
Dourando a nuvem d'ansia lastimosa,
O pranto serenou da màgoa infesta:
Adornada esca rlara generosa,
Entre a voz popular da heroyca festa
Juntou, prevendo o forte, & fausto agouro,
Na mão a espada, na cabeça o louro.

Ao mesmo.

Do mesmo. 1.
 Roma já não se jacte por ufana
 De Curcio o arrojo, na lealdade pio,
 Não solennize já por soberana
 De Fabio a testa, de Marcello obrio:
 Pois logra em vòs a gente Lusitana,
 Pois em vòs com mais credito avalio,
 (Unindo tres Heroes neste desvelo)
 Outro Curcio, outro Fabio, outro Marcello.

XI.

Seu casamento.
 Vendo o frecheyro Deus que valeroso
 Vosso peyto se oppunha ao fogo activo,
 Hymeneo vos prendeu por amoroso,
 Cupido vos frechou por vingativo:
 Sendo vòs igualmente amante ayrozo,
 Vòs logrando igualmente esforço altivo,
 Se ornou no forte ardor, na doce chamma
 Mavorte o Myrto, Cytherea agrama.

XII.

*A Senhora
 Marqueza de
 Marialva, cõ
 que casou o
 Senhor Mar-
 quez.*
 Diga este Amor aquella Aurora, aquella
 Descendente do Heroe, que em brio tanto
 Brilhando em feu valor invicta estrella,
 De Lyfia gloria foy, d'Africa espanto:
 Oh como agora se publica nella,
 Se a honestidade, se a belleza canto,
 Marialva por illustre sympathia
 He de virtudes mar, & Alva do dia!

XIII.

*General das
 armas contra
 o sitio de El-
 ras.*
 Quando vos elegeu supremo. Alumno
 (Elvas oppressa) a Patria vacillante,
 Entre Soldado Capitaõ, vos uno,
 O Bastão nobre, a espada fulminante:
 Quando rios de fangue vè Nepruno,
 Pareceu hum purpureo, outro arrogante,
 De Lyfia o Reyno, do Oceano o espelho
 Por Arabia Feliz, por Mar vermelho.

XIV.

Campou de Lyfia a Flor por renacida,
Marchou a Flor de Iberia por cortada;
Aquella està no campo esclarecida,
Esta fica no campo desmayada:
A campanha parece florecida,
Sendo no duro Inverno mal tratada:
Porque tinta em correntes sanguinosas
De cravos se vestio, se ornou de rosas.

Ao mesmo:

XV.

Ostentando no fitio heroycamente
Excessos de valor Scipiaõ famoso,
Ulyssæa ficou Roma potente,
O Tejo pareceu Tibre glorioso;
E com tantos applausos excellente
Mostrastes por assombro generoso
Na forte alegre, no valor impio
Modesto o coração, prudente o brio.

XVI.

Marquez vos honra o generoso Atlante,
Se do Ceo não, da Lusitana terra,
Sexto Affonso, que em armas fulminante
Fez invicto o valor na justa guerra:
Não foy por desempenho, porque amante
Pagara o esforço, que esse braço encerra,
Se Affonso fora no valor profundo
Não Rey de hum Reyno, não; Senhor de hum Mundo.

*El Rey Dom
Affonso VI.
lhe dá o titulo
de Marquez.*

XVII.

Depois seguramente condufindo
Contra o Principe Austriaco insolente
Exercito segundo, persuadindo
Com muda discrição, voz eloquente:
Com a Deidade Estrymonia competindo,
Do Tejo abristes o crystal corrente;
Jactase já, pois logra em seu festejo
Se Neptuno o Oceano, Marte o Tejo.

*Passando ao
Aentejo com
segundo exer-
cito no tempo,
em que era Go-
vernador das
armas Dom
Sancho Ma-*

H ij

Na noel,

Na campanha do Ibero mal segura
 Vosso nome altamente publicado,
 Ambos vencestes a batalha dura,
 Sancho guerreyro então, vòs respeitado:
 Com vosso nome a palma se assegura
 Sómente pelas vosas de affamado,
 Quando Lyfia acclamou glorias ufanas,
 Sendo Sancho Annibal, o Cano Cannas.

XIX.

*Governador
 das armas do
 Partido do
 Alentejo.
 Vittoria da
 Praça de Va-
 lença.*

Outra ves com esforço verdadeyro
 No Transtagano imperio obedecido,
 Mostrastes na Provincia animo inte yro,
 Quando della tivestes o Partido:
 Valente o peyto foy, no ardor guerreyro,
 Alcançando a vittoria esclarecido,
 [Valença o sabe] que em igual conceyto
 Valença a Praça foy, valente o peyto.

XX.

*Vittoria ulti-
 ma de Mon-
 tes Claros.*

Diga Lyfia tambem a Palma nobre
 Ultima empresa, da Mavorcia Historia
 Da fama devedora applausos cobre
 Quando a fama por vòs alcança a gloria;
 O nome venturoso o sitio dobre
 De Montes Claros na feliz vittoria,
 Que são da Parca, & Marte os golpes raros
 Nos corpos Montes, nas façanhas Claros.

XXI.

*Principio da
 batalha, em
 que os Caste-
 lhanos se ima-
 ginaram ven-
 cedores.*

Cedendo o peyto à força sueccsiva,
 Sendo oppresso do Ibero o Lusitano,
 Retrocede, que a forte compassiva
 Quis dar hum trofeo breve ao Castelhanao;
 Nos bronzes logo o fero ardor se aviva,
 E nos ferros se esgrime o brio ufano,
 Armão-se os Lusos mais que duros cerros
 Com bronzes bronzes, & com ferros ferros.

XXII.

Qual Deidade da Esfera luminosa,
Entre vapores perfidos, consente
Que hum pouco offusque a nevoa tenebrosa
As lisonjas gentis da lus ardente:
Porèm depois os golpes da lustrosa
Vingança a nevoa-desmayada sente,
Vibrando o Sol em fervido desmayo
Lus a lus, chamma a chamma, rayo a rayo.

*Alè ta se a ba
talha por par-
te dos Portu-
guezes.*

XXIII.

Tal o Luso valor, que Sol se apura,
Consente entre escondidos ardimentos
Que do Ibero conflicto a nevoa impura
Offusque de feu brio os luzimentos:
Porèm depois na bellica ventura
Castigando nublados pensamentos
Com luzidas façanhas, vibram logo
Bala abala, aço a aço, fogo a fogo.

*Alcança-se a
vittoria.*

XXIV

Vòs posto na eminencia egigantada,
Que rouba os rayos do medroso Ethonte,
Naõ já de louro vossa fronte ornada,
Ornada fim de estrellas vossa fronte;
Subis ao Ceo na gloria celebrada,
Sois affombro guerreyro do Horizonte,
Com que o monte por húa, & outra parte
Fica Atlante do Ceo, templo de Marte.

*Posto no mon-
te o Senhor
Marquez.*

XXV.

Quando na Aula celeste vlsitava
O louro amante do Peneo Louro
Ao Troyano gentil, que a Jove dava
Do Nectar o liquor em meãs d'ouro:
Entre o nevado horror, que o Ceo vibrava,
Prompto no campo, intrepido ao pelouro
Repouzaveis, porèm com braço feyto,
Sendo a neve colchões, as armas leyto.

*Sua estancia
no campo em
tempo de In-
verno.*

Quan-

*Sua estancia
no campo em
tempo do Es-
tío.*

Quando entre obstinações do ardor nocivo
Latindo nesse Polo o Caõ lusente,
Vomita em grave horror o fogo esquivo,
Abre na bocca adusta o cirio ardente:
Vosso peyto tambem no esforço vivo
Fomentava os ardores de valente,
Ambos ardendo, hum de outro satisfeyto,
Na calma o cirio, no valor o peyto.

XXVII.

*Comparação
com a Aguia
mais avanteja-
do.*

Qual Aguia illustre, que do Sol os rayos,
Sendo de altivas plumas adornada,
Sem maltratar-se à lus, sem ter desmayos,
Bebe constante, oppõem-se remontada:
Vòs remontado em bellicos enlayos,
Vendo rayos de Marte na effacada,
Aguia fois, & subis com mais instinto,
Ella ao Planeta quarto, vòs ao quinto.

XXVIII.

*Comparação
de Jupiter cõ-
tra os Caste-
lhanos.*

Se fulminais outado, forte, & ledado
Contra Iberos Gigantes a pujança,
Oh que estrago! oh que lastima! oh que medo!
Quando a espada tratais, brandis a lança:
Muy cedo pelejais, venceis mais cedo
O Transtagano ardor Flegra se alcança,
Vendo Iberos Gigantes, senão erro,
Por Jupiter a vòs, por rayo o ferro.

XXIX.

*Sua constan-
cia no bom, ou
mao successo.*

Qual firme escolho, que no mar resiste
Ao crystallino impulso, que discorre,
Ou quando o mar com crespa furia insiste,
Ou quando o mar com terso aljofar corre:
Assim tambem quando a borrasca assiste,
Assim tambem quando a bonança occorre,
Jã do bem, já do mal; ao mesmo instante
Constante fois no bem, no mal constante.

XXX.

Se espedaçando escudo, arnez, & malha
 Chovem globos em polvora encendidos,
 E se arvoram bandeyras na Batalha,
 Os Castelhanos fortes já vencidos;
 Não fazem globos, que Vulcano espalha,
 Não fazem ventos nos trofeos movidos,
 Fas sòmente o valor, que em vòs se encerra,
 As bandeyras tremer, tremer a terra.

XXXI.

Qual Orion de estrellas matizado,
 Para que com crystaes ao Mundo offenda,
 Da procellosa espada nasce armado,
 Luminosa no Ceo, no mar tremenda:
 Tal vòs com vossa espada denodado
 Fazeis de estragos tempestade horrenda,
 Se bem com mais terror, que em gloria nossa
 Agoa esperdiça aquella, & fangue a vossa.

XXXII.

Em voffo peyto habitam finalmente
 Todas as prendas do primor glorioso,
 Se não sois mil Heroes, Conde excellente,
 Sereis por vezes mil Heroe famoso:
 Lograis bellico ardil, voz eloquente,
 Prudente discricião, valor ditoso,
 Severo agrado, fangue esclarecido,
 Amado no temor, no amor temido.

XXXIII.

Sendo vòs exemplar da humana gloria,
 Sendo do Luso Imperio forte amparo,
 Para eterno papel de vossa historia
 Bronzes Corin thode, marmores Paro:
 Vòs esculpido na fatal vittoria,
 Vòs retratado no conflicto raro,
 Metam medo aos remotos, aos visinhos
 Lenhos na imagem, no retrato linhos.

*Allu'ão de seu
 valor no tre-
 mor da terra,
 & das ban-
 deyras.*

*Comparaçãõ
 de sua espada,*

*Breve elogio
 de suas virtu-
 des.*

*Suas acções
 eternizadas,
 & seu retrato
 temido por el-
 las.*

XXXIV

*Sua fama do
Oriente até o
Poente.*

Cesse a Musa, senhor, retumbe a fama,
Destempere-se a Lyra; entoe a Trompã,
Que quando o Plectro humilde vos acclama,
He bem que a tuba o Plectro me interrompa:
Se vosso esforço como Sol se affama,
Dos Gigantes a filha os ares rompa,
Donde se veste esse Planeta louro
Mantilhas de rubi, mortaihas de ouro.



A' ROSA

OY TAVAS.

INundações floridas de Amalthea
Prodigamente clori derramava,
E liquida em rocio a sombra fea
No frau talento Bruto, o Sol brilhava:
Quando entre tanta fior, que Abril semea,
Fidalgamente a Rosa se adornava,
Ostentando por garbo repetido
De ouro, o tocado, de ambar o vestido.



II.

Esta gala, que veste generofa,
Deve aos candidos pès da Deufa amante,
E ficando no orvalho mais luftrôfa,
Deve eftimar da Aurora o mal constante:
De forte que no prado fica a Rôfa
Com defditas alheas arrogante,
Pois quando fe enthronifa brilhadora,
Sangue de Venus tem, pranto de Aurora.

III.

Quando effe Deus de rayos apparece,
Agrado dando à vifta, lus ao prado,
A Deidade das flores amanhece,
Ao prado dando lus, à vifta agrado;
E quando a Primavera refplandece
Com gala verde, & brilhador toucado,
Fica fendo no adorno de verdores
Joya eſta flor, & gargantilha as flores.

IV

Em galharda ativez tanto fe affina,
Que vestida de purpura fermofa
A dulação fe arroga de divina,
Deſpreſando o primor de mageſtofa:
Por Deidade do campo peregrina
Não lhe faltam perfumes de olorofa,
E quando Deufa dos jardins a acclamo,
Fas templo do roſal, altar do ramo.

V

Ave purpurea no jardim luftrôfo
Soberbamente a confidera o dia,
As verdes hervas ſão ninho frondôfo,
Donde a fragrante a dulação fe cria:
Se refpira do alento o deleytofo,
Se deſprega da pompa a biſarria,
Fôrma em tanta belleſa, em olor tanto
As folhas azas, a fragrancia canto.

VI.

Com placidos requebros assistida
 Do zefyro fecundo a Rosa amada,
 Lhe dà lascivos bejos por querida,
 E vermelha se fas de envergonhada:
 Já se encalma com chamma padecida,
 Já respira com ansia suspirada.
 Oh como no jardim, quando se adora
 Sente Zefyro amor, ciúmes Flora!

VII.

Como Lua no Ceo entre as estrellas,
 Campa fermosamente em resplandores
 Entre as flores a Rosa, he Lua entre ellas,
 Brilhando o prado, Ceo; astros as flores:
 Por ventagens se jacta horas mais bellas,
 Nem se escondem co Sol os seus primores,
 Se brilha a Lua; a Rosa vencer trata
 Com rayos de rubi rayos de prata.

VIII.

Mas ay, quam brevemente se assegura
 A flor purpurea no primor luzido!
 Que não logre isenções a fermosura!
 Que a morte de hũa flor rompa o vestido!
 Oh da Rosa gentil mortal ventura!
 Que logo morta està, quando hà nacido,
 Sendo o toucado do infeliz thesouro
 Em berço de coral sepulchro de ouro.

IX.

Se vivifica a grã, se olor espira,
 Dando lisonja ao prado, ornato à fonte,
 No doce alento, & bella grã se admira
 De Sido inveja, emulação de Oronte:
 Mas se vento aromatico respira,
 Mas se lhe pinta o luminoso Ethonte
 Da cor a sombra, passa nhum momento
 Qual sombra a sombra, como vento, o vento.

X.

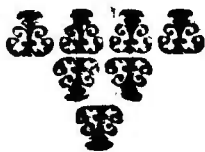
Se abre a Rosa pompozo nacimiento,
Se bebe a Rosa nacarada morte,
Se foy Sol no purpureo luzimento,
Tambem se iguala Sol na breve forte:
Se o Sol nalce, & padece o fim violento;
Nalce a Rosa, & padece o golpe forte,
De forte que por morta, & por lusente
No Occaso occaso tem, no Oriente oriente.

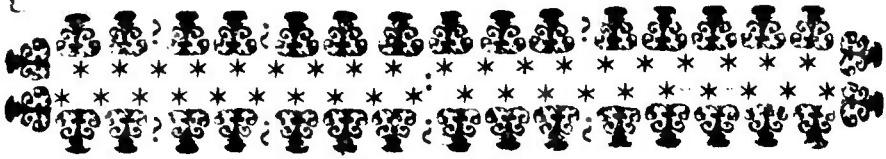
XI.

Se Anarda vibra na bellefa ingrata
Rayos de esquiva, de fermosa rayos,
Adverte, adverte, que hum rigor mal trata
Adulção de Abris, primor de Mayos:
Ouve na flor, que defenganos trata,
As mudas vozes dos gentis desmayos;
Attente em fim teu neccio desvario,
Que a fermosura he flor, o tempo Estio.

XII.

Naõ queyras, naõ perder com cego engarto
Dessas flores, que logras, a riqueza,
Vê pois que cada idade por teu dano
He successivo Inverno da bellefa:
Aprende cedo, Anarda, o defengano
Desta ufana, já morta, gentilefa,
Naõ queyras, naõ perder em teu desgosto
Do Dezembro da idade o Abril do rosto.





CANCOENS VARIAS.

A' MORTE DA SENHORA
Rainha de Portugal Dona Maria
Sofia Isabel.

CANC, A M PRIMEYRA.



UE pavor, que cruesa?
Que pena, que desdita a Lyfia enluta!
Jã do pranto a tristesa,
Como mar lagrymozo, ao mar tributa;
Vendo Neptuno, para novo espanto,
Que tem dous mares, quãdo corre o prãto

II.

Hespanha lastimada
Pelas razões do sangue generoso,
Toda se mostra irada,
E brama contra o golpe rigoroso,
E para ser no Mundo mais temido,
Por bocca do Leão fas o bramido.

III.

Mostra Alemanha o fino
Excesso quando sente o seu tormento,
Porque do Palatino
A patria fas ser proprio o sentimento;
E o Danubio, que he rio arrebatado,
Parece que na dor se vê parado.

IV.

França, que nobremente
A Lusitania ostenta amor selecto,
De luto reverente
A seus Francos vestio com franco affecto;
E tendo nesta magoa altas raizes,
Em roxos lirios troca as brancas Lises.

V.

Italia a dor publica
Em Florença, que rica se nomea,
Mas demãgoas he rica;
Napoles bella em dor se torna fea:
Porèm Roma, que santa se conhece,
Com Princeza tão santa se engrandece:

VI.

America sentida
Faz tanta estimação da dor, que ordena,
Que dezejara a vida
Eterna, para ser eterna a pena;
E quando no tormento mais se alarga,
O doce açucar troca em pena amarga.

VII.

A bellissima Aúrorã,
Que chora de Memnòn a morte escura,
Tambem padece, & chora
Desta perda cruel a desventura;
E com dobrada dor da infausta sorte
Se huma morte chorou, chora outra morte.

O Sol, que luminoso
Tem o imperio das luzes no Hemisferio,
Jà não quer ser lustroso,
E quizera largar o claro imperio,
Pois de huma Aguia Real na morte triste
O magestofo voo não lhe assiste.

IX.

Tambem padece a Lua
Desta màgoa infelìs o defalento,
E quando mais fluctua,
No inconstante nocturno lusimento
Mingoante, & chea està, se a dor se estrea
Mingoante em glorias, de desditas chea.

X.

As estrellas lufentes,
Que ao Sol no claro Polo substituem,
Parecendo inclementes,
Se presagios crueis ao Mundo influem,
Com tal rigor de sta influencia ufaram,
Que em cometas *infaustos* se trocaram.

XI.

Os Planetas errantes
Triste a Saturno tem no Ceo rotundo;
Venus para os amantes
Tem da sorte felìs o bem jocundo;
Porèm para Isabel, que he Venus pura,
Não quis Venus ser *Astro* da ventura.

XII.

O Cipreste funesto,
Que se levanta ao Ceo triste, & frondoso,
Neste tormento infesto
Prepara os ramos seus por lastimoso,
Etendo o ser, que he sò *vegetativo*,
Em corpo se transforma *sensitivo*.

XIII.

A pacifica Oliva,
Que no Diluvio foy da paz conforte,
Quando sente a nociva
Tyrannia infeliz da Parca forte,
Jà não serve de paz, antes ostenta
O diluvio das lagrymas, que alenta.

XIV

A palma celebrada,
Que contra o peso fica mais gloriosa,
Agora desfayada
Se vê menos robusta, & vigorosa:
Porque ao peso da pena padecida
Toda humilde se vê, toda opprimida.

XV.

O jardim, que florido
Era com Flora, & Zefyro fermoso,
Hoje se vê despido,
Feyo, funebre, inculto, deslustroso,
Porque por esta morte inopinada
Zefyro triste está, Flora anojada.

XVI.

A Rosa, que ostentava
A bella da purpura olorosa,
E sempre se jactava
Ser Rainha das flores imperiosa,
Como vê de fenganos de Rainhas,
Não quer mais que nas dores as espinhas.

XVII.

O Cravo que exhalante
Dobello olor se veste de escaleta,
Jà não brilha flammante,
Quando sente da Morte a furia ingrata,
Antes mostra na cor, sangue vestido,
Que do golpe da dor ficou ferido.

O jasmim, que a belleſa
 Tem na neve animada, que a ſuſtenta,
 Perdeu a gentileſa;
 Já no fragil candot ſe deſalenta;
 E tendo a Parca a ſetta deſpedido,
 Alvo ficou da ſetta amortecido.

XIX.

Sente pois Pedro Auguſto
 Perder o Sol, a flor, o dia claro,
 Pois tendo ſempre aduſto
 Entre chammas de amor o peyto caro;
 Agora vê nas faltas da alegria
 Poſto o Sol, ſecca a flor, e ſeuo o dia.

XX.

Sente o culto ſagrado
 De hũa Rainha Santa o affecto pio,
 Pois com devoto agrado
 Fazia da humildade o ſenhorio,
 Como quem altamente conhecia
 Que a Purpura tambem carcomas cria.

XXI.

Sente o Palacio illuſtre
 A faudade da altiffima Princeſa,
 A quem deve ſeu luſtre,
 E da melhor Politica a grandefa,
 Que ſendo Palatina, no amor fino
 Fes do regio Palacio Palatino.

XXII.

Sentem todas as Damas
 A falta deſta Aurora, que aſſiſtiam,
 E como illuſtres ramas
 Do ſeu favor o orvalho mereciam,
 E perderam, faltando ſeus fulgores,
 De tantas eſperanças os verdores.

Sente a casta Donzella

A falta de Ifabel, que tanto amava
Quando na idade bella
O thalamo ditoso lhe buscava,
E se Cupido armava seus enganõs,
Hymeneo casto lhe impedia os danos.

XXIV.

Sente a caterva pobre

Da liberal senhora a perda rara,
Quando por mão tam nõbre
Tantas vidas da morte restaurãra,
Vencendo contra as Parcas defabridas
O poder, que intentavam sobre as vidas.

XXV.

Sente o Preso os clamores,

Que lhe faz padecer a morte brava,
Que Ifabel com favores
Da justiça os rigores temperava
Conhecendo na espada da justiça,
Que era o summo rigor summa injustiça.

XXVI.

Sente em fim todo o povo

Esta triste sa atroz, & deshumana:
Que não he caso novo
Sentirem todos o que a todos dana;
Pois perdeu, quando fica ao desamparo,
Todo o bem, toda a gloria, todo amparo.

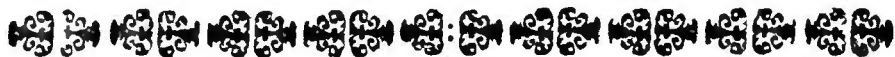
Canção, suspende o metro,

Que de tanta desdita o triste pranto
Me desafina a voz, fas rouco o canto.



K

A LUIS



A LUIS DE SOUSA FREYRE,
 ENTRANDO DE CAPITAM
 de Infantaria nesta Praça

NO TEMPO, EM QUE ERA GOVER-
 nador do Estado do Brasil Alexandre de
 Sousa Freyre.

CANC, A M II.

I.

A Legre o dia em pompas festejadas
 Nos estrondos das armas repetidos,
 Entre applausos de affectos bem nascidos,
 Entre mãgoas de invejas mal criadas:
 Das militares turbas ordenadas
 Feyto esquadrão na Praça bellicoso,
 Brilha Apollo invejoso,
 E quer formar por competencias bellas
 Praça de luses, esquadrão de estrellas.

II.

Nas varias galas, que a Milicia ayrosa
 Com bom gosto traçou, vestio com graça,
 Entre as cores do adorno a mesma Praça
 Parece Primavera bellicosa:
 De forte que por gloria mysteriosa
 Flora, & Bellona alegremente unidas,
 Em armas applaudidas,
 Entre os caprichos da Milicia ornada,
 Florida está Bellona, Flora armada.

Sendo

III.

Sendo triste o valor por iracundo,
 E sendo a guerra fea por esquiva,
 Quando mortaes acções aquelle aviva,
 Quando esta ostenta a Marte furibundo;
 Hoje se veste com primor jocundo
 Do que teceu Italia, Hollanda, & França
 A Militar pujança;
 Hoje na pompa, que esta, & aquelle encerra,
 Fica alegre o valor, ferma-se a guerra.

IV

No militar concurso o Deus vendado
 Deseja acompanharvos, Freyre bello,
 E para retratar Marcio desvelo
 De aljava, & frechas se offerece armado:
 Hoje ser vosso Alferes alentado
 Quizera Amor; & em facil sympathya
 Da bellica alegria
 Enfayando-se em huma, & outra prenda,
 Venablo a setta faz, bande yra avenda.

V

Vomitado o sulfureo mantimento
 Do fogoso arcabús entre os sentidos,
 Perdem-se nos estrondos os ouvidos,
 E nos ares feridos geme o vento:
 Parece tempestade, & no ardimento
 Da polvora se forja o rayo errante,
 Nuvens o militante
 Esquadraõ condensado, quando em gyros
 He relampago o ardor, trovões os tiros.

VI.

Quantas bandeyras vedes despregadas
 Por lisonja de bellicos empenhos,
 Vos hão de ser felices desempenhos,
 Inda hão de ser por vossa dextra honradas:
 Que sendo as inimigas castigadas
 Cingida a fronte de Apollineo louro,
 Com venturoso agouro
 Tereis, logrando sempre igual vittoria,
 Não gloria de trofeos, trofeos de gloria.

VII.

Quando a lança brandis heroycamente
 No florido verdor da gentileza,
 Vos prognosticam todos na destreza.
 De General o cargo preminente:
 Para apoio fatal da Lyfia gente
 Sereis na guerra Aquilles Lusitano
 Contra o Imperio Otomano,
 E mudareis porque elle se fometta,
 Em bastão grave a desigual geneta.

VIII.

Do veneno gostoso, bem que ardente,
 Gloriosamente Venus abrazada
 Com dous motivos, tanto amor lhe agrada,
 Se vos ve bello, se vos vê valente:
 Renovando as memorias igualmente
 De Adonis, & de Marte já queridos,
 Refuscita os sentidos,
 E a vòs sò rende, quanto aos dous reparte,
 Pois novo Adonis sois, & novo Marte.

IX.

Cioso o Thracio Deus se convertera
Em nova Fera, que seu mal vingara,
Se em vosso peyto o ardor não respeytara;
Se em vosso rosto o gesto não temera:
Com causas duas mayor queyxa altera
De dous agravos, pois de amor cioso,
Do valor receoso,
Vosso primor a Marte defabona,
Pois vos quer Venus, pois vos quer Bellona.

X:

Na forja Lilybea fatigado
Vulcano está, que Cytherêa amante
Lhe pede hum forte escudo rutilante
Para cobrir vos, Freyre, o peyto amado:
Nas ferreas officinas occupado,
Lhe falta o braço já, já nos fuores
Correm rios de ardores,
E quando gotta a gotta estilla a fronte,
Queyma o ar, cose o ferro, aballa o monte.

XI.

Com subtil traça, com engenho agudo,
Competindo a fadiga, & subtileza,
Grava Vulcano por mayor empresa
O braço nobre no brilhante escudo:
Dos vossos ascendentes bem que mudõ
As grandesas publica generosas,
Quando em acções famosas
Os vossos Soufas tem por Armas suas.
As Regias Quinas, as partidas Luas.

XII.

O semblante da guerra temeroso
 Nos poucos lustros não vos mete horrores,
 Bem que logreis nos annos os verdores,
 Primeyro que varaõ fois valeroso;
 Anticipais à idade o brio honroso,
 Qual Aguia, qual Leão fois parecido
 No voo, & no bramido,
 Porque as feras despreza, & ao Sol se approva,
 Bem que novo Leão, bem que Aguia nova.

XIII.

Não obra em voffo peyto o esforço tarde,
 Já da guerra o rigor tendes bebido,
 Que do exemplo de Avòs já persuadido,
 Vos ferve o sangue, o coração vos arde;
 Em tão floridos annos vos aguarde
 Feliz a forte; & chegareis ditoso
 A fer Heroe famoso:
 Que quando brilha o Sol no roxo Oriente,
 Chega a lus clara ao pallido Occidente.

XIV

Sabendo as artes do Mavorcio officio,
 A roda não temais da Deusa cega,
 Que quando voffo ardor nelle se entrega,
 Já Mercurio vos dicta esse exercicio:
 Com sabio esforço, sem grosseyro vicio
 Voffo genio ferà sempre affamado,
 Das artes ajudado,
 Dando Mercurio contra a forte a vara
 A firme base, a poderosa vara,

XV.

De voffo tio Soufa esclarecido
 Que as acções imiteis agora espero,
 Que inda sente Marrocos horror fero,
 Com que dos Africanos foy temido:
 E empaga do valor sempre applaudido
 America governa venturofa
 Na presença gloriofa,
 Que a parte de dous mares fatisfeyta
 Africa o teme, America o refpeyta,

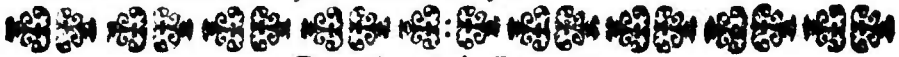
XVI.

Vede de voffo tio a clara historia,
 Com que valente, & fabio já se acclama,
 Dandolhe illuftremente a mefma fama
 O templo altivo da immortal memoria:
 Sendo delle a virtude tão notoria,
 Emmudece a calumnia de admirada,
 E para avantejada
 Gloria fua, que o merito lhe veja,
 Ven, a o Mundo, honre a Fama, proffre a inveja.

XVII.

Lenços lhe pinte Apelles excellente,
 Eftatuas lhe confagre Fidias raro,
 Retratar Apelles feu esforço claro,
 Esculpa Fidias feu fabor prudente:
 Porém não, que no Ceo gloriofamente
 Altas acções fe escrevam de feu brio:
 Que na fama confio,
 Se hão de formar para memoria dellas
 Taboa o Ceo, penna o Sol, tinta as eftrellas:

Canção, suspende o canto,
 Que prometto afinar, se Febo inspira,
 O Plectro humilde, a temeraria Lyra.



Descripção do Inverno.

CANÇÃO AM III.

I.

I Ra-se horrendo, & se orna tenebroso
 Renovado na sombra o Inverno esquivo,
 Aos affagos do Zefyro nocivo,
 A's caricias de Flora rigoroso:
 Com vestido de nuvens impiedoso
 Melancolica a fronte carregada,
 Por velho defagrada,
 E tendo a chuva sempre em seus rigores,
 Enfermo está de languidos humores.

II.

Augmenta seu rigor o triste Inverno,
 Encarcerando no queyxofo Polo
 A luz propicia do gentil Apollo,
 E ma s que Inverno, fica escuro inferno:
 Apollo pois com sentimento externo
 Entra na casa atròs do Deus lunado,
 Que de luas armado
 Dous chuveyros vibrando, arma inclementes
 Em mingoantes de Lua de agoa enchentes.

III.

Vomita o Boreas no furor ingrato
 O nevado rigor, bem que lufido,
 Adornando aos jardins branco vestido,
 Despindo dos jardins o verde ornato:
 Sendo ao prado nocivo, aos olhos grato,
 Da neve espediçada o candor frio,
 Nos disfarces de impio
 Parece a neve em presumpção fermosa
 Emplumado candor, ou lá chuvosa.

IV.

Prifioneiros se vem arroyos claros
Quiza, porque murmuram lifongeyros,
Dandó às almas avisos verdadeyros,
Dando a perfeytos Reis exemplos raros;
Da prata fugitiva sendo avaros,
O frio caramelo os prende duro:
Que pois o crystal puro
Corre louco, castigam com desvelo
Locuras de crystal pedras de gelo.

V.

A planta mais galharda, que serena
Era verde primor, lifonja ornada,
Padece nũs aggravos de prostrada,
Perde sobornos placidos de amena;
E quando tanta lastima lhe ordena
Do vento, bem que leve, a grave injúria,
Ao brio iguala a furia,
Pois no exame dos golpes inimigo
Folha a soberba foy, vento o castigo.

VI.

Pede o Ceo contra o valle, contra o monte
O socorro cruel da horrenda prata,
Quando bombardas de granifos trata,
Escurecendo a luz na irada frente:
Vertendo bravo successiva fonte,
Formando condensado guerra escura,
Contra a terra conjura
Quando não por affombros, por vinganças
De sombras esquadrões, de aljofar lanças

L

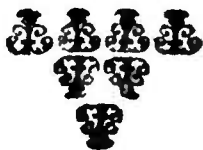
Mas

VII.

Mas logo o mar soberbo ao mesmo instante
 Por vingar generoso a terra impura,
 Levanta de crystaes soberba pura,
 Sacrilegios argenta de arrogante:
 Pois oppoem contra Jove, qual gigante
 Em montes de crystal de crystal montes,
 E em denfos horizontes
 Jove quiçã, por fulminar de smayos,
 De nuvens se murou, se armou de rayos.

VIII.

O lenho pelas ondas navegante
 Sendo de varios ventos combatido,
 Teme o profundo mal de submergido,
 Padece o triste horror de fluctuante:
 A maritima turba naufragante
 Alarido levanta lastimoso
 Contra o Ceo rigoroso,
 Vendo que a escura, & subita procella
 Quebra o leme, abre a taboa, rompe a vela.
 Canção, na bella Filis
 Outro Inverno repetem mais escuro
 A tristeza que sinto, a dor, que aturo.





Descripção da Primavera.

CANÇÃO IV

I.

Campa no campo agora
A mãe das flores bellas,
Brilham de Febo os rayos nas estrellas,
Que em lindos resplandores
Alternam, como irmãos, ledos candores.
Ledo o candor se adora:
Que se a lus não se ignora,
Porque o candor, & o ledo se conceda,
Do Cysne filhos são, filhos de Leda.

II.

Pintor Mayo lufido
Em diversos primores
Tantas tintas mistura, quantas cores;
Sendo do lindo Mayo
Pincel valente o maturino rayo;
E em quadros repartida
A pintura florida,
Mayo pintor alegre, em copias tantas
De flores quadros fas, sombra das plantas.

III.

O campo reverdece,
Os cravos purpleam,
As açucenas de candor se afeam,
As violetas fermosas
Vestem diversas cores por lustrosas;
A Venus reconhece,
Quando a rosa amanhece
Com tanta ostentação, que he nos verdores
Mais que de Venus flor, Venus das flores,

IV

O tronco florecente

Forma com duros laços
 Vegetativos de seus ramos braços,
 E seus verdes cabellos
 Laçivamente se penteam bellos:
 Que o vento reverente
 O serve cortesmente,
 E para ser galan na mocidade
 Buço nas flores tem, verdor na idade.


V.

Celebra alegremente

O volatil concontento
 Da Primavera o verde nascimento,
 [Sendo os rios sonoros
 Instrumentos gentis a varios coros)
 Cantando brandamente,
 Saltando ayrosamente,
 Nas doces vozes, de figuras e mudanças,
 Cantos se entoam, & se alternam danças.

VI.

O Sol Rey luminoso

Entre o estrellado Imperio
 Enthroniza esplendores no Hemisferio,
 Vendo com luz amada
 A provincia do gyro dilatada;
 Dependendo piedoso
 Favores de lustroso, 
 Vicando por rebelde, & por querida
 A sombra desterrada, a luz valida.

Oh

VII.

Oh como alegre Flora
De flores adornada
Jas no leyto das hervas recoitada!
Oh que beio amoroso
Favonio lhe repete deleytoso.
Se o prado ri, se chora
Vitaes perlas Aurora,
(Dando de vario estado mudo aviso)
Da Aurora o pranto vê, do prado o riso.
Canção, na bella Nise
Quando em seus Mayos seu verdor se esmera,
Podes ver retratada a Primavera.



Ao Ouro

CANÇÃO, A M. V.

I.

ESte que em todo o Mundo obedecido,
Este que respeytado
Nos sobornos mortaes de pretendido,
Aggravo esquivo, mais que lindo agrado,
Morte se acclama, pois da mesma forte
He pallido o metal, pallida a Morte.

II.

Os Monarcas sustentam poderosos
Neste metal presado
Imperios, se vio lentos, generosos;
Porèm tendo nos Reis imperio amado,
(Executando faceis vituperios)
Tem imperio nos Reis, he Rey de Imperios.

III.

A justiça corrompe verdadeyra;
 No Ministro imprudente
 Quebra as regras de justa, as leis de inteyra;
 Pois este fôrma no interesse ardente
 (Naõ com fiel, mas infiel desprezo)
 Da cobiça a balança, do ouro o peso.

IV

Inferno se padece lastimoso,
 Naõ se logra Ouro claro
 Nas graves pretensões de cobiçoso,
 Nos obsequios sollicitos de avaro;
 Hum o procura, outro naõ goza delle,
 Este Tantalos està, Sifyso aquelle.

V

Quando faltava d'ouro a gentileza,
 A gente pobre, & rica
 Lograva idade de ouro na pobreza,
 Mas quando nesta idade se publica
 Em contrarios motivos de impiedade,
 De ferro idade fes, naõ de ouro idade.

VI.

Qual Aspid, que entre flores escondido
 Na florida belleza
 Breta ao peyto o veneno mal sentido;
 Assim pois na lusida gentileza
 Mata o metal, matando brilhadores
 Nos lusimentos hum, outro nas flores.

VII.

Profanando de Danae a vã pureza
 Em chuvosos amores,
 A pesar de engenhosa fortaleza,
 A pesar dos cuydados guardadores,
 Murchou na chuva de ouro rigorosa
 O modesto jasmim, a virgem Rola.

VIII.

Entre o logro da pàs folicitada
A guerra determina
Bem que ouro brilha,engeyta a pàs dourada;
E quando Marcias confusões a fina,
A pàs compra de forte,que na terra
Guerra se vê da pàs,he paz da guerra.

IX.

A Natureza em veas escondidas
Cria o metal occulto,
Quiçà piedosa das mortaes feridas:
Mas quando o desentranha humano insulto,
Da mesma vea, donde nasce bello,
Corre logo a ambição,mana o desvelo.

X.

O rigor se arma, a guerra se refina,
A cobiça se apura,
A morte contra o peyto se fulmina,
O engano contra o peyto se conjura
De forte,que accumula ao peyto humano
Rigor, guerra, cobiça, morte, engano.
Canção, suspende já de Euterpe o metro,
Que em Filis tens para cantar no Pindo
De seu cabelo de ouro ouro mais lindo:





Saudades de hum esposo amante pela perda de sua amada esposa.

CANÇÃO VI.

I.

Agora que altamente
 Me lastima o rigor, me affalta a pena,
 Agora que eloquente
 Falla o silencio quando a voz condena,
 Agora pois quando meu Bem me deyxá,
 Corra o pranto, obre a magoa, suba a queyxá.

II.

Qual flor em flor cortada
 Te murchaste meu Bem (ah morte feal)
 Oh como desmayada
 A florida republica se a fea,
 Pois perdeu toda a flor na morte dura,
 O ambar leve, a grã bella, a neve pura!

III.

O Sol já retirado
 Menos fermoso, menos claro o vejo,
 Pois eras seu cuydado;
 Eras do lindo Sol seu vão desejo,
 Sendo fim seus ardentes resplandores
 Não ardores de lus, de amor ardores.

IV

Oh como pede à sombra
 Que o resplandor lhe embargue, a lus lhe furtel
 E se na dor se affombra,
 Pede à noyte tambem que o dia encurte,
 Pois perdeu tristemente na alegria
 Melhor lus, melhor Alva, & melhor Dia.

V.

Bellissima senhora,
 Que choro ausente, que venero amante,
 Na Patria vencedora
 De hũa morte cruel te vês triunfante;
 E porque venças tudo, em igual forte
 Venceste os corações, venceste a morte.

VI.

Entre mil faudades
 Morta te estimo, & te desejo viva:
 Mas ah que em mil idades
 Se frustra o rogo, a lastima se aviva,
 Tendo em dobrado mal, que ao peyto corta,
 Vivo o desejo, a esperança morta!

VII.

Quando te confidero
 Algum tempo em meus braços, (ay que màgoa!)
 Logo este golpe fero
 O què logro em ardor, me solta em agoa,
 Competindo entre si por desafogo
 Nos olhos a agoa, & no peyto o fogo:

VIII.

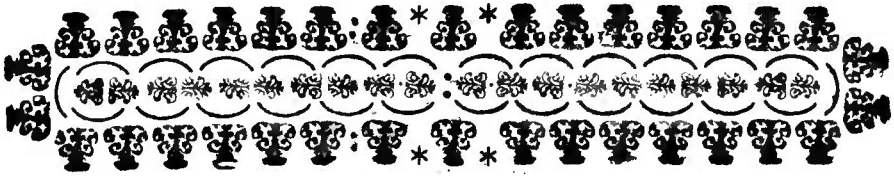
Se vives retratada
 Neste meu coração, que te ama ausente,
 Fica a dor mitigada
 Neste enganoso bem, por aparente;
 Mas ay que fica, quando a dor me aperta,
 Falsa a consolação, a màgoa certa!

IX.

Là no Empyreo gloriosa
 Lembra-te deste amor, que tanto apuro:
 Que esta pena amorosa
 Solicito constante, fino aturo;
 E impressa na alma minha pena interna,
 Fica immortal o amor, a màgoa eterna.

Deyxaste-me huma prenda
Para alivio feliz da màgoa crua,
Que quando te eu pretenda,
Lograsse meu desejo copia tua:
Mas ay que he mayor mal, pois nas memorias
Saudades sinto, quando finjo glorias!
Canção, depoem o Plectro,
Que já me impede o pranto
Que altere a voz, & que profiga o canto.





A ILHA

DE MARE' TERMO DESTA
Cidade da Bahia.

SYLVA



AS em obliqua fôrma, & prolongada
A terra de Marè toda cercada
De Neptuno, que tendo o amor constante,
Lhe dà muytos abraços por amante,
E botandolhe os braços dentro della
A pretende gozar, por ser muy bella.
Nesta assistencia tanto a senhorea,
E tanto a galantea,

Que do mar de Marè tem o appellido,
Como quem prêsa o amor de seu querido:
E por gosto das prendas amorôas
Fica marè de rosas,
E vivendo nas ansias successivas,
São do amor marès vivas;
E se nas mortas menos a conhece,
Marè de saüdades lhe parece.

M ij

Vista

Vista por fôra he pouco appetecida,
 Porque aos olhos por fea he parecida;
 Porém dentro habitada
 He muyto bella, muyto desejada,
 He como a concha tosca, & deslustrosa,
 Que dentro cria a perola fermosa.
 Erguem-se nella outeyros
 Com soberbas de montes altaneyros,
 Que os valles por humildes desprezando,
 As presumpções do Mundo estão mostrando,
 E querendo ser principes subidos,
 Ficão os valles a seus pès rendidos.
 Por hum, & outro lado
 Varios lenhos se vem no' mar falgado;
 Huns vão buscando da Cidade a via;
 Outros della se vão com alegria;
 E na desigual ordem
 Consiste a fermosura na desordem.
 Os pobres pescadores em saveyros,
 Em canoas ligeyros,
 Fazem com tanto abalo
 Do trabalho marítimo regalo;
 Huns as redes estendem,
 E varios peyxes por pequenos prendem;
 Que atè nos peyxes com verdade pura
 Ser pequeno no Mundo he desventura:
 Outros no anzol fiados
 Tem aos miseros peyxes enganados,
 Que sempre da vil isca cobiçofos
 Perdem a propria vida por golofos.
 Aqui se cria o peyxe regalado
 Com tal sustancia, & gosto preparado,
 Que sem tempero algum para appetite
 Faz gostoso convite,
 E se pôde dizer em graça rara
 Que a mesma natureza os temperarã.

Não falta aqui marisco faboroso,
 Para tirar fastio ao melindroso;
 Os Polvos radiantés,
 Oslagostins flammantes,
 Camarões excellentes,
 Que são dos lagostins pobres parentes;
 Retrogrados cranguejos,
 Que formam pès das boccas com festejos,
 Ostras, que alimentadas
 Estão nas pedras, onde são geradas;
 Em fim tanto marisco, em que não fallo,
 Que he vario perrexil para o regalo.

As plantas sempre nella reverdecem,
 E nas folhas parecem,
 Desterrando do Inverno os desfavores,
 Esmeraldas de Abril em seus verdores,
 E dellas por adorno appetecido
 Fas a divina Flora seu vestido.

As fruytas se produzem copiosas,
 E são tão deleytosas,
 Que como junto ao mar o sitio he posto,
 Lhes dà salgado o mar o sal do gosto.
 As canas fertilmente se produzem,
 E a tam breve dilcurso se reduzem,
 Que porque crescem muyto,
 Em doze mezes lhe fazona o fruyto,
 E não quer, quando o frutto se deseja,
 Que sendo velha a cana, fertil seja.

As laranjas da terra
 Poucas azedas são, antes se encerra
 Tal doce nestes pomos,
 Que o tem clarificado nos seus gomos;
 Mas as de Portugal entre alamedas
 São primas dos limões, todas azedas,
 Nas que chamam da China
 Grande fabor se afina,
 Mais que as da Europa doces, & melhores,

E tem sempre vantagem de mayores,
 E nesta mayoria,
 Como mayores são, tem mais valia.
 Os limões não se presam,
 Antes por serem muytos se despresam.
 Ah se Hollanda os gozàra,
 Por nenhũa provincia se trocàra.
 As cidras amarellas
 Cahindo estão de bellas,
 E como tão inchadas, presumidas,
 He bem que estejam pelo chaõ cahidas:
 As uvas moscateis são tam gostosas,
 Tam raras, tam mimosas,
 Que se Lisboa as vira, imaginàra
 Que alguem dos seus pomares as furtàra;
 Dellas a producção por copiosa
 Parece milagroza,
 Porque dando em hum anno duas veses,
 Geram dous partos, sempre, em doze meses.
 Os Melões celebrados
 Aqui tão docemente são gerados,
 Que cada qual tanto sabor alenta,
 Que são feytos de açucar, & pimenta,
 E como sabem bem com mil agrados,
 Bem se pòde dizer que são letrados;
 Não fallo em Valariça, nem Chamusca:
 Porque todos offusca
 O gosto destes, que esta terra abona
 Como proprias delicias de Pomona:
 As melancias com igual bondade
 São de tal qualidade,
 Que quando docemente nos recrea,
 He cada melancia hũa colmea,
 E às que tem Portugal lhe dão de rosto
 Por insulfas aboboras no gosto.
 Aqui não faltam figos,
 E os sollicitam passaros amigos,

Appetitosos de sua doce usura,
 Porque cria appetites a doçura;
 E quando acafo os matam
 Porque os figos maltratam,
 Parecem mariposas, que embebidas
 Na chamma alegre, vão perdendo as vidas.
 As Romãs rubicundas quando abertas
 A'vista agrados são à lingua offertas,
 São thesouro das fruytas entre affagos,
 Pois são rubis suaves os seus bagos.
 As fruytas quasi todas nomeadas
 São ao Brasil de Europa trasladadas,
 Porque tenha o Brasil por mais façanhas
 A'lem das proprias fruytas, as estranhas.
 E tratando das proprias, os coqueyros,
 Galhardos, & frondosos
 Criam cocos gostosos,
 E andou tão liberal a natureza
 Que lhes deu por grandesa,
 Não sô para bebida, mas sustento,
 O nectar doce, o candido alimento.
 De varias cores são os cajus bellos,
 Huns são vermelhos, outros amarellos,
 E como varios são nas varias cores,
 Tambem se mostram varios nos sabores;
 E criam a castanha,
 Que he melhor, que a de França, Italia, Hespanha.
 As pitangas fecundas
 São nacor rubicundas,
 E no gosto picante comparadas
 São de America ginjas disfarçadas:
 As pitombas douradas, se as desejas,
 São no gosto melhor do que as cerejas,
 E para terem o primor inteyro
 A vantagem lhes levam pelo cheyro.
 Os Arafazes grandes, ou pequenos,
 Que na terra se criam mais, ou menos,

Como as peras de Europa engrandecidas,
 Com ellas variamente parecidas,
 Tambem se fazem dellas
 De varias castas marmeladas bellas.
 Asbananas no Mundo conhecidas
 Por fructo, & mantimento appetecidas,
 Que o Ceo para regalo, & passatempo
 Liberal as concede em todo o tempo,
 Competem com maçãs, ou baonetas,
 Com peros verdeaes ou camoetas,
 Tambem servem de pão aos moradores,
 Se da farinha faltam os favores;
 He conduto tambem que dà sustento,
 Como se fosse proprio mantimento;
 De sorte que por graça, ou por tributo
 He fructo, he como pão, serve em conduto:
 A pimenta elegante
 He tanta, tão diversa, & tão picante,
 Para todo o tempero accommodada,
 Que he muyto avantejada
 Por fresca, & por sadia
 A que na Asia se gera, Europa cria:
 O mamão por frequente
 Se cria vulgarmente,
 E não o presa o Mundo,
 Porque he muyto vulgar em ser fecundo.
 O Marcujã tambem gostoso, & frio
 Entre as fruytas merece nome, & brio;
 Tem nas pevidas mais gostoso agrado,
 Do que a çucar rosado;
 He bello, cordial, & como he molle,
 Qual suave manjar todo se engole.
 Vereis os Ananases,
 Que para Rey das fruytas são capases;
 Vestem-se de escarlata
 Com magestade grata,
 Que para ter do Imperio a gravidade

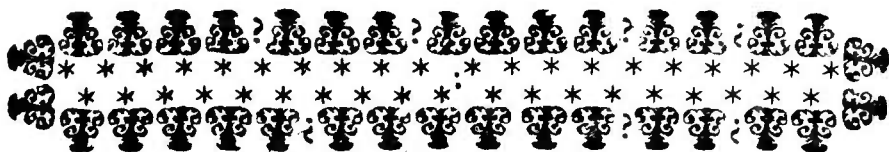
Logram da croa verde a magestade;
 Mas quando tem a croa levantada
 De picantes espinhos adornada,
 Nos mostram que entre Reis, entre Rainhas
 Não ha croa no Mundo sem espinhas.
 Este pomo celebra toda a gente,
 He muyto mais que o pefsego excellente,
 Pois lhe leva vantagem gracioso
 Por mayor, por mais doce, & mais cheyroso.
 A'lem das fruytas, que esta terra cria,
 Tambem não faltam outras na Bahia;
 A mangava mimosa
 Salpicada de tintas por fermosa,
 Tem o cheyro famoso,
 Como se fora almiſcar oloroso;
 Produze-se no mato
 Sem querer da cultura o duro trato,
 Que como em si toda abondade apura;
 Não quer dever aos homens acultura.
 Oh que galharda fruyta, & soberana
 Sem ter industria humana,
 E se Jove as tiràra dos pomares,
 Por Ambrosia as puzera entre os manjares!
 Com a mangava bella a semelhança
 Do Macujè se alcança,
 Que tambem se produs no mato inculto
 por soberano indulto,
 E sem faſer ao mel injusto aggravo,
 Na bocca se desfas qual doce favo.
 Outras fruytas dicera, porèm basta
 Das que tenho descrito a varia casta,
 E vamos aos legumes, que plantados
 São do Brasil sustentos duplicados:
 Os Mangaràs que brancos, ou vermelhos,
 São da abundancia espelhos;
 Os candidos inhames, se não minto,
 Podem tirar a fome ao mais faminto.

- As batatas, que affadas, ou cozidas
 São muyto appetecidas;
 Dellas se fas a rica baratada
 Das Belgicas nações solicitada.
 Os caras, que de roxo estão vestidos,
 São Loyos dos legumes parecidos,
 Dentro são alvos, cuja cor honesta
 Se quis cobrir de roxo por modesta.
- A Mandioca, que Thomè sagrado
 Deu ao gentio amado,
 Tem nas raizes a farinha occulta:
 Que sempre o que he feliz, se difficulta.
- E parece que a terra de amorosa
 Se abraça com seu fructo deleytosa;
 Della se fas com tanta actividade
 A farinha, que em facil brevidade
 No mesmo dia sem trabalho muyto
 Se arranca, se desfas, se cose o fructo;
 Della se fas tambem com mais cuydado
 O beyrù regalado,
 Que feyto tenro por curioso amigo
 Grande ventagem leva ao pão de trigo.
- Os Aypins se aparentam
 Coamandioca, & tal favor alentam,
 Que tem qualquer, cozido, ou seja affado,
 Das castanhas da Europa o mesmo agrado.
- O milho, que se planta sem fadigas,
 Todo o anno nos dà faceis espigas,
 E he tão fecundo em hum, & em outro filho,
 Que são mãos liberaes as mãos de milho.
- O Arros semeado
 Fertilmente se vê multiplicado;
 Calle-se de Valença por estranha
 O que tributa a Hespanha,
 Calle-se do Oriente
 O que come o gentio, & a Lyfia gente;
 Que o do Brasil quando se vê cozido,

Como tem mais substancia, he mais crecido.
 Tenho explicado as fruyras, & legumes,
 Que dão a Portugal muytos ciuões;
 Tenho recopilado
 O que o Brasil contem para invejado,
 E para preferir a toda a terra,
 Em si perfeytos quatro AA. encerra.
 Tem o primeyro A, nos arvoredos
 Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
 Tem o segundo A. nos ares puros,
 Na temperie agradaveis, & seguros;
 Tem o terceyro A. nas agoas frias,
 Que refrescam o peyto, & são sãdias,
 O quarto A. no açucar deleytoso,
 Que he do Mundo o regalo mais mimoso.
 São pois os quatro AA por singulares
 Arvoredos, Açucar, Agoas, Ares.
 Nesta Ilha està muy ledo, & muy vistoso
 Hum Engenho famoso,
 Que quando quis o fado antiguamente
 Era Rey dos engenhos preminente,
 E quando Hollanda perfida, & nociva
 O queimou, renasceu qual Fenix viva.
 Aqui se fabricaram tres Cappellas
 Ditosamente bellas,
 Hũa se esmera em fortaleza tanta,
 Que de abobada forte se levanta;
 Da Senhora das Neves se appellida,
 Renovando a piedade esclarecida,
 Quando em devoto sonho se vio posto
 O nevado candor no mez de Agosto.
 Outra Cappella vemos fabricada,
 A Xavier illustre dedicada,
 Que o Maldonado Paroco entendido
 Este edificio fes agradecido
 A Xavier, que foy em sacro alento
 Gloria da Igreja, do Japaõ portento.

Outra Cappella aqui se reconhece,
 Cuyo nome a engrandece,
 Pois se dedica à Conceyção sagrada
 Da Virgem pura sempre immaculada,
 Que foy por singular, & mais fermosa
 Sem manchas Lua, sem espinhos Rosa.
 Esta Ilha de Marè, ou de alegria,
 Que he termo da Bahia,
 Tem quasi tudo quanto o Brasil todo,
 Que de todo o Brasil he breve apodo;
 E se algum tempo Cytherea a achàra,
 Por esta sua Chypre despresàra,
 Porém tem com Maria verdadeyra
 Outra Venus melhor por padroeyra.





ROMANCES.

AO GOVERNADOR

ANTONIO LUIS GONSALVES DA
Camera Coutinho em agradecimento da carta,
que escreveu a Sua Magestade pela falta da
moeda do Brasil.

ROMANCE I.

Em E/druxulos.



ESCREVEIS ao Rey Monarquico
O mal do Estado Brasílico,
Que perdendo o vigor florido,
Se vê quasi paralytico.
Porém vós como Catholico
Imitando a Deus boníssimo,
Lhe dais a Piscina placida

Para seu remedio liquido.
De todo o corpo Republico
O dinheyro he nervo vivo,
E sem elle fica languido,
Fica todo debilissimo.

Em

Em vossos arbitrios optimos
 Sois tres vezes scientifico,
 Dictando o governo de Ethico,
 Económico, & Politico.
 Aos Engenhos dais anelitos,
 Que estando de empenhos tisticos,
 Tornam em amargo vomito
 O melmo açucar dulcissimo.
 Tambem da pobreza misera
 Attendeis ao estado humillimo,
 Assim como o rayo Delfico
 Não despreza o lugar infimo.
 Aos Mercadores da America
 Infundis de ouro os espiritos,
 Quando propondes o provido
 Com penna de ouro finissimo.
 Palma em Portugal attonico
 Todo o estadista fatyrico,
 E as mesmas censuras horridas
 Vos dão faceis Panegyricos.
 Se fallais verdade ao Principe,
 Não temais o Zoilo rigido,
 Que ao Sol da verdade lucida
 Não faz mal o vapor critico.
 O Brasil a vossos meritos,
 Como se fora Fatidico,
 Vos annuncia o sceptro maximo
 Sobre o Ganges, & mar Indico.
 Sois em vossas obras unico
 Para mayores, ou minimos,
 Sois na justiça integerrimo,
 Sois na limpeza clarissimo.
 Sois descendente do Camera,
 Aquelle Gonçalves inclyto,
 Que com delirio Astronomico
 Sugeytou golfos maritimos.
 Sois tambem Coutinho impavido,

Mas voffo couto justiffimo
 Não val a homicidas reprobos,
 Nem a delinquentes rispídos.
 Voffo filho primogenito
 Aprende de vòs folicito
 As virtudes para Bellico,
 As acções para Magnifico.
 Em feus annos inda lubricos
 Tem verdores prudentiffimos,
 He com gravidade lepido,
 He fem soberba illustriffimo.
 Vivey Senhor muytos feculos
 Entre applausos feliciffimos
 Onde nasce Apollo frevido,
 Onde morre Apolo frigido.



ROMANCE II.

*Abũã Dama, que tropeçando de noyte em hũa ladeyra,
 perdeu huma memoria do dedo.*

B Ella Turca de meus olhos,
 Cossaria de minha vida,
 Galè de meus pensamentos,
 Argel de esperanças minhas;
 Quem te fes tão rigorosa,
 Dize cruel rapariga?
 Deyxa os triunfos de ingrata,
 Busca os trofeos de bonita.
 Não te queyras pòr da parte
 De minha desdita esquiva:
 Que a bellefa he muyto alegre,
 Que he muyto triste a desdita.

Se oitentas tanto donayre
 Com fermosura tão linda,
 Segunda belleſa fôrmas
 Quando a primeyra fulminas.
 E ſe cahir na ladeyra
 Manhoſamen e fingias,
 Tudo era queda do garbo,
 Tudo em graça te cahia.
 Não tinha culpa o ſapato,
 Que o peſinho não podia,
 Como era couſa tão pouca,
 Com belleſa tão altiva.
 Botando o cabello atràs,
 (Oh que gala, oh que delicia!)
 A biſarria accreſcentas,
 Deſpreſando a biſarria.
 Toda de vermelho ornada,
 Toda de guerra veſtida
 Faſes do rigor adorno,
 Faſes da guerra alegria.
 A tantas chammas dos olhos
 Teu manto glorioſo ardia;
 Por ſinal que tinha a gloria,
 Por ſinal que o fumo tinha.
 Liberalmente o ſoltaste:
 Que era o teu manto, menina,
 Pouca ſombra a tanto Sol,
 Pouca noyte a tanto dia.
 Se de teu dedo a memoria
 Perdeſte, he bem que o ſintas;
 Que de meu largo tormento
 Tens a memoria perdida.
 Dar-te hey por melhores prendas,
 Que minha fê te dedica,
 Dous aneis de agoa em meus olhos,
 Que de chueyros te ſirva m.
 Agradece meus cuydados,

E recebe as prendas minhas;
Se tens da belleza a joya,
Os brincos de amor estima.
Se cordão de ouro pretendes
Por jaſtancia mais subida,
Aceyta a priſão de huma alma,
Que he cordão de mais valia.
A todos eſtes requebros
Naõ qujs attender Belifa,
Que ſe he Diamante em dureza,
Sò de diamantes ſe alinda.

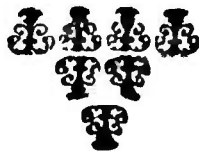


ROMANCE III.

Pintura de huma Dama conſerveyra.

NO doce officio Amariles
Doce amor cauſando em mim,
Seja a pintura de doces;
Doce avea corra aqui.
Capela de ovos ſe adverte
A cabeça em ſeu matiz,
Fios de ovos os ſeus fios,
Capela a cabeça vi.
A teſta, que docemente
Oſtenta brancuras mil,
Sendo manjar de Cupido,
Manjar branco aprefumi.
Os olhos, que ſão de luſes
Primogenitos gentis,
São dous morgados de amor,
Donde alimentos pedi.

Ferosamente a guilhenho
 (Ay que nelle me perdi!)
 Bem feyta lasca de alcorça
 Parece o branco naris.
 Maçapaõ rosado vejo
 Em seu rosto de carmim,
 Nas maçãs o maçapaõ,
 No rosto o rozado diz.
 Entre os seculos da bocca,
 (Purpurea inveja de Abril)
 Em conserva de mil gostos
 Partidas ginjas comi.
 Os brancos dentes, que exhalam
 Melhor cheyro que ambar gris,
 Parecem brancas pastilhas
 Em bolsinhas carmesins.
 Com torneados candores
 (Deyxemos velhos marfins)
 Toda feyta diagargante
 Vejo a garganta gentil.
 Os sempre candidos peytos,
 Que escondem leyte nutris,
 Se não são bolas de neve,
 São bolos de leyte sim.
 As mãos em palmas, & dedos,
 Se em bolos fallo, adverti,
 Entre dous bolos de açúcar
 Dês pedaços de alfenim.
 Perdoay, Fabio, dizia,
 Que no retrato, que fis,
 Fuy Poeta de agoa doce
 Quando no Pindo bebi.



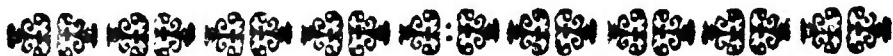


ROMANCE IV

Pintura dos olhos de huma Dama.

O S olhos dous de Belisa
 Em seu rosto amor compara,
 Seu rosto flores delis,
 Seus olhos pares de França.
 Com muy soberbos rigores,
 Com muy feras ameaças
 São dous valentões de luses,
 Dous espadaxins de graças.
 Lingoas de fogo parecem,
 Em que meu peyto se abraza;
 Lingoas são, pois fallam mudas,
 De fogo, pois vibram chammas.
 Dizem que o Ceo competindo
 Lhe deu, chegandolhe à cara,
 De luses dous beliscões,
 De estrellas duas punhadas.
 E desta briga fermosa,
 Bem que as luses da Muchacha
 Não ficaram desayrosas,
 Ficaram dalli rasgadas.
 Outros dizem que a menina
 Foy contra Amor tanto irada,
 Que arrancàra a Amor os olhos,
 Que os olhos de Amor roubàra.
 Mas se por força os não dera,
 Sempre sentira a desgraça;
 Pois quando a Muchacha vira,

Logo de amante cegàra.
 De forte que desta perda
 Como envergonhado estava,
 Quis adornar se hũa venda
 Por disfarçar hũa màgoa.
 E da qui vem que seus olhos,
 Que ao cego archeyro tomàra,
 Frechas despedem de amores,
 Prisões sollicitam de almas.
 Naõ se quèyxe o deus Cupido,
 Pois o imperio lhe dilata,
 Esgrimindo aquelles furtos,
 Fulminando aquellas armas.



ROMANCE V

Pintura de huma Dama namorada de hum Letrado.

QUaudo agora mais amante
 Vos vejo estar estudando
 Cuydados da Deusa Astrèa
 Nos ocios do Deus vendado;
 Pois amais hum Serafim,
 Donde achais como letrado,
 Que se acclama Peregrino
 Quanto fois Feliciano.
 O cabello, que por negro,
 E por lustroso comparo,
 He muyto Nigro nas cores,
 He muyto Febo nos ràyos.
 Tras nos olhos, & na testa
 Alvoroto, pois alcanço

Que

Que Alva se ostenta por branca,
 Que o roto tem por rasgados.
 Com Julio Claro parecem,
 Se estão peytos abrazando;
 Cada qual no ardor he Julio,
 Cada qual na lus he Claro.
 Seo gracioso rosto advirto,
 Se o bello naris retrato,
 He seu naris Fermosino,
 He seu rosto Graciano.
 Na boquinha falladora,
 Que muy rosada a declaro,
 He nas vozes Parladoro,
 He nas cores Rosentalio.
 A Mascardo, & Lambertino
 Na lingua, & nos dentes acho;
 He na lingua Lambertino,
 He nos seus dentes Mascardo.
 Tomasio, & Nata pondero,
 Se os peytos, & mãos comparo;
 Nos peytos de leyte a Nata,
 Nas mãos de avara a Tomasio.
 Leothardo o coração julgo
 Com rigores igualados;
 He nos rigores muy Leo,
 He nos favores muy tardo.
 Espino, & Salgado, amigo,
 Quero nella ponderarvos;
 He seu desdem todo Espino,
 Todo seu dito he Salgado.
 Em fim se quereis de Clori
 Os favores soberanos,
 Daylhe lições de Moneta,
 Tereis estudos de Amato.





ROMANCE VI.

A' fonte das lagrymas, que está na Cidade de Coimbra.

VErte prodiga húa penha
 Das durezas a pesar
 Serenidades de aljofar,
 Esperdiços de crystal.
 Esta penha carregada
 Em triste sombra se fas,
 Por perder de Ignês a lus,
 Por sentir de Ignês o mal.
 Dos dous amantes he pranto,
 Que em ser duro o Amor fatal,
 Entre durezas o guarda,
 Entre durezas o dà.
 Doce, & liberal a prata
 Fonte de amor se diz já,
 Que Amor se alimenta doce,
 Que Amor se indùs liberal.
 Sua a penha; mas que muyto,
 Se no adulto cabedal
 Quis pranto de ardor verter,
 Quis fogo de amor suar.
 O Deus Frecheyro se admira
 De ver que com pranto tal
 Verde lilongea o prado,
 Atmeno respira o ar.
 De sua fê retratava
 Abella Ignês singular
 A constancia no penhasco,

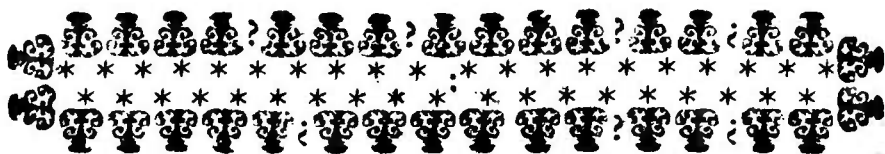
A pureza no crystal.
 Quando voa a turba alada,
 O vendado Deus rapàs
 Fas Cupidilhos das aves,
 Fòrma Chypre do lugar.
 Os limos no largo tanque
 Alli se vem pentear,
 Que a seus humidos cabellos
 Pentens de prata lhes dá.
 Alli Venus celebrada
 Das crystallinas Irmãs,
 Estima as Nynfas do tanque,
 Despresa as Nynfas do mar.
 Alli muytos chopos crescem
 Verdes, que verdes os fàs
 Aquella firme esperança
 Daquelle amor immortal.
 A hum tempo do vento, & d'agoa
 Sobe, & campa cada qual
 Tyfeu do vento frondolo,
 Narcisso d'agoa galan.
 Esta das lagrymas fonte
 Na douta Coimbra està,
 Que se he do saber escola,
 Diz que Pedro soube amar.



SEGUNDO
CORO
DAS
RIMAS
CASTELHANAS



EM VERSOS AMOROSOS
da mesma Anarda.



PROEMIO.

SONETO I.



O canto hazañas de Mavorte impio,
 Canto vitorias de Cupido ayrado,
 Quando en la guerra atroz de mi cuydado
 Cautivò dulcemente mi alvedrio.

A pesar de embidiofo desvario
 Pretende ser mi amor eternizado
 Por divina virtud de un bello agrado,
 Que reverente adora el pecho mio.
 Si en ansia ardiente al coraçon encalma

El fuego amante de un gentil sugeto,
 Corone el canto de mi amor la palma.
 Mi fuego pues con uno, y otro effeto
 Si dà con vivo mal ardor al alma,
 Dè con sabio favor luz al conceto.



Encarecimiento da fermosura de Anarda.

SONETO II.

Bello el clavel ostenta sus colores,
 Bella la Rosa en el jardin se admira,
 Bello el lilio fragante olor respira,
 Bello el jasmin se viste de candores.
 Bello el Abril produze alegres flores,
 Bello el Sol en la quarta esfera gyra,
 Bella la Fenis nace de su pyra,
 Bella la Luna esparse resplandores.
 Mas con Anarda dulcemente hermoza
 Nò puede hallarse en todo el suelo alguna
 Hermosura, que brille luminosa.
 Con su bellefa singular ninguna
 Bellefa tener pueden clavel, Rosa,
 Lilio, Jasmin, Abril, Sol, Fenis, Luna.

Differentes effextos de hum peyto amante, & rostro amado.

SONETO III.

Hermoso siempre, siempre atormentado,
 Tu rostro agrada, vive el pecho mio,
 Roba tu rostro el facil alvedrio,
 Siente mi pecho el infeliz cuydado.
 Tu rostro alegre de mi pecho amado,
 Mi pecho amante de tu rostro impio,
 Luze tu rostro en bello señorio,
 Arde mi pecho en fuego suspirado.
 Sufre penas mi pecho lastimoso,
 Ostenta resplandor tu rostro tierno,
 Con luz tu rostro, el pecho sin reposo!
 Viendo tu gracia pues mi mal eterno,
 Veo en tu rostro el parayzo hermoso,
 Veo en mi pecho el miserable infierno.

Naõ pòde amar outra Dama.

SONETO IV.

D El ave ilustre, que en primor lozano
De las otras se viò Reyna volante,
Beviendo rayo a rayo el Sol brillante,
Peynando buelo a buelo el ayre vano.
Sus alas, si las junta alguna mano,
Confumen qualquier ala en lo arrogante:
Que aun el odio en las aves es constante,
Que aun aprenden el mal del ser humano.
Assi pues en mi amor, que en bellas galas
Es Aguila mejor de lusimientos,
Si Anarda con tus ojos le regalas,
Confumen, si las juntan mis intentos,
Como reales alas otras alas,
Mis pensamientos otros pensamientos.

Encarecimento do rigor de Anarda.

SONETO V

N O' es tan contrario el ocio del cuydado,
Del vicio deiscortèz el cavallero,
Del vassallo fiel el lisongero,
Del discreto saber el rico estado,
Del Monarca perfeto el rostro ayrado,
Del noble coraçon el odio fiero,
Del engañoso vil el verdadero,
La dicha alegre del hermoso agrado:
Nò es tan contraria, nò, la hypocrisia
De la virtud desnuda, y del sossiego,
Con sangriento rigor la guerra impia;
Nò es tan contrario, no del agua el fuego,
El bien del mal, y de la noche el dia,
Como se oppone Anarda al niño ciego.]

Que o amor ha de ser pouco favorecido.

SONETO VI.

QUando a caso se enciende el fuego ardiente,
 Las coleras de llamas vomitando,
 Si aura poca respira un soplo blando,
 Le fomenta las llamas blandamente.
 De suerte que se aviva más luziente
 En sus llamas hermosas; pero quando
 Aura mucha está soplos respirando,
 Mata sus llamas, y su ardor desmiente.
 Pues así, si el Amor con fuerça impia
 A viva llamas, quando aun pecho trata,
 Con la misma occasion su ardor se enfria;
 De fuerte que a su llama, ò dulce Ingrata,
 El aura poca de favor le cria,
 El aura mucha de favor le mata.

Estudo amoroso.

SONETO VII.

DICHOSAMENTE soy docto estudiante
 En la universidad de tu belleça;
 Aprendiendo preceos de, tristessa,
 Aprendiendo tambien leyes de amante.
 La justicia es amar tu Sol brillante
 Con infalibles reglas de finesa,
 Defendiendo altamente la firmessa,
 Negando sabiamente lo inconstante.
 Es Aula el coraçon en mis passiones,
 Dò se explican del llanto los despojos,
 Son los olvidos falsas opiniones:
 Y decorando facil tus enojos,
 Lecciones de morir son las lecciones,
 El Maestro el Amor, libros tus ojos.

Que

Que seu Amor se vé perdido nos olhos , & coração de Anarda.

SONETO VIII.

LA vista de tus ojos brilladores
El alma, Anarda esquivá, considera
Del fuego abrazador mejor esfera,
Dos hermosos Epitomes de ardores.
Tu corazón, Anarda, en los rigores,
Que a un pecho amante esquivamente altera,
Todo yelo en desdenes se pondera,
Todo nieve se copia en desfavores.
En graves penas, en tristezas summas
Ningun sosiego de mi amor acclamas,
Porque con dós motivos le consumas;
Pues bolando mi amor quando le inflammas,
Tu vista abraza sus incautas plumas,
Yela tu corazón sus dulces llamas.

Que não florece o Amor com o logro.

SONETO IX.

EL cedro incorruptible, que eminente
A puesta eternidades con los años,
Formando al Cielo de altivez engaños,
Si nunca logra el fruto, es floreciente.
Pero si el fruto logra dulcemente
Para dar a los logros de engaños,
Con los esquivos, si fecundos daños
Nunca galan de flores se consiente.
El amor a los años incorrupto
Nò ha de lograr lo bello, que se ofrece,
Aun que lo jusgue amor dulce tributo,
Al fruto de lo hermoso, que appetitece;
Si florece el Amor, nò logra el fruto,
Si el Amor logra el fruto, no florece:

Que

Que a fermosura não há de ser amante para ser amada.

SONETO X.

EL Platano, que explica delicioso
 Las verdes hojas de su libro ameno,
 Si es del Invierno humidamente lleno,
 Recoge el bello Sol en seno umbroso.
 Pero quando el Estio caluroso
 Llamas vomita con ardor fereno,
 Condensa umbrosamente el blando seno,
 Resiste dulcemente al Sol hermoso.
 Qual Platano tambien un pecho recoge
 El Sol de la hermosura, que le assiste,
 Si coge ardores, si tibiezas coge:
 Pues con alegre bien, con pena triste
 En desdenoso Invierno lo recoge,
 En amoroso Estio le resiste.

Anarda vendo-se a hum espelho.

SONETO XI.

ANarda en un espejo semirava,
 Que luzido dos vezes se applaudia,
 Por el crystal hermoso que fingia,
 Por el crystal más bello que copiava.
 Y Como tan al vivo retratava
 De su rara belleza la harmonia,
 Con su rostro el espejo se encendia,
 Con su rostro el espejo se ignorava.
 Dixele entonces: Dulce Anarda hermosa,
 De tus detenes con rason me queixo,
 Si eres con tu belleza rigurosa.
 Dezengeños agora le aconseio:
 Que si es más que esse espejo luminosa,
 Es Anarda más fragil que esse espejo.

Que

Que não pôde o Amor abraçar a Anarda.

SONETO XII.

EL diamante que en fondo luminoso
 Entre piedras de precios excelentes,
 Si las otras seven Astros luzientes,
 El brilla de las otras Sol hermoso.
 Si le assiste el veneno riguroso,
 Vibra el diamante fuerças tan vehementes,
 Que impide las ponçoñas mas valientes,
 Que reziste al rigor màs venenoso.
 Assi pues la belleza esquiva, y pura
 De Anarda hermosa el mismo effeto acclama,
 Quando con ella Amor su llama a pura.
 Pierde su fuerça pues, y no la inflamma,
 Siendo diamante, la bellefa dura,
 Siendo veneno, la amorosa llama.

Que até quando dorme não deyxá de chorar.

SONETO XIII.

QUando amorosas penas atheforo
 En hermoso de incendios dulce encanto,
 Con mil endechas lloro lo que canto,
 Con mil lagrymas canto lo que lloro.
 Prende el sueño mis penas, y nõ ignoro
 Que me embarga las ansias de mi llanto,
 Quiçà porque en mi fê no llore tanto,
 Que pueda faltar llanto en lo que adoro.
 Mas quando al sueño llama dulcemente
 Nõ tiene Amor las lagrymas en calma,
 Porque dentro del alma las consiente:
 Que en ella viendo Amor su dulce palma,
 Si dexa de llorar hàzia la frente,
 Quiere llorar entonces hàzia el alma.

Q

La

Lagrymas de Anarda por occasiã de seus desden.

SONETO XIV.

QUando fulmina borrasco el Cielo
 Lluviosas armas del Deziembre impio,
 Flechando al pecho con agudo frio,
 Cerrando el dia con nublado velo;
 Quando embarga con candido desvelo
 El yelo prisionero en pobre rio,
 Como la perla del gentil rocio
 Nace el crystal del embargado yelo.
 Ansi tambien Anarda, quando tienes
 El pecho esquivo al amoroso encanto,
 Es fuerza que el crystal del llanto ordenes;
 Pues con la misma accion, que imitas tanto,
 Si tu pecho es un yelo de desdenes,
 Del yelo del desden nace tu llanto.

Verifica algunas fabulas em seu amor.

SONETO XV.

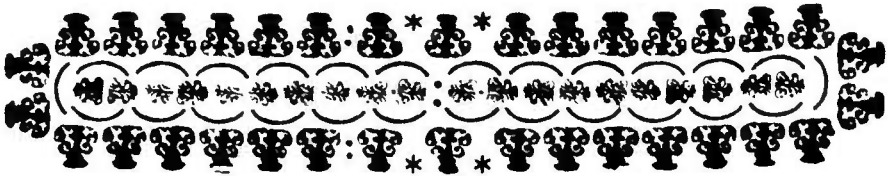
NO es fabulosa, nõ la angustia viva,
 Que padece ligado el Prometheo,
 Pues el Aguila illustre de un desseo
 Roye mi pecho en la prision altiva;
 No es fabuloso, nõ, que en la nociva
 Sombra infernal cantasse el sacro Orfeo,
 Pues en infierno de amoroso empleo
 Canto con rude plectro pena esquivã.
 No es fabuloso de Faeton osado
 El intento del Sol mal conseguido,
 Ni de Isis el desvelo enamorado:
 Que està mi pensamiento, y mi sentido
 Al rayo de un rigor precipitado,
 Al laço de un affecto suspendido.

Amor namorado de Anarda.

SONETO XVI.

Cansado el ciego Dios de herir flechero
Las nobles almas con incendio hermoso,
Quiso buscar sossegos de gusto
Quien motiva cuydados de severo.
Viendo de Anarda el rostro lisongero,
Pensò que Venus era, y delicioso
Gustando en ella halagos de un reposo,
Provò lo dulce, reprovò lo fiero.
Pero despues sabiendo(en lo arrogante)
Que Anarda nò era Venus, inflamado
Amò de Anarda la beldad triunfante;
De suerte que en assombros del cuydado
El propio Amor se viò de Anarda amante;
El propio Amor se viò de amor flechado.





CANCOENS.

SOLICITA A ANARDA PARA hum campo.

CANC, A M I.



EN Anarda brillante,
Daràs luzes al dia,
Quitaràs la tiniebla al alma mia;
Daràs al mismo instante
Con tus plantas, y rayos
Alientos al vergel, al Sol desmayos.

II.

Ven al prado, y si alcança

Piedades el morirme,
Mira el verde laurel, el roble firme;
Puès dirà mi esperança,
Puès dirà mi amor noble:
Mi esperança es laurel, mi amor es roble.

III.

Veràs que el Tajo apura
Oro, y plata canora,
El jasmin, y el clavel, que alienta Flora,
Porque de tu hermosura
Retraten el theforo
El clavel, el jasmin, la plata, el oro.

IV.

Si fiera te pregona,
Como hermosa, mi vida,
Este jardin, y bosque te combida,
Pues para tu corona,
Y para el mal, que alteras,
Flores brota el jardin, el bosque fieras.

V

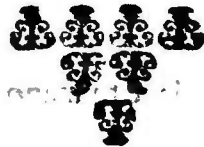
Ven en fin, que si vienes,
Enacentos suaves
Essos floridos coros de las aves
Te daràn parabienes,
Pues si vienes aora,
Veran tus ojos Sol, tu rostro Aurora.

VI

Ven pues al bosque, y quando
Vinieres fatigada,
Aqui te ofrecen, ò Ponçoña amada,
El rio crystal blando,
El viento auras gustosas,
Los olmos pavellon, lecho las rosas.

VII.

Ven en fin, que la fuente
(Si callo lo que lloro,
Si me encubro la fè, con que te adoro)
Por candida, y corriente
Te dirà con su canto
La fè de un pecho, de un amor el llanto
Cancion, nunca de Anarda
Ablando la hermosura,
Que nõ soy dulce Orfeo de Anarda dura.



Anarda fingiendo ciumes.

CANC, A M II.

I.

A Narda, si otros ojos
 Me dan de sa sofiiego,
 Para caufarte enojos |
 Vibren tus ojos luego,
 No rayos de esplendor, rayos de fuego.

II.

Si otro rostro me alienta
 Amorosos dolores;
 En tu rostro, que aumenta
 Como Aspid, los rigores,
 Coja venenos yo, buscando flores.

III.

Si otra bocca me apura
 Ostentaciones finas;
 Porque castigues dura
 Lo propio, que imaginas,
 De tu bocca en las rosas halle espinas.

IV

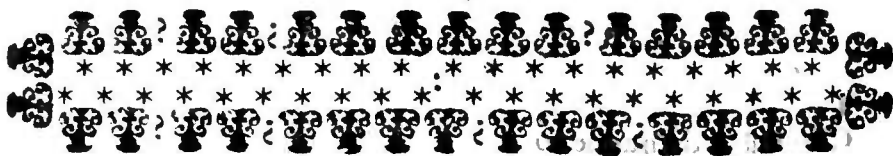
Si por mi corta suerte
 Otro cabello adoro;
 Rompa la Parca fuerte
 Quando el tuyo enamoro,
 Los hilos de mi vida en hilos de oro.

V

Si otra mano venero
 Con amor soberano,
 Quando tu mano quiero;
 Sea a mi ardor ufano
 Como nieve en candor nieve tu mano.

En fin si a lo penoso
De otro amor me condeno;
Tu Cielo luminoso
Con nubes de iras lleno
Turbio lo vea yo, nunca sereno.
Cancion, si Anarda tiene
El alma, que amor cria,
Sepalo su rigor del alma mia.





MADRIGAES

DESENGANO DA FERMO- fura de Anarda.

MADRIG. I.



NARDA tus engaños
 Nò dexen marchitar tan verdes años,
 Adviertan tus locuras
 Que el tiempo es fiero Estio de hermosuras,
 Y a ti misma en ti misma iràs buscarte,
 Ya ti misma en ti misma no has de hallarte.

Anarda negando certo favor.

MADRIG. II.

Culpòme por agravios
 (Por querer ser Abeja de sus labios):
 Anarda esquivava, y luego
 Hurtandole un clavel mi dulce fuego,
 Le dixè: Dueño hermoso,
 Aunque nò quieras tu, serè dichoso,
 Besando del clavel porcion tan poca,
 Pues si beso el clavel, beso tu bocca.

Anarda

Anarda vista, & amada.

MADRIG. III.

Quando las luses de tus ojos veo,
Se enciende mi deseo,
El coraçon se inflamma
De fuerte pues, que en la amorosa llama,
Las que en tus ojos son luses vivientes,
Son en mi coraçon llamas ardientes.

Amante secreto.

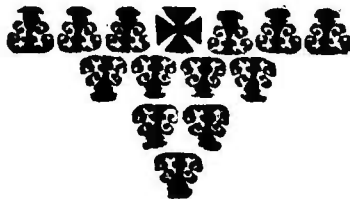
MADRIG. IV.

Coraçon arde, y vea
El amor los silencios, satisfecho
De tus cenizas sea
(En cenizas deshecho)
Sepulcro interno tu callado pecho.

Musica, & cruel.

MADRIG. V.

Con lisongera voz mi Bien cantava,
Ya las piedras quitava
De su naturaleza
(Que dando a su voz tiernas) la dureza;
Pero quando se muestra tan impia,
Lo que a piedras quitava, en si ponía.



Amor declarado pelos olhos.

MADRIG. VI.

QUando inflamma escondido
 El fuego en sus ardores repetido,
 Sube la llama, y luego
 Por los balcones se publica el fuego:
 Si mi fuego me inflamma,
 Sube a los ojos la amorosa llama,
 Y si a los ojos, qual balcon, se applica,
 Mi fuego muestra, y mi passion publica.

Anarda borrrifando outras Damas com agoas cheyrosas.

MADRIG. VII.

VIerte la blanca Aurora
 Quando en los campos dulcemente llora
 Sobre las flores bellas
 El rocío, que sudan las estrellas:
 Assi pues rocia Anarda con olores,
 Siendo Anarda la Aurora, ellas las flores.

Rigor, & fermosura.

MADRIG. VIII.

SIntiendo tus rigores
 Al coraçon mal tratan mil dolores;
 Viendo tus luzes puras,
 A los ojos recrean mil dulçuras;
 Causa pues tu bellefa en los enojos
 Tormento al coraçon, gloria a los ojos.

Amor

Amor medroso.

MADRIG. IX.

Quiero explicar mi daño
En lo amargo dolor de un dulce engaño:
Mas, quando Anarda veo,
Porque ve tanta luz, tiembla el deseo;
De fuerte que variando el dulce fuego,
Temblor halla, quando al Sol me llevo.

Anarda vendo-se a hum espelho:

MADRIG. X.

UN espejo a mi Dueño retratava,
Y ella se enamorava
De su propia belleza;
De fuerte que en affombros de finesa
Estraños zelos a mi amor apura
Con su propia hermosura su hermosura.

Ao mesmo.

MADRIG. XI.

SI el espejo retrata
De tu rara hermosura la altiveza,
Defengañarte trata,
Queriendo alli que mire tu esquivesa
Que es sombra tu belleza.

Etna amoroso.

MADRIG. XII.

SI Cupido me inflamma,
Si desdeñas mi empleo,
En amorosa llama,
En nieve desdeñosa el Etna veo,
Con amor, y tibieta
Tenemos su firmeza,
Y en dissonancia breve
Suspiro fuego yo, tu brotas nieve.

Ays repetidos.

MADRIG. XIII.

SI suspiros aliento,
 No son blandos alivios del tormento,
 Vientos si, que en dolores
 Blandamente respiran mis amores,
 Porque a viven al pecho, que se inflamma
 Del fuego amante, la perpetua llama.

Doença amorosa.

MADRIG. XIV.

EN un penoso lecho
 Enfermo vive el pecho;
 Los pulsos alterados
 Son los varios cuydados,
 La cura es la beldad, que amante veo,
 La dolencia el Amor, fiebre el deseo.

Jardim amoroso.

MADRIG. XV

ES mi llama dichosa
 Como purpurea rosa;
 Es planta la firmeza
 De amorosa terneta;
 Por dulce, no por grave
 Es el suspiro Zefyro suave;
 Quando más se adora,
 Es mi amor jardinero, Anarda Flora.

Guerra amorosa.

MADRIG. XVI.

SI mi pecho arrogante
Quiere el Reyno feliz de la hermosura,
La valentia apura
De una firmeza amante;
Arma fuertes dolores por soldados,
Son los finos cuydados
Las armas, con que cierra,
Enemigo el desden, Amor la guerra.

Anarda vestida de azul.

MADRIG. XVII.

LO azul mi bien vestia,
Como quien a los ojos publicava
Que quien Cielo se via,
Como Cielo se ornavá;
Pero dando lo azul zelosa pena,
Al infierno de zelos me condena,
De suerte que lo azul a mi amor tierno
En ella fue de Cielo, en mi de infierno.

Retrato amoroso.

MADRIG. XVIII.

AMoroso retrato
Quiero ofrecer de Anarda al rostro ingrato,
Sombras son mis tormentos,
Varios colores son mis pensamientos,
Es pintor amoroso
El Amor ingeniozo,
Y en gloria satisfecha
Es lienço el coraçon, pincel la flecha.



DECIMAS.

Anarda cruel, & fermosa.

DECIMA I.

QUando el desden luminoso
 De Anarda bella pondero,
 E namora con lo fiero,
 Y maltrata con lo hermoso:
 De suerte que en lo amoroso
 De mal pagada firmesa,
 Porque logre mi tristesa
 Entre gloriosa ventura,
 Hizo fiero la hermosura,
 Hizo hermosa la fiereza.

II.

Blanca la frente se aviva,
 El pecho duro se estrena;
 Este motiva la pena,
 Aquella gloria motiva:
 Y en esta congoxa viva,
 En esta gloria alcançada
 Nevada sierra es llamada,
 Si lo blanco, y duro encierra,
 Siendo por lo duro fiereza,
 Y por lo blanco nevada.

III.

Ya su coraçon embeve,
 Ya debuxan sus verdores,
 Estes pinturas de flores,
 A quel tibiezas de nieve:
 Quando pues mi amor se atreve
 De su hermosura a lo tierno,
 De su rigor a lo eterno,
 Al mismo tiempo pondera
 Que es su rostro Primavera,
 Que es su coraçon Invierno,

Coraes de Anarda.

DECIMA I.

E Sse coral venturoso,
 Que para affeos de un laço
 Pudo llegar a tu braço,
 Siendo por necio dichofo;
 Oh como brilla glorioso,
 Abonando su fineta,
 Con tu divina belleza!
 Pues ya deve su valor
 A tu bocca la color,
 A tu pecho la dureza.

Anel de ouro de Anarda.

DECIMA I.

A Dorno de oro loçano
 Mano esquiva aprisionò,
 Y no es poço, pues se viò
 Prisionera aquella mano:
 Pero en lustre soberano
 El oro en la mano ingrata
 Tan bellamente la trata,
 Que le jusgo aquel theoro
 Breve Zodiaco de oro
 En breve ciclo de plata.

Sono invocado.

DECIMA I.

B Uela sueño delicioso,
 A darme un ocio furtivo,
 Si algun descanso en lo esquivo
 Puede admittir lo amoroso;
 Prende los ojos piadoso,
 Que si los prendes, se advierte
 Por justiciera tu suerte,
 Que (Amor teniendo la palma)
 Traycion hizieron al alma,
 Cauſa dieron a mi muerte.

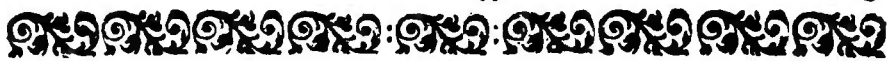
Ceo no roſto de Anarda considerado.

DECIMA I.

U N Cielo a ſu roſtro veo
 Entre eſplendores amados:
 Dos breves negros nublados
 Son de ſus cejas aſſeo;
 Es enparecido empleo
 Alva la candida frente,
 Ojos Aſtros, Sol luziente
 El cabello ſe confia,
 Es la nariz lactea via,
 La bocca puertas de Oriente.

M O T E.

M Uriendo eſtoy de una auzencia,
 Y ſi bien muriendo eſtoy,
 No me mata lo que paſſo,
 Mata-me lo que paſò.



G L O S A.

DECIMA. I.

Quando Anarda, en lo arrogante
 De una auzencia me apercibo,
 Aun tiempo me muero, y vivo
 De lo ausente, y de lo amante.
 Vida del alma constante
 Es de un amor la vehemencia;
 Que es su propia inteligencia;
 De fuerte que en mi dolor
 Viviendo estoy de un amor,
 Muriendo estoy de una auzencia.

II.

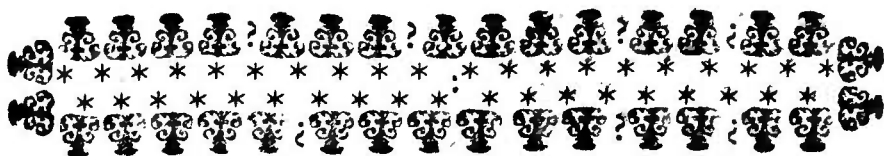
E nesta auzencia, que veo,
 Afino mi pensamiento,
 Lo que es gloria, es mi tormento,
 Lo que es pena, es mi deseo;
 Vivo con penoso empleo,
 Y en la gloria muerto foy,
 Si algun bien al alma doy:
 De fuerte, que en lo que emprendo,
 Si estoy mal, estoy viviendo,
 Y si bien, muriendo estoy.

III.

Solo mi amor hà sentido
 Desta auzencia lo tyranno,
 Que se junta como hermano
 Con una auzencia un olvido;
 Y semide mi sentido
 De mi pensamiento al mi plaço
 El olvido, al mismo passo,
 Aunque sufro un mal intenso,
 Mata-me si lo que pienso,
 No me mata lo que passo.

Si muchas vezes pondero
Lo que en tu vista he logrado,
Es verdugo del cuydado,
Si antes fue blando, es ya fiero;
De fuerte que confidero
Que quando el bien se logrò,
Vida, y muerte ocasionò,
Pues en quexa padecida
Lo que passò me diò vida,
Mata-me lo que passò.





ROMANCES.

RIGORES DE ANARDA reprehendidos com semelhantes proprias.

ROMANCE I.



ANARDA en agrado esquivol!

Anarda en bella esencion

Eres Diosa, siendofiera,

Eres Aspid, siendo flor.

Si eres jardin de hermosura,

Ve del jardin la fazon,

Que es ya florida lisonja,

Si era desnudo rigor.

Si eres fuente en tus crytales,

Vè la fuente, que al favor

Es ya corriente de plata,

Si era de nieve prision.

Si eres rosa, ve la rosa,

Que en liberal presuncion

Communica roxo agrado,

Presta oloroso vapor.

Si eres Cielo, imita al Cielo,

Que en caderno brillador

Es ya de luzes papel,

Si fuè de nieblas borron.

Sij

Si

Si eres estrella, a lo menos
 Las brota obscura occasion,
 Siendo al campo de C,afir
 Açucenas de esplendor.
 Si eres Aurora, la Aurora
 Mostrò siempre, y siempre diò
 Al Orbe purpurea frente,
 Al vergel candido humor.
 Si eres Sol, al Sol advierte,
 Que nõ siempre lo encubriò
 Rigorosa densidad,
 Descartez exhalacion.
 Si eres Deidad, las Deidades
 Ostentan piadosa accion,
 Nò forman un Dios las aras,
 Los ruegos hazen un Dios.
 En fin, si eres bella Anarda,
 Vè que parece mejor
 Con aura blanda un jardin,
 Con sereno dia el Sol.



Bocca de Anarda.

ROMANCE II.

A Brevia, Anarda, tu bocca
 En el callar, y reir,
 Toda Fenicia a su grana,
 A su plata el Potosi.
 Quando veo en dulces voces
 Tu roxo clavel abrir,
 En los ayres todo es ambar,
 Todo en sus labios carmin.
 Prodigiosamente juntos
 En ella quieren vivir,

Mucho

Mucho Enero en poca nieve,
En poca flor mucho Abril.
Las perlas cria la bocca,
Y nõ es mucho presumir
Que ellos son granos de perlas,
Que ella concha de rubì.
Quando tus labios se abrochan,
Attento los adverti
Dos cortinas de escarlata
Para un lecho de marfil.
Jusgo en fin que el Cielo mismo
Te diò por embidias mil
Una herida de clavel
Con un golpe de alhelì.



Anarda banhando-se.

ROMANCE III.

POr la tarde calurosa
Anarda vino a banhar-se,
Que esto de echarse a las aguas
Es muy del Sol por la tarde.
Desnudò-se, y viò-se ornada,
Porque es en mejor alarde
Rico adorno una hermosura,
Hermosa gala un donayre.
A un tiempo humilde, y sobervio
Queda el crystal del estanque,
Humilde, por exceder-se,
Sobervio, por ocupar-se;
De suerte, que al mismo punto
Se notava al blanco examen
Crystal con crystal vencer-se,
Plata con plata lavar-se.

Las aguas pues, y los ojos
 Parecieron al juntarse,
 Las aguas blancas vidrieras,
 Los ojos Soles brillantes.
 Quando las aguas se mueven,
 Parece alli que se applauden,
 Formando liquidas voces,
 Haziendo candidos bayles.
 Entre el agua, y entre espuma
 Por competencias iguales
 Angel del agua parece,
 Venus de la espuma nace.
 Amor confuso se admira
 De ver que no se desaten
 En cenizas las espumas,
 En incendios los crystals.
 Qual Cynthia nõ me diò muerte,
 Porque con màs pena acabe
 A las manos de un defeo,
 A los golpes de un ultraje.
 Que pecho librar se puede
 De amor, si las aguas se hazen,
 Siendo a las llamas oppuestas,
 De los incendios capaces?



Anarda colhendo flores.

ROMANCE IV.

DE un jardin despoja Anarda,
 Bien que robado, feliz,
 Las caricias del Aurora,
 Las alhajas del Abril.
 Aunque las coge, nõ menguan,
 Pues con donayre gentil
 Quantas coge allila mano,
 Tantas el pie cria alli.

Las que coge, y las que dexa
En el florido pensil,
Unas morir de corridas,
Otras de embidiosas vi.
Mil flores rinde a sus manos,
Y entonces vieras rendir,
Màs que a sus manos mil flores,
A sus ojos almas mil.
Con su roxa, y blanca frente
Dichosamente adverti
Que nõ era la rosa rosa,
Que nõ era el jafmin jafmin.
Todo a su mano quisiera
Morir, si pudiesse ansí
En ella relucitar,
Y segunda vez morir.
Yo que via estar cogiendo
El animado marfil
Las flores ya venturofas,
Esto le pude dizir:
Anarda, a tus luses
Es accion civil,
Que lo que le diste,
Quites al jardin.
Dezengaños oye
A tu presumir
De olorosa nieve,
De ambar carmesi



Anarda discreta, & fermosa.

ROMANCE V.

Qual es màs, el Orbe duda,
(Anarda entendida, y bella)

Si tu gallarda hermosura,
 Si tu discrecion perfeta.
 O como con dos assombros
 Animas dos gentilezas!
 Una, que a tu ingenio adorna,
 Otra, que a tu rostro assea.
 En tu copia de milagros
 Se engañò naturaleza,
 Pues, quando te hizo entendida,
 Quiçà pensò que eras fea.
 Pero nõ, porque era justo
 Que en sympathya de prendas,
 Haziendo hermosa la concha,
 Hizieffe hermosa la perla.
 Quando en ti solo abraçadas
 Estas venturas se muestran,
 Es amistad lo que es odio,
 Paz se logra lo que es guerra.
 Con mucha razon se casa,
 Quando igualdades ostentan,
 Tan hidalgo entendimiento
 Con tan hidalgo belleza.
 Tu discrecion, y hermosura,
 Si el alma advierte, pondera
 Ser la discrecion hermosa,
 Ser la hermosura discreta.
 En tu voz dulces panales
 Labrando estàs como a beja,
 Ya con partido clavel,
 Ya con menuda açucena.
 Estos peligros nõ evita
 La voluntad màs esenta,
 Porque si de aquel escapa,
 Despues en este tropieça.





Anarda penteando-se.

ROMANCE VI.

SUlcando Anarda fús luzes,
 La mão entonces parece
 En brillantes ondas de oro
 Pequeno baxel de nieve.
 Peyne de marfil applica,
 Mas dudarà quien la viere,
 Si se peyna los cabellos
 Con la mano, o con el peyne.
 Quien puede temer borrafcas
 En ondas de oro, quien puede?
 Pues turbias se temen nunca,
 Lufidas se logran siempre.
 Si entre las flores hermosas
 Se hallan fierpes, bien se infiere
 Que es su rostro hermosas flores,
 Sus cabellos rubias fierpes.
 El Sol, y el Alva aquel dia
 Sin fer mañana apparecen,
 Sol el cabello se esparce,
 Alva la mano se offrece.
 Es tan luziente en sus r ayos
 El cabello, que bien puede,
 Si faltare el Sol al dia,
 Ser substituto luziente.
 Defatado por el cuello
 Contrarios effeios tiene,
 Pues quando màs fuelto al ayre,
 Entonces màs almas prende.
 Dixe en fin que Amor echava,

T

Para

Para que las almas pesque,
 En dulce mar de jazmines
 Dorados hitos de redes.



Anarda fuyendo.

ROMANCE VII.

A Narda corres en vano,
 Que quando el alma me llevas,
 Aunque bueles, no te apartas,
 Aunque corras no me dexas.

Mis males, y quexas oye;
 Mas nõ, que si oyes mis penas,
 Ya dexaràn de ser males,
 Ya dexaràn de ser quexas.

Y si solo por matarme,
 Dulce enemiga, te alexas,
 Espera, no te apresures,
 Que me mataràs, si esperas.

Oye la peña mis voces,
 Para-se el Tigre con ellas;
 Para, Anarda, si eres tigre,
 Oye Anarda, si eres peña.

Mira estas blandas corrientes
 De llanto, que Amor las echa
 Para aprisionar tu planta,
 Para estorvar tu carrera.

O si la Diosa de Chypre
 Dorados pomos me diera,
 Para ver si pies de plata
 Con pomos de oro se enfrenan.

No por mi quiero que escuches,
 Sinò por ver que en las yervas

Fatigas tu cuerpo hermoso,
 Offendes tu plantas tiernas.
 Si aora te convertieffes
 Sacro laurel, ya tuviera
 El verdor en mi esperança,
 La corona en mi firmeza.
 Lo tierno destas razones
 No escuchas, Anarda bella,
 Que Aspid eres, quando forda,
 Que Aspid eres, quando fiera.



Pensamiento activo em o amor de Anarda.

ROMANCE VIII.

T Emerario pensamiento,
 Buelve acà, nò bueles nò,
 Vè que son cera tus alas,
 Mira que buelas al Sol.
 Si qual Icaro despliegas
 Tu buelo, temiendo estoy
 En el rio de mi llanto
 El sepulcro de tu error.
 Si al Cie o subes, el Roble
 Te defengaña el valor,
 Que si era Tyfeo de ramos,
 Es ya del rayo Faeton.
 Si un mar de belleza fulcas,
 La nave, que el mar fulcò,
 Es ya naufrago escarmiento,
 Si era leño bolador.
 Si al Sol te offresces, advierte
 De un clavel la defazon,
 Que es ya despojo de llamas,

Si era purpura de olor.
 Si un duro castillo assaltas,
 Mira que aora se armò
 Los cañones de impiedad
 Contra las flechas de Amor.
 Si buscas el Vellocino
 Del cabello brillador,
 Vè que le guardan fieresas,
 Mira que no eres lason.
 Abate en fin la ofadia,
 No quieras dos muertes oy,
 Una muerte al de fengañò,
 Otra muerte al disfavor.



Anarda sabindo a hum jardum.

ROMANCE IX.

AL prado muy de mañana
 Anarda sale aun jardin,
 Que es esty'o del Aurora
 Muy de mañana salir.
 Ya por Reyna de las flores
 (Perdone la Rosa aqui)
 La aclama el vulgo frondoso,
 La jura el noble pensil.
 Si bien quando purpurea
 De tanta rosa el rubi,
 Màs gentil color recibe
 Desta Venus màs gentil.
 Viendola el roxo clavel,
 Viendala el blanco alheli,
 Era desmayo el candor,
 Era verguença el carmin.

Nacen mil flores, y quando
 Vieron tanta nieve alli,
 Recelaron por Deziembre
 Lo que logran por Abril.
 Doblan sus ramos las plantas,
 Y en lifongero servir
 No es natural fuerça, nõ,
 Es cortez respeto si.
 Quando parlava un arroyo,
 Eran lenguas de agua al fin,
 Que le celebran lo hermoso,
 Que se applauden lo feliz.
 Ausentò-se Anarda, y como
 El Sol se ausenta, adverti
 El jardin sin florecer,
 La mañana sin luzir.



Anarda cantando à viola.

ROMANCE X.

PUlsa Anarda aun tiempo, y fòrma
 Con una, y con otra accion
 Leño harmonioso su mano,
 Canoro nectar su voz.
 Era la musica entonces
 Dulcissima igual prision
 De las almas, que conduxo,
 De los vientos que enfrenò.
 Todo el coraçon se rinde
 A tan suave favor,
 Que contra su voz Sirena
 No ay Ulysses coraçon.

Parece

Parece alli que escondido
 Canta en ella un ruiñeñor
 Al Aurora de su frente,
 De sus cabellos al Sol.

Llama al oido, y la vista
 Con dobles glorias, que uniò,
 El oido a su conuento,
 Y la vista a su esplendor.

Con dos agrados del alma
 Dos vezes Cielo se viò,
 Cielo en placida harmonia,
 Cielo en bella ostentacion.

En dos claveles parleros
 Su musica pareciò
 Corriente de mil dulçuras
 Por senda de flores dos.
 Hiere en fin los coraçones,
 Pues para la herida son
 Flechas de Amor los acentos,
 La Lyra aljava de Amor.



Anarda ferindo lume.

ROMANCE XI.

EN un pedernal Anarda
 El fuego folicitò,
 Como pide al pedernal
 Lo que pudiera a mi amor?
 De la piedra saca el fuego:
 Que es costumbre del ardor
 Sacar fuego una bellefa
 Quando es piedra un coraçon.

La

La piedra hiriendo, y las almas
 Las heridas confundió,
 Pues ambas de Anarda viven,
 Pues ambas de fuego son.

Quando mueren las centellas,
 Estrellas las juzgo yo,
 Que allí caduca su luz,
 Porque allí brillava el Sol.

Sinò es ya, que en tanta nieve
 De su florido candor
 Desmayò cada centella
 Quando tanta nieve viò.

Cada centella una dicha
 De Amor juzga mi passion,
 Quando hermosa se produjo,
 Quando breve se extinguiò.

Sale el fuego, y quando sale
 El vomito abrazador,
 No es de la piedra virtud,
 Es de sus ojos accion.

Hizo en fin la lumbre, y luego
 La compara el niño Dios
 Con la lumbre en su luzir,
 Con la piedra en su rigor.



Morre queyosofo.

ROMANCE XII.

EN acentos lastimosos
 Mi coraçon se acredite,
 Si en dulce amor salamandra,
 En muerte queyoza Cysne.
 De Anarda se quexe el alma,

Qué

Que en bello rigor admitte
 Las espinas en sus rosas,
 Las sierpes en sus jasmínes.
 Dueño ingrato, advierte aora
 Que quando a mi pecho asistes,
 Que te offendes, si le offendes,
 Que te affliges, si le affliges.
 Con los ojos, con el alma
 Te transformas, te apercibes,
 Por Basilisco, por aspid,
 Quando matas, quando finges.
 Con los robles, con los olmos
 Competimos, fiera Circe,
 Tu con estos, por mudable,
 Yo con aquellos, por firme.
 Ya las fuentes, ya los prados
 Sin tus plantas no te visten,
 Ni crystal en los Deziembres,
 Ni esmeralda en los Abriles.
 Ya los campos por vengança
 De que aora nõ los pises
 Abren yervas venenosas,
 Brotan espinas sutiles.
 Dos muertes ya tiene el pecho,
 Si su muerte pretendiste;
 Muere en agua, quando llora,
 Muere en fuego quando gime.
 Muerto estoy, demos al Mundo
 Quatro prodigios, que admiren,
 Tu de tyranna, y de hermosa,
 Yo de amante, y de infelice.





Morte celebrada em Endechas a morosas.

ROMANCE XIII.

YA que conosco aora
Defunta el alma, sean
Mis llamas los blandones,
Mis voces las exequias.
Las fuentes, y los campos
Mi amor digan, y vean,
Pues dan voces las aguas,
Pues dan ojos las yervas.
Hermosissima Anarda,
Que en rigor, y belleza
Eres tigre de luses,
Eres Sol de fieresas.
En esta muerte el alma
Porque te lifongean,
Tus rigores estima,
Mis tormentos festeja.
Pero mi amor se afflige,
Si los gusta, que tenga
Aun contento en los males,
Aun gusto en las tristezas.
Padecer por sus ojos
No puedo, aunque padesca,
Pues son gustos los males,
Pues son glorias las penas.
Ya los males nõ temo,
Que es una cosa mesma
Mi vida, y mi tormento,
Mis dias, y mis queexas.

Tanto el alma los quiere,
Que aun escrupulo altera
Quando en plazer habla,
Quando en contentos piensa.
En la gloria me afflijo,
Mira pues mis finças,
Que porque nõ es congoxa,
La gloria me atormenta.
Tenga en fin, dulce Anarda, quando muera
Vivo el amor, y la esperança muerta.



VERSOS
VARIOS,

QUE

PERTENCEM

AO SEGUNDO

CORO

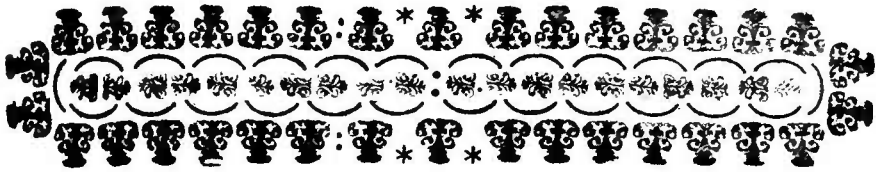
DAS RIMAS

CASTELHANAS,



ESCRITOS

A VARIOS ASSUMPTOS.



A M O R T E

D'A

SENHORA RAINHA DONA
Maria Sofia Isabel cóparada com
eclipse do Sol.

SONETO I.



OPONE-SE la Luna al Sol flammante,
Y aunque le deve todo el usimientto,
Nò le faltò villano atrevimientto,
Para opponerse ingrata al Sol radiante:
Sente la opposicion la tierra amante,
Porque vê del eclipse el sentimientto,
Mas aunque el Sol parezca sin aliento,
Para el Cielo se queda Sol brillante.

Ansi la Reyna pues, qual Sol lustroso,
El eclipse padece entristecido
A la tierra, que siente el fin penoso:
Pero bolando al Cielo es tan luzido,
Que si a la tierra queda tenebroso,
Para el Cielo se ofrece esclarecido.

Abum Jasmim.

SONETO II.

TU loçano candor de adorno vivo
 Las estrellas del Cielo desafía,
 Y si es gloria nevada al claro dia,
 Es lastimoso ardor al Sol nocivo.
 Oh como en los jardines te apercibo
 Hermoso Cyfne en blanca loçania!
 Que respiras de olor dulce harmonia,
 Sintiendo de la muerte el golpe esquivo.
 Tu candida hermosura vès perdida
 Entre halagos gentiles de tu suerte,
 Siendo lo mismo muerta, que nacida;
 Pues quando tu fortuna màs se advierte,
 Con muerte diò principios a tu vida,
 Con vida diò principios a tu muerte.

Adonis convertido em flor.

SONETO III.

Llorando el bello Adonis Cytherea
 Entre el muerto coral, que llora tanto,
 El prado reverdece con el llanto,
 El prado con la sangre purpurea.
 Admira en su dolor la luz Febèa,
 Si nõ la encubre el tenebroso manto,
 Pues vino al dia con funesto espanto
 De la muerte infeliz la noche fea.
 Mas un remedio su tormento quiere,
 Que es convertirlo en flor por su finesa,
 Y para que otra ves amarlo espere:
 Que como es bella flor la gentilisa,
 Quando en el golpe su bellefa muere,
 En la flor refucita su bellefa.

Narcisso

Narcisso convertido em flor

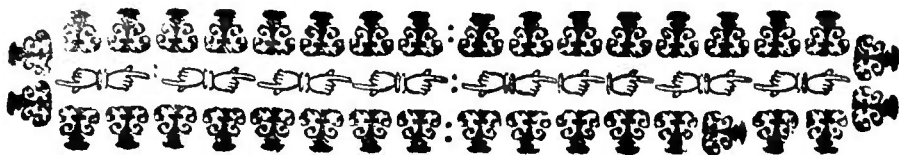
SONETO IV

D El Sylvestre exercicio fatigado
 Buscar quiere Narcisso diligente
 Los humidos alivios de una fuente
 En los ardientes gustos de un cuydado.
Halla la fuente en fin, y retratado
 Galan de su belleza se confiente,
 Y con engaños su hermosura fiente
 En el frio crystal el fuego amado.
En flor despues el joven se convierte
 Por piedad de los dioses merecida,
 La piedad remediando el rigor fuerte:
Pues quando en el jardin flor se convida,
 Si las aguas le dieron triste muerte,
 Ya las aguas le dan alegre vida.

A sepultura de huma fermosissima Dama

SONETO V

C Ortò dorada estambre Atropos dura
 Con el cuchillo, si violento, ufano,
 Al milagro divino de lo humano,
 Al compendio feliz de la hermosura.
Hh de la Parca mano màs impura!
 Oh de la Parca golpe màs tyranno!
 Impura, pues manchò candor lozano,
 Tyranno, pues troncò belleza pura.
Quando tanta hermosura se destierra,
 Si por llorar(ò peregrino) el caso,
 Quieres saber lo que essa losa encierra;
Advierte, mira que un mortal fracaso
 Muchas flores esconde en poca tierra,
 Muchos soles sepulta en breve occaso.



CANCOENS.

DESCRIPC,AM DA MANHÃ.

CANCO,AM I.

I.



URORA vengativa
De nublados enojos,
Con que al dia aggraviò noche estrellada,
Luzidamente ayrada,
Castigando a la noche fugitiva
Sus obscuros despojos,
El manto le rompiò,cegò sus ojos.

II.

De flores coronada
Derrama dulcemente
El nectar matutino al Sol infante,
Que se mece brillante,
Siendo el rocío leche destilada,
Que en niñez de viviente
Leche el Alva le dà,cuna el Oriente.

III.

De suerte que luziendo
Con applauso canoro,
Del Rey del Cielo es Nuncia brilladora,
Y de la roxa Aurora,
Como de roxa flor,el Sol nasciendo,
Brota en bello thesoro
La flor de rosicler,el fruto de oro.

Sale

IV

Sale el farol radiante,
Alma hermosa de Mayos
Pestañeando al dia luz dudosa,
Y si es en gracia hermosa
Del Hemisferio claro ojo flammante,
Forma en roxos en sayos
Por frente el Cielo, por pestañas rayos.

V

Tirando al coche, luego
Calor ardiente ahuman
Los cavallos en calles de esplendores,
Y en luzidos ardores
Estrellas pisan, y relinch an fuego,
Y porque más presumen,
Purpura ruedan, resplandor espuman.

VI.

El Cielo venerado
Con placida harmonia,
Que alterna al ayre bolador desvelo,
Con reverente zelo
Al Cielo le festejan lo sagrado
En cultos de alegria,
Siendo lampara el Sol, y templo el dia.

VII.

El Oriente vestido
De purpureos candores
Jasmines viste, rosas purpurea,
Y si de luz se afea,
Luminoso se ve, se ve florido
De fuerte, que en primores
Jardin de rayos es, Cielo de flores.
Cancion, si quieres ser eternizada,
Di que en calladas tintas
Quando pintas el Sol, Anarda pintas.

X

*Descripção do Occaso.*

CANC, AM II.

I.

D El camino luziente fatigados
 Corriendo el quarto gyro todo el dia
 Buscan a Thetis fria
 Los quatro brutos de Faeton alados;
 Fragiles ya con ultimos alientos,
 Ya con ardor sedientos
 Quando a Neptuno el hospedage deven,
 Corales pacen, y crystales beven.

II.

Bella Amfitrite en crystalinos braços
 Recibe alegremente al Sol brillante,
 Que en gala de flammante
 Le dà de incendio amor, y de oro abraços;
 Y quando mar de fuego el Sol parece,
 Con las llamas, que offrece,
 Amfitrite en el ultimo soffiego
 Recoge en un mar de agua un mar de fuego.

III.

Brillando qual antorcha el Sol lustroso,
 (Contra las nieblas del obscuro coche,
 Que conduze la noche)
 Siendo el Cielo aposento luminoso,
 Siendo palida cera el oro ardiente,
 Al ultimo occidente
 (Porque nuestro Zodiaco no alumbre)
 Gasto-se el oro, y se extinguiò la lumbré.

IV

Apolo bello bellas ansias siente
 Quando forma crepusculo dorado
 En el crystal salado
 Ya con achaques d'esplendor doliente,
 Y agonizante con la hermosa vida
 Fragilmente luzida
 Fluctua, quando cierra su thesoro
 En urna de crystal el cuerpo de oro.

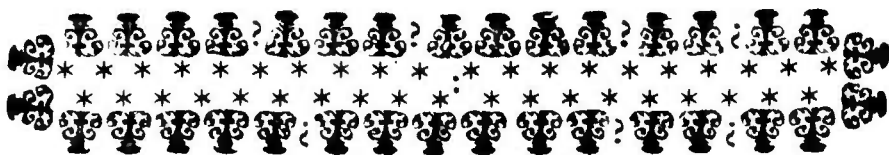
V.

Muere el Sol, y las sombras del abyfmo
 Empieçan a salir en buelo obscuro,
 Si bien esplendor puro
 De estrellas substitue al paraifmo,
 Que en el mar sepultado el noble Apolo,
 Sirve de templo el polo,
 Y al tumulto mortal, porque lo aliñen,
 Sombras en lutan, y blandones ciñen.

VI.

En favor de la noche resplandece
 Al Hespero luziente Cytherea,
 Que entre la sombra fea
 Quando se esconde el Sol, ella amanece,
 Quando amanece el Sol, esconde-se ella,
 Siendo a su gracia bella
 El Oriente gentil Occaso ardiente,
 El Occaso mortal hermoso Oriente.
 Cancion, tambien me esconde
 Entre tinieblas de congoxa tarda
 La noche de la ausencia el Sol de Anarda.





ROMANCES.

VARIOS.

Caçadora esquivã.

ROMANCE I.



SIGUE los tigres huyendo
 Del fiero vendado Dios
 Sin ver que en igual fieresa
 Lo mismo es tigre, que Amor.
 Una Zagala del Duero,
 Que al mismo tiempo se viò
 Para las almas serpiente,
 Para los jardines flor;

Y para ser Cielo en todo,
 El mismo Cielo le diò
 En su pecho la mudança,
 En sus ojos la color.
 Por feroz, y hermosa siempre
 Todo en el campo rindiò,
 A las almas, por hermosa,
 A los brutos, por feroz.
 Quando fatiga las selvas,
 Oh como paga mejor!
 Si al campo fieras le quita,
 Al campo flores le diò.

Con

Con rason la figue entonces
 Un amante caçador,
 Pues quando figuiò la Nynfa,
 La fiera entonces figuiò.
 Hermosa Muerte, le dize,
 Espera, nõ corrás, nõ,
 No merezca un fiero bruto
 Màs, que un discreto amador.
 Oh como por estos bosques
 Sol te advierto en doble accion!
 Eres Sol en ligeresa,
 Eres Sol en esplendor.
 Aunque te ausentes, te veo,
 Pues copian a mi passion
 Estas flores tu hermosura,
 Estas fieras tu rigor.
 Tu suelto cabello, aun tiempo
 Agrado, y offensa, es oy
 Lascivo agrado del ayre,
 Dorada offensa del Sol.
 Nò quizo màs escucharle,
 Y en competencias corriò
 Del amante el llanto undoso,
 De la Nynfa el piè veloz.



Amante desfavorecido.

ROMANCE II.

EN las orillas del Tajo,
 Donde un jardín se compone,
 Siendo espejo los crýstales,
 Siendo vestido las flores;
 Desdenes padece Thirse,
 Thirse, que es en glorias dobles

Bello

Bello agravio de Narcisso,
 Galan desprecio de Adonis.
 Siempre escollo en sus durezas
 Nise le fulmina amores;
 Aspid heremoto del prado,
 Divino Tigre del bosque.
 Nise aquella, cuyos ojos,
 Por verdes, y brilladores,
 Son dos fuegos de esmeraldas,
 Son dos Abriles de Soles.
 Por tu Thetis, por su Aurora
 Le acclaman por mar, por montes
 Del agua escamosas turbas,
 Del ayre empluma das voses.
 Ya de Thirse los cuydados,
 Y males parecen robles,
 Los cuydados por altivos,
 Los males por vividores.
 De Nise ausente aun le presta
 Su pensamiento colores:
 Que quando el Sol se retira,
 Nunca faltan arreboles.
 Dòs firmetas desiguales
 Igualan ambas passiones,
 En ella de ingratas iras,
 En el de finos ardores.



Moral queyxa.

ROMANCE III.

S In firmeza en los contentos,
 Sin mudança en las congoxas,
 Al son de su llanto canta,
 Al son de su canto llora;

Thirse

Thirfe en las playas, que el Tajo
En profunciones undofas
Cine con braços de plata,
Befa con rubias lifonjas.
Al dulce fon apacible
De una cithara, que toca,
Oh quan mal fu bien repite!
Oh quan bien fu mal pregona!
Estas que pronuncia queexas,
Las felvas, las aves todas,
Attienden calladas unas,
Murmuran parleras otras.
Los males, y los bienes me congoxan,
Unos con penas, y otros con memorias.
Los males plantas fe offrecen,
Que en altivezas frondofas
Van subiendo ramo a ramo,
Creciendo van hoja a hoja.
Oh como fon defiguales
Quando males apaffionan!
Que al salir plomos fe calçan,
Que al entrar plumas fe adornan.
Hasta los bienes affigen,
Que en pildoras venturofas
Por inconstantes amargan
Quando por lindos fe doran.
Son aprecetos, y annuncios
Para las venturas cortas
Una efcuela cada instante,
Un cometa cada rofa,
Los males, y los bienes me congoxan,
Unos con penas, y otros con memorias.



Despedida amorosa.

ROMANCE IV.

EN el tiempo, en que la noche
 Obscuro pavon despliega
 Para sus alas las sombras,
 Por sus ojos las estrellas;
 Un Portuguez Africano,
 Que en valor, y gentileza
 Assombro fuera de Marte,
 Embidia de Adonis fuera;
 Aun tiempo prende, y desata
 Con una Africana bella,
 Prende sus brazos dudosos,
 Desata sus voces tiernas.
 En las ausencias, le dize,
 Las dichas luego se abbrevian,
 Que a relampagos de dichas
 Suceden rayos de ausencias.
 El alma te dexo: pero
 Se offende Amor, pues fin ella
 Nò puedo alentar cuydados,
 Nò puedo sentir tristezas.
 Si en darte el alma se offende,
 Mira lo que escrupulea,
 Pues siente lo que es ternura,
 Pues culpa lo que es finesa.
 A Dios en fin ella entonces
 Bella, y llorosa se muestra,
 Ya como Aurora en sus luzes,
 Ya como Aurora en sus perlas.

Estas palabras le dize
Bien sentidas, mal discretas
Entre contentos dormidos,
Entre congoxas despiertas.
Nò te ausentes, que en mi pecho
Si el alma tuya me entregas,
A pesar de tus trayciones
Hasde padecer màs queexas.
Mas ay, que eres tan esquivo,
Que solo porque padescas,
Te solicitas los males,
Y te prohijas las penas.
Si por sus flechas, y fuego
Ingrato el Amor desprecias,
Sabe que hay fuego en batallas,
Vè que entre Moros hay flechas.
Bien conosco que las balas
No temes, pues te confieças
Como azero en los rigores,
Como bronze en las dureças.
Pero, si adviertes, te engañas,
Que quando el alma me llevas,
Has de ablandarte a los golpes,
Has de aprender las ternesas.
Si a la guerra te aventuras,
Espera, tyranno, espera,
Vè que tus ojos son armas,
Mira que el Amor es guerra.
Como siempre en los amores
Ambas las almas se truecan,
Tienes el alma Africana,
Tengo el alma Portuguesa.
Busca, traidor, otra Dama,
No te ausentes, y te sienta
A mis llamas duro marmol,
A sus soles blanda cera.
Mira ingrato, lo que estimo

Tu vista, que por quererla
 Me festejo la desdicha,
 Me solícito la offensa.
 Del Africa en los Desiertos
 Vivirè, para que vea
 Mis llamas en los ardores,
 Tus crueldades en las fieras.
 Esto dixo, y con desmayos
 Se esconden, se desalientan
 Ya sus luzes en ocasos,
 Ya sus rosas en violetas.
 Huye el Portuguez, y aun tiempo
 Le llaman, quando se alexa,
 A sus oidos la trompa,
 A sus ojos la belleza.



Abum Rouxinol.

ROMANCE V.

R Uy señor te confidero,
 Por musico, y por veloz
 Como Amfion emplumado,
 Como Orfeo bolador.
 Requeibras siempre al Aurora,
 Que tambien en su passion
 El ave sabe un requiebro,
 Corteja al ave un amor.
 Sinò es, que como el Sol nace,
 Que es Principe brillador,
 Canoramente festejas
 El nacimiento del Sol.
 Quando buelas, quando cantas,

No diftingue mi atencion
 Si eres ave en leve buelo,
 Si eres Mufa'en dulce voz.
 Como Abeja entre las flores
 Me pareces. (Ruy feñor)
 Que haziendo miel del concento,
 La melodia formò.
 Effa harmonia que fòrmas
 En fiera transformacion,
 Como es suave, fi es quexa?
 Como es blanda, fi es rigor?
 Con effe jardin compites;
 Tu plumas;el hojas diò:
 Tu matizes;flores el;
 Tu suavidad;el olor;
 En la dulce intercadencia
 De tus quiebro piento yo
 Que te acuerdas del aggravio,
 Que te fufpense el dolor.
 Quando el viento nò respira
 A tu canto superior,
 Nò es ferenidad del dia,
 Es de tu canto prifion.



Ao Amor.

ROMANCE VI.

Q Uien dize que Amor es niño,
 Neciamente quiere errar,
 Que para niño es muy fuerte,
 Muy fabio para rapaz.
 Quien dize que Amor es ciego,
 No sabe lo que es cegar;

Y ij

Que

Que Amor es lince del alma,
 Y es Argos de la amistad.
 Quien dize que es flechador,
 No sabe lo que es flechar,
 Que Amor nõ fulmina flechas,
 Solamente incendios dà.
 Quien dize que es bolador,
 No sabe lo que es bolar:
 Que Amor es muy tardo al ruego,
 Y es muy pesado en su mal.
 Quien dize que Amor es Dios,
 No lo sabe declarar:
 Que nunca un Dios es tyranno,
 Ni es ingrata una Deidad.
 Quien dize que Amor del agua
 Diciende, engañado està,
 Que quien tan fuego se enciende,
 Nõ deciende de la mar.
 Quien dize que es cautiverio,
 Sin rason quiere llamar
 Violencia lo que es agrado,
 Prision lo que es voluntad.
 Y quien dize que es desnudo,
 No entiende su qualidad:
 Que lo bisarro es amable,
 Y es querido lo galan.

VOLTA.

Diga el alma, diga,
 Diga el alma ya:
 Amor es tormento,
 Querer es penar.
 Amad, amad,
 Porque amando se sabe
 Lo que es amar.



*Ao Excellentissimo Senhor Marquez de Marialva , dandolhe
os parabens da Vittoria de Montes Claros.*

ROMANCE VII.

V Enid en hora felice,
Valiente illustre Marquez,
Nuevo Aquiles màs invicto,
Nuevo Curcio màs fiel.
Parabien a vuestras palmas
Era escusado, porque
Lo que texe una costumbre,
Nò le adorna un pirabien.
Quando vòs sulcais el Tajo,
Vassallo feliz se cree,
Nò yà de un Neptuno antigo,
Pero de un Marte novel.
Todo en gustos derramado
Gloria a gloria bien a bien,
Sinò moriera del mar,
Moriera si de plazer.
Las Dryades en sus campos
Empieçan luego a ofrecer
A vuestra mano la palma,
A vuestra frente el laurel.
Libertada, y de fendida
Lyfia, imitais a Dios; pues
Siempre su poder conserva
Lo que cria su poder.
Vuestro esquadron mal formado
Que importa en el Marcio arder,
Si el orgullo vè dispuesto,

Si el pecho formado vè?
 Valeroso el Caracena,
 Valido el Haro venceis,
 En aquel de un Rey el braço,
 En este el pecho de un Rey.
 A vuestro valor estraño
 (Quando acaba de vencer)
 Una batalla es cariño,
 Una vittoria es desden.
 Portuguez fuerte,applaudido
 Sois,vestis,enriqueceis
 A Lyfia,Iberia,a la fama
 De honra,de horror de interes.



*A Dom Joaõ de Lancastro, dandylhe as graças a Cidade da
 Bahia por trazer a ordem de Sua Magestade para a ca-
 sa da Moeda, que de antes tinha
 promettido.*

ROMANCE VIII.

EN horà felice venga
 A regir esta Ciudad
 El fuerte,el justo,el discreto,
 El siempre illustre Don Juan.
 Parabien os dan los nobles,
 Parabien la plebe os dà:
 Que como sois para todos,
 Todos os deven amar.
 Las luzes,y las campanas
 En tanta festividad
 Hablan con lenguas de fuego,

Y por voces de metal.
Promettisteisle el remedio
De su dolencia mortal,
Que de Politico Apolo
Nò os falta la actividad.
Cumplistes vuestra promessa
Com tanta facilidad,
Que aun visto el bien a los ojos,
Los ojos dudando estan.
Lo difficil emprendisteis,
Y lo quizisteis buscar,
Que aun coraçon generoso
Brinda la dificultad
Al mar entregais la vida,
Y para mayor piedad
La vida poneis a riesgo,
Para la cura applicar.
Llegasteis mandando luego
El remedio executar,
Que es util la medicina,
Quando se apresura al mal.
Con la moneda, que esperan,
Ya se empieçan a alentar
De los ricos la codicia,
De los pobres el afan.
Si el dinero de los hombres
Sangre se suele llamar,
Tambien les dais nueva vida
Quando la sangre les dais.
Al Mercader que en su trato
Peligra màs su caudal,
Le dais cambios màs seguros
Contra los riesgos del mar.
Los Molinos del açucar
Con tanta ventaja, ya
No seran vasos de miel,
Que vasos de oro seran.

Portugal, y nuestro Estado

No se qual os deve más,

Aquel os deve la gloria,

Este la felicidad.

Nuestras memorias ofrecen,

Con que os quieren venerar,

Holocausto a vuestra imagen,

Y templo a la eternidad

Sois Principe de la sangre,

De cuya estirpe Real

Se esmalta vuestra nobleza

Con lumbres de Magestad.

Vivid señor como Fenix,

Porque en la posteridad

Vida de Fenix merece

Quien Fenix es singular.



Ao Senhor Dom Rodrigo da Costa, vindo a governar o Estado do Brasil.

ROMANCE IX.

Quifisteis fulcar los mares
Sin temer las ondas bravas,

Porque el fuego de la gloria

Quita el horror de las aguas.

En vuestro leño imperioso

sin peligro en las borrascas

Neptuno os obedecia,

Y Thetis os respetava.

Quexosa de vuestra ausencia,

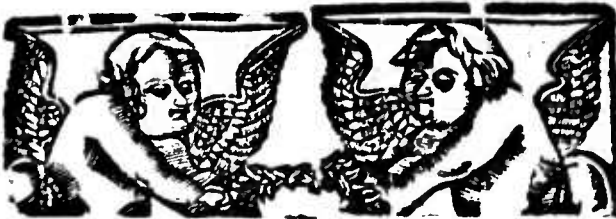
Dexais a Lyfia enojada,

Pero si Lyfia se enoja,

Nuestra

Nuestra America se exalta.
 Esta Ciudad os recibe
 (Si fois Costa) con jactancia
 Que tiene en vòs mejor Costa,
 Quando su puerto os prepara.
 Dexasteis para regirla
 El descanso de la patria:
 Que un coraçon valeroso
 Solo en fatigàs descança.
 De vuestra feliz venida
 Nuestros deseos dudavan:
 Que quando el bien se desea,
 Titubea la esperança.
 Los Isleños governasteis
 Con tanto amor, y alabança,
 Que la poblacion Isleña
 Por Chypre de amor se alaba.
 Oy tomando otro gobierno,
 Del Sol imitais la causa,
 Que quando gyra en un polo,
 Despues al otro se passa.
 Sois descendiente del Conde,
 A quien el Leon de Hespaña
 Dava infelices bramidos,
 Porque le quebrò sus garras.
 Configuió tantas vitorias,
 Que al mismo tiempo juntava
 En la frente los laureles,
 Quando en la mano las palmas.
 Cuyo valor heredado
 (Que llamas de honor levanta)
 Renace en vuestras acciones
 Como Fenix de las llamas.
 Sois valiente, y justiciero;
 Y aunque Marte en vòs se acclama,
 Desprecia la Diosa Venus,
 Y la Diosa Astrea abraça.

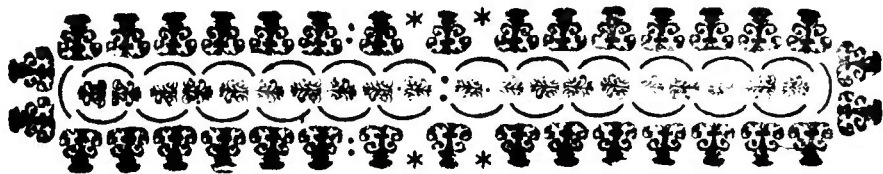
Si vuestro pecho es fiel
 A la Justicia, que os ama,
 Lo fiel de vuestro pecho
 Dà fiel a sus balanças.
 Unis en vuestro gobierno
 Por idea màs preciada
 El rigor con el cariño,
 La austeridad con la gracia.
 Obrais justicia sin ojos,
 Que de vòs siendo observada,
 No mirais de las personas
 El poder, o la privança.
 Al soborno estais sin manos,
 Que vuestra enteresa ufana
 Lo vence tan facilmente,
 Que e sin ellas lo espedaçã.
 Mas las manos a los pobres
 Pre stais, que enxugan, y fanan
 El llanto de su miseria,
 De supenuria las llagas.
 Suene, y buele en todo el Mundo
 Vuestro nombre, a quien la fama
 Para el brado dà sus bocças,
 Y para el buelo sus alas.
 Vivid pues eterna vida,
 Si bien en virtudes tantas
 Con muchos siglos de aciertos
 Eterna vida os acclama.



TERCEYRO
CORO
DAS



RIMAS
ITALIANAS.



ANARDA

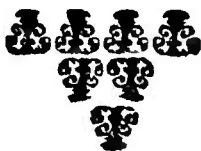
QUERIDA NA OCCASIAM de suas lagrymas.

SONETO I.



A conca, che nel mar nasce cocente,
E del suo bel theforo s'innamora,
Se'l lucente crystal del mar honora,
E' più superba, perch'è più lucente.
Quando la bianca Aurora humor cadente
Della mattina sparge, appare fuora,
E con quella rugiada dell'Aurora

Nutre la chiara perla in seno argente.
L'istesso effetto dell'istesso vanto
Quando mia Aurora piagne, gode il Core,
E tanto l'ama, quando piagne tanto.
Tu poi, Conca più facile all'humore,
Rugiada essendo il tuo vezzoso pianto,
Essendo perla il mio pregiato amore.



Atrevimento, & lagrymas.

SONETO II.

Vola il vapor, che dalla terra nacque
 Umilmente, in virtù del Sole, al Sole;
 E opponendo alla sfera oscura mole,
 Quel che nacque vapor, nube rinacque.
 Mà quanto l'alta deusità le piacque
 Precipitato dalla luce suole
 (come chi colle lagryme si duole)
 Tutto piovofo destillarfi in acque.
 Al Sol d'Anarda daùmile sentiero
 Il penſer hà volato còl deſio
 Pervirtù de'ſuoi raggi al Hemiffero.
 Dipoi ſi muta in pianto, onde vegg'io
 Qual audace vaporil mio penſiero,
 Qual abbondante pioggia il pianto mio.

Leandro morto nas aguas.

SONETO III.

Leandro amante con notturno giorno
 Del Sole, che le appare per costume,
 Prega nel mare di Cupido il Nume,
 Per che il mar di Cupido è bel soggiorno.
 Al Nocchiere d'Amor colle acque intorno,
 Il fanale fu ſpento di alta lume,
 Cò' i fiſchi' l'vento, il mare colle ſpume,
 Forman preda dilui, d'amor fan ſcorno.
 Non fu il vento la cauſa à ſuoi lamenti,
 Non il Dio Tridentato delle ſponde;
 Egli ſolo è cagione a ſuoi lamenti:
 Por che frà l'auze lievi, acque pro fonde,
 Cò' ſoſpiri, che ſparge, doppia i venti,
 Cò' pianti, che diſtilla accreſce l'onde.

Endimiau amado da Lua.

SONETO IV.

IL bello Endimion del bello maggio
 Cultore fortunato in rozza cura,
 Pero di fiamma dolcemente pura,
 [Dicalo il sacro Ciel]cultore saggio:
 Senza la pena d'amoroso oltraggio
 La Luna adora con felice artura;
 Ella incandida fede più se apura
 Che nel candore di notturno raggio.
 La Luna col Pastor ha grato ardore,
 La Luna col Pastor ferma s'infiamma,
 Tramandando dal Cielo'l suo splendore.
 Raro amore più nùtre, quando l'ama,
 Benche ruote incostante ha fisso il core,
 Benche s' imbianchi fredda, ha dolce fiamma.

A Dom Francisco de Sousa Capitaõ da Guarda de' Sua Magestade no tempo, em que o chamou para a Corte.

SONETO V

GIati veggio, Francesco, un gran Mavorte!
 [L'altre doti d'ingegno adesso io taccio)
 Sei infatale sforzo, indolce laccio,
 Amor per bello, per invitto Morte.
 Il Rè chiamòti alla fedele Corte
 Per la cruda virtù del forte braccio,
 Per che non entra di timore il ghiaccio,
 Quando ha foco di gloria, al petto forte.
 Di fendendo al Rè nostro, che ti crede
 Colla tua fedeltà, col tuo valore,
 La difesa fedel, al zelo cede.
 Fia poi al nostro Rè guardia migliore,
 Via più, che il Reggio honor, la viva fede,
 Via più che il duro ferro, il duro Core.

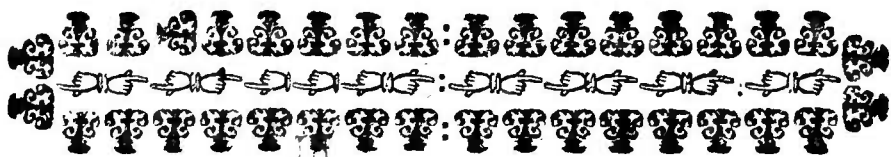
A Dom

*A Don Luis de Sousa Doutor em Theologia, alludindo às
Luas de suas Armas.*

SONETO VI.

Ilustre Lodovico, coronato
 Nel glorioso saper di bianco freggio,
 Col giudizio, di scienza eterna, freggio,
 Coll'ingegno, del Sol Divino, amato.
 Serve ancora al tuo petto, essendo armato,
 Per Integna miglior, lo scudo Reggio,
 E di Lune doppiate il chiaro preggio
 Per doppiarfi l'Onor, ti hà ricercato.
 Lo scudo t'arma allo nimico crudo,
 Il freggio ti di mostra saggio amore
 Di vanità superba, sempre ignudo.
 Convenne poi con questo, equell' onore,
 A chiara Nobiltà, di Lune scudo,
 A Celeste saper, d'Alba splendore.





MADRIGAES.

IMPOSSIBILITA-SE A vista de Anarda.

MADRIG. I.



E il core n' tivede
In giusta gloria de tua vista chiede,
Poi si egli e' condenato
A lo infernale stato
De le ardore che celo,
Come (Anarda) potrà veder tuo Cielo?

Jasmin morto, & resuscitado na mão de Anarda.

MADRIG. II.

UN giglio lamia Dea
In bella mano havea,
Che vinto del candor de quella mano
Perdeail candor vano,
Ma invirtù del bel viso
(Che equal Alva) con fiso
Con dolcezza fiorita
Il candor ricourò risorse invita.

Compara-se Anarda com a pedra.

MADRIG. III.

I Pianti che il mio cor ha distilato
 Non mitiga de Anarda il volto irato,
 Ilamenti, che il cor ardente guarda,
 Non odi lamia Anarda,
 E pietra poi, quando dame discorda,
 Dura amiei pianti, amiei lamenti forda.

Sol com Anarda.

MADRIG. IV

D El tuo viso lucente
 Beve il raggio cocente
 Il Sole, che effer vole,
 Del Sol Aquila il sole.

Ponderação do Icaro, morto com seu Amor.

MADRIG. V.

V Gl'ando Icaro alato
 Del Sol precipitato
 Muore; del Sol che adoro
 Precipitato muoro:
 Mà con maggior rigor il dolor mio
 Egli nel acqua e 'morto, nel fuocoio.

Anarda

Anarda fugindo.

MADRIG. VI.

Ferma Anarda il tuo passo a la mia forte,
Sepur vuoi lamia morte,
Col rigor chet' incita
L'occhi tuoi versa ame, toglì la vita:
Ma (ahi lasso) che si fuggi,
Tutto il mio core struggi,
Che si altri uccidon quando van seguendo
Tu sola uccidi, quando vai fuggendo.

Anarda reprehendida por querer merecimientos no amante.

MADRIG. VII.

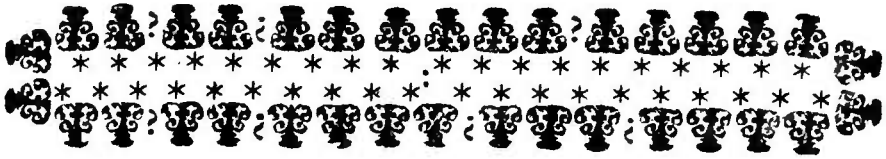
SE per meriti solo del'amanti
Anarda vuoi udir dolori tanti,
Come niuno ha merito d'amarti,
Niuno laccio de amor potrà ligarti;
Se poi solo date merito fai,
Te sola amar potrai.



QUARTO
CORO
DAS



RIMAS
LATINAS.



DESCREVESE OLEAŌ. HEROYCOS.



CERNIS ut in campis hirsutos arcuat unguēs
Impavidus sine lege fremens, sine lege vagantes
Concutiens per terga iugas, per inania pandens
Ora (Leo) sonitu; sonitu cadit undique sylva,
Undique terra tremit, latè stat montibus horror.

Explicat inflexà caudà ludibria, ventos
Spernit, nec ventis ignoscit torva Leonis
Ira, sed innocuas caudà diverberat auras;
Se Rex esse videns, optat quòd turba ferarum
Obsequiosa colat, regale insigne, coronam.
Amphitryonidem (vastum qui morte Leonem
Perdidit, ostentans indutà pelle triumphum)
Provocat, ac mortem qua mortem vindicet, ipse
Prævenit, & secum ad pugnam præcludere gessit.
Non venit Alcides, iratos ebibit ignes,
Offensus rabie, frondosa per æquora gliscit,
Et Robur quatiens acuit sub Robure robur.
Horrendas horrenda vocans ad prælia tigres.
Jam pugnas miscet, jam votis præcipit hostem,
Infremit, insultat, lætatur, devorat, urget.

Cæruleà micatarce Leo, flagrat iste per agros
 Impiger, ille Poli sidus, Sol iste Ferarum
 Dicitur; in faustos Leo sydus devomit æstus
 Ignifer, igniferas Leo Terreus ætuat iras.
 Emicat intrepidus, turgēt splendore comarum,
 Dum credit jubir esse jubas. Non Phæbus arenas
 Exurit Libyæ, Libyam Leo fervidus urit.
 Cum fera pro cumbit pedibus prostrata, libenter
 Imperium recolens, unguēs obfrænāt acutos
 Regali pietate gravis, Leo netcius hosti
 Subjecto maculare manus; fat vincere credit
 Qui parcit, cum fulmen ovat non ima repellit.



EPIGRAMMAS.

Adonis morto em os braços de Venus.

EPIGRAM. I.

INfelix Cytherea necem dum plorat Adonis,
 Flent oculi mæsti, prætæque læta virent.
 Jungitur os ori, languescit corpore corpus:
 Dum vulnus cernit, pectore vulnus alit.
 Parca videns mortis spectacula tristia, nescit
 Cui tribuit vitam, cui dedit illa necem.

Daphne convertida em arvore.

EPIGRAM. II.

INsequitur Daphnem Phæbus stimulatus amore,
 Hunc sua vota cient, illa timore volat.

Mox celeres cursus imitatur virgo paternos,
Sed Phæbo plumas æmulus addit Amor.
Illa vocat superos, viridis mox redditur arbor;
Arbore conspectâ, talia Phæbus ait.
Non equidem miror; velut arbos pulchra virebas;
As tua durities truncus, amore fuit.

Argos em guarda de Jo.

EPIGRAM. III.

CUm Jovis infano vaccæ flagraret amore,
Sidereus custos virginis Argus erat.
Crediderat Juno quòd centum Pastor ocellis
Clauderet ardentis turpia vota Jovis.
Non vidit Jovis ille dolos; nam solus amoris,
Qui plus est cæcus, plus videt ille dolos.

Acteon vendo a Diana.

EPIGRAM. IV

CUm nuda Actæon spectaret membra Dianæ,
Hæc se mergit aquis, ebibit ille facès.
Supplicium dedit ipsa oculis, Actæona plexit,
Perditus ut formâ, perderet ipse focum.
Occidit Actæon, canibus non mortuus; olli
Eripuit vitam virginis antè rigor.

Leandro morto nas agoas.

EPIGRAM. IV

ÆQuora Leander fulcat sub lumine fixus,
Brachia dant remos, est Palinurus Amor.

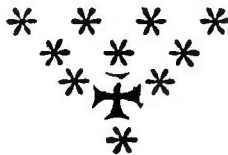
Tempeſtas horrenda furit, furit Æolus undis,
 Ipſe vocat Venerem, mergitur ipſe mari.
 Morte perit duplici Leander, captus amore,
 Mortuus eſt lymphà, mortuus igne fuit.



*A' morte da Senhora Rainha Dona Maria Sofia
 Ifabel.*

EPIGRAMMA.

Quid facis atro luctu Luſitania? Ploro:
 Quid ploras? Gemitùs ultima fata mei.
 Tanta ne te planctus tenuit triſtitia? Tanta:
 Perdita ſunt Luſo gaudia cuncta loco:
 Quid perdis? Regnum; Quare? Jam credo cadentem?
 Lyſiadum ſtatum, Sole cadente ſuo.
 Tu ne gravem poteris cordis relevare dolorem!
 Oh ut inam poſſem capta dolore mori!
 Solve corde metum; mortem ratione repoſco;
 Nam Regina mihi provida vita fuit.
 Religio, Pietas ubi ſunt? Ad ſidera tendunt:
 Quæque Dei fuerant, ſuſtulit ipſe ſibi.





TAGI, ET MONDÆ

*Pro obitu DD. Antonii Telles de Sylva
Colloquium Elegiacum.*

TAGUS.

H Eu mihi! Jam morior tanto conjunctus amore;
Vivere me solum non finit altus amor.

MONDA.

Me miserum planctus crudeliter occupat horror!
Sum Monda, & Mundo nuntia moesta dabo.

TAGUS.

Aurifer antiquitus jactabar: sed mihi luctus
Ferreus in pennis aurea dona vetat.

MONDA.

Urbs hæc dicta fuit multis Collimbria ridens;
Sed jam non ridens, sed lacrymosa manet.

TAGUS.

Florat Ulyssippo sævo concussa dolore;
Oceanus lacrymis, non Tagus ipse vocor.

MONDA.

Lætabundus aquâ, placidis spatia bar arenis;
Sed celerem cursum pœna timore gelat.

TAGUS.

Oh lux Lyfiadum, spes oh fidissima Regni!
Quàm citò tam viridem pallidâ Parca tulit!

MONDA.

Semper Athenæum tanto pollebat Alumno,
Sed, percunte viro, tota Minerva perit.

TAGUS.

Te vivente, tuo lætabar nomine, Telles,
Nomen erat sacrum, nam mihi numen erat.

MONDA.

Mens tua præcurrit paucis velocior annis,
Illico, quæ veniunt, illico fata ferunt.

TAGUS.

Me clypeo aurato tua Regla vita tegebat;
Sed tua mors, Telles, impia tela vibrat.

MONDA.

Eloquii flores credo marcescere; namque
Irruit in flores horrida mortis hyems.

TAGUS.

Sylva, meus fueras regali sanguine cretus;
Sed mortali ictu cædua Sylva fuit.

MONDA.

Maximus Ingenio Logicæ argumenta probabas;
Sed mors concludens arguit atra dies.

TAGUS.

Ad superos remeas, cum sis peregrinus in Orbe;
Stare humili nescit gloria tanta solo.

MONDA.

In te Cæsarei Juris decus omne vigebat,
Te que vocant Leges, sed sine lege vacant.

TAGUS.

Nobilitas, comitas, gravitas, sapientia, virtus
Deliquio lugubri, te moriente, cadunt.

MONDA.

Pontificale gravi cunctos Jus mente docebas;
Quanto, te perdens, Roma dolore gemit!

TAGUS.

Tagides eximio indulgentes corde dolori,
Nolunt, plorantes pignora chara, choros.

MONDA.

Mondaides limphīs nequeunt agitare chorēas,
Immotos animos magna ruina facit.

TAGUS.

Cinxit Apollīneo cantu tua tempora Laurus,
Sed nunc pro lauro nigra cupressus adest.

MONDA.

Carmina facundo metro tua Musa solebat
Pangere, nunc optat plangere Musa mea.

TAGUS.

Te pater illustris perdit, sed pectore servat,
Mors, quæ sunt animæ, tollere sæva nequit.

MONDA.

Cælesti Ingenio fulgens ut stella micabas,
Nunc tibi dant proprium sidera clara locum.

TAGUS.

Mortuus es? Minimè, credo plus vivere, quippe
Dilectus Lucis plurima corda tenes.

MONDA.

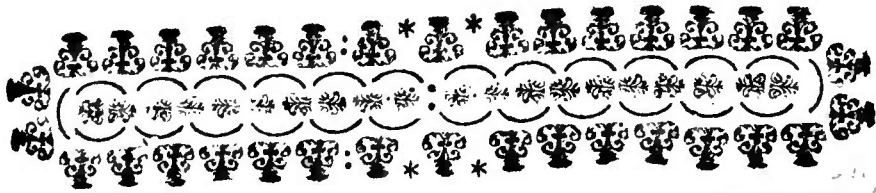
Solis lumen alit Phœnicem, ut vivat in ævum,
Vitam alit æternam lucida fama tuam.



DESCANTE
COMICO
REDUSIDO
E M



DUAS
COMEDIAS.



HAY AMIGO PARA AMIGO.

COMEDIA

FAMOSAS,

Y NUEVAS.

HABLAN EN ELLA

D. Lope.

D. Diego.

Rostro.

Puño.

D. Leonor.

D. Isabel.

Flora.

Dorothea.

JORNADA PRIMERA.

Sale D. Diego, y D. Lope.

D. Die. Vòs triste? vòs congoxado?
 Vòs solícito al dolor?
 Con desmayos la color?
 Con alientos el cuydado?
 Sin dezirme la impiedad,
 ¿eneis voz de un sentimiento;
 O' es falso vuestro tormento,

O'es falsa vuestra amistad!
 Si fois mi amigo, es mal hecho
 Que ignore tormento tal,
 Pues, si occultais vuestro mal,
 Ya me encubris vuestro pecho,
 Acabad pues de dezirlo,
 Para que lo sienta yo,
 Que si un alma a vòs me unió,
 Sin mi nõ podreis sentirlo.

Cc ij D. Lop.

D.L. Aquel, q̄ si al pecho enciēde
El mismo ardor, que desea,
Con llanto se lisongea,
Porque del agua deciende.

Aquel, que niño se adora
En el alma, y con razon,
Pues en la misma passion
Aun tiempo ser e, y llora;

Aquel, que quando ocasiona
Al pecho infelice estado,
Quiça se muestra vendado
Por nò ver lo que apassiona;

Aquel, que flechando, en lea
De flechero la mentira,
Pues, si es flecha lo que tira,
Es incendio lo que emplea;

Aquel, que se muestra alado,
Alas queriendo lograr,
Porque pueda ventilar
De su fuego lo abrazado;

Aquel, que dando el desvelo,
Hazer en el alma sabe

Lo que el Piloto en la nave,
Y lo que el Sol en el suelo;
Aquel, que en el coraçon
Ostentando dulce enleo,
No dexa de ser deseo
En la misma possession.

Ya lo entendeis, el Amor,
Bien lo tengo declarado,
Duro tormento me ha dado
Por manos de su rigor.

D. Dic. Pues dezid, quié es la dama
De tin amoroso fuego,
Que en grave desafossiego
Os comunica essa llama?

D. Lop. Como os propuse de amar,
Es justo el obedecer,
Porque es deuda del querer
La obligacion de agradar.

No digo que me escucheis,
Que suppongo la atencion,
Ni pareciera razon
Advertir lo que sabeis.

Quando al dudozo resplandor del Alva
Haze festiva, si canora salva,
La dulce multitud deriseñores,
Saltando en ramos, y brincando en flores;
Que hasta las brutas aves
En accents suaves
Saben a los crepusculos del dia
Festejar con el canto su alegria.

Alignorado arbitrio del destino
Por un prado frondoso me encamino,
Dando verdes lisonjas a los ojos,
Para feriarle al alma dezenojos;
Pues con lo verde de espeffura amena
Se desnuda lo negro de una pena.

Pero a la vista lexos se me ofrece

Un bulto, que parece
Ser cadaver hermoso,
Que al tranze riguroso
Si se atrevió a su vida Parca impura,
Temió lo celestial de su hermosura,
Como quien se dezia a su delvelo:
No entra la muerte en el hermoso Cielo.

Llego más cerca, y contemores veo
Para gloria feliz de mi deseo
Una perla; es vilesa
A su rara belleza:
Una rosa; yo miento
En su encarecimiento:
Un ramillete; figo
Yerros, en lo que digo:
Un Angel; calle el labio
Tan man-fiesto aggravio:
Una Diosfa; que errores
Medictan mis amores!
Pero, si la encarefco deste modo,
Digo que vi, porque lo diga todo,
Una perla, una roza,
Un ramillete, un Angel, una Diosfa.

Dormiendo pues estava,
Y piadosa ostentava,
Que negando a sus ojos las acciones,
Dexava de matar los coraçones;
Como quien les dezia,
Quando entonces dormia:
Flechados coraçones, quiero agora
Dar de barato a vuestra vida un hora.

En fin yo suspendido
No creia al sentido,
Que viva me mostrava
La que muerta hasta alli representava;
Pero quando de amores me vi muerto,
Por lo que causa acier to,

Hay amigo

Que la muerte a sus ojos no maltrata,
 Quando a mi pecho con sus ojos mata:
 De fuerte pues, que matadora siento
 La que juzgava muerta el pensamiento.

O si supiera (que dichosa suerte!)
 Contaros el motivo de mi muerte;
 Mas aun que, como es justo, no profiga,
 Es acierto glorioso que lo diga,
 Pues repitiendo de mi amor la historia,
 Se convierte plazer lo que es memoria.

El cabello se esparcia
 Con desaliño dorado
 Por el cuello matizado
 De las luzes, que ofrecia:
 Pero entonces parecia
 (Viendo el cabello futil
 Sobre el cuello en rayos mil)
 Que muestra en bello thesoro
 A' jurisdicciones de oro
 Obediencias de marfil.
 Dado su rostro al reposo,
 Purpureo lo considero,
 Quando en los ojos pondero
 Cerrar de su luz lo hermoso;
 Que en ocaso luminoso,
 Como soles se occultaron,
 Pero, quando se encerraron,
 Como era ocaso de soles,
 Los purpureos arreboles
 En tu rostro se quedaron.
 Las perlas, que embidia Aurora,
 Para destilar al prado,
 Con receloso cuydado
 En sus labios atesora:
 Porque como teme aora

Que a su labio carmesi
 Se atreva el Aurora alli,
 Para que pueda cogerlas,
 Guarda el thesoro de perlas
 En un cofre de rubi.
 Su mano bella applicando
 A una mexilla, parecen
 Quando tan juntas se ofrecen,
 Que estan alli platicando;
 Pues blandamente juntando
 Del sueño leyes forçosas,
 La mano, y mexilla hermosas,
 Alli con voces serenas
 Hablavan las açucenas,
 Y respondian las rosas.
 Muchas flores se ofrecian
 Abesar su planta breve,
 Y sin temor de la nieve!
 Junto a sus pies florecian;
 Dixe pues, quando tenian
 De sus plantas los favores:
 No es mucho, si en respládres
 Reyna de las floreses,
 Que llegue abesar sus pies
 El vulgo de aquellas flores.

Quedo pues en amores encendido,
 Dulce socorro al niño Dios le pido,

Que aun que de niño fu favor no quiero,
Quando Dios es llamado, bien lo espero.

De mi voz suspirada Amor piadoso,
Le quita las prisiones del reposo,
Que como intenta su propicio zelo
Introduzir en ella su desvelo,
No es bien que la consienta sossegada,
Si pretende en su pecho hazer entrada.

Despierta en fin de aquel lethargo breve,
Y el Sol los rayos de sus ojos bebe,
Que es Aguila en favor de luminoso
El mismo Sol de aqueste Sol hermoso.

Pensad lo que dirian mis temores
En concetos de estrellas, y de flores,
En discursos de Luna, y bella Aurora,
En requiebros de Venus, y de Flora;
Mas yo amante, ella hermosa, bien publico
Los mismos pensamientos, que no explico.

Ausenta-se despues tan rigurosa,
Que desdeña mi voz por amorosa,
Que es usado capricho de una dama
Hazer ludibrio de amorosa llama.

Mas quando della me averigo ausente,
El coraçon mayores llamas siente,
Que es el fuego de amor tan desusado,
Que obra con màs ardor en lo apartado.

O quantas vezes le dezia amante,
Quando se ausenta, el coraçon constante:
Si pretendes matarme deffa fuerte,
Buelve los ojos, y veràs mi muerte;
Mas ay! que agora (marmol tordo) quando
Tu vas huyendo, tu me vàs matando,
Que si otros mata n, quando van figuiendo,
Tu vas matando, quando vas huyendo.

Pero yo no la figo, porque creo
Que es contra su recato mi deseo,
Porque es razon de estado en quien bien ama

Hay amigo

Estimar el recato de una dama.

En fin de allí me aparto, conociendo
 El soberano Sol, en que me enciendo,
 Pues sé que vive agora retirado
 En la dichosa esfera de aquel prado;
 Haziendo en luzes tantas
 Que brillen flores, que flores can plantas.
 D. Leonor se llama, a quien su estrella
 Hizo discreta, y bella,
 Pues, por luzir mejor una ventura,
 Quiso dar el ingenio a la hermosura.
 Esta es la dama, que a valientes ojos
 Robò de mis sentidos los despojos;
 Esta la luz, y el norte, dulce amigo,
 Que ciego busco, que constante figo.

D. Die. Doña Leonor, a quien amo,
 Es de D. Lope querida?
 De mi amigo es pretendida
 La dama, por quié me inflammo?
 Grave empeño! que he de hazer
 En tan varia confusion?
 Que el hilo de la razon
 Mi sentido ha de perder.

D. Lop. Ya, D Diego mi tormento
 Logra en vòs una fineza,
 Pues os pudo mi tristeza
 Motivar el sentimiento.

Que a los amigos se ordena,
 [Si el sentir les pone en calma]
 Pues son unos en el alma,
 Sean unos en la pena.

A Dios amigo. *Va-se D. Lop.*
 D. Dieg. Id con Dios;
 Y el Amor en esta guerra,
 Que solo incendios encierra,
 Gane la palma con vòs.

A Leonor D. Lope quiere,

A Leonor D. Lope adora,
 Por Leonor D. Lope llora,
 Por Leonor D. Lope muere.

Yo tambien amo a Leonor,
 Y soy de Leonor amado;
 Ella estima mi cuydado,
 Yo solennizo su amor.

Si yo pretendo olvidarla,
 Porque la quiere mi amigo,
 Lo traydor con ella figo,
 Pues quiero entonces dexarla;

Si soy traydor, es mal hecho,
 (quando yo tal cosa emprenda)
 Que las trayciones aprenda,
 Para ser fino, mi pecho;

Si pretendo conservar
 Este amoroso querer,
 De mi amigo el padecer
 No ha de Leonor estimar.

Si mi amigo no es querido,
 Temo, que sienta su muerte,
 En uno, y otro mal fuerte,

Aman-

Amante, y aborrecido:
 Si muere, no he de leguir
 De mi amor el dulce acierto,
 Pues siendo mi amigo muerto,
 Como he de entonces vivir?
 De suerte, que yo no sè.
 En mi amor, en mi amistad,
 Lo que es justo a mi lealtad,
 Lo que compite a mi fè,
 Cielos, en dolor tan fiero
 Si a dós empeños me inclino,
 Quitadme el amor, que a fino,
 O la amistad, que venero. *Vase*
sale Rostro.
Rost Andad de priessa pies mios,
 Que la noche representa
 En tanto horror mil espadas,
 Que me buscan, y me cercan.
Sale Puño por otra puerta.
Puño. Bien obscura està la noche,
 Que porque màs la encarezca,
 Me parece por lo obscuro
 Un cultidiablo poeta.
Rost. Mas ay q̄ se acerca un hõbre.
P. Mas ay que un hõbre se acerca.
R. Oh si fuera muy cobarde.
P. Oh si muy cobarde fuera!
R. Recelo su fuerça Herculea.
P. Recelo su Herculea fuerça.
R. Bolverle espaldas es justo.
P. Justo es que espaldas le buelva.
R. Pero flaqueza parece.
P. Pero parece flaqueza.
R. Quien va, que espera a dezirlo?
P. Quien va, que a dezirlo espera?
R. Hay respuesta tan amarga!
P. Hay tan amarga respuesta!

R. Bestia, diga ya su nombre!
P. Diga ya su nombre, bestia?
R. Plegue a Dios que sea Puño.
P. Plegue a Dios que Rostro sea.
R. Es Puño?
P. Es Rostro?
R. Borracho.
 Morir aora pudieras,
 Si no te declaras luego.
P. Yo juro por mi nobleza,
 Que pues no moriste aora,
 Tu muerte nunca la veas.
R. Donde vienes?
P. Vengo hermano
 De rondar una moçuela,
 Que fuera linda, bisarra,
 Ayrosa, discreta, y bella,
 A no tener una falta,
 Que tanto a su bocca afea.
R. Y qual es aqueffa falta
P. Y quales; ser pedigueña.
R. Yo tambien ando con una,
 Aunque yo solo me vea,
 Y manco siempre en mi amor,
 Porque ando mal en quererla.
 Oh como a mi bolsa flaca,
 Su frentefilla serena
 Siempre se muestra tan cara,
 Que mil dineros me cuesta!
P. Ya las historias antiguas
 Con migo son verdaderas;
 Pues soy cavallero andante,
 Quando passeo sus rejas.
R. Vamos de aqui, por si acafo
 Un Orlando me acomera
 Por mi Angelica angelica,
 Que como el oro le suena,

Siempre Medoro me llama,
Con que soy Moro por ella.

P. Si quien và? nos preguntare
La Justicia muy severa,
El Conde de Puño en Rostro
Responderemos.

R. Es buena
La respuesta, por librarnos
De corchetes, que nos prendan
Despues de soltar las bolsas.

P. Vamos pues, y alerta, alerta.

Sale Doña Leonor de mañana, y sola.

D. Leon. Prado, que estás vestido
Con alegres colores
De fecundos verdores,
Vè que Enero temido
Nieve sembrando, pierde
Con candido rigor tu pompa verde.
Rio, que vàs corriendo
Con passos crystalinos
Por frondosos caminos,
Vè que el pielago horrendo
Te dà, si te mal trata,
A vida de crystal muerte de plata.
Azucena, que al prado
Por fragante, y nevada
Eres nieve animada;
Vè que te roba el hado,
Por dos causas violento,
La bella candidez, el dulce aliento.
Planta, que floreciente
Con juventud temprana
Eres pompa lozana;
Vè que Octubre inclemente
Te dà, si te saluda,
A verde juventud vejez desnuda.
Rosa, que en tu hermosura

Digan arrogantes.

R. Soy tan valiente, que nunca
Me viò el rostro la pelea.

P. Soy tan diestro con mi espada,
Que huyo siempre con ella.

R. Yo soy vacca en el conflicto.

P. Yo soy cordero en mis fuerças.

R. Aunque todos me hazen rostro,
Le desharè sus cabeças.

P. Nadie pues a mi se oponga.

R. Nadie pues a mi se atreva. *Vanse*

Por purpurea, y fragrante,
 Eres grana espirante;
 Vè que tu desventura
 Te otorga defabrida
 A mucha gentileza poca vida.
 Todo tiene mudança,
 A' dulces alegrías
 Son achaques los días;
 Nada firme se alcança,
 Digalo, en voz que xofa
 Prado, Rio, Açucena, Planta, Rosa.

Sale Flora.

Flor. Dime, que penas, Señora,
 Te mal tratan enemigas,
 Si merezco que me digas
 Lo que dizes a la Aurora?
 Siendo triste tu belleza
 Al nacimiento del día,
 Quando en otros la alegría,
 Empieça en ti la tristeza?
D. Leon. No la fabrè declarar,
 Porque una pena al dezir,
 La sabe el pecho sentir
 Mejor, que el labio explicar.
 Mas dezirtela es razon,
 Que declarado un desvelo,
 Camina siempre un consuelo
 Desde el labio al coraçon.
 Bien sabes que amo a D. Diego
 [Ay D. Diego de mi vidual)
 Con firmeza tan luzida,
 Que toda el alma es un fuego;
 Sabes tambien que mi amor
 Me paga sin trato doble,
 Que quien se descubre noble,
 No se en mas càra traydor.
 Soñando esta noche estava

(Ay rigor, ay tyrannial)
 Que muerto le conocia,
 Si bien vivo se mostrava.
 De suerte, Flora, de suerte,
 Quando el sueño me atorméta,
 Su muerte se representa
 En la imagen de mi muerte.
 Sintiendo el rigor impio,
 Si la noturna ocasion
 Es fofiego al coraçon,
 Fue de fa fofiego al mio.
 Levantème con dolida
 (Ay amargo, ay triste lecho!)
 Todo congoxas el pecho,
 Toda recelos la vida.
 Quando breves mis amores
 Me prognostica este prado,
 Cada flor a mi cuydado
 Es un Cometa de horrores,
 Que voces en el jardin
 Me dan oy por recelosa,
 La purpura de la rosa,
 Y la holanda del jafmin!
 Quantas vezes mis temores
 Llevados de una piedad,
 Accusan la brevedad,

Mortal achaque de flores.
 Juzga pues el pensamiento
 Brevedades a mi amor,
 Que el desmayo de una flor
 Forma voz de un escarmiento.

Flor. De tal muerte la crueldad
 Sin razon tu pecho hiere,
 Pues lo que el sueño refiere,
 Lo desmiente la verdad.

De más, que no lo percibo,
 Pues dizes con modo incierto
 Que le conocias muerto,
 Si bien se mostrava vivo.

Nunca veràn tus enojos
 Lo que en el sueño has temido,
 Que aunq̃ es vision de un sètido,
 No lo ferà de los ojos.

D. Leon. Ay, Flora, que con rason
 Temo el mal, que en su desvelo
 A las voces del recelo
 Es ecco la execucion.

Oh como igualdades, Flora,
 La flor, y mi amor ofrecen,
 Pues igualmente perecen
 La flor, y mi amor aora;

Galan la flor se ostentó,
 Galan mi amor se ostentava,
 La noche la flor acaba,
 Mi amor la noche acabò.

Flor. Dexa, dexa los cuydados
 Dessos recelos fingidos,
 Dessos males mal temidos,
 Aun que de ti bien llorados.

No tarda mucho D. Diego,
 Que como suele, vendrà,
 Y amante foflegarà
 Tu vano desafosiego.

La sombra obscura, señora,
 Con denfos vapores hecha,
 Queda en el ayre deshecha
 A bella luz, que la dora;
 Serà deshecha tambien,
 Quando viniere tu dueño,
 La sombra de aqueffe sueño
 A la luz de tanto bien.

D. Leon. Ya con vida le espero,
 Ya con el alma le aguardo,
 Pues son cosas, que le guardo,
 Porque con ellas le quiero.

Ya pues con dezeos mil
 Se me assegura un favor,
 Que al Deziembre de un dolor
 Llega de un bien el Abril.

Flor. Alivia la pena luego.

D. Leon. Ah si D. Diego viniera!

Flor. No fientas con goxa fiera.

D. L. Ah si viniera D. Diego! *Ví-se.*

Sale D. Isabel y Dorothea.

Dor. Que estàs tan enamorada?

D. Tab. Que he de hazer? si el ciego
 Desmintièdo lo divino, (Dios,
 Suele ostentar el rigor.

Dor. Y dime, nunca D. Diego
 Essa constancia pagò? (bres

D. Is. No es cosa nueva en los bom-
 No pagar la obligacion;)
 No quiere, porque es querido,
 Que en causa de un disfavor,
 Para baxar a lo ingrato,
 Es lo querido es calon:

Dor. Es ingrato, siendo noble?
 No entiendo la sin rason,
 Que lo ingrato no se escribe
 En el papel del honor.

D. If. Mal haya pues Dorothea
 La amistad, que motivò
 Este cuydado sin pausa,
 Este tormento sin voz;
 Pues viendole muchas vezes
 En mi casa, ocasionò
 Curiosidad en mirarle,
 Y escuchar su discrecion,
 Y de aqui tuve un dezeo
 Para mirarle mejor,
 Deste dezeo un agrado
 Al alma mia llegò;
 Finalmente del agrado
 Vino (ay triste!) la afficion.
 Bien sè que diràs aora
 Que contra el recato voy,
 Si me expongo a los dezayres:
 De una amorosa atencion;
 Pero si tu conocieras
 El Flechero abrazador,
 Yo te afirmo, y te encarefco,
 Que nõ me culpàras, nõ
 De aquesta flecha la herida,
 De aquesta llama el ardor.
 No puedo admittir consejos,
 Que me intima mi blason,
 Porque al Monarca desnudo,
 Como es del alma señor,
 Juntamente con el alma
 Le obedece la rason.
 De mas, que quando en lo amante
 Le comuniquè un favor,
 Queriendo con el casarme,
 Ya que nobleza heredò,
 Me defiende el Matrimonio,
 Si me acusa la opinion.
Dor. No sè como amor le tienes,

Si desdenes ostentò,
 Que un desden sirve de nieve,
 Quando un affecto es calor.
D. If. Ah Dorothea, no digas,
 Como amor le tengo yo,
 Porque si el Amor es fuego,
 Soplos los desdenes son;
 Y si en las frias tinieblas
 Luze màs un resplandor,
 Tam bien queda màs brillante
 Como luz una passion,
 Quando de frios desdenes
 Frias tinieblas sintiò.
Dor. Pero si ves que la suerte
 Te ocasiona la oppression,
 No quieras màs el affecto,
 Pues te buscas el dolor.
D. If. Aunque al coraçon mal trate,
 Le conocerà desde oy
 Con amor, y con suspiros
 Màs valiente en su afficion.
 Viste una palma, que al ayre
 Con el pomposo verdor
 Siendo sus plumas los ramos,
 Es un frondoso pavon;
 Tan bisarra, y tan hermosa,
 Que en magestad superior
 La Republica de plantas
 Noble Reyna la jurò;
 Si algùn peso se le impone,
 Se ostenta con màs valor,
 Que hasta una planta se indigna
 De una humilde sugencion?
 Y de aqueste movimiento
 Contra el peso es la ocasion,
 Que el Cielo la facultad
 Del ayre, y fuego le diò;

Ansi pues, si la fortuna
Impusiere al coraçon,
Para humillarle el capricho,
El peso de tu rigor,
Se mostrarà mäs valiente,
Como palma, al peso atroz,
Con el ayre de suspiros,
Con el fuego del amor.

Dor. Busca en fin algun remedio
A la herida desse harpon.

D. Is. Hede pues mudar el nōbre,
Por ver en esta sazón
Si la desdicha se muda,
Quando el nombre se mudò;
Le diràs que Doña Elvira
A sus partes se inclinò,
Notando su gentileza,
Su nobleza, y discrecion,
Y que en el hermoso prado
Con el hablarà mejor,
Si una obediencia merece
Quien un decoro arriesgò:
Y has de llevarle el recado
Con la promptitud mayor,
Que como el nò te conosca,
Se asegura mi intencion.

Dor. Para casos semejantes
El reboço se inventò. *Van-se.*

Sale D. Die, y D Lope como enfermo.

D. Lop. Siempre se precia de dura
Leonor bella a mi tristesa,
Que siempre fue la dureza
Hermana de la hermosura.

D. Die. Pues dezid, q̄ haveis de hazer
Si sentis lo riguroso;
Oh si el cuydado amoroso *apart.*
Le dexasse de encender!

D. Lop. Si la por fia batalla
En la guerra de un rigor,
Siempre rinde su valor
De la esquivéz la muralla;
Ostentando pues firmeza
Hede ver, si venço yo
Con por fia a quien venció
Mi coraçon con belleza.

D. Die. Ved, D. Lope, q̄ se alcança
Con la dama grosseria,
Canfarla con la por fia,
Porque parece vengança.
Siempre tiene amor injusto,
Sies con ella por fiado,
Pues le motiva el enfado,
Y se le oppone en el gusto;
Y amor no se hade llamar,
Pues de amor no son costūbres,
Occasionar pesadumbres.
A quien pretende agradar.

D. Lop. No passéis mäs adelante,
Que un affecto generoso,
Si pierde por amoroso,
Puede ganar por constante.
Con lo fragil de una flor
Mostrar se amante no es bien,
Quando al soplo de un deiden
Se desvanece un amor.

Que flaco amor, sobre necio,
Aqueste se llamaria,
Pues queda sin valentia,
Si le acomete un desprecio.
Y fino amante no ha sido,
Quando dexa el padecer,
Pues no quiso por querer,
Sinò para ser querido.
Si las por fias apura

Quien.

Quien conquista una ciudad,
 Sufrá tambien la igualdad
 Quien cóquista una hermosura.
 Serà despues admittido
 Lo fino de su cuydado,
 Porque merece lo amado,
 Como premio, lo sufrido.

La porfia, que en seguirla
 Se empeña amorosa llama,
 No es para enfadar la dama,
 Es solo para sufrirla.
 Y tan fuera està canfarla,
 Si el tormento amor adquiere,
 Que quien sufrirla no quiere,
 Muestra que no quiere amarla.

D. Dieg. No os replico, pero dad
 Algun remedio al dolor,
 Que si vòs moris de amor,
 Yo morirè de amistad.

Quando vòs estais doliente,
 Y el alma siente affligida,
 No arriesgais solo una vida,
 Dos se arriesgan juntamente.

Cruel en vuestro tormento
 Con vòs, y conmigo estais,
 Con vòs, porque os maltratais,
 Con migo, porque lo siento.

Por gran lastima se advierte,
 Si el amor matar os trata,
 Pues ninguna pena os mata,
 Solo un gusto os dà la muerte.

D. Lop. Si muero, *D. Diego*, es justo
 El morir, pues se me ordena,
 Si otros mueren de una pena,
 Que yo me muera de un gusto.

Este amor en fin, que ofrece
 Mi pecho a Leonor amada,

Moirè, si no le agrada,
 Vivirè, si le agradece. *Va-se.*

D. Dieg. Amor empieça a mover
 Contra amistad guerra dura,
 Aquesta vencer procura,
 Aquel procura vencer;

Si el amor quiero emprender,
 La amistad estoy buscando,
 Y en varia contienda, quando
 Una, y otra cosa emprendo,
 Dexo lo que voy siguiendo,
 Sigo lo que voy dexando.

Qual hade fer vitoriofo
 Dezid, Alma, a mi dolor?
 Vença el amor, que el Amor
 Màs que todo es poderoso:
 Pero no, que es rigurofo,
 Si vence Amor; pues se advierte
 Que mi amigo desta suerte
 Hade morir, y es injusto
 Que cueste aora mi gusto,
 A quien bien amo la muerte.

Vença la amistad; mas no,
 Que cõ mi amor me desmienta,
 Pues inconstante escarmiento
 Lo que firme se jurò.

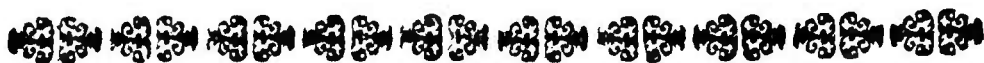
Vença el Amor; pero yo,
 Si el amor quiero estimar,
 Con la amistad que he de obrar?
 Que occasion he de seguir?
 O mi amigo hade morir,
 O mi amor hade acabar.

Vença la amistad, que fuera
 Poca fè, si bien se infiere,
 Si lo que mi amigo quiere,
 Yo mismo no lo quisiera:
 Demàs que el pecho pondera

En amor de igualdad,
 Pues halla mi voluntad,
 Para seguir el honor,
 Solo el gusto en el amor,
 Y el honor en la amistad.
 Leonor no se ha de quejar
 De que pida a su belleza
 El alma, que mi firmeza
 Hasta aqui le quiso dar;
 Que en amistad singular,
 Que con D. Lope tenia,
 Era suya, y no podria
 En la dulce ardiente llama
 El alma dar ami dama,
 Pues el alma no era mia.
 El Amor, en lo que veo,
 No se quexe, si consiento,
 Al pesar del pensamiento
 Dar lo mismo que deseo;
 Que doy mucho no lo creo,
 Aunque Amor lo diga ansi,
 Pues dando a D. Lope aqui
 Lo que agradava a mi fê,

Que mucho que un gusto dè
 A quien un alma le di?
 Ni oy devo estar quexoso
 De que Leonor compassiva
 Con braços de amor reciba,
 De mi amigo lo amoroso;
 Pues si el primor generoso
 De mi amistad pudo darle
 Ser otro yo de fearle
 Leonor, no serà perderme;
 Pues no dexa de quererme
 Quando se empeña en amarle.
 Rios, ya mi amor si llora,
 Plantas, ya mi amor se alexa,
 Flores, ya mi amor se dexa;
 Aves, ya mi amor se ignora;
 Hombres en fin, se athesora
 Vuestra afficion la firmeza,
 No me culpeis la estrañeza,
 Pues si dexo mi afficion,
 Lo que en otroses traycion,
 En mi viene a ser fineza.

Va-se D. Diego:



JORNADA SEGUNDA.

Salen Doña Leonor, y Flora.

D. Leon. Ya tarda D. Diego, quãdo
 Con tantas ansias le espero:
 Oh como muchas tardanças
 Pensiones son de un dezeo!

Flor. Estimurlas te conviene,
 Que esse alivio pretendiendo,

La gloria aumenta de un logro,
 De una tardança el desvelo.

D. Leon. Dizes bien, q̄ en lo penoso
 Sabe mejor, al tenerlo,
 Con lo amargo de una pena
 Lo gustoso de un consuelo.
 Si quien un contento alcança

Quan-

Quando otro gustava.es cierto
Que no se logra applaudido,
Porque nõ viene a ser nuevo.
Agora es bien que en lo tardo,
Si el plazer estoy previendo,
Se anticipe una congoxa
Para applaudir un contento.

Flor. Mas dexando aquesto aparte,
Sabràs,señora,que un pliego
Para ti me dió D.Lope,
La diligencia advertiendo,
Y con temor,y osadia,

Entre si tibio,y resuelto,
Dando el papel parecia
Que lo dava sin quererlo.
Mira señora,la carta, *Dale.*
Y en sus razones veremos
Si de D.Diego su amigo
Son enemigos successos.

D.Leon. Leo el papel temerosa
Ya con mil sustos abierto,
Queriendo ver,si averigo
Las desdichas,que no quiero.

Lee.

Hermoso siempre,siempre atormentado
Tu rostro agrada,vive el pecho mio;
Robame el alma,vence mi alvedrio,
Sufre el rigor,estima su cuydado.

Mi pecho amante es,tu rostro amado
En prision dulce,en grave señorio
Tu rostro blando,tu rigor impio
Al pecho gloria dà,tormento hà dado.

Con luz tu rostro,el pecho sin reposo
Externo resplandor,dolor interno
Muestra agradable,siente lastimoso;

Tiene con gracia pues,con mal eterno
Tu rostro bello,el pecho congoxoso
El Paraiso alegre,el triste infierno.

D.Le. D. Lope aquesto me escribe?
D.Lope me escribe aquesto?
Quando D.Diego me quiere,
D.Lope me està queriendo?
Esto es amistad? ò siglo
Con tus engaños perverso
Que se juzgue por amigo
Un enemigo encubierto?
Oh costumbre de trayciones!
Oh tyrannia de enredos!

Que para hazer mas seguros
Al coraçon sus intentos,
Los causan, sin prevenirlos!
Los obran, sin conocer los!
Quando D.Diego me afirma
Con alto encarecimiento
Que es de antiguas amistades
La suya feliz compendio,
Como en D.Lope hallo aora
Esta traycion: como, ò Cielos,

Ec

Per-

Permittis coraçon doble
 Contra coraçon sincero?
 Mal haya el dia, en que viste
 Mi presençia, amaneciendo,
 Quando en el Cielo la Aurora
 En tu juyzio el defacuerdo,
 Con que formando palabras
 De amoroso arrojamiento,
 Quiça de tantas locuras
 Se estava Aurora reyendo.
 Aunque a D. Diego olvidasse,
 Flora amiga, te encaresco
 Que nunca viera D Lope
 El dulce amoroso premio,
 Porque quando sus doblezes
 Medrosamente estoy viendo,
 Quien temo amigo alevofo,
 Amante alevofo temo; (ones
 Que en su amor muchas trayci-
 Por consequencias infiero,
 Que de un imperfecto amigo
 Se haze un amante imperfecto,
Flor. Buenos amigos de ogaño
 Juro por Dios que son buenos;
 Pero alli D. Diego viene,
 Señora.

Sale D. Diego.

D. Leon. Querido dueño,
 De mi coraçon la pena,
 Y de mi pena el sosiego,
 Oh quanto me pesa! oh quanto!
 (Si estuve yo padeciendo)
 Solo porque el alma es tuya,
 Que la maltrate el tormento,
 Como tardaste que hiziste?
 De que te muestras suspenso?
 En el papel de tu rostro

Mi desdicha estoy leyendo,
 Buelve-te, Flora, allà fuera, *ya se*
 Solos estamos, que es esto?
 Tu con tristeza me miras?
 Por ventura tienes zelos?
 Nò sabes que soy constante?
 Nò conoces los excessos
 De mi amor? pues como aora
 Te veo ansi? no penetro
 De tus tristezas ca causa;
 Empieça, no tengas miedo,
 Habla, dime que has sentido?
 No me encubras lo que siento,
 Si encubres por no inatarme,
 Ya de sentirlo me muero;
 Pero si no me declaras
 El dolor, que estoy temiendo,
 Oy lo fabrè de ti propio,
 Si lo pregunto a mi pecho.
D. Dieg. Ya llegò, Leonor hermosa,
 (Nò sè si dezirlo puedo)
 Al dia nocturna sombra,
 Al Verano duro Invierno,
 Al clavel de smayo triste,
 A la llama fin violento;
 Y por dezir mucho en poco,
 Mi amor se acaba, y te pierdo.
 Mira aora en lo que digo,
 Si es mal para padecerlo,
 Si es dolor para sentirlo,
 Si es pena.

D. Leon. Basta D. Diego,
 Que cada voz, que pronuncias,
 Es un tofigo que bevo;
 Pero quando en mis firmesas
 Con las montañas me apuesto,
 No temas, D. Diego mio,

Que

Que en amorosos empeños
 Dia, Verano, clavel,
 Y llama se acaben presto;
 Pues para el dia le guardo
 De lo firme el luzimiento;
 Para el Verano las flores
 De mis finezas prevengo;
 Para el clavel en mi llanto
 Vital rozio le vierto;
 Para la llama en suspiros
 Le estoy fomentando el viento;
 Quiero dezir que mi amor,
 Como lo explicastes siendo
 Dia, Verano, clavel,
 Y llama firme, le veo
 Con luzimiento, con flores,
 Con agua, y viento, q̄ offresco,
 Quando constancias apuro,
 Quando finezas confervo,
 Quando lagrymas derramo,
 Quando suspiros aliento.
 Dime en fin el triste caso,
 Que parece injusto effeto,
 Que sobres para sentirlo,
 Y faltes para exponerlo.

D. Dieg. Ay Leonora que las voces
 Me aprisiona el desconuelo.

D. Leon. No lo explicas, y lo sientes;
 Como, mi bien quádo es menos,
 No puedes dar al aviso
 Lo que das al sentimiento?

D. Die. Sabrás pues que la fortuna
 Por dar al amor, que tengo,
 Las antiguas oppresiones,
 Que merece por discreto,
 Ocasionò que mi padre
 Con rigurosos precetos

Me casasse.

D. Leon. Que me dizes?

D. Dieg. Me casasse.

D. Leon. No te entiendo,

D. Dieg. Y por dar execuciones

A lo mismo que aborresco,

En veinte dias dilata

Los siglos del casamiento.

Esta es, Leonor, la desdicha,

(Amarga invècion cõsiento) *ap.*

Que defenlaça dos almas

A petar de un ñudo estrecho.

D. Leon. Gran mal la suerte publica

A nuestro amor, yo confieço

Que es gran mal, pero conofco

Facilidad al remedio;

Porque puedes responderle

A tu padre con despejo

Que no hay estado dichofo,

Si el alvedrio es sugeto;

Que el forçado matrimonio

Quando sin gusto se ha hecho,

En vès de ofrecer el alma

Solamente entrega el cuerpo;

De fuerte que con violencias

El estado no es perfeto,

Pues si el alma falta entonces,

Es un matrimonio muerto.

En fin con estas disculpas,

O' con otras, que no expendo,

Lifongeeas lo amoroso,

Y te quitas lo molesto.

D. Dieg. Obedecer a mi padre

Es justo, que a lo que devo,

Ser hijo, y ser obediente

Es en lo noble lo mesmo.

Quien viò Cielos lo q̄ obliga *ap.*

Una amistad, que profeso,
 Pues dezeo que se estorve
 Oy lo mismo, que dezeo!
D. L. D. Diego, quando en las almas
 El amor hay de por medio,
 Como ciego en las finesas
 Se haze sordo a los consejos.
D. Die. Un odio en mi padre alcãço,
 Si a mi padre no obedesco,
D. Leon. De suerte si, que procuras
 Abraçar el defacierto?
D. Die. Perdona, Leonor querida,
 Si contra tu amor te dexo.
D. Leon. Ingrato, perfido amante,
 Que estàs aora añadiendo
 A las culpas de alevofo
 Los delitos de grossero,
 Dime, donde està lo firme?
 Donde està lo verdadero?
 Donde dexaste lo fino?
 Donde truxiste lo esento?
 Estos eran los halagos?
 Estos eran los extremos?
 Estos eran los cariños?
 Estos eran los requiebros?
 Como aora en mi presencia
 Me dixiste sin respeto:
 Perdona, Leonor querida,
 Si contra tu amor te dexo?
 Que diran aquellos prados,
 Donde, lo verde vistiendo
 La esperança asseguravas
 Del casto amoroso lecho?
 Que diran aquellas plantas,
 Quando notavan, al vernos
 Aun mas, q̄ en sus ramos hojas,
 En tus palabras concetos?

Que diran aquellas flores,
 Donde afirmavas por cierto,
 Aunque flores tus finesas,
 Dé firmes el privilegio?
 Ya creo que prados dizen
 Que mal tratarme estoy viendo,
 Como el Enero a su pompa,
 De mis penas el Enero.
 Ya creo que plantas dizen
 Quando sus hojas pondero,
 Que eran hojas de palabras
 Tus traydores pensamientos.
 Ya creo que flores dizen,
 Si tus doblezes advierto,
 Que visten menos colores,
 Que ornaban tus fingimientos.
 Quien me dixera, ah fortuna!
 Que de amor el oro bello
 La pildora de trayciones
 Tenia entonces cubierto.
 Quien me dixera, ah desdicha!
 Que un voracissimo fuego
 debaxo de unas cenizas
 Tan blandas estava puesto.
 Quien me dixera, ah pesares!
 Que a voces de llanto tierno
 Me llamava lastimoso
 Un cocodrilo sangriento.
 Quien me dixera, ah rigores,
 Que de engaño un aspid fiero
 Entre flores de esperanças,
 Occultavan los deseos!
 Salga en fin del pecho, salga
 Tu imagen, que ya recelo
 Que enfermedades de ingrato
 Pueda pegarle a mi pecho.
 Oh como aora me afflige,

Tus mudanças conociendo,
 Todo el tiempo mal gastado
 En amoroso sustento!
 Pues quãdo en glorias de amãte
 Tristes memorias rebuelvo,
 Aquellos dias de gloria
 Los juzgo figlos de infierno.
 Buelve-te pues para ingrato,
 Que me corro, si me acuerdo
 De que suya me llamasse
 Quien tan villano se ha buelto.

Va-se. (fies

D. Dieg. Que es esto, amor? no por-
 Con la amistad, que venero;
 No ves que mãs de lo amigo
 Que de lo amante me precio?

Cessen ya tus desvarios,
 Enmudeſcan ya tus ruegos,
 Callense ya tus porſias,
 Mueran ya tus devaneos.

Mas ay! fiero amor, que agora
 Se conocen aca dentro
 Quando en tu vida los fines,
 En tus llamas los alientos.

Bien assi, como en sus rayos
 Un encendido luzero,
 Que es estrella de la tierra
 En emulacion del Cielo;
 Sia su resplandor le faltan
 Los vitales alimentos
 Entre luzidas congoxas
 Em pieça a estarse muriendo;
 De fuerte, que en sus desmayos
 Con mãs luminoso esfuerzo
 Aviva mãs lo flammante
 Quando llega lo poſtrero.

Luzero tambien del alma

Cruel amor, te con templo,
 Quando en tus vivos ardores
 Te miro estar pereciendo,
 Pues avivas mas tu, llamas
 Quando acaban tus incendios.

Sale Puño.

Puñ. Dime, señor, quien te puso
 En tu rostro tales gestos,
 Que pueden servir al gato,
 Bulcando el raton incierto?

D. Die. Dexa, Puño, los donayres,
 Que quien vive en sufrimientos,
 Aumenta el tormento propio,
 Si attenda al plazer ageno.

Puñ. Dexa, señor, las tristefas,
 Que quien vive muy contento,
 Se enfada mucho, si el otro
 Con el se està maldiziendo.

D. Dieg. Amor, amor, no batalles,
 Amistad, no haya recelos,
 Que aun que amor es poderoso,
 Ya su poder es deshecho.

Puñ. El agora en loco ha dado
 Sobre amante, por S Pedro,
 Con que loco sobre loco
 Muestra en fin su entèdimiento.
 Podrè, señor, de tu bocca
 Saber aqui lo que es esto?

D. Die. Biẽ sabes q̃ amo a Leonora.

Puñ. A delante, venga el resto.

D. Die. Sabes tambien que D. Lope
 Es mi amigo.

Puñ. Y contra el tiempo.

D. Die. Sabràs pues q̃ el es amante
 De Leonora, no sabiendo
 Que a Leonor, y al alma mia
 Para rendir a dos pechos,

Vibrára

Vibràra harpones dorados
 De Cypre el rapàs flechero.
Puñ. Dorados? Hermosa herida,
 Siempre me hieran con ellos.
D. Die. D. xe a Leonor que mi padre
 Arrojado en lo severo
 Me casò.
Puñ. Tambien mentimos?
D. Die. Porque con ella pretendo
 Que ame a D. Lope mi amigo,
 Y no sin razon lo creo:
 Que una muger, quando quiso,
 Y padece algun desprecio,
 En despique de su gusto
 Admitte qualquiera empleo.
 Pero Leonor offendida
 Connigo ayrada se ha buelto,
 Culpandome las mudanças
 Tan rigurosa, que pienso
 Que si alli no me alentassen
 Sus ojos, muriera luego
 De suerte, que por matarme
 Ayrado rigor moviendo,
 Se estorva a si con los ojos
 Lo que causa con el ceño.
Puñ. Ha tal ficcion, voto a Christo
 Que nõ la formàra un Griego;
 Pegastela como farna,
 Estarè de ti muy lexos.
 Es possible que esse engaño
 Aun Angelito supremo,
 Sin mirar por su innocencia,
 Formaron tus embelecòs?
 Ea teñor, no maltrates
 Al açucenado objecto,
 Vè regarlo con tu llanto,
 Que nõ la marchite el yelo.

No consentas, no que pierdas
 (Vè que lo murmura Venus)
 Un melindre de crystales,
 Un donayre de luzeros.
D. Die. Calla, Puño, no parezcas
 Con tus gracias, como aquellos,
 Que por medio de graciosos
 Tienen fama de indiscretos.
Puñ. Nada les cuesta a los mismos
 Ser indiscretos, que en serlo
 Les dan de gracia el renombre.
D. Die. Siempre es barato lo necio.
Puñ. Pero sabràs que en tu casa
 Te espera con gran secreto
 Un demonio, ò una muger,
 Que poco lo diferencia,
 Occultando con reboços
 (Poquito de culto hablemos)
 Los flammigerantes globos,
 Los albicantes reflexos,
 Los rubicundos distritos,
 Y los gemiferos fenos.
 Si no me entendiste aora,
 Una verdad te revelo,
 Pues aqui solos estamos,
 Que para haver de entenderlo,
 Lo que digo, he menester
 Para mi propio un comento.
D. Die. Es language de Poetas
 De los que llaman modernos.
Puñ. Effos no se alaban cyfnes,
 Porque se precian de cuervos,
D. Die. Voy pues ver quiè es la da-
 Que cõ ella hablar intèto, (ma,
 Y de camino en las casas
 De mi amistad te encomiendo
 Que las puertas de tus labios

Cierre llave del silencio;
Que no siempre los criados
Han de estragar los secretos.

Puñ. Con una palabra sola
Te respódo anfi, prometo *Vã-se.*

Sale Rostro con un diamante, y muy contento.

Rost. Diòme un diamante lustroso
Mi amo, y me encomendò
Que a Flora lo dieffe yo,
Que es amante dadivoso.

Bien sè que dize un bergante
Que el diamante es para Flora;
Pero miente, porque aora
Para mihi es el diamante.

Señores, no hede llevarlo,
Pues, si es bien a mi pobresa,
No ferà mucha simpleza
Tener el bien, y dexarlo?

Señores, esta es mi gloria,
Que nò me acuerdo al sentilla,
Dar el diamante a Florilla,
Que el diamãte nò es memoria.

Nò admiren las ocasiones
De mi doble deslealtad,
Que criados en verdad
Son criados en trayciones.

Mira muchas vezes el diamante.

El diamante que alegria
A mi avariento dezeo!
Es mas fondo, si lo veo,
Que un punto de Theologia.

Con su dureza me alegro,
Que no puede deshazerse,
Pues por màs encarecerse
Es tan duro, como un fuego.

Este es con mucha razon
En la tierra màs preciado,
Que en el Cielo el inflamado
Flamenguillo vellacon.
Mas ay, que alli Puño viene,
Escondo el diamante anfi.

Esconde el diamante con presteza, y sale Puño.

Puñ. Que esconde?

R. Lo que escondi.

Puñ. Muestrelo acà.

R. Nò Conviene.

Puñ. No sabe que soy su amigo,
Y siempre le quise bien?

R. Lo mismodigo tambien,
Nunca le fuy su enemigo.

Puñ. No sabe, pues no le affombre,
Que amor en nòs otros siembra,
Pareciendo usted el hembra,
Quando yo parezco el hombre?

No sabe, si nos pedia
El ventero màs del gasto,
Que quando nos dava el pãsto,
Grandes bestias nos hazia?

No sabe, yo lo refiero
Quando bevimos, hermano
Aquel vino tan Christiano,
Que lobautizò el ventero?

Si sabe nuestra amistad,
Muestre en fin lo que escondiò,
Que lo quiero ver.

R. Yo

Lo muestro por su lealtad,
Dale el diamante.

P. Es diamante! en contemplarlo
Me està enamorando el alma,

Bien

- Bien lleva a piedras la palma;
 Quien se lo ha dado?
R. El no darlo. *aparte.*
P. Que dize?
R. Bestia, no sabe
 Que mueren damas por mi?
 Pues una lo diò.
P. No vi
 Dama liberal.
R. Suave
 Es mi requibrillo.
P. Quiero
 Para mi dama el diamante.
R. Nullo modo for hurtante.
P. Mammavit for cavallero.
R. El diamante hade bolver,
 Porque el diamante no es mio.
P. No lo ignoro, pues confio
 Que aora mio hade ser.
- R.* Deme el diamante, que es
 Grande baxeta tomarlo
 A quien no dudò mostrarlo.
P. Yo se lo darè despues.
R. Amigo Puño, dè pues
 El diamante.
P. Para que?
R. Paro lo que yo me se.
P. Yo se lo darè despues.
R. Mal hayan sus leves piès,
 Que le truxeron, dè ya
 El diamante.
P. Esperarà,
 Yo se lo darè despues.
R. Vive Dios que hede matarle.
P. Si despues q̄ me muriere. *Va-se.*
R. Picaro ladron, espere,
 Que la vida he de robarle.
Vaf-e tras el.

Sale D. Isabel reboçada, y D. Diego.

D. Dieg. De una criada vuestra persuadido
 Vengo, bella señora, obedeceros,
 Y si de faziarme haveis querido,
 Ya me ha muerto el motivo de quereros;
 Mas siendo vuestro intento obedecido,
 Solo me falta en la pelea el veros;
 Ea pues entre lucidos enojos
 Las armas esgrimid de vuestros ojos.
 Mirad que al dia le teneis quexoso,
 Quando aora negais los esplendores,
 Y mirad, que sintiendo lo amoroso,
 No es bien que ignore quien me causa ardores;
 Al dia pues quitad lo tenebroso,
 A mi amor aliviad en sus dolores,
 Prestando en igualdades de alegria
 Venturas a mi amor, luzes al dia.

Pero ya no me admiro, hermosa dama,

Quando el reboço en vuestros ojos dura,
Que siempre se atrevió contra su llama
Al Sol radiante la tiniebla impura:
O' como agora, si mi amor se inflama,
Os averigo Sol con nube obscura,
Pues si entre nubes su esplendor se sienta,
Quando menos luzido, es más ardiente.

Si abrazais a mi pecho atormentado,
Como al reboço no abrazais, señora?
Pues si el está más cerca de inflamado,
Como el incendio, que causais, ignora?
Mas no, que si es incendio ocasionado
De vuestros ojos, justamente agora,
(Como rayos de fuego si decienden)
Siendo parte mejor, al alma encienden.

Si matais disfraçada dessa fuerte,
No ganais en la muerte noble gloria,
Porque con el disfraz dando la muerte,
No es de vuestra hermosura la vitoria:
Traças nõ busqueis, no, pues bien se advierte,
Quando teneis de Parca executoria,
Que para ocasionar mortal fieresa,
No hade buscar más traças la belleça.

Abrid en fin, abrid a vuestros soles
Esta obscura cortina, que a sus rayos
Los míos servirán de Gyrasoles,
Sin temer del incendio los desmayos;
Y haziendo de flammantes arreboles
Con mi rendido amor bellos ensayos,
Viendo al Sol, siendo amante, serè luego
Ciego de vuestra luz, de mi amor ciego.

D. I/ab. Mirad D. Diego bien que lisongero
No hade mostrarte quien se afina amante,
Que ansi pierde el amor lo verdadero,
Aun que quiera ganar en lo constante:
Pero si en vòs habita lo sincero,
Pero, si en vòs se niega lo inconstante,

Hay amigo

Por quedar vuestro amor más satisfecho,
Descubro el rostro a quien descubre el pecho.

Descubre-se D. Isabel.

D. Dieg. Doña Isabel, hermosa es Doña Helvira,
Buen engaño por Dios.

D. Isab. En mi desvelo
Este engañoso enredo no se admira,
Pues basta ser de un amoroso duelo;
Mas aunque injusta la invencion se mira,
Siendo para casarme, quiera el Cielo
En la ocasion, que amor os manifiesta,
Aun que el medio es indigno, el fin lo honesta.

Sabreis pues (yo lo siento) que inclinada
El alma os tuve, bien que en mi respeto,
Con el civil temor de enamorada,
Vinculé mi afficion con el secreto:
Oy quiebro la prision de recatada,
Aun que nunca a mi amor os vi sugeto,
Porque satisfaziendo lo quexoso
A quien no puede amante, logre el esposo.

D. Dieg. Agradezco, señora, en el miraros
El motivo dicho de quereros,
Que quien no paga así deudas de amaros,
Viene a negar la obligacion de veros:
Nadie puede en lo bello contemplaros,
Si merece el favor de conoceros,
Que no sienta igualmente competiros
Penas de amaros, dichas de sufriros.

Pero averigo estorvo a vuestro intento
Quando sabeis que soy constante amigo
De vuestro hermano, a quien mi pensamiento
Se ha de ofrecer traycion, si lo prosigo:
De fuerte, que el amor en lo que siento,
Y tambien la amistad en lo que figo,
Ambos me exhortan, y en espacio breve
Me enfrena la amistad, si amor me mueve.

Deveis agradecer el delengaño,

Aun que lo juzgue amor por villania,
 que haziendo a vuestro hermano doble engaño,
 Tambien a vuestra cuenta competia:
 De fuerte, si os evito aqueste daño,
 Màs amor os ostenta el alma mia;
 Soy pues, señora, en caso semejante
 Quando menos os amo, màs amante.

D. Isab. De vuestra cortesía estoy pagada,
 Aun que se oponga al pretendido empleo,
 Pues viendo essa fineza, que me agrada,
 Mayor motivo para amaros veo:
 Ya queda mi affición màs acertada,
 Si essa fineza en la amistad os creo,
 Pues fereis fino en amoroso estado
 Si con una amistad, con un cuydado.
 Si mi hermano, *D. Lope*, conociere
 Que el coraçon os ama enternecido,
 Premiando vuestra fè, si la supiere,
 Cumplirà mis deseos como vido:
 Pues quando essa fineza le advirtiere,
 Con màs razon harà lo pretendido
 De fuerte pues, que del favor presente
 Quando lo desechais, sois pretendiente.

D. Die. Alentado mi pecho venturoso
 Con la que prometteis, dulce esperança
 A cruel tempestad de lo penoso
 Ya parece que llega la bonança.

D. Isab. Aliento coraçon en lo amoroso.

D. Die. Una vitoria mi amistad alcança.

D. Isab. Yo firme quiero. *D. Dieg.* Yo constante figo.

D. Isab. La fè de amante. *D. Die.* La verdad de amigo. *Var. fè*

Sale D. Lope, y Rostro.

D. Lop. Ya que ingrata mi Leonor
 En papeles, que embiè,
 Lo que te deve a una fè,
 Lo paga con un rigor;
 Muera pues, y desta fuerte

Agradesca tu fieresa,
 Pues le ostento una fineza
 Quando me causa una muerte.
 Amor amorir se offresca,
 Si conmigo se apassiona;
 Quien pues la muerte ocasiona,
 Ffij Tam-

Tambien la muerte padefca.
 Aun en mi muerte me afino
 Quando obedecerla trato,
 Pues fe le acaba lo ingrato,
 Que es defayre a lo divino.
 Y fi dexo mi cuydado,
 Le hago tambien un favor,
 Pues, muriendo-se mi amor,
 Acaba entonces su enfado.
 Ya pues, que en morir me empleo,
 La muerte se acorque ya;
 Mas creo que no vendrà,
 Porque yo me la defeo.
 Que tal defdicha ha logrado
 Quien nunca vive en la dicha,
 Que no viene una defdicha
 Por quererla un defdichado.
 De fuerte fi el golpe fiero
 Porque quiero, no he de ver,
 Ya no le quiero querer
 Porque vea lo que quiero.
Rof. Muere feñor, que muriendo
 Con effe dolor profundo,
 No has de fufrir en el Mundo
 Mil cosas, que eftoy fufriendo.
 Imprimis por declararte
 De un abogado me quexo,
 Que eflà vendiendo un confejo
 Despues de vender la parte.
 Secundò te has de admirar
 De un Medico, quando vieres
 Que fi tu por matar mueres
 Efte vive de matar.
 Tertiò, un efcrivano fuma
 De muchos pobres el pan,
 Haziendo-se un gavilan
 Quando se pone la pluma.

Quartò, veo en un pelon,
 Que con canas barbas beve,
 Lo que le anochece nieve,
 Se le amanece carbon.
 Quintò, y es cato bien fabido
 Un marido fufrir ofa
 Al bello Sol de fu efposa
 En Capricornio metido.
 Sextò, a mis ojos se avifa
 Un hombre de poco avifo,
 Que se precia de Narcifo,
 Y alfin viene a fer Narcifa.
 Seprimò, fufrò un gentil
 Mercader, q̄ es fiempre efento,
 Pues lo que compra por ciento
 Nos fuele vender por mil.
 Octavò, un Judio azecho
 Muy fantarron de Chrifiano
 Con el Rosario en la mano,
 Y con fu ley en el pecho.
 Nonè, veo Pedantones,
 Que agenos verfos hurtando,
 Se eflan las uñas facando,
 Por negar que fon ladrones.
 Enfin hay cosas iguales
 En el Mundo, que el morir
 Ya nõ se puede sentir
 Por sentirse cosas tales.
D. Lop. Dexame, Roftro un inflàte.
Rof. Voy me pues traçar en todo
 El arte, la industria, el modo
 De recobrar mi diamante *Va-se.*
D. Lop. Pero fi quiero effimar
 Mi amor, no es jufto el morir,
 Pues faltandome el vivir,
 Vengo a perder el amar.
 Si me muero, es afrentoso

A mi cuydado constante,
 Pues no me quiero lo amante,
 Si me niego a lo penoso.
 De suerte, que en mi dolor
 Si lo amante se me ordena,
 Sugete el amor la pena,
 Y no la pena al amor.
 Vengan en fin mas tristezas,
 Que las tendré por contentos,
 Pues dandome más tormentos,
 Me ocasionan más finezas.
 Trata Leonor de affligirme,
 Que quando mi amor apuro,
 Si fueres peña en lo duro,
 Yo seré peña en lo firme.
 Si te muestras rigurosa
 Porque mi amor desmerece,
 Como nadie te merece,
 Con nada serás piadosa.
 Anfi que, si el desdenar
 Por tal razon appetescas,
 Como a ti solo merezcas,
 A ti sola te has de amar.
 Quando mi pecho pondera
 Tu hermosura, y tu crueldad
 Al tiempo, que una deidad,
 Te estoy juzgando una fiera.
 Dos firmesas considero,
 Si amada, y dura te offreces;
 Una, con que me aborreces,
 Otra con que yo te quiero.
 Pero agora quiero dar
 En mi amoroso sentir
 Si a los ojos que dormir,
 Al coraçon que velar.

*Duerme-se, y despues diga entre
 sueños.*

Ya tus ojos son piadosos,
 Leonor, ya por mi consuelo
 Te abraço, teniendo el Cielo
 En mis brazos venturosos.
 Que ventura! que recreo!
 Que bien! que gloria! que aliento!
 Que possessiõ! que contento!
 Que alivio!
De pierta.
 Pero que veo?
 Es ilusion del cuydado?
 Si: pero en ser bien lo fundo;
 Que todo el bien en el Mundo
 Se passa como soñado;
 Pude en el sueño creer
 Que con dulcissimos laços
 dava a Leonor mil abraços;
 Que bien se engaña el querer!
 Ya Leonor hermosa, quando
 Blando sueño estoy teniendo,
 Soy fino, pues aun durmiendo
 No dexo de estar amando.
 Mis ojos tienen ventura
 A pesar de tus enojos,
 Que aunque cerrados mis ojos
 Pudieron ver tu hermosura.
 Viendote yo desta suerte,
 Extraño bien se combida,
 Pues pude yo ver mi vida
 En quien retrata mi muerte.
 El sueño fuè desigual,
 Si el bien mis ojos no ven,
 Pues concediòme aquel bien
 Para sentir este mal.
 Pero el sueño al coraçon

No ha de ganar la vitoria,
 Pues no le quita la gloria,
 Si quita la possession.
 Ya no quiere mi dolor
 Leonor, que lo que he soñado
 Porq̃ el favor que me has dado,
 Aun que soñado, es favor.
 Y devo más estimarlo,
 Pues agora, dulce dueño,
 Si me lo diste en el sueño,
 Lo tuve sin procurarlo.
 Ya tengo muy bien sabido,
 Si aqueste favor advierto,
 Que lo que sueño despierto,
 Quiere pagarme dormido.
 O como honesta te adoro,
 Pues quando el favor me has he-
 Favoreciste a mi pecho tcho,
 Sin arriesgar tu decoro.
 Si el hado pues defabrido
 Me matare, no es penoso,
 Pues ya muero venturoso,

Muriendo favorecido.
 Coraçon, la muerte dura
 Con animo has de esperar,
 Que bien se puede animar
 Quien se goza en la ventura.
 Mas si tiene el pecho fino
 A Leonor, no temo el mal,
 Que no puede lo mortal
 Atreverse a lo divino.
 Desuerte, si el pecho pide
 El morir, en que se emplea,
 Quien la muerte le desea,
 Tambien la muerte le impide.
 Pero si quereis la palma,
 De fino morir podreis,
 Que el retrato entregareis,
 Para que lo guarde al alma.
 Y sepa Leonor el trato
 De amarla tan verdadero, (ero,
 Que aũ despues, quando me mu-
 Hade vivir su retrato. *Va-se.*



JORNADA TERCERA

Sale D Leonor, y Flora.

Fior. Como tanto le aborreces,
 Quando tu le amavas tanto?

D Leo. Si grande al amor lo juzgas,
 Mayor al odio lo alcanço.
 Ya de D. Diego alevoso
 Su traycion considerando,
 Con iras de aborrecido
 Castigo errores de amado;

Y tanto el odio se aumenta,
 Que siempre estoy dezeando,
 Aunque se nota impossible,
 Todo aquel tiempo passado,
 Que con amores indignos
 Desperdiçio mi cuydado,
 Para que en aborrecerle
 Oy pu diesse aprovecharlo.
Fior. Quando D. Diego te olvida,

Tu

Tu sueño, señora, es claro,
 Pues para tu amor es muerto,
 Aun que vivo se ha mostrado.
D. Leo. Bien lo temian mis penas,
 Pero importa remediarlo
 Con otro amor.

Flor. A D. Lope
 Quieres amar?

D. Leon. Castigado
 Verà D. Diego su olvido
 Con su amigo, porque usando
 Mi pecho deste instrumento,
 Le cause rigor doblado,
 Pues mi vengança amorosa
 Le executo por las manos
 De su amistad: que un castigo
 En el coraçon incauto
 Viene a ser màs lastimoso,
 Donde es menos esperado.

Mas si D. Diego me offende
 Con otro amor ocupado,
 Y yo pretendo vengarme
 Con otro amor, estimando
 De D. Lope las finetas,
 Corto pues en lo que igualo,
 El rigor de mi vengança
 Por el filo de mi agravio.

Flor. Otro amor te ha encendido,
 Quando el uno has olvidado?

D. Leon. Si un exemplo te propôgo,
 Tus preguntas satisfago.
 No has visto a caso dos fuegos,
 Que en uno llamas notando,
 En otro tibios ardores
 Consideras, y si el Austro
 El soplo respira entonces,
 Al que vivia inflamado

Tremulas luzes despoja,
 Y al mismo tiempo contrario,
 El que sin llama era tibio,
 Queda con llama animado?
 Ansi tambien de D. Diego
 El amor, que estoy culpando,
 Y el de D. Lope mi amante
 Con los dos fuegos comparo;
 Pues siendo aquel cõ su llama
 En su ardor màs alentado,
 Tibios ardores en este
 Mi pecho estava burlando;
 Pero quando venta el soplo
 De una offensa, desmayado
 Se queda el amor primero,
 Que era con llama gallardo;
 Y de D. Lope el segundo
 Se senta en llamas bisarro,
 Comoviendo con lo ardiente
 A mi pecho lo abrazado

Flor. Mas quien señora creyera
 Que viendo a D. Diego grato,
 Era ficcion de engañoso
 Lo que es fè de enamorado?

D. Leo. No me admiro, porq̃ sièpre
 A los civiles engaños,
 Que los hombres màs queridos
 En el amor han formado,
 Las mugeres se sugetan
 O por flaqueza, ò por daño.
 Demas, que todos los hombres
 Quando quieren, han llamado
 Las mugeres inconstantes,
 Porque puedan a su salvo
 Ellos culpar las mugeres,
 Y ellas no puedan culparlos.
 O quien pudiera dezirles,

Si ellas pretenden amarlos,
De su inconstancia el defayre,
De sus trayciones el trato;
Porque entonces, porq̄ entōces
No pud. esse su recato
A precio de sentimientos
Escarmentar defengaños.

Fior. Pero examino en D. Lope,
Quando en lo fino reparo,
Que hade ser firme querido,
Si era firme desdeñado.

D. Leo. Mal hav a el tiēpo, mal haya,
En que a mi pecho tyranno,
A quien devia lo fino,
Pagò tan mal con lo ingrato:
Pero fuè justo, que agora
Su firme amor festejando,
Me empeña màs lo amoroso
Por pagar lo despreciado;
Suya soy, y serè suya,
Porque dos tiempos contando,
No quepa en un tiempo solo
De tanto amor lo acertado;
Y si agora en lo futuro
Me profetizo el amarlo,
Antes de lograr el tiempo
Ya me festejo el regalo.

Fior. Leyste a caso, señora,
El papel que te hà mandado?

Salen D. Lope, y Don Diego.

D. Lop. Bien conocéis, D. Diego, mi nobleza.

D. Die. Confieço respetoso su grandesa.

D. Lop. Tengo pues una hermana, a quien quiziera
Darle el estado, que en su honor cupiera,
Porque muriendo aora de mi gusto,
No lo pueda achacar algun dilgusto,
Sè tambien que con alma agradecida,

D. Leo. De su papel en lo escrito
Parece que el niño sabio
Con la flecha, y con la herida
La pluma, y tinta le ha dado.
Que bien estima su penal
Que bien exprime su llanto!
Que cortez se hà conocido!
Que discreto se ha quejado!
Quando ayer en sus renglones
Aspides estava hallando,
Oy quando el papel pondero,
Dulcissimas flores hallo.

Flor. Oh quien pudiera pedirle
A D. Lope albricias, quando
En la guerra de rigores
Dulce vitoria ha ganado!

D. Leo. Para que sepa D. Lope
Que su proceder hidalgo
Con amor correspondido
Le paga el pecho inclinado,
Mandarle aora pretendo
Por dar al alma un agrado;
Mas ven conmigo, que luego
Te lo dirè.

Flor. Procurando
La ocasion estoy señora.

D. Leo. Tus obediencias alabo.

Flor. En quien sirve la obediencia
Sin jurarse, se ha jurado. *Van-se.*

Aunque nunca de vòs correspondida,
Os tiene algun amor, por cuyo effeto
Con mi hermana casaros os prometto,
Que no es poco llevar anticipada
En la muger la voluntad preciada.

D. Die. Ya deffa suerte una ventura gano
Quàndo me hazeis, *D. Lope*, vuestro hermano;
Pero tened aliento en lo amoroso,
No me robe essa vida lo penoso.

D. Lop. Dirè luego a mi hermana el casamiento,
Por quitar dilaciones a mi intento,
Que no siempre ha de ser lo dilatado
Congoxosa pensión de lo esperado.
Pero agora mi hermana enternecida
Fue-se hablar con el dueño de mi vida,
Por intentar remedios a mi pena,
Con quien aunque su effeto la condena:
Que una muger tercera
En los trastes de amor es la primera,
Haziendo con su voz por sympathya
En la dama cruel blanda harmonia;
Y quiera el niño arquero
Que a su coraçon fiero,
Por tomar la vengança despreciado,
Le vibre del carcàs harpon dorado.

D. Dieg. No hay pino, no hay ciprès, que aunque sublime,
No postre el rayo, si el incendio esgrime;
No hay coraçon, no hay pecho, que aunque altivo,
Amor no postre, como el rayo vivo.

Sale Rostro, como quien pergoná.

Rof. Albricias, quanto dan al pregonero?
Albricias, den en fin algun dinero,
Albricias pues.

D. Lop. Que nueva me has traido,
Que tanto al coraçon ha commovido,
Pues ya despide la congoxa dura
Por recibir mejor una ventura.

Hay amigo

Rof. Luego te lo diré, vengo cansado.

D. Lop. Dime pues la ocasión del gusto mío.

Rof. El mensaje te fio,
Si una cosa promettes.

D. Lop. Que me quieres?

Rof. Que no lo sepas tu, si lo supieres.
Pero ya, por quitarme lo gracioso
Que muchas vezes causa lo enfadoso,
Un papel de Leonor.

D. Lop. De quien?

Rof. De un diablo,
De Leonor dizir quiero, en lo que te hablo;
Toma esta carta, que hubo su criada, *Dale.*
Como letra de porte encomendada.

D. Lop. Venturoso papel, (no se que diga
Quando mi gusto applausos averigua)
Venturoso papel, que aunque nevado,
Las llamas de mi amor has aumentado,
Efecto, que a su mano se le deve,
Quando alimenta el fuego entre la nieve!
Abro-lo pues, y quando así lo veo,
Se abre la puerta a mi amoroso empleo;
Su mano besa en el papel ufano;
Por brindarle a mi labio con su mano;
Que es de un amante pensamiento justo
Al gusto dar lo que se niega al gusto.

D. Dieg. Empeçad a leerle, que al contento
Aplico en mi favor oydo atento.

Lee la carta Don Lope.

Agradecida de vuestras finezas os amo, si bien

Recelo que os pegue alguna traycion un amigo, que

Teneis, el qual, me dizen, se llama *D. Diego*: Vuestra *D. Leonor*.

D. Lop. El papel enigma ha sido,

No le entiendo sus renglones,

Que en carcel de confusiones

Me tiene preso el sentido:

De suerte, que en lo que veo,

Qual es más, no se assegura,

Si el favor de mi ventura,

Si la ocasión de mi enleó.

Que dezis a mi passion

Con esto papel, *D. Diego*?

D. Dieg.

D. Die. A muchos empeños llego, *ap.*

Si descifro la ocasion;
Pues ha de entonces saber
Lo que quiziera occultar.

D. Lop. Acabad de me explicar
Lo que no puedo entender.

D. Die. Formo pues una ficcion, *ap.*

Y le oculto la verdad;
Mas nõ, que hallan igualdad
La mentira, y la traycion.

Ya que estoy, *D. Lope* amigo,
Con vuestra hermana casado,
Pues nõ ha de ser estorvado
Lo que hize por vòs, os digo.

Leonor me amava constante,
Yo tambien firme le amava,
Pero quando se enfermava
Vuestro pecho de lo amante,
A Leonor dexè burlada
Con ficcion de un casamiento,
Porque en vuestro pensamiento
La viesse entonces vengada.

Fuè pues lo solicitado
De suerte fa vorecido,
Que alcançasteis lo querido,
Quando yo lo despreciado.

Esto *D. Lope*, se entiende,
Quando me llama traydor:
Que como es Rey el amor,
Se haze traydor quiè le offende.

D. Lop. *D. Diego* a Leonor queria? *ap.*
Hay successo tan confusol

Ros. Es fabula, que compuso
Gongoratica poesia.

D. Lop. Notable agravio por Dios
Hizisteis a mi amistad,
Pues lo que juzgo lealtad:

Conmigo, es traycion con vòs:

Si vuestro pecho se offrece
Negarme el amor, que os ciega,
Como la verdad se niega,
Algo de traycion parece.

Si sois mi amigo, mal hecha
Fuè la traycion con la dama,
Porque de traydor la fama
Puede darme una sospecha.

Injusto fuè que occultasteis
Vuestra amorosa passion,
Si atentaveis mi afficion,
A mi amistad atentasteis.

Que en demostracion sincera
Dexando a vuestra lealtad,
Lo que era mi voluntad,
Un gusto en dexarlo os diera.

Y si diera mi alvedrio
Lo que era vuestro, pudiesse
Daros algo, quando os dieffe
Lo que entonces nõ era mio.

D. Die. *D. Lope*, nunca mal hize,
Si mi amor os encubri,
Pues si yo no hiziera ansi,
No hizerais vòs lo que quize.

Porque yo bien conocia
Que si mi amor conocierais,
Contra mi nõ pretendierais
Lo que yo me pretendia.

Y quando Leonor me amava
Con razon mi fè la diò,
Pues si no me amara, yo
Nada dava en lo que os dava!

Ros. Señores hay tal escusa!
Vieron amigos como estos?
Simpletillos son aquestos,
No saben de lo que se usa.

D. Lop. Es possible, amor injusto,
 que vuestro gusto estorvè,
 Quando quiziera mi fè
 Occasionar vuestro gusto?
Mas si quize pretender
 A Leonor, no admireis vòs
 Que siendo un alma en los dos,
 Fuesse en los dos un querer.
Y solo me admiro aqui
 Que el alma lo conociesse,
Y vuestro amor me encubriesse
 Quando el alma estava en mi.
 Nò es bien que querais casaros
 Con mi hermana, es bien q̄ agora
 Hableis con Doña Leonora
 Para poder disculparos.
D. Die. Disculpas no he procurado,
 Pues si intento disculpar
 Lo que hize, era confeasar
 Que en lo q̄ hize, estoy culpado.
 Que mi casamiento figo,
 Por quedar màs obligado,
 Quando soy vuestro cuñado,
 Y quando soy vuestro amigo.
D. Lop. A su casa he de llevaros.
D. De. Yo no puedo obedeceros.
D. Lop. Allà presente he de veros.
D. Die. Yo no puedo acompañaros.
D. Lop. Haveis de venir conmigo.
D. Die. No mandeis lo q̄ es injusto.
D. Lop. Hazedme agora este gusto.
D. Die. Dexadme, si fois mi amigo.
D. Lop. Que esperais?
D. Die. Nò voy por Dios.
D. Lop. Esto os pido.
D. Die. Mal lo aceto.
D. Lop. Venid ya.

D. Die. Notable aprietol
D. Lop. Que dez is?
D. Die. Ya voy con vòs.
Vanse, y que de Rostro.
Rost. Sabran, señores, y agora
 Dixeronme a mi pesar,
 Que al valentissimo Puño
 He defafiado, tà,
 Miren ustedes que bodas
 Para yo me combidar?
 Donde la Parca es trinchante
 Con el cuchillo mortal.
 La causa del dezafio
 Dizen que el mismo la dà,
 Porque hurtòme aquel diamãte,
 Que caro me ha de costar:
 Mas no me espanto, si pierdo
 La que tambien quise hurtar,
 Porque siempre malè parta
 Malè dilabuntur: ya
 Con ser solo medio quarto,
 Cansado estoy de esperar,
 Pensando yo que hede ver
 En quartos mi humanidad:
 El viene no; si le espero,
 Mil tragos he de llevar
 Que aun q̄ tragos no son buenos,
 Porque aqui vino nò està.
 Mas ay de mi, que el se acerca,
 Y en su furor infernal
 Veo un Portuguez Magriço,
Y veo un Francez Roldan;
 Valgame en este conflicto
 San Jorge de Portugal.
Sale Puño.
Pun. Por un papelito Rostro
 Mandòme dezafiar,

Titubeo en referirlo;
 Quien se ha visto en otro tal
 Valga el diablo mi codicia,
 Porque le quize tomar
 El diamante, q̄ aun que es claro,
 Negro se muestra en mi mal.
 Mas animo, lacayote,
 Nò soy Puño tan audaz,
 Que me hazé merced los buenos
 De llamarme elcarraman?
 A Rostro hede deshazerle
 De fuerte, que se verá
 Como yo, quando en un puño
 Lacayos suelo estrellar.
 Mas vitor, alma tristonã,
 Que el no viene, miedo me ha;
 Mas que dize? ay deste Puño!
 Que el ha venido; San Blas.

Rost. Antes que su furia osada
 Empiece a desenvainar,
 Quiero con buenas palabras
 Ablandarle por de más.
 Señor Puño, ciertos hombres
 Amigos de enemistad
 Me induxeron que os mandasse
 A dezafio llamar;
 Yo que soy hombre amiguillo
 De la vida, y de la paz;
 Solo quiero que el diamante
 Me buelva su urbanidad.

P. El alma me ha buelto al cuerpo, ap
 Plegue a Dios por tal piedad
 Que le dè cavalleriza
 Con estiercol que limpiar;
 Señor Rostro, nò pensava
 Que le pudieffe empeñar
 La burla de aquel diamante

A tal valor; pues fabrà
 Que el diamante yo le tengo,
 Y que aqui lo quiero dar. dale.

R. Hay tan graciola ventural
 Pero si el medroso està,
 Es bien que quiera brindarle
 El trago de pelear.

P. Pero si yo no peleo,
 Quantas necias me diran
 Que el dezafio no acetos?
 Que al corça para acetar.

R. Quiero que saque essa espada.

P. La fuya se ha de sacar
 Primero, que es cortesia
 De vida a su calidad.
 Saca Rostro su espada bien vieja.

R. Ea, ya la tengo fuera,
 Y nò hade comer màs pan,
 Que pues ya fuera la miro,
 Dentro del se hade occultar.
 Ea cobarde, que espera,
 Si vè mi temeridad?

P. vea primero en el suelo
 Sila espada hade quebrar,
 Que pues pelea conmigo,
 Es bien que seguro vã,
 Mira en el suelo su espada.

R. Ya la tengo bien mirada.

P. Pues ya faco.

R. Bravo azar!

P. El montante de mi furia;
 Y veamos si es igual
 Esse azero con el mio.
 Miden las espadas ridiculamente?
 Pues si me quiere aguardar,
 Guarde su cuerpo, y si nò.
 Su vida se afufarã.

- R. Ya le doy la muerte.
Danse las espaldas uno a otra.
- P. Yo por aqui.
 R. Yo por acá.
 P. Mire como su cabeza
 Se mira de par en par.
 R. Mire como sus bigotes
 Se los llevo de un gilyás.
 P. Pero el cobarde escapò-se.
 R. El huyò como un patan.
 P. El se fuè, porque temia
 En mi furia un Barrabàs.
 R. Perdió su cuerpo un vestido,
 Si pudiesse acuchillar
 A su cuerpo, con que entonces
 Se mostraria galañ.
 P. Pues que se ha ido el gallina,
 Voyme yo; la necesidad
 No quiero del desafío,
 Porque se quizo hidalgar,
 Y como yo soy lacayo,
 No le tengo voluntad.

Entra-se por una puerta.

- R. El se fuè, pues voyme yo,
 Que tengo necesidad
 De hazer cierta diligencia
 Por delante, y por detrás.

Entra-se por otra puerta, y sale D. Leonor, y D. Isabel con manto.

- D. *Isab.* Por mi hermano esta visita,
 Bella Leonor, quize hazeros,
 Para dar a conoceros
 El fino amor, que le incita;
 Pues si explicar solicita

- Delante de mi su afañ,
 Tal amor las queexas dan,
 Que aun q̄ hermana, si mellama,
 Yo me parezco su dama,
 Y el pareçe mi galañ.
 Desuerte, que yo le digo
 Quando le veo quexoso,
 Que no muestre lo amoroso
 De sus ternesas conmigo:
 Porque entonces le averigo
 Que los zelosos recelos
 Os pueden dar sus desvelos;
 Mirad lo que amor allana,
 Que de un amante la hermana
 Os puede causar los celos.

- D. *Leon.* Isabel, conosco bien
 De vuestro hermano el amor,
 Y que en el muestra el primor
 De sus finezas tambien;
 Y si hasta agora el desden
 Ha sentido su afficion,
 Le hade amar mi coraçon
 Desde aqui con tal grandeza,
 Que se haga naturaleza
 Lo que se logra eleccion.
 Ya mi gratitud es justa,
 Aun que lo ingrato ostentava,
 Porque a mi pecho abrazava
 De otro amor la llama injusta.

D. *Isab.* Amor tuvisteis?

D. *Leon.* Si gusta

- Vuestro pecho que le nombre,
 A quien mi vengança affombre
 Por vòs le dirà mi labio,
 Aunque renueve mi agravio,
 Quando pronuncio su nombre.

D. *Is.* Pues dizid, Leonor, quiè ciego

Os ha bur lado inconstante?

D. Leo. Un vil, un traydor amante,
Yo lo dixo, ya *D. Diego.*

D. Isab. *D. Diego?*

D. Leo. Si; a saber lle go,
Quando zelos os combida,
Que ereis la dama querida,
Con quien dixo se casava.

D. Isab. Ay amor! Bien recelava, ap.
Otra dama es pretendida.

D. Leo. Juzgad pues, que es lastimoso
Vuestro amor en mi fortuna,
Que amante que fue con una,
Serà con otra aleroso;

D. Isab. Hay traydor mas engañoso lap.
Quien es cielos la muger,
Que dixo fuya hade fer?

D. Leo. Bien empeçais a penar.

D. Isab. Con esto he de equivocar
Lo que dize el padecer.

Siento, Leonor, las trayciones,
Que *D. Diego* ocasionò,
De suerte, que siento yo
Por mis vuestras pasiones;
Y en estas demõstraciones,
Que mi pecho quiere usar,
Os viene a manifestar
(Esto amor haze en las dos)
Que siendo el pesar por vòs,
Por mi padelco el pesar.

D. Leo. O le queráis, ò el os quiera,
Bien libre estoy de quererle,
Que quien traydor pudo verle,
Otra vez raydor le viera,
Pues quien en la vez primera
Por traydor se ha declarado,
Segunda vez in famoso.

Traydor le veremos, pues
Siendo facil una vez,
Ya queda en otra inclinado.

D. Isab. Ami hermano agradecedle
El amor con ablandaros,
El por gusto de vengaros,
No por gusto de quererle.

D. Leo. El amor quize tenerle,
No por vengança es quer do,
Si nõ, porque amante ha sido
Desuerte, que siendo amado,
No siempre lo desdichado
Achaque lo merecido.

D. Isab. Quando amais ansí, mirad
Que amor ningũ gusto os mueve;
Pues la vengança os commueve,
Y nõ vuestra voluntad;
En esse amor attentad,
Si es por razon de un disgusto,
Que parece amor injusto,
Y por bastardo se alcança,
Pues nace de la vengança,
Deviendo nacer del gusto.

D. Leo. La vengança solamente
No es causa de aqueste amor,
Pues de mi amante el valor
Me incita esta llama ardiente;
Y agora dicho famente
Dos gustos al alma fio,
Porque en el in ento mio
Consigue mi pecho sabio
La vengança de mi agravio,
El amor de mi alvedrio.
De suerte, que quando veo
En esta ocasion dichosa,
Offendida, y amorosa
Mi vengança, y mi deseo,

Por dicha al agravio creo,
Y lo tengo por amigo,
Si amor, y vengança figo
En lo que el pecho blafona,
Pues dos gustos me ocasiona
Quando un agravio castigo,

Sale Flora.

Elor. Señora, viene D. Lope
Con D. Diego.

D. Leo. Yo no atino
De D. Diego la venida,
Pero Flora no me admiro,
Que siempre un animo doble
Lo vergonçoso ha perdido.

D. I/. Ah mudable, ah falso amante!
Que hazes con modos indignos
A pesar de tu nobleza
De las trayciones capricho.

*Sale D. Lope, y D. Diego, Rostro,
y Puño.*

D. Lop. Es cuchad, Leonor hermosa,
La causa de haver venido,
Que en una amistad la veo,
Que en un amor la coligo;

D. Diego.

D. Leo. Callad el nombre,
Quando al agravio me incito
Desse traydor encubierto,
Desse traydor atrevido.

D. Lop. Escuchad por vida vuestra
De aquesta accion el motivo.

D. Die. Que dirà de mi D. Lope!
Que ya me corro de oyrlo!

Rostro Parecen estos dos bestias,
Puñ. Una noria ha merecido.

D. Lop. D. Diego, pues os amava

Con lo constante, y lo fino,
Sin que se viesse una sombra,
Sin que cupiesse un registro
De engañoso en las palabras,
Y de falso en los gemidos;
Que de ser mi amigo solo
Havreis esto colegido,
Que nunca yerra alevoso
Quien pudo enseñarse amigo.

Pero agora, si era firme,
Preguntareis, como ha sido
D. Diego tan inconstante,
Que burlò vuestro alvedrio,
Que engañò vuestros dezeos,
Que dexò vuestros avisos?
A lo que dezis respondo
Lo que en quatro exemplos digo.
Mira-se un astro en el Cielo,
Y dà de pequeño indicios,
Mira-se un ave en el ayre,
Y muestra un color luzido;
Mir-ase un objeto lexos,
Y entonces negro se ha visto;
Mira-se un remo en el agua,
Y parece quebradizo;
Nò siendo el astro pequeño,
Nò siendo el color preciso,
Nò siendo el objeto negro,
Nò siendo el remo partido.¹
Ansi pues un pecho humano
Con lo firme, y lo sencillo
Inconstante se ha mirado,
Engañoso se ha tenido;
Aunque nò se halle en el pecho
Para castigar se el vicio,
De la mudança el defayre,
De la ficcion el estylo.

Sabreis

Sabreis 'pués q̄ en vuestros soles
 Me abrazava inadvertido
 Sin ver que os dava D. Diego
 Amoroso sacrificio;
 Cuyo amor una dolencia
 Al cuerpo diò por sufrirlo,
 Pues viendo quexosa el alma
 De que el penoso martyrio
 Padezia folamente,
 Quizo al cuerpo repartirlo,
 Porque este tambien sintiessse,
 Como aquella lo ha sentido.
 El entonces recelando
 En mi vida el riesgo impio,
 Pues si una dolencia sola
 A la muerte ha conduzido,
 Que haran dos enfermedades:
 En el alma, y el cuerpo mismo,
 Para que al vital estambre
 Le rompa el mortal cuchillo?
 Fingió pues su casamiento,
 Porque viesse lo querido
 En la verdad de mi amor,
 Como agora en vòs lo miro;
 De fuerte, que en sus ficciones,
 Y en mi fè, que tanto estimo,
 La dicha a lo verdadero
 Occasionò lo fingido.
 Oh de amistad gran finesa!
 Oh de un coraçon gran brio!
 Que el amor, que tantos males
 Ya le costò successivos,
 Para lograr en la dama
 El bien de correspondido,
 Expufiessse a la fortuna!
 Arrojasse al precipicio!
 Vòs creyendo el matrimonio,

Que contra su amor òs dixo,
 Entonces de aqueste aggravio
 Vuestro Cielo commovido
 Quizo añublado mostrarse
 En las iras, que previno,
 Ya de la vengança el rayo,
 Ya del desçen el granizo.
 Oh facil engaño, oh facil
 Credulidad del sentido!
 Que los engaños se crean
 Tan presto sin màs testigos!
 Y que las puras verdades
 Bien esentas de artificios
 Sin examinar el tiempo
 Nò las abraçe el arbitrio!
 Sabidos pues los engaños,
 Sea D. Diego admittido;
 Yo pretendo ocasionarlo,
 Si hasta aquí quize impedirlo:
 Porque es justo que quien pudo
 Defunir lo que era unido,
 Dè la cura, si la herida,
 Dè la occasion, si el desvío.
 Agora os pido señora,
 Agora Leonor os pido,
 Ya que al engaño doy muerte,
 Ya que el amor resucito,
 Ya que es verdad la constancia,
 Ya que es mentira el olvido,
 Que vuestro pecho en lo blando
 Oy se buelva a lo encendido;
 Nò pueda ya lo engañoso
 Motivar lo vengativo;
 Amor piadoso revoque
 La sentencia del castigo;
 Nò se impute a las verdades
 De la mentira el delito;
 Hh

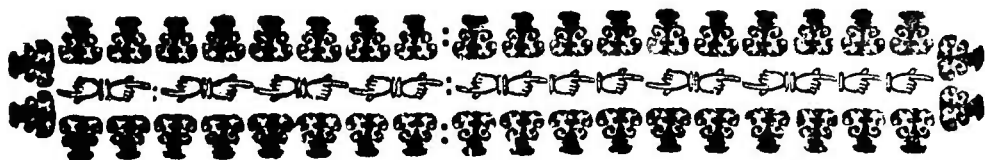
- Acabe-se con bonanças
De la borrasca el peligro,
Y al defengaño despierte,
Lo que al engaño ha dormido.
- D. Leon.* Que no era travdor D. Diego
Que es esto, Cielos Divinos?
Si las verdades pondero,
Las confusiones recibo.
Pero el coraçon no quiere
D. Lope el amor ant. go,
Que siendo una vez echado,
No hade ser mäs recogido,
- D. Die.* Amistad, grande vètura, *ap.*
Que es mi intento executivo.
- D. Nab.* Falso fuè su casamiento, *ap.*
Albricias, coraçon mio.
- D. Lop.* Quando es falsedad señora
El empleo, que incentivo
Puede estorvar lo pindoso?
Puede ocasionar lo esquivo?
- D. Leo.* Aun que a su fè me confieço,
A su amor no me habilito.
- D. Lop.* Puedo sàber el estorvo
De tanta esquivèz?
- D. Leon.* Explico
Con un exemplo, que pongo,
La dureza, que prosigo.
El Ebano del Oriente,
Arbol bella, que el vestido
Tiene de negros colores
Para mostrar a los siglos
Que puede en lo tenebroso
Caber tambien lo luzido,
Si acaso un golpe le corta,
(Parece que de sentirlo)
De su forma se ha mudado,
Y piedra se ha convertido.
- Ansi tambien padeciendo
Mi coraçon el nocivo
Golpe injusto de travciones,
Fue cortado, y dividido
En dos vitales pedaços,
Que el sentimiento los hizo,
Quedando entonces tan duro,
Que Ebano se ha parecido,
Pues ya piedra le conosco
Quando el golpe le averigo.
Mirad agora si puede
Lo que es piedra conocido
En el amor de D. Diego,
Aun que firme le examino,
Enternecerse a los llantos,
Ablandar se a los suspiros?
- D. Lop.* D. Diego este era el dezeo,
Que por vòs he pretendido,
Dezid el gusto, que os lleva
En el empeño, que figo?
- D. Die.* Si ya me teneis casado
Con vuestra hermana, es delirio
Que estorve, lo que nõ quiero,
Una dicha, que consigo.
- D. Lop.* Dà pues Isabel la mano
A D. Diego.
- D. Die.* En ella escrivo
Mi ventura, porque siempre
Vea un bien, que en ella cifro.
- D. Nab.* De Leonora los engaños
Ya son verdades conmigo,
Siendo pues un falso empleo
De lo cierto vaticinio.
- D. Leon.* Ya q̃ el hado os fuè piadoso,
Y à que amor os fue propicio,
Esta es mi mano, D. Lope.
- D. Lop.* Aquí me teneis rendido,

Y deste caso se aprenda
De una amistad el prodigio.
Rost. Ellos se casan, señores,
Con bastante regozijo,
Como si agora embiudaran.
Puñ. Al casarme me perfigno.
Flor. Dessa suerte nõ te casas?
Puñ. Eſſo era hazerme novillo.
Rost. Pues que falta en la comedia?
Puñ. Finis, laus Deo.
Aun verde, noble Senado,

Rost. Un juyſio,
Con la Comedia ha ſalido,
Siendo agora la primera,
Si en ella pudo ſerviros,
Tenga propios los applausos,
Aunque eſtrangero ha nacido;
Y ſiendo amigo tan vuestro
El Autor, le dad un vitor,
Para que diga dos vezes
Hay amigo para amigo.

FIN.





AMOR, ENGAÑOS, Y ZELOS.

COMEDIA NUEVA.

HABLAN EN ELLA

El Duque de Mantua.
Carlos Farnesio.
Henrique Gonzaga.
Fabio criado del Duque.
Soldados.

Violante hermana del Duque.
Margarita su prima.
Clavela criada de Violante.
Celia criada de Margarita.
Dinero gracioso.

JORNADA PRIMERA.

Salen de noche el Duque, y Fabio acuchillando a Carlos.

Duque. **D**Escubre-te villano, ò vive el Cielo
Que tus roxos corales beva el suelo.
Carl. Dime, quien eres, o dirà tu muerte
Esta lengua que ves, de azero fuerte.
Duq. Muete traydor, y acabe tu osadia.
Carl. El Duque es quien me sigue, suerte impialap.

Duq.

Amor engaños,

Duq. Carlos es con quien lidio, suerte estraña! *ap.*

Arrodilla-se Carlos a los pies del Duque.

Carl. Si tu furor te engaña,
Aqui tienes mi espada, y satisfecho,
Si piensas la traçion, rompe-me el pecho:
Que perdonar la vida aun alevoz
Es indiscreta accion de un Rey piadozo.

Duq. Levanta Carlos, que el intento doble
No puede prohiarlo un pecho noble.

Carl. Soy tu esclavo Señor.

Duq. Eres mi amigo.

Carl. Ah Flechero enemigo! *ap.*

Ah Margarita fiera! ah dulce ingrata!

Duq. Agora sabrè yo si amores trata
Carlos con Margarita, porque luego *ap.*
Se descubre el amor, que amor es fuego:

Carl. Que piensa el Duque Cielos? pero agora *ap.*
Segun lo juzgo, a Margarita adora:
Que es siempre un receloso pensamiento
Prognostico fiel de un sentimiento.

Duq. Fabio?

Fab. Señor.

Duq. Retira-te, que solo
Antes que lave Apolo
Con crystalino humor su roxa frente,
Con Carlos quiero hablar.

Fab. Soy obediente. *Va-se.*

Duq. Carlos, si eres mi amigo, un poco escucha!

Carl. Con amor, y lealtad el alma lucha. *ap.*

Duq. Bevo un dulce veneno,
Padefco tempestad de un mar sereno,
Siento un ardor gustoso,
Un inquieto reposo,
Un rigor blando, un fiero agrado offresco;
Todo es nada, esto es màs, amor padefco.

Carl.

Carl. Pues señor quien te aviva aqueſſa llama?
Dnq. Para que ſepas, Carlos, quien me inflamma,
 La occaſion te dirè quando amor ſigo,
 Si cabe lo que ſiento en lo que digo.

Carl. Dime tu ardor, que he de eſcucharte atento,
 Que es la atencion liſonja de un tormento.

Dnq. Era el tiempo, en q̄ el Planeta,

Blandon del quarto Saphiro
 Del Zenith precipitado
 Vã con deſmayos luzidos
 Pidiendo a Tethys el agua,
 Como ſaludable alivio,
 Para alentar los deſmayos,
 Para bolver a los gyros;
 Quando penetro de un boſque
 El frondoso labyrintho,
 Que en condensados verdores,
 De mi arboles vestido
 Nube de ramos lo juſgo,
 Borraſca de hojas lo admiro.
 Sigo un Tigre, que manchado
 Entre colores diſtinctos,
 Lo juſgava el penſamiento
 Por lo ligero, y lo lindo
 Viento galan de los boſques,
 Errante Abril de los riſcos.
 Fatigando en fin las ſelvas,
 En un halcon (que prodigio!)
 Veo a caſo (oh como el logro
 De una dicha no es previsto!)
 Una flor que no padece
 Las penſiones del Eſtío,
 Una roſa, que rigores
 Por eſpinas lo averigo;
 Una luz, que le era ſombra
 De mi dolor el martyrio;
 Una eſtrella, que el cuydado

Hizo en el alma deſtino.

Oh ley de amor inviolable!
 Que quien burla divertido
 De ſus tiros lo flechero,
 Y de ſus llamas lo activo,
 En el ocio del deſcuydo
 El fiero vendado niño
 Le prende al pecho ſus llamas,
 Le vibra al alma ſus tiros!
 De fuerte que en los empeños
 Del montaràs exercicio
 Hallo a mi vida liſonjas,
 Dando a mi vida peligros:
 Feſtejo un jardin hermoſo,
 Piſando un boſque texido;
 Una Diola en fin venero,
 Quando una fiera perſigo.
 Oh quantas vezes, oh quantas
 Lançava al ayre ſuſpiros,
 Porque ſiendo puras llamas
 Del fuego, que dentro crio,
 Al alma ſuya pegaffen
 (Quando ſe eſenta en lo eſquivo)
 Los incendios del cuydado
 Por las puertas del oido!
 Sintiendo pues ſus rigores,
 Le dixè, ſi no me olvido,
 Lo cortez deſtos requiebros:
 En quien ama, el Cielo miſmo
 Amor influye; pues como,
 Si a vòs por Cielo os aſſirimo,

Quando

Quando deveis motivarlo,
 Quereis, mi Cielo, impedirlo?
 Ved las plantas, que en las plátas
 El fruto de amor coligo;
 Ved las flores, que en las flores,
 Florece el affecto vivo;
 Ved las fuentes, que en las fuentes
 Llanto amoroso se hà visto;
 Ved los vientos, q̄ en los vientos
 Alas buelan de Cupido;
 Mirad en fin a mi pecho
 Por compendio de lo dicho,
 Las plantas de mi firmeza,
 Las flores de mis cariños,
 Las fuentes en lo que lloro,
 Los vientos en lo que gimo.
 Mas viendome desdenado,
 Vi mis deseos crecidos,
 Pidiendoles a mis ojos,
 Siendo dos, que en triste officio
 Uno llore el mal de amante,
 Y otro el mal de aborrecido.
 No hàs visto a caño en el foto
 Un verde al mēdro, y no has visto
 Que florece, quando el Cielo
 Del Enero con movido
 Graniza globos de nieve,
 Despide flechas de frio?
 Assi tambien, como al mēdro
 Mi cuydado hà florecido,
 Quando en Enero de penas
 Arroja mi Cielo esquivo
 De sus desdenes el yelo,
 De sus iras el granizo.
 Apartème de sus ojos
 Por peticion de su arbitrio,
 Pero despues en mis males

Algunas voces le explico
 Por papeles, que se juzgan
 Terceros enmudecidos,
 Ya mi verdad en lo blanco,
 Yà mi tristeza en lo escrito.
 Pidole en fin, ami hermana
 Que con ruego succesivo
 La truxesse a mi palacio,
 Que Cielo, y templo se hà visto,
 Pues ya tiene venturoso
 En la luz, y el sacrificio
 La Aurora de la hermosura,
 La Diosa del alvedrio.
 Acclamè pues la vitòria
 En la guerra de gemidos;
 Conquistè con mis finetas
 De sua bellefa el castillo;
 Tuvo la amorosa nave
 En aquel puerto el abrigo,
 Coronòse de esperanças
 Vitoriozo mi designio;
 Y del Oriente de affectos,
 Que fuè de mi amor principio,
 No rubies, no diamantes,
 No topazios, no sassiros,
 Una Margarita alcanço,
 Una Margarita estimo.
 Estos son los pensamientos,
 Carlos, que me han divertido,
 Esta la luz, y el Planeta,
 En cuyas llamas, y visos
 Como Maripoza, ciego,
 Como Gyrafol, rendido,
 Al rigor de incendios muero,
 Al favor de rayos vivo.

- Carl.* El Duque quiere a Margarita, oh Cielos!
O mi vida quitad, o mis recelos;
Que si es muerte los zelos; bien se advierte
Que no pueden unirse vida, y muerte.
- Duq.* Vive Dios, que en su amor Carlos prosigue,
Y de mi dama el norte hermoso sigue;
Mas si le mato; en naufragos intentos
Serà su sangre mar, mis iras vientos.
- Carl.* Eres, señor, dichoso
En el lance amoroso.
- Duq.* De ti mi pecho los secretos fia,
Porque puedas saber la amistad mia,
Pues quien secretos fia, es claro effeto
Que entrega el coraçon en un secreto.
- Carl.* Bien conosco, señor, tantas fine sas.
- Duq.* Y porque estimo, Carlos, tus proezas,
Por ti mañana espero,
Porque mandarte quiero
A florncia en favor de Carlos quinto,
Cuyos soldados con Mavorcio instinto
La cercan, porque den en su vitoria
Al Pontifice honor, a Carlos gloria.
- Va-se el Duque.*
- Carl.* Que hemos de hazer Amor, por desdichado?
Pues te assaltan estorvos al cuydado;
El Duque a Margarita estima agora:
Que el Duque es poderoso no se ignora:
Todo pues facilita lo amoroso:
Todo puede abrazar lo poderoso:
Dos rayos tiene para mi desmayo,
Porque es rayo el poder, y Amor es rayo:
El Duque me compite en el desseo,
Yo desigual me jusgo en el empleo;
Mas nõ, que si es Amor un Dios. me atrevo
Con su fiero rigor, pues un Dios llevo.
Vine en este jardin aver mi dama,
Por dar hermoso alivio a dulce llama,

Amor, engaños,

Encuentro luego al Duque, que me embiste,
 Y en conocerme insiste,
 Hasta que me declara que es dichoso,
 Su cuydado gloriolo;
 Que nõ solo es amante, pero amado.
 Que huviesse sus passiones ignorado?
 Ah pensión del tormento,
 Que en el golpe violento
 Por hazer el estrago mãs sentido,
 Nunca lo siente el alma prevenido!
 Agora pues el Duque me destierra
 Con lisongero arbitrio de una guerra,
 Porque pueda gustar sin tristes zelos
 Con Margarita bella sus desvelos,
 Sin mirar que aun presente
 Mi pecho amante dulce guerra siente
 Con las armas de amores, y de enojos
 En las bellas provincias de sus ojos;
 Al cerco de Florencia
 Me intima la sentencia,
 Porque cerque su amor con mãs ventura
 El castillo gentil de su hermosura;
 Que es Florencia mejor a su firmeza
 Su florida belleza;
 Mas aunque Margarita me condena
 A triste muerte de zelosa pena,
 Sin pedir zelos, le he de hablar mañana:
 Que temo su hermosura soberana,
 Y no es bien que parezca presumido,
 Que glorias le merezco de querido.

Va-se, y sale Violante.

Viol. Amo a Carlos, y temo
 De mi hermano cruel el noble extremo,
 Porque llama aun affecto verdadero
 Fino el Amor; pero el honor grossero;
 Temo en la empresa de amorosas pyras
 El exercito fiero de sus iras,

Quando

Quando intente en campaña de rigores
 Talar firmesas, y vencer amores,
 Que el honor offendido
 Con razon es temido,
 Pues se julga como a spid, aggraviado,
 Que la muerte ocasiona, si es pisado.
 Temo tambien que Carlos atrevido
 Por costumbre alevosa de querido
 Quiera texer a costa de mis daños
 En la tela de amor hilos de engaños;
 Aunque yo foy Violante,
 Y de Carlos amante,
 (Para conocer yo si Amor le excita)
 Me finjo *Margarita*,
 Sin que lo sepa nadie, que el secreto
 Es padre sabio de opportuno effeto:
 Desta suerte le apuro
 De su fè lo constante, o lo perjuro,
 Porque despues no figa al pensamiento
 La tyranna pension del escarmiento.
 Calos es forastero,
 Con que engañarle espero,
 Pues nõ sabe que foy del Duque hermana;
 Y su amor mãs se allana;
 Pues si supiera mi sublime alteza,
 Entibiàra el ardor de su firmeza,
 Que en desigual honor (como le excedo)
 Lo que se escoge amor, se encoge miedo:
 Y no es mncho que ignore mi persona,
 Que como se ocasiona
 Del hombre mãs amante
 El mas cierto inconstante,
 Evitè con retiros de mi estado
 Los incautos peligros de un cuydado;
 Que el retiro dichofo
 Con el tiempo ingenioso
 En lecciones de avisos se combida.

Amor, engaños,

Un deleytoso estudio de la vida;
 Viendo siempre en las flores,
 (Si mancha agena mano sus primores)
 Para dar mudo exemplo a mis corduras
 Un florido consejo de hermosuras.
 Mas para mi alegria, o mi tormento
 Viendo de Carlos el bisarro aliento,
 Mil almas atraher, y bien lo he dicho,
 Que mil almas llevava en su capricho;
 Este solo fuè causa de un contento
 Amargo, y dulce, placido, y violento,
 Este del alma fuè blando homicida,
 Si vivo en muerte, quando muero en vida.
 Este de un alvedrio (que bolava
 Libremente en el ayre, y se emplumava
 De vanas presunciones) le ha formado
 En la jaula de amor prision de agrado.

Sale Carlos suspenso.

Ap.

Carl. En el incendio amoroso
 Doble a Margarita veo;
 Pero es arbitrio engañoso,
 Que de una traycion lo feo
 No ha de caber en lo hermoso.

Viol. Carlos con triste esquivesa
 Sin querer el desengaño?
 Mas si, que para mi daño *ap.*
 Es en fado la tristesa,
 Por disfraçar el engaño.

Carlos.

Carl. Señora.

Viol. Dolores

Teneis de amor apurados?

Carl. Parto ya por más favores
 Un cuydado en mil cuydados,
 Un amor en mil amores.
 La fama en mi amor glorioso,

Y en vuestro rostro elegante
 Dos graves prodigios cante,
 Vòs prodigio de lo hermoso,
 Yo prodigio de lo amante.
 Sideessa vista el contento
 Logra de amor la vitoria,
 Con tal fineza me sienta,
 Que hago escrupulo esta gloria
 Por quitarme el sentimiento.
 Si quereis averiguar
 El dolor de mi plazer,
 Mirad que es traño querer,
 Que por ver el no penar
 Padesco el no padécer.
 Quiziera al dulce dolor
 Dos coraçones en tanto
 Llanto alegre, blando ardor,
 Uno, que destile en llanto,
 Otro, que abraze en amor.

Por

Por veros, y por amaros
 Aunque mi bien fuè de veros,
 Agradescò al pretenderos
 A los ojos, por miraros,
 Al coraçon, por quereròs;
 Si de vòs me hallo querido,
 Quando me afino amoroso,
 El primero agora he fido,
 Que hallò bienes de dichoso
 Con aciertos de entendido;
 Mas vòs solo en la desdicha
 De todo acertado intento
 Quitais contra el escarmiento
 La necedad a la dicha,
 La quexa al entendimiento.

Viol. Lo que tan discretamente
 Vuestro pecho encareciò,
 No es amor, que en lo que siente
 Lo que facilmente entrò,
 Se despide facilmente.
 Si lo llamais afficion,
 Ya me profetiza el Cielo
 Que en verdad de mi receto
 Lo provais por diversion,
 No lo beveis por desvelo.

Carl. Si florece en tiempo breve
 De micuydado la palma,
 Con primor mi fè se atreve,
 Pues quando os entrega el alma,
 Paga luego lo que deve.
 Pero calle, y prenda agora
 Las vozès mi amor iniusto,
 Pues de una ausencia el disgusto,
 que vuestro pecho no ignora.
 Tambien me aprisiona el gusto.
 El Duque por vuestro amor
 Me manda que parta luego

A Florencia.

Viol. Que rigor! *ap.*
 El alma pierde el sosiego
 Con el azar de un dolor.
Carl. Son la causa vuestros zelos,
 Y si vòs al Duque amais,
 Amad el Duque, que dais
 Mejor gusto a los desvelos.
Viol. Effos concetos formais?
 Sabed Carlos que no soy
 De las communes mugeres,
 Que en su afficion mudan oy
 Lo que ayer quieren; poderes
 A la fortuna no doy.
 Y porque màs certifique
 De mi firme amor la fè,
 A Violante pedirè
 Que vaya mi hermano Henrique.
Carl. Siempre tu amor estimè.
Viol. A Margarita hede hablar, *ap.*
 Porque assi mi engaño entable,
 Si qniero a Carlos amar,
 Que al Duque su amante hable,
 Y estorve tanto penar.
 Carlos si vuestro querer
 Leyes de amor os enseña,
 La constancia es mejor seña.
Carl. Siempre constante hede ser.
Viol. Yo roble serè.
Carl. Yo peña.
Viol. Lo que affeguran mis labios,
 Dirà mi fè. *Va-se.*
Carl. Mi temor
 Callo, porque nò es primor
 Publicar quexas de agravios
 En los principios de amor. *Va-se.*

Salc el Duque, y Fabio.

Dug. Dexiste a Carlos que luego
Viniessc a verme?

Fab. Señor,

Como me mandastes ayer,
He llamado a Carlos oy.

Dug. No quiero que en mi presencia
Con Villana prefuncion
Se opponga Carlos aun Duque
Contra halagos de un ardor;
Que quien aun Principe estorva
Una modesta afficion,
Como se le atreve àl alma,
Algo tiene de traydor.
Y comode un Rey el gusto
Es gobiernode su accion,
Tambien el cetro le usurpa
Quien el gusto le usurpò.
Vaya Carlos a Florencia,
Y en juego de su passion
Dè de barato una ausencia
A quien un gusto perdiò.
Y si en la guerra amorosa
Esse rapàs flechador
Con laureles de esperanças
Sus affectos coronò;
Agora pues en la guerra,
Que Carlos quinto moviò
A contemplacion del Papa,
Gane vitoriofo honor,
Y en guerra de fuego, y hierro
Gracias rinda su valor
Al hierro de un Dios guerrero,
Al fuego de un ciego Dios.

Salc Margarita, y va-se Fabio.

Marg. Mi bien, vòs ayrado? agora

Vòs triste? que es esto? Amor,
Si es blanda pena de un pecho.
Os quite la ayrada voz.
Quisiera, señor, pediròs
Para mi hermano un favor,
Pero os halio tan severo,
Y ayrado, que mi intenc'on
Quando buscava un agrado,
Viene a encontrar un temor.

Dug. Margarita, a todo tiempo
Podeis mandarme, que yo
No sugeto mais fincas
Ala varia de sazón
Del tiempo; que siendo amante,
Fuera injusto fuera error
Que desobligasse un tiempo
Lo que deve una afficion.

Marg. Quisiera, señor, que agora,
Si ruegos pueden con vòs,
Mandasseis para la guerra
(De que es noble superior
Fosse Principe de Orange)
A mi hermano, a Carlos no;
Que D. Fernando Gonzaga
Estimarà su valor
Como cercano pariente,
Y Henrique gane opinion
De valiente Capitan:
Que en Italia siempre usò
La Nobleza mas illustre
Tratar armas en favor
De algun Principe estrangero;
Que me respondeis?

Dug. Quien viò *ap.*
Tanto agravio en el cariño,
Tanto ha lago en el rigor?
Que en lisonjas Margarita

Me pida que mande yo
 A Henrique para la guerra,
 Y que no mande (ay dolor!)
 A Carlos, sintiendo ingrata
 Su ausencia? que confusion
 Me affalta! pues Margarita
 Con tan estraña ocasion
 Del mismo amor se hà valido
 Para offender al amor.

Marg. Mi bien, suspended agora
 La engañosa turbacion,
 Que si nõ quereis hazerme
 Este gusto que intentò
 Mi pecho para mi hermano,
 No hede culpar la esencion,
 Que basta quererlo, si,
 Para nõ alcançarlo, no.

Duq. A la guerra vaya Henrique,
 No vaya Carlos.

Marg. Ya os doy
 Mil gracias por tal fineza; *ap.*
 Pues Violante me pidiò
 Que hiziesse este estorvo, agora
 Dezir a Violante voy
 Que ya no se auzenta Carlos,
 Porque le dè su afficion
 Prision alegre al cuydado
 Seguro Alcalde al temor.

Va-se.

Duq. Dissimulemos cuydados,
 Porque quien dissimulò,
 Se previene en el engaño,
 Y examina la traycion.
 Si queda Carlos, bien puedo
 Conocer, si es offensor
 De mi deseo amoroso:
 Que quien amado se viò,

O por capricho, o por gloria
 Haze al arde del amor.
 Pero que màs evidencias,
 Si quando le dixè yo
 Que en Mantua quedasse Carlos,
 Con ingrata sumission
 Lo agradeciò tan alegre,
 Que el desnudo Flechador
 Parece que en el semblante
 Por credito, o compassion
 Me acautelava en el daño,
 Me avisava en la color?

Sale Fabio, y Carlos.

Fab. Aqui señor viene Carlos.

Carl. A tus piès rendido estoy.

Duq. Aunque, Carlos, de tu diestra
 Esperava mi opinion
 Que acreditaras a Mantua
 Con tu valeroso ardor,
 Considerando primero
 Que eres mi amigo, a quien doy
 De mi gobierno la parte,
 De mis intentos la accion,
 No quiero, no que te auzentes,
 Que era fiero desprimor
 Solicitar una ausencia
 A quien lleva un coraçon.
 Bien sabes ya de mi gusto
 El secreto, que fiò
 De tu recato mi pecho,
 Que a quien amigo se amò
 El secreto no se encubre:
 Que fuera bastardo error,
 Carlos, negar un secreto
 A quien un alma se diò.

Carl. Señor, indigno me veo

De tan notable favor.

Ah Cielos! que bien entiendo *ap.*

Lo que astuto el Duque habló;

Porque no pueda querer

A Margarita, el primor

Me descubre de su gusto

Con la oportuna ocasión

De amigo, que desta suerte

Si profigo mi pasión,

Falso soy a su amistad,

Y falso a su gusto soy.

Duque. Llama a Henrique, Fabio.

Henrique *Va-se Fabio.*

parta a Florencia.

Carl. Señor,

Del palor de Henrique espera

Buen successo.

Duq. Del valor

Suyo la palma se espera,

Y de tu amistad mejor

Espero satisfaciones,

Carl. Pagare mi obligación.

Duq. Oh como Carlos se alegra

Desta ausencia. *ap.*

Carl. Oh como voy. *ap.*

Sabiendo que el Duque intenta

Dar destierro a mi afficion.

Sale Henrique.

Henr. Henrique, señor, se ofrece

A tus plantas.

Duq. La ocasión

Deste terço de Florencia,

Noble Henrique, me obligò

A que tambien a tu diestra

Deva Italia aquella accion;

Don Fernando de Gonzaga

Pariente nuestro embiò

A pedirme alguna gente,

Y agora te mando yo

Con lo mejor de mi estado

Solamente por favor,

Que aun coraçon animoso

De una guerra la sazón

Es generoso peligro,

Es lisongero rigor.

Henr. Beso tus plantas humilde,

Agradeciendo el honor,

Que me dàs por tu vassallo,

Que es gloriosa adulacion

De un Principe illustre, y cuerdo

Honrar sus vassallos. *y O. ap.*

Me ausento (tyranna fuerte!]

De Violante, a quien formò

El Cielo para su embidia,

La tierra para su flor.

Siempre dura, siempre hermosa

Su belleza fulminò

Contra mi rayos de fuego,

Rayos de luz contra el Sol.

Duq. Partid Henrique al momento,

Argos se a mi atención. *Va-se.*

Carl. Alarma fuertes cuydados. *Vas.*

Henr. Al ausècia ingrato Amor. *Vas.*

Sale Celia.

Cel. Yo quiero mucho aun lacayo,

Y aunque este nombre mal suena,

Como el tiene voz de plata,

Haze consonancia bella.

De un forastero es criado,

Y en frase mejor dixera

De la salud de su bolsa

Enemiga pestilencia.

En los caudalosos huaros,

Quando

Quando a caso me requiebra,
 Lo que le usurpa a lo caco,
 A lo Alexandro me entriega;
 De mas desto el es un hombre,
 Que bien puede por sus prendas
 Hazer de una peña miel,
 Hazer de un marmol manteca.
 Tiene despejo Hespagnol,
 Tiene Toscana prudencia,
 Tiene donayre Gitano,
 Tiene xarifa presencia.
 Y todo redusgo a un tiene,
 Que es la mayor gen ilefa.
 Para marido es muy bueno
 Por sus voces lisongeras:
 Porque si es muerte un marido,
 La muerte agradable queda;
 Yo si un marido tuviesse,
 Que assi me hablasse, quisiera
 Con palabras muy de Aurora,
 Quiero dezir muy risueñas.

Finge.

Bien mio, vida del alma,
 Dulce dueño, muerte bella,
 Por ti muero, un lindo abraço
 El blando sepulcro sea.
 No como algunos maridos,
 Verbum Carol que si llegan,
 Muy añublados se ponen,
 Echando truenos de piernas.
 Despues si el comer no gustan,
 Un milagro manifiestan,
 Pues sin ser aves los platos,
 Todos por los ayres buelan;
 Duda con razon entonces
 La muger en su dureza,
 Si haze vida, si es casada

Con un hombre o una piedra.
 Viendo-se pues sin ser calle,
 Bien que calle sus fieresas,
 No la moçuela casada,
 Empedrada la moçuela.
 Que bien merece uno destes
 Quando a lo grave se ostenta,
 Que si es muy a lo Caton,
 A lo Cornelio se vea.

Sale Dinero.

Din. Aqui traygo un papelillo
 Para Margarita bella;
 Esta es su criada, quiero
 Llegarme un poco. Mi Reyna,
 Mi lamedor, mi cosquilla,
 Mi vidilla, mi açucena,
 Mi açucar, mi peregil,
 Mi zelo, mi Cielo, y Celia;
 Habla-me un poco, que agora
 Traygo la bolsica llena.

Cel. Yo te harè muchas preguntas.

Din. Sies de amor examen, vengan.

Cel. Quien eres tu? dime agora,
 Porque si acaso de seas
 Ser mi marido, es forçoso
 Saber tu vida, y tus prendas.

Din. Primero, quanto a la vida,
 Sirvo aun amo, y oppongo fiera
 Mi malicia natural
 A su vida forastera;
 Sirvo-le yo con buen trato,
 Y tan bueno se pondera,
 Como el verdugo a quien mata;
 Y como el potro a quien niega;
 Mentiras llueven, y tantas,
 Que si tempestades fueran,
 Pudiera con mis mentiras

A negar toda la tierra.

Soy criado tan fiel,

Que usando de mil cautelas,

Aun gran raton de un bolsico

Le doy de gato mil bueltas.

De los hurtos no te admires,

Que porque màs lo encarezca,

No se puede hallar criado

Sin que escrivano no sea;

Esto es en quanto a la vida.

Cel. Vamos al segundo thema.

Din. En las prendas profigamos.

Primeramente, mi perla,

Yo me precio de muy noble,

Fingiendo solar nobleza,

Porque no quito el sombrero

A persona mala, ò buena;

Soy valiente, porque juro,

Y cuento falsas pendencias;

Porque murmuro de todo

Tambien discreto me creas;

Soy gracioso en mis palabras,

Porque en maliciosas pruebas

Dichos ajenos repito;

Soy galan, porque en qual quiera

Conversacion hablo en damas;

Tengo applausos de Poeta,

Porque hize quatro coplillas,

Y las mejores ajenas.

Estas son, Celia, mis partes,

Y si acaso te contentan,

El gusto me harà tan gordo,

Que el mayor necio parezca.

Cel. Ama bien, y sirve siempre

Con tu nombre, y porque sepas

De mi amor memorias firmes,

De mi fe grandes finezas,

No se olvidarà tu nombre

De mi amor.

Din. Ya se me acuerda

Un papelillo, que traygo

A tu sehora, y quisiera

Que luego, luego lo dießes,

Pues mi amo te encomienda

La prontitud.

Cel. Mil prestesis

Hede mostrar por servirte.

Muestra pues.

Al darle el papel

sale el Duque.

Duq. Que es esto, Celia?

Cel. Este hidalgo forastero

Como siempre me requiebra,

Me escribe papel de amores,

Y agora aqueste me entrega.

Duq. Por Dios ¿què truxo el criado *ap.*

De aleve amor estafera

Para Margarita el pliego.

Din. Tristis est anima mea:

Vive Christo que en su rabia

El Duque ayrado me entierra;

Y agradecello bien puedo,

Pues esta muerte me esenta

De un boticario las purgas,

De un Medico las recetas.

Duq. No sois criado de Carlos?

Din. Soy sehor de aquella oveja

Disfraçado en hombre un lobo,

Soy en infieles cadenas

De aquel cautivo Christiano

Su Argel.

Duq. Esta carta muestra,

Celia, agora.

Tomale

Tomale la Carta.

Cel. Dios me libre
 Del Duque, que le pondera
 Mi coraçon receloso,
 Con su Ducal impaciencia,
 Cada palabra una tia,
 Cada amenaza una suegra.

Va-se Celia.

Lee el Duque.

Esta noche, Margarita,
 Al bello jardin me espera,
 Que siendo flor tu hermosura,
 Es bien que en jardin se vea,
 Porque pueda agradecerte
 Con la verdad de mi lengua
 De tu presencia el halago,
 Y el estorvo de mi ausencia.

Siempre tuyo. Carlos.

Duq. Carlos

Me agravia, y no confidera
 Que quien aun Principe offende,
 No quiere hazer diferencia
 De la accion, y del castigo,
 De la muerte, y de la offensa.
 Y vòs picaro alevofo,
 Que fois de amorosas nuevas
 El diligente Mercurio
 Con talares de obediencias,
 Como profanais lo sacro
 De mi palacio?

Din. Mi lengua

Te lo dirà; toy criado,
 Que se junta la obediencia
 Con sociedad tan notable,
 Como la cola a una bestia,
 Como la ventura aun necio,
 Como aun fabio la pobreza;

De mas amas foy Dinero,
 Que todos, señor, me huelgan
 De q̄ entre siempre en sus casas;
 Tambien señor, me festeja
 El palacio, y con arbitrios
 Me busca, pretende, y lleva.
 Diganlo en todos los Reynos
 Con pretextos de las guerras
 Los tributos, que me usurpan,
 Las fisas, que me atropellan.
 Pensè pues que me estimàras,
 Si en tu palacio me vieras,
 No eres, señor, Ginovèz,
 Pues agora me despreciais.

Duq. Salid de aqui mentecato,
 Antes que os abra la puerta
 Con esta daga en el pecho.

Din. Tu vimos mortal tragedia.
 Sed nos liberati sumus.

Va-se.

Duq. Creed agora tristefas,
 Creed agora cuydados,
 No di' cursos de la idea,
 Verdades si, que a los ojos
 Disparan de aggravios flechas;
 Hasta aqui con torpes dudas
 Fluctuava mi sospecha,
 Mas ya de aquella borrasca
 El naufragio se escarmienta.
 Ya sabe el alma infelice
 Porque de Carlos la ausencia
 Quiso estorvar Margarita
 Contra mi gusto: ah firmefas
 De amor como fois mentidas!
 Mas que mucho, si ligera]
 La muger excede amante
 Lo facil de una veleta,

Lo presuroso de un viento,
 Lo caduco de una niebla?
 No es blanco pues el papel,
 Aunque candido se offresca,
 Porque solo el alma mia
 Es blanco, donde se emplean
 Estes de cuydados tiros,
 Estas de agravios faetras.
 Quando leo sus renglones,
 Imagino cada letra
 Lengua de fuego alevosa,
 Que en doseffectos se muestra
 De fuego, quando me abraza,
 Y quando me avisa, lengua.
 Hede mostrarle el papel
 Para ver si en la evidencia
 Puede desmentir mi agravio:
 Que de zelos las fieretas
 Tales son, que un triste amante
 Sabe lo cierto, y desea
 Aun engañosas disculpas,
 Aun mentirosas defensas.

Sale Margarita, y le dize.

Es possible, Margarita,
 Es possible: hablar no puedo)
 Que con cauteloso engaño,
 Que con atrevido excesso
 Me agravias? q̄ aun Duq. amãte
 Desprecias? que otro sugeto
 En amoras? Mal conoces
 Mis iras

Marg. Señor nõ entiendo
 Lo que dizen tus locuras
 Contra mi amor; pero miento,
 Y lo entiendo, si, que agora
 Con alevosos intentos
 Por olvidar mis verdades,

Quieres fingir que te offendo;
 Que quien desprecia una dama
 Con mentirosos pretextos,
 Siempre le achaca el aggravio
 Por disculpar el desprecio

Duq. Dime tyranna, no quieres
 A Carlos? pues vive el Cielo
 Que al arbol de su esperanza
 Le hande cortar mis desvelos;
 Las alas de tu esadia
 Le hande abrazar mis affectos;
 Las flores de su cuydado
 Le hande marchitar mis zelos;
 Los campos.

Marg. Señor reporta

Tantos enojos; que es esto?
 Tu dizes que adoro a Carlos?
 A Carlos? que fingimientos
 Tu ceguedad atropellan:
 Que aunque ciego al amor veo,
 Sus ceguedades son otras,
 De otro modo es amor ciego.

Duq. Oh como siempre el delito
 Por astuto, y lisongero
 Quando alienta lo engañoso,
 Siempre affectò lo encubierto!
 Tu te atreves a offenderme,
 Traydora, no conociendo
 Que offenderse un poderoso
 Es fulminarse un azero,
 Es rebentarse una mina,
 Es añublarse un Invierno,
 Es precipitarse un rayo,
 Es alimentarse un fuego?
 Mal haya el tiempo, mal haya,
 Que en mil devotos obsequios
 Adorè tu Sol hermoso

Como

Como idolátra indiscreto.
 Mal haya el dia, mal haya,
 Que en amorosos extremos
 Fuy siempre roca en lo firme,
 Fuy siempre cera en lo tierno.
 Mal haya el Amor, mal haya,
 Que como a soldado experto
 Por conquistar tus favores
 Me quizo armar con desvelos.
 Tu Margarita me engañas,
 Quando me afino sincero?
 Tu Margarita me offendes
 Quando verdades profeso?
 Ah costumbre de rigores!
 Ah villania de enredos!
 Que en mal, y doblez indigna
 Siempre se estan oponiendo
 La desdicha más penosa
 Al mejor merecimiento!
 A la verdad mas hidalga
 El engaño más grofferol
 No te acuerdas que juravas,
 Formando encarecimientos,
 Que quando fuesses mudable,
 Primero el prado, primero
 No se ornaria de flores,
 Ni los Potos del uzeros,
 Dexaria el mar las aguas,
 El pedernal los incendios?
 Queden pues en tus mudanças
 Por cumplirse el juramento,
 Sin luzes el Cielo claro
 Sin flores el prado ameno,
 Sin llamas la piedra viva,
 Sin aguas el mar sobervio.
 Y agora para que veas
 De tus engaños los yerros,

Sin disculpables sobornos,
 Mira tyranna esse pliego,

Dale la carta.

Que como fiel testigo
 Depone tus dezaciertos,
 Y quizá fiel lo jusgo,
 Porque candido lo advierto.

Lee la carta Margarita, y se suspende.

Duq. Oh que bien te has cõvencido,
 Pues te acusa lo suspenso;
 Que quien se convence acaso
 En las trayciones, que ha hecho,
 Se embarça en el discurso,
 Se aprisiona en el silencio.
 Habla cruel, y responde
 A tan fuertes argumentos;
 Finge pues una disculpa,
 Dime agora, que otro objeto
 Pretende Carlos amante:
 Que son otros sus empeños,
 Que tu amor no folic ta,
 Ni le quieres; y al momento
 Con mugeril artificio
 Forma, porque ya te creo,
 El falso ahofar de llanto
 Con oro falso de affecto.
 Queda-te, sirena hermosa,
 Oírte agora no quiero,
 Que quando el pecho fluctúa
 En alevosos intentos,
 Seran tus voces encanto
 Serà naufrago mi pechol

Va-se el Duque.

Marg. F spera, engañado Duque
 Aguarda, querido Dueño;

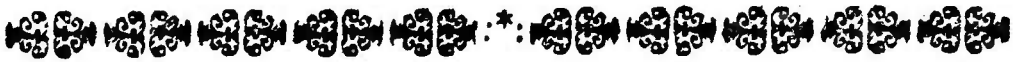
Suerte

Suerte, que mudanças formas?
 Amor, que enredos son estos?
 Si instable, suerte, te han dicho,
 Si engañoso, Amor te han hecho,
 Dime, suerte, las mudanças?
 Y dime, Amor, los enredos?
 Carlos un papel me escribe
 Entre amorosos concetos,
 Supponiendo que le adoro,
 Ya mi amor agradeciendo
 De su auzencia los estorvos,
 No a Vio'ante, que es aquesto?
 Cielos, que en blandas piedades
 Prestais oido al remedio,
 Si esta harmonia os dirige
 Incessable movimiento,
 Con cordad con vuestros gyros
 La harmonia de un deseo.
 Estrellas, que en los influxos,
 Que os beven humanos cuerpos,
 Sois celestiales motivos
 De amorosos galanteos,
 Descubrid el de engaño
 Lo que dais al nacimiento;
 Sol luzido, que en los rayos
 El Orbe os pondera attento
 Y de luzes fuente hermosa,
 Ya de llamas mar immenso,
 Prestad incendio a mi amante,
 Para que avive su incendio;
 Aves, que en voces, y plumas
 Pareceis, amaneciendo,
 Del ayre bolantes flores,
 Del Alva alados Orfeos,

Despertad con vuestro canto
 De tanta verdad el sueño;
 Mares, que en vuestras espumas
 Pudo animarse el portento
 De aquella hermosura, aquella
 Blanda Deidad de Cytheros,
 Publicad en vuestras aguas
 Las que en triste amor os vierto;
 Campos, que os pintan Abries
 Entre verdores amenos
 Ya de rosas los matizes,
 Yo de lilijs los bosquejos,
 Dizid mi verde esperanza,
 Aunque la sequen los zelos;
 Flores, que sois, quando sopla
 El Zefyro lisongero,
 De Flora galan adorno,
 Del prado oloroso asseo,
 Dad el olor de verdades
 Al color de fingimientos;
 Rios, que sois en las peñas
 Ya musicos, ya risueños,
 De plata corrientes lyras,
 De crystal claros espejos,
 Dizid en puros crystales
 Los que veis puros affectos;
 En fin, para ver si acazo
 Mejorar mi suerte puedo,
 Digan aqui lo que lloro,
 Digan aqui lo que siento,
 Rios, flores, campos, mares,
 Aves, Sol, estrellas, Cielos.

Va-se.





JORNADA SEGUNDA.

Sale el Duque, y Violante.

Viol. No te lastimes que xozo,
 Que Margarita es constante.
Duq. No puedo, que de un amante
 Siempre se engendra un zeloso;
 Que en las batallas impias
 De una amorosa passion,
 Sendo campo el coraçon,
 Sirven los zelos de espias.
 De mas, que Amor en mi pena
 Con la sentencia de enojos,
 Pues son testigos mis ojos,
 No sin rason la condena;
 Y quando aquestos desvelos
 Los sienten Amor, no los piensa,
 Como averigua la offensa,
 Passa aun allà de los zelos.
 De fuerte que padecido
 Este tormento amoroso
 Aun antes de sospechoso
 Me escarmente de offendido.

Viol. Es deuantè esta passion,
 Que como siempre se ve
 Desconfiado en la fè,
 Siempre piensa la traycion;
 Y para bien del sentido
 Creer deve en su ternesa,

Que si quiere con firmeza,
 Que con firmeza es querido.
 Mas con los zelos no ignoro
 Que poco amante se alcança,
 Pues, si le creè la mudança,
 Viene amancharle el decoro.
 Y sospecha este dolor
 Por su mal, pues quien le adora,
 Si el la juzga que es traydora,
 Hade juzgar que es traydor.
 Tiene con la dama bella
 Bastarda de amor porfia,
 Pues ella del desconfia,
 Pues el desconfia della.
 En fin por rason de estado
 No hade pensar lo engañoso,
 Pues le muestra recelo
 Que puede ser aggraviado.

Duq. Dizes bien, pero si ver
 Pude offensas del deseo,
 Hade ser lo que no veo,
 Lo que veo, no hade ser?

Viol. El galan que viste alli,
 Aunque sospechas te inflamma,
 Vendria por otra Dama,
 Como si fuesse por mi.

Que

Que alguna Dama en querer
A Carlos, puede sentir;
Oh quien pudiera dizir
Lo que sabe padecer! *ap.*

Duq. El vidrio, si has reparado,
Que de un semblante aparente
Es una copia luziente,
Es un mentido traslado,
Brilla tal, que es parecido,
Quando resplandece igual
Un verdadero crystal,
Lo que es un crystal fingido.
Lo propio en su amor se diga,
Que en dobles caras, que ofrece,
Como vidrio resplandece,
Quando falso se averigua.
De fuerte que en lo alevofo
Del amante resplandor
Luzo verdadero amor
Lo que es amor engañoso.
Y porque sepas si es fiel,
O si es falso su tormento,
Sabrás que amoroso intento
Le confieça en un papel
Carlos a leve; que yo
A Celia el papel tomè,
Y a la vista averiguè
Lo que el recelo pensò;
A Dios pues, que el alma mia
Và a padecer este daño.

Viol. A la noche de tu engaño
De su verdad salga el día.

Va-se el Duque.

Agora mi amor alcança
Contra mi propia otros zelos;
Agora se arman recelos

Para embestir mi esperança.
Dime Amor, y al alma dilo,
Que harè? presta en mis deseos
Al labyrintho de enleos
De tus piedades el hilo.
El Duque ingrato se atreve,
Y Margarita se infama;
Ella dà de amor la llama,
El de sospechas la nieve.
Con una vengança cierta
De mi hermano en mal quererme
Por mi tanto affecto duerme,
Por mi tanto mal despierta.
Se mi hermano la ocasión.
Viere, tabrà su impiedad
Con la luz de la verdad
La color de mi afficion
Si supiere su rigor
Mi amor, temo sin tardança
El Cierço de su vengança
Contra el lilio de mi amor.
Si viven estos enojos,
Tendrà mi prima deshecho
Todo en suspiros el pecho,
Todo en lagrymas los ojos.
Si declaro mis finessas,
Tendremos noches, y dias,
Ella Mayos de alegrías,
Yo Deziembres de tristessas.
Finalmente si profigo
De mis engaños lo fiero,
Todo sigo, y nada quiero,
Todo quiero, y nada sigo.

Sale Clavela.

Clav. Señora, gran mal se alcança.

Viol. Que dizes?

Clav.

Clav. En tu fineza

Lo que crias por firmeza,
Se bautizò por mudança.
Carlos juzga en su passion
Que ama el Duque tu beldad,
Y aunque engendras la verdad,
Te prohija la traycion.
Supo en fin que al Duque incita
De Margarita el cuydado,
Y tu amante lo hà juzgado,
Pues te finges Margarita.

Viol. Oh dura suerte inconstante,
Que no solo a questo engaño
Al Duque fabrique el daño,
Sino tambien a mi amante!
Oh del mal mal riguroso,
Que si maltrata nocivo,
Añade lo successivo,
Por dilatar lo penoso!
De Carlos estan villano,
Estan estraño su afan,
Que es mi hermano mi galan,
Que le dà zelos mi hermano.
Margarita no se adora,
El Duque vive quexoso,
Carlos me culpa zeloso,
Yo me condeno traydora;
De suerte que en los despechos
Desto amor dan sus dolores
Un engaño a quatro amores,
Una pena a quatro pechos.
Huvo Cielos, afficion
De igual confusion que altero;
Mas no es mucho, si Amor fiero
Es la misma confusion.

Clav. Carlos sabrà tu constancia,
No sientas su falso error.

Viol. Aun Clavel a mi dolor
Teme en Carlos la inconstancia;
Pero anadie hafde explicar
De mi nombre la ficcion,
Pues de ti mi coraçon
Lo quizo, amiga, fiar.
Aunque sepa Margarita
Que amo a Carlos, no quiziera
Que de su nombre supiera
El engaño, que me excita.

Sale Margarita.

Marg. Si algun bien mi mal cõsigue,
Violante, oid mi ventura,
Que sin tener hermosura,
La deldicha me perfigue.
Quãdo a vuestro hermano el trato
De amor dà mi pecho amante,
Si amanesco en lo constante,
El anochece en lo ingrato.
Imagina que admittido
Carlos es de mi cuydado,
Con ceguedad de engañado
No vè la luz de querido;
Ya sè de vuestro dolor
Que el alma a Carlos rendis,
Si penas de amor sentis,
Remediad penas de amor:
De mas que quando me hazeis
Esta engañoza impiedad,
Se disteis la enfermedad,
Es bien que el remedio deis.
De suerte que mis amores
Aviven lo que vivieron,
Si por vòs flores murieron,
Por vòs resuciten flores
Que en esta infelicidad
Es lastimosa indecencia

Que agravie con la innocencia,

Que engañe con la verdad.

Dad pues desfierro a mi daño,

Que en las mudanças, que lloro,

Quando padece un decoro

No es b en holgarse un engaño.

Viol. Si sentis essa paffion,

Tambien por castigo igual

Ya de' go'pe desse mal

Siento herido el coraçon.

Carlos pues en la esperança,

Que un amor seguro creè,

Por no pagarme la fè

Me fofpecha la mudanças;

Que muchas vezes ha fido

Un pechotan mal hallado,

Que se desfiente obligado,

Por no fer agradecido.

Quiero pues dezengañar

A mi amante; que hede ver

Florido nuestro querer,

Marchito nuestro penar.

Marg. Offresco algratificaros
(Aunque es poco el admittiros)

La vida para ferviros,

La voluntad para amaros.

Viol. Una carta le esforivid,

Que a Carlos heds mandar,

Y en buen concierto acabar

De tantos zelos la lid.

Yo no la puedo escribir

Por lo facil del amor,

Por peligros del honor,

Por recatos del sentir.

Escrividla fin recelos,

Porque Carlos desconoce

Vuestra letra, y no conoce

Lo que fingen mis desvelos.

Marg. Vuestro consejo recibo,

Que aunque gran rielgo se apura,

Sin otro peligro. Escribo

Vuestro papel.

Viol. como iguales

Presta Amor en parabienes

De un desengaño dós bienes,

Si de un engaño dos males!

Trabe Clavela recado de escribir.

Viol. va-se,

y *Margarita* sienta-se

a una mesa.

Marg. La carta, Amor, escribamos,

Amor la carta notemos,

Y al vil engaño que vemos,

Carta de examen hagamos.

Con tinta, y pluma esperamos

Que tenga fin mi desvelo:

Mas no quitarè el recelo,

Quando no puede hazer tanto

La tinta de amargo llanto,

La pluma de amante buelo:

Pero en el papel confio,

Si pondero su candor,

que me amanesca un favor,

Que despierte un alvedrio.

Ya la juzga el amor mio

Alva, que a tanta paffion

Annuncie en la confusion

Desfierre en la deslealtad,

El dia de la verdad,

La noche de la traycion.

Escribe la carta,

y acabando la, cantan

*Musicos.**Toma la carta.*

Que guerra espera, ò que paz
Una voluntad suspensa,
Agradecida a la offensa,
Y de vengarse incapaz!

Marg. En tanto amor, dolor tanto
Agora me assalta el sueño
Sabrosamente halagueño!
A la dulce voz del canto.
Que siendo del alma encanto
El amor en su porfia,
Es con igual sympathya,
Y concordia del favor
Secreto canto el amor,
Que haze en el alma harmonia.

Duerme-se, y sale el Duque.

Duq. Mi dueño al sueño prostrado!
No tiene amor, que su fuego
Es verdugo del sosiego
En el potro del cuydado:
Pero si ella en el agrado
Muere de amor, falsamente
La sympathya nõ estraña,
Pues con falsa muerte engaña,
Pues con dulce agrado miente.
Pero que miro un papel
Tiene escrito, que en mal fiero
Es desahogo parlero
Para una pena cruel;
Si a mi me lo escribe en el
Verè, si a tomarlo llego.

Lea Amor, aunque amor ciego.

Leela.

Los zelos Carlos de tu amor son
grandes,
Y los peligros de mi honor son
mayores,
Quiero pues esta noche satisfazer-
zerte, por
Librar a mi honor de los peligros,
y a tu amor de los zelos.
Duq. Aggravia, y duerme? yo nõ al-
canço

Que offenda, y tenga el descanso,
Que aggravie, y logre el sosiego?
Mas creo que en la injusticia
Del delito riguroso
Llamò Cupido piadoso
Deste sueño la justicia;
Porque viendo la malicia
Del papel, por castigarlo
El sueño quizo llamarlo,
Porque prendièssè en hazerlo,
A los ojos por leerlo,
Al alma por discursarlo.

Entre sueños Margarita.

Marg. Por ti, Carlos, hè penado.

Duq. Bien le quiere [ay alevoso!]
Que quien piensa en lo amoroso,
Siempre imagina en lo amado;
Si bien en quexoso estado
Tanto su gusto pretende
Aggraviarme en lo q̄ emprende,
Que quando a Carlos adora,
Hasta en el sueño es traydora,

Ll ij

Hasta

Hasta en el sueño me offende.

Marg. Sepa el Duque el defengaño
Ya que culpa mi tormento.

Duq. Esto es cucho, ah vil intento,
Ah siempre escondido engaño!
Forma en el sueño mi daño:
Porque como es la ocasión
Del sueño callada acción,
Quiere con discurso sabio
Los silencios el agravio,
Los recatos la trayción.
Dexo el papel, (ay dolor!
Ay zeloso padecer!)
Que esta noche quiero ver
Si Carlos viene (ay traydor!)
Al arma valiente Amor,
Si os toman las esperanças,
Si os taladran las bonanças,
Sin que os reziften disculpas,
Embestid barbaras culpas,
Acclamad nobles venganças.

Va se, y despierta Margarita.

Marg. Ya mi pecho lastimado
Dexa un sueño natural,
Que poco descança un mal!
Que poco duerme un cuydado!
Que al corazón, si es hallado
En un fofsegado aliento,
Despiertan con duro intento,
Porque el sentimiento dexa,
Ya las voces de una quexa,
Ya los golpes de un tormento,
Tomo el papel, y Clavela,
Segun lo dixo Violante,
Le hade llevar a su amante,

Que al Duq. y a mi amor desvela;
Al papel mi pecho appela,
Si bien temo en mi pesar
Que estoy tan hecha al penar,
Y contraria de la dicha,
Que le pegue la desdicha,
Que le inficione el azar.

Va se.

Sale Carlos, y Dinero.

Carl. Que Margarita le adora?

Din. De Fabio señor lo se:
Y para más dezengaños
Me dixo que por no hazer
Escandalozo el palacio
Se hablaban en el vergel.

Carl. Cielos hay mayor mudança!

Din. De que te admiras? no ves
Que es synonimo del tiempo
Ser inconstante, y muger?
No ves señor, que mugeres
En la amorosa pared
Son arañas del amor,
Si enganos quieren texer?
No ves que quando son Damas
De Cupido en axedrez,
Hora aqui, hora acullà,
Nunca firmes se hande ver?
No ves que siempre una Dama
Cuenta al amante fiel
Falsas monedas de engaños
Quando le paga el querer?
No ves que quando las llama
Primas quien las quiere bien,
Luego se tocan de falsas,
Con que destemplan la fe?
Finalmente quanto digo

De su inconstancia, y doblez,
Es, señor, tan ordinario
En ellas, como su mes.

Passeando-se.

Carl. Busquemos en fin disculpas,
Coraçon quexozo, puès
Si la quero disculpar,
Ya no me siento offender.
Amor las disculpas finge,
Mira Amor, que hallas tambien,
Quando en su culpa el tormento,
En su disculpa el plazer.
Dime agora, Margarita
Me offende? no: que no es bien
Que la murmures villano,
Si te precias de cortèz.
Es cierto lo que me dize
Margarita? es cierto: que
Aggravia mucho a quien ama
Quien a quien ama no creè.
Pero zelos al discurso
Que dezis? Mas ya se vè,
Como sois de amor contrarios,
Que contra amor respondeis.
Zelos, Margarita quiere
Al Duque si pues ya se
Que con proceder bizarro,
Que con tierno proceder
La festeja Castellano,
La requiebra Portuguez.
Aunque soy Carlos Farnesio,
El Duque; un Principe ès:
Que en sobornos de un cariño
No se que tiene el poder,
Que es iman para un favor,
Que es flecha para un desden.
Pero Amor, que me respondes,

Esto es assi? no: porque ès
Tan fiero el vulgo, que siempre
Quiere prostrar a sus piès
De la innoceneia la palma,
De la pureza el laurel.
Pero zelos que dezis?
Hade fer cierto? hade fer;
Que si tantos lo publican,
No mienten todos, porque
Por costumbre, o por castigo
Del engaño descortez
Si este en mentiras se añubla,
Luzen en verdades aquel.
Amor amaremos? si.
Pues lo quieres amarè;
Zelos amaremos? no:
No amarè, pues lo quereis;
Amor amemos, que agora
el affeto se hade ver
Màs luzido en el agravio,
Que las estrellas con el
Manto obscuro de la sombra
Suelen mejor parecer.
En fin amemos, vençamos
Los zelos; pero tendrè
Fino amor a quien me engana?
No es justo: zelos, serè
Vengativo en el desprecio,
Que lo mismo siempre fue
Una offensa no vengar,
Que otra offensa pretender.
De mas, que si el Duque adora
A Margarita, darè
Al olvido mis finezas,
Que un Principe, ah dura ley!
Es un vidrio, que se empaña
De formidable altivez,

Con qualquier ayre de agravio;
 Es un mar, que con qualquier
 Viento de offensas altera
 Con poderozo byben
 En olas de vengat vo
 Tempestades de cruel
 Que hede hazer en este empeño,
 Alma mia, que hede hazer?
 Amor me enciende el affecto,
 Zelos yelan el delden
 De suerte, que el coraçon
 No puede de una, y otra vez
 Ni aquella nieve gustar,
 Ni aquella braza encender.
Din. Dexa ya locas sospechas,
 No quieras, señor, verter
 Al peregil del amor

De las sospechas la yel;
 Mira que los zelos pegan
 Con mordedura infiel,
 Porque son perros del alma,
 Que el alma suelen morder.
 Dexa en fin estos discursos,
 Que bien puedes conocer
 Esta noche el desengaño.
Carl No dizes mal, yo verè
 Si son falsos mis recelos,
 Si es constante su querer.
Din. En el jardin lo veràs.
Carl. Al jardin le pedirè
 Que me diga sus affectos,
 Porque bien se puede hazer
 Lo florido de un jardin
 Interprete de una fè. *Van-se*

*Suenan caxas, y ruido de arcabuzes, y salen Henrique
 con baston, y soldados.*

Henriq. Dichoso el dia, que a mi patria llego,
 Donde idolatra el alma al niño ciego;
 Oh si cantàra amor, si estoy triunfante,
 Otra noble vitoria por amante!

1 A tu famosa diestra
 No poco deve el Duque pues nos muestra
 Que cria Mantua en su Marciál desvelo
 Màs cuerdo Fabio, màs feroz Marcelo.

2 Queda Florencia al Cesar sugetada,
 Y con tu braço belico ganada,
 Y tres vezes tu honor ilustre se haga
 Por valiente, por sabio, por Gonzaga.

Henriq. Soldados, esta palma esclarecida
 Por vuestra gloria solo es applaudida,
 Que en el successo del conflicto ayrado
 Gobierna el Capitan, obra el soldado.
 Pero ya que la noche
 Apresta contra el dia el negro coche

Para salir de estrellas coronada,
 (Si un consejo os agrada,)
 Eiperemos mañana, que arrogantes
 Entraremos en Mantua màs triunfantes
 Con la feliz vitoria,
 Que de una ostentacion se haze una gloria.

- 1 Es el dia escuzado, y bien te engañas,
 Que luzen mucho, Henrique, tus hanañas.
 2 Aunque de noche vamos,
 Harta gloria llevamos
 En tu presençia, que en acompañarte
 Quien lleva a Henrique, desconoce a Marte.

Henriq. Amigos afamados,
 [La lifonja os aceto por soldados]
 No entreis en la Ciudad como dezia,
 Que antes que Apolo nos bosqueje el dia,
 Ver a mi hermana disfraçado quiero,
 Por dar halagos a mi amor sincero,
 O por dezir mejor, saber deseo ap.
 De mi Violante en mi amoroso empleo,
 Que dos vezes padece el alma ausente,
 Siente el alma el amor, la auzencia siente.

Ambos. Somos Henrique todos obedientes.

Henriq. Camino a Mantua, recoged las gentes.
 Van-se.

Sale de noche Carlos, y Dinero.

Carl. Quiziera el piadoso Cielo
 Para alivio feliz de mi desvelo,
 Que puedan mis dolores
 Prender sospechas, y soltar amores:
 Que son dos gustos apezar de un daño
 Despues de una sospecha un dezengaño.

Din. Sabràs, señor, aqui lo que la incita
 Quando mandò llamarte Margarita,
 Que no se hade dezir que al bautizado
 Vienes del niño amor, sin ser llamado.

Sale Fabio, y un criado.

Amor, engaños,

Fab. Aquí me dixo el Duque que esperasse,
y que aquí le aguardasse,
Porque pueda en tinieblas cautelosas
Examinar constancias amorosas,
Que todo amante entre sospechas crudas
Todo es hecho de dudas.

Criad. Retiremonos pues a aqueste lado.

Fab. Lince sea del Duque mi cuydado.

Retiran-se.

Carl. Pero, segun lo creo,
Allidos hombres veo,
Que parecen que quieren fus intentos
Estorvar mis dichosos pensamientos;
Que no es la vez primera, que a una dicha
Malogrò de un estorvo la deldicha.

Din. Señor tente un poquito
Aver si tomo colera, y permitto
A mi valor aquesto,
Por que un grande valor no se haze presto.

Carl. Calla cobarde, porque vive el Cielo
Que contra mi desvelo
Aunque sus hierros fuesen vivos rayos,
Les diera mil desmayos,
Tanto, que han de sentir primero ayrada
Su muerte, que mi espada.

Fab. Mirad que viene gente,
Sustente-se el lugar con brio ardiente,
Que la causa de un Rey enciende el brio
De qualquier hombre, quanto màs el mio.

Din. Mal haya el criadillo, que es ferviente
Del hombre, que es valiente,
Que hade reñir con el, y de fendello
Entonces fin com ello, ni bebello.

Sacan las espadas.

Carl. Quien es?

Fab. Quien va?

Din. Que voz tan defabridal

Que un quien vâ, y un quien es quite una vida!
Carl. Esta espada primero
 Dirâ quien foy; que de un valor severo
 Mejor se sabe la nobleza ufana,
 Que de una voz liviana.

Riñen.

Fab. Que buen pulso de esfuerço generoso!

Criad. Oh como fiento su valor famoso!

Carl. Que una gloria os alcanza en vuest

Criad. Muero, ay de mi!

Car.

Fab. Que adversidad esquiva!

Irme de aqui conviene.

Carl. Mi amor viva,

Porque en este embaraço

Venciò mi amor, y peleò mi braço

Diñ. Buena respuesta huvieron

(Segun las cuchilladas, que sintieron,

De un quien vâ, y con facil ligeresa

Metieron la respuesta en la cabeça.

Carl. Vamos; que nõ me encuentre el Duque ayado,

Que temo ser, Dinero, castigado. *Van-se*

Sale Henrique de noche con la espada desnuda.

Henriq. Ruido de espadas a esta parte fiento

Quando quiziera mi amoroso intento

(Viendo a Violante en placida alegria)

A pesar de la noche ver el dia.

Pero un hombre a mi viene

Con passos presurosos, y conviene

Saber quien es.

Sale Carlos.

Carl. Huir agora quiero,
 Porque quien foy no sepan.

Henriq. Cavallero,
 Donde con passos caminais velozes?

Carl. A vuestra cortesia en pocas voces
 Respondo; yò he muerto por un caso

Amor, engaños,

Aun hombre por valor, o por acaso;
Temo que me conosca la Justicia,
Y huyendo voy como me veis.

Henriq. Codicia
Tanto mi pecho, hidalgo, el ampararos,
Que a mi casa llevaros
Pretendo, andad conmigo.

Carl. Dezid quien sois, pues vuestros passos figo.

Henriq. Vòs lo sabreis despues.

Carl. Ya bien se ofrece
Que bien dize quien es quien favorece.

Entran por una puerta, y buelven a salir por otra.

Henriq. Aquí pues retirado
Podeis estar, señor.

Carl. Bien explicado
Vuestro honor se conoce por illustre,
Para que en tanto lustre
Ambos quedemos al favor dichoso
Agradecido yo, vòs generoso

Henriq. Mi quarto es este, y en el quiero occultaros,
Y voy saber el caso por libraros;
Quedad aquí, que luego vendrè averos. *va-se.*

Carl. Azares fieros
Me affligen; mato un hombre, otro me ayuda
Sin conocerlo yo, y en esta duda
Màs se abulta mi enleo,
Pues agora me veo
En el jardin, donde esperaba agora
A Margarita bella; y pues se ignora
La causa deste obscuro labyrintho,
Con el socorro de mi vario instinto
Quiero saberlo, y adelante passo
Por estorvarme agora algun fracaso,
Que no quiero que aquí venga aquel hombre,
Y que sepi mi nombre,
Pues ya recela m. discarso sabio.

y zelos.

Que aquel hombre era Fabio,
Que me truxo en su quarto, pues habita
En el jardin del Duque; ansí se evitã
Otro peligro, porque si el supiera
Quien soy, al Duque amante lo dixera;
Y assi de aqui me aparto,
Y me voy a otro quarto.

Passa-se a otro, y sale Margaritha.

Marg.

Quando el Amor se aviva,
Es ciega luz, si enciende,
Libre carcel, si prende,
Si mata, muerte viva;
El alma en fin me advierte
Ciega luz, libre carcel, viva muerte.
Si un desprecio se expone,
Sombra vil se parece,
Yelo tibio se ofrece,
Nube ingrata se oppone;
En fin mi amante trata
Sombra vil, yelo tibio, nube ingrata,
Quando plantas se alentan,
Quando lilios respiran,
Quando rosas se admiran,
Quando en fin màs se ostentan
Con sobervias hermosas,
Caen plantas, seccan lilios, mueren rosas
Si bienes se festejan,
Si dichas se reciben,
Si amores se conciben,
[Ah fortuna!] se alexan,
Que en ludibrio de flores
Bienes coge, huella dichas, corta amores.
Con quexoso alvedrio,
Con suspiros, y llanto
Sienten tormento tanto
El Cielo, el viento, el rio,

Mm ij

Pues

Amor, engaños,

Pues dà mi sentimiento
 Quexa al Cielo, agua al rio, fuego al viento.

S.ile Car'os.

- Carl.* Una muger se quexa lastimosa
 De algun ingrato amor; que la impiedosa
 Fortuna entre iguarias de inconstante
 Dà por postres las quejas de un amante.
- Marg.* Un hombre alii diviso,
 Que sale de aquel quarto, y es cierto aviso
 Que serà el Duque si, que viene a hablarme
 Aqui, como costumbra.
- Carl.* A tormentarme
 Quiere el amor, no sè si es Margarita;
 Que la conosca el ciego Dios permitta,
 Si bien en sus trayciones fementida
 Bien la juzga el amor desconocida.
- Marg.* Duque.
- Carl.* Eres Margarita?
- Marg.* No conoces
 Mis mal formadas voces?
 No es bien que hablemos alto, escucha un poco.
- Carl.* Ah mudable, ah cruel, dos vezes loco *ap.*
 Me hazen en mis desvelos,
 Una vez su traycion, y otra mis zelos.
- Marg.* Duque amado.
- Carl.* Sentidos *ap.*
 La ponçoña beved por los oidos.
- Marg.* Duque amado, una Dama
 Quando enciende en su pecho ardiente llama,
 Padece de un ingrato los dolores
 Por dexar neciamente los rigores,
 Que luego en las venturas de admittide
 Ciega-se ingrato quien se vè querido.
 Si tengo màs amor, màs me aborreces
 De fuerte, que me offreces
 Tal rigor, tal effeto de enemigo,
 Que màs me offendes, quanto màs te obligo.

Bien

Bien como humildemente entre verdores
 Besa arroyo los piés de hermosas flores,
 Siendo en el prado, si el crystal defata,
 Pobre lisonja de sonora plata.
 Mas despues, si ha llovido,
 Con estrangero ahofar presumido
 Siendo de aquellas flores Parca undosa,
 Desprecia lilio alilio, rosa a rosa.
 Assi pues caminavas en tu intento
 Con humilde, si amante pensamiento,
 Lisongeando en el desden, que amavas,
 Estas prendas, que flores me llamavas;
 Pero agora en favores arrogante,
 Que te dió liberal mi amor constante,
 Estas flores desprecias sin recelos,
 Formando mal a mal, zelos a zelos.
 No siento mucho no, ser despreciada,
 Porque lo puedo ser, sin ser culpada,
 Mas ser traydora, si, bien siento agora,
 Porque culpada estoy, si soy traydora:
 En fin para doblar el mal que lloro,
 Dexas mi amor, infamas mi decoro;
 Yo quiero a Carlos, yo que poco entiendes
 Como esta alma, que es tuya, tanto offendes;
 Que si supieras la tristeza tuya,
 No dieras tanto mal aun alma tuya.
 Dizes que estimo a Carlos, quando apuro
 De tal fuerte en mi amor lo firme, y puro,
 Que bien pudiera con affectos mios
 Vencer los montes, exceder los rios.
 No te acuerdas cruel, de los favores,
 Qué por mi mal te dieron mis amores?
 Mas ay, que siempre por costumbre, o vicio
 Es Lethes del ingrato el beneficio:
 Como piensas que formo a leve intento
 Quando por más amarte me alimento.
 De dos amores duplicada palma,

Amor, engaños,

Uno en el coraçon, otro en el alma.

Son traveiones finestas?

Son mudanças firmestas?

Es delito el-quererte,

Amarte-es offenderte?

Mas si, que un pecho ingrato en recompensas

Por no pagar favores, finge offensas.

En fin Duque inconstante, Duque amado.

Carl.

A leve a mi cuydado,

Como quieres librarte de la culpa

Quando tu culpa se halla en tu desculpa?

Di pues, que tanto estimas lo culpado,

Que lo repires yà, por darte agrado.

Oh como un pecho, quando aggravios trata,

En la offensa que dà su voz desata,

Por tener doble gusto al repetirla

Un gusto en cometterla, otro en dezirla!

Marg.

Pues se escucharme quieres

Tu hermana en este amor.

Carl.

Que me refieres?

Hermana tengo yo, pues ya se alcança

Que hermana de mi amor fuè tu mudança.

Marg.

Queda-te pues, ingrato a mis desvelos,

Castigue mi desprecio infames zelos;

Que si el honor peligra en insolencias

De zelosas licencias,

Bien puede ser sin riesgos de infamada

Una accion descortez accion honrada.

Va-se.

Carl.

Como, tyranno Amor, en mi tormento

Padesco ag gravios, y venganças sientos?

Como mi ing rata que el delito entiende,

Se offende de que diga que me offende?

Mas si, que quien no puede hallar desculpa,

Finge el pesar, que desmentir la culpa.

Margarita me escrivo,

Que al jardin de engaños apercibe,

Trahe la carta Clavela,

Y agora Margarita se desvela
 (Pensando que era el Duque) en aggraviarme:
 Que es esto Amor? que pudo ocasionarme
 Tan engañoso mal: mas que p. egunto?
 Si el engaño es de amor más cierto affunto.
 Coraçon desdichado, y lastimoso,
 Sol ad cadenas de un amor que xoso,
 Que amar, siendo el aggravio recebido,
 Es festejar de sayres de offendido;
 Querer a quien es grata en otro empleo
 Es villana locura de un deseo;
 Competir con un Principe en amores
 Es buscar neciamente los rigores;
 Es forjar una espada
 Contar la propia vida destinada.
 En fin daqui me aysento en tantos daños,
 Porque no se proroguen más engaños:
 Que contra mis venturas
 Este jardin es selva de aventuras,
 Y un encanto parece en leo tanto,
 Mas no es mucho, que Amor es todo encanto. *Va-se.*
Sal el Du que de noche.

Dug. Entrè en este jardin, y un hombre muerto
 Topan mis plantas con juyzio incierto;
 No encuentro a Fabio quando aqui pensava
 Que mi gusto lo hallava,
 Solamente me dixo una criada
 De mi furioso amor amedrentada,
 Que en aquel quarto un hombre se hà escondido,
 Contra el gusto de un Principe atrevido,
 Y así en el quarto me entro como ayrado,
 Que de un zeloso nace un aggraviado.

*Entra-se en el quarto, donde Carlos primero estuvo quando vino con
 Henrique, y sale Violante.*

Viol. Es ordaça a mi ternesa,

Nada se.
Es

Amor, engaños,

Es prision a mi amor ledo,
 Es verdugo a mi esperanza;
 Quando pues mi pecho alcança,
 Un solo amor, en castigos
 Se oponen tres enemigos,
 Nobleza, Miedo, vengança.
 Offusca la verdad pura,
 Inficiona al passa tiempo,
 Tyraniza al dios Cupido
 Con gran rason he sentido
 Recelos del bien querer,
 Porque son para temer
 Desventura, Tiempo, olvido.
 Quien desbarata el temor?
 Quien apoya la pureza?
 Quien afina el pensamiento?
 Si quiero pues el contento
 Que gane de amor la palma,
 Vivifique siempre el alma
 Valor, firmeza, tormento.
 Quien enciende blando ardor?
 Quien le provoca los daños?
 Quien le alienta los desvelos?
 Tiene en fin justos recelos
 De Carlos la dulce llama,
 que habitan siempre en quien ama
 Amor, engaños, y zelos.

Salte el Duque de donde havia entrado.

Duq. Todo el quarto he rebolvido,
 Y no han hallado mis penas
 Hombre alguno; pero aqui
 Alguna muger se queixa;
 Deve pues ser Margarita,
 Segun mi amor lo dezea.

Viol. En aquel quarto, que veo,
 Me dixo agora Clavela
 Que un hombre estava escondido,

Y segun las claras señas
 Le parecia ser Carlos;
 Quiera Amor que Carlos sea,
 Que no siempre en los estorvos
 Los deseos se atropellan.
 Pero del quarto ha salido,
 Y por temor, o cautela
 Se hà detenido, y callado.
 O'quiera la suerte, o'quiera

*Adiedo.
 Vengança.*

*Desventura.
 Tiempo.
 Olvido.*

*Valor.
 Firmeza.
 Tormento.*

*Amor.
 Engaños.
 Zelos.*

Que

Que a tantás puras verdades
 Quiebre una vez las cadenas.
 Carlos. El es? yo quiero llamarlo.
 Duq. Con voces pequeñas
 Me habla, que mal se conoce
 De su voz la diferencia;
 Yo tambien quiero imitarla
 Con voz baxa, que no entienda;
 Eres Margarita?

Viol. Si Soy.

Duq. Mejor dixeras, *ap.*
 No Margarita, traydora

Viol. Carlos cruel, bien pudieras
 Conocer bien mis verdades,
 Sentenciar bien mis firmesas,
 Porque no fueffestan necio,
 Que a pesar de nob'es prendas
 Me condenes la mudança
 Sin escuchar la nobleza.
 Si amo al Duque, mi castigo
 Los quatro elementos sean,
 El agua a mi sed se esconda,
 Embargue mis piès la tierra,
 Negue-se el ayre a mis voces,
 El fuego llamas me vierta;
 En fin para mas dolores,
 En fin por mayores penas,
 Siendo amante de otra dama,
 Con mil embidias te vea
 Amimarla con halagos,
 Cariciarla con finesas.
 Si quieres que Amor agora
 Quando en nuestras almas reyna,
 Su dulce imperio assegnore,
 Destierren! las almas nuestras
 Effes traydores engaños,
 Effas rebeldes sospechas.

Que respondes?

Duq. Ah desdichas,
 Oh como so's verdaderas!
 Que no muera, si esto escucho!
 Que si esto escucho, no mueras!
 Mas no, que siempre la Parca,
 Que de buen gusto se precia,
 Cortar no quiere una vida,
 Si la marchita una pena.
 Traydora, ingrata, que dizes, a ella
 Si tus delitos confieças,
 Que en castigo muchas vezes
 De la traycion, que se intenta,
 El delito se descubre
 Con lo mismo que se niega.
 Quiero aqui pues retirarme *ap.*
 Hasta que se vaya aquella
 Ingrata, y despues ayrado
 Bolverè al quarto, que esperan
 Aqui mis iras a Carlos,
 Porque puede ser que aun venga,
 Pues Margarita en sus voces
 Aqui le esperaba.

Va-se el Duque.

Viol. Ah penas!
 Que verdades se aniquilen!
 Que mentiras prevalescan!
 Dezidme Cielos la causa,
 Que al baxel de amor altera
 Este confuso naufragio,
 Esta engañosa tormenta.
 Son por ventura, o desdicha,
 [Quando agradecerse esperan]
 Los desengaños trayciones,
 Y las desculpas offensas?
 Ah congoxosos engaños,
 Que siempre Amor los alienta!

Nn

Ah

Ah de un racional juyzio
 Bastardo arbitrio, que piensa
 Por mentira el defengaño,
 Por delito la inocencia
 Sufrid, corazón, sufrid
 Esta ignorada tragedia;
 Vida sentid los peñares,
 Pues no estrañais las tristezas:
 Amor resistid valiente
 Quando los zelos pelean:
 Alma a pesar de rigores
 Seguid siempre sus vanderas:
 Que luego el engaño espira,
 Las verdades nunca seccan:
 Al Oubre llega el Mayo,
 El Sol la sombra destierra,
 Todo a la fuerte se proftra,
 Todo al tiempo se haze cera:
 Quen no sospecha, no quiere,
 Quien más ama, más recela;
 No son los zelos agravios,
 Que son los zelos finezas: (tan,
 Porq̃ como perder lo q̃ aman sien-
 Es cariño el enojo, amor la queixa
Va-se.

Buelve el Duque.

Duq. Ya que se fue Margarita,
 Amor de espia a mis penas
 Hasde servir, que aunque ciego,
 Tu vès más, quanto más ciegas.
 Carlos vendrà como jufgo,
 Y mis furores se aprestan,
 Porque se abracen venganças
 Las que se empluman offensas:
 Que hay elearmientos de fuego
 Para delitos de cera.
 Aunque Carlos es mi amigo,

No hede atarme a la paciencia;
 Vença el Amor la amistad,
 Un gusto a otro gusto vença.
 Demas, que Carlos infame
 Por amigo no se attienda;
 Que quien vâ contra mi gusto,
 Tiene de enemigo señas;
 Enfin con mil attentiones
 Amor ciegamente vela,
 Que si cuydado te logras,
 Vigilancia te confieças.
 Entra-se en el quarto

Donde havia estado, y sale Henrique.

Henriq. Ya la Justicia ha dexado
 La calle, que aunque se lleva
 El hombre muerto, no sabe
 Del homicida, y se alegra
 Mi gusto de haver librado
 Aquel hombre, que hoy quiziera
 Saber quien es; Cavallero
 Salid a esta sala.

Salte el Duque con una daga desnuda.

Duq. Muera
 Este traydor.

Henriq. Que es aquesto,
 Hombre ingrato?

Saca la espada Henrique.

Duq. Pagaras
 Tus traydoras insolencias.

Henriq. Ingrato muere a mis manos.

Duq. Contra mi la espada alteras?
 Ola.

Salte

Sale Fabio con una luz

Fab. Que es esto, señor?

Que Hérique al Duque se atreva!

Duq. Que es esto, suerte engañosa?

Que confusiones son estas?

Henriq. Que es lo q miro, ah cõgomas?

Al alma la vista enlea;

Que al mismo Duque he librado

De la Justicia severa,

Y que me pague en rigores

Lo que me deve en finezas?

Pone la espada a los pies del Duque.

Duq. Henrique.

Henriq. Señor.

Duq. Tu aqui,

Y a estas horas, sin que sepa

Yã tu venida?

Henriq. He llegado

Con disfraçada cautela

Solamente a la ciudad,

Dexando las gentes fuera

De los muros, por ser noche:

Porque la vitoria nuestra

A la luz del Sol infante

Haga ilustre competencia,

El Sol triunfante en el Cielo,

Si nos otros en la tierra;

Nos otros contra los hombres,

El contra esquadras de estrellas.

Pero dexando esto aparte

Para el tiempo, en que se dava

Contar el trofeo glorioso,

Como mañana se espera,

Queriendo pues esta noche

Ver a mi hermana, que ausencias

Tyrannizan en cuydados

Lo que habilitan en penas,

Antes que llegue al jardin

Te veo a ti, que con priessa

Caminavas, como quien

De la Justicia se esenta,

Hasta que como tu sabes,

En este quarto; mas dexan

De referirlo mis voces,

Quando agora màs suspensa

Es traña el alma tus iras,

Pues con furiosa indecencia

Desabonas en trayciones

Lo que acredito en defensas.

Duq. No te entiendo tus palabras,

Que dizes Henrique, sueñas?

Henriq. Dizes bien, que el beneficio

Leve sueño se escarmienta,

Pues passa de la memoria

Como sueño de la idea.

Duq. Henrique estàs engañado,

Ni es possible que esto fuera.

Fab. El hombre, a quien diste ayuda,

No es el Duque es cosa cierta;

Quando socorriste a un hombre,

Que en esta noche sangrienta

Aun criado, que conmigo

Alentava la pelea,

Ha muerto, y como tu dizes,

De la Justicia resuelta

Con tu favor se ha librado.

Henriq. Toda esta noche es quimera!

Pues como en el quarto mismo

Te hallo aqui, quando con fiera

Resolucion me acometes?

Duq. Dissimulemos lospechas, ap.

Nn ij

Que

Que no es bien que Margarita
Culpada en su amor se vea,
Quádo hablo a qui có su hermano,
Porque basta, Amor, en ella
Que me quexe de un cuydado
Sin que arriesgue una nobleza.
En este quarto, que vès,
Entrè yo, porque quiziera
Quitar la vida al infame,
Que tu amparaste, y en esta
Noche quando tu venias,
Pensando ciego que el era,
Brotd, Henrique, mi corage
Indignaciones fangrientas.

Henriq. Que el hõbre, señor, se ha ido
Sin que Cielos yo supiera
Quien es, confusion estraña?

Duq. Yo lo sabrè, que te en'eas?
Ah Carlos traydor, ya leve, *ap.*
Que al mismo tiempo fo nentas
A mi palacio alborotos,
A mi gusto resistencias;
Yã sè que fuiste el traydor

Homicida.

Henriq. Noche fiera!

Duq. Quitarè Henrique la vida
A quien hizo esta insolencia.
Vamos de aqui, porque quiero
Saber las gloriosas nuevas
De la vitoria, que agora
Alcançaste de Florencia;
Si bien me ha dado un disgusto
Saber que en una refriega
Hã muerto Henrique el de Orãge,
Y de vòs con màs certefas
Sibrè el caso.

Henriq. Mis verdades

Te lo diran. Quien creyera, *ap.*
Violante, que amando siempre
Con sè limpia, y verdadera,
Quando de engiños me libro,
Engaños me acometieran.

Duq. Huye Carlos de mi furia,
Que mi veaganças te esperan.

Henriq. Amor, advierte a Violante
Que este cuydado agradeçen.

Van-se.





JORNADA TERCERA.

Sale el Duque, y Fabio.

Fab. Hallaste, señor, alivios
 En tus males?
Duq. Sabrás Fabio
 Que despues de aquella noche,
 Noche en fin para mis daños,
 Pues tambien en sus tinieblas
 Anocheciò mi cuydado,
 Me descubriò Margarita,
 Dando al amor el descargo,
 Que de Carlos el affecto
 No figue sus ojos claros,
 Y que a Violante mi hermana,
 Siendo juntamente amado,
 Requiebra ciego entendido,
 Adora cortez ufano.
 Averigo desta fuerte
 Mentiras de zelos, quando
 Hablando yo con mi hermana,
 Pensè que la estava hablando.
 Oh como engaños occultos
 En la noche se han hallado!
 En fin es muger la noche,
 Que de tinieblas con manto
 Tapando se ojos de luzes,
 Reboços fòrma de engaños.
 De màs que un pecho zeloso.
 Como se juzga agraviado,

Todo se le avulta offensa,
 Todo se le pinta agravio.
 Con mi hermana finalmente
 Sobre estos amores hablo,
 Y luego en mis confusiones
 Me dize que adora a Carlos,
 Entre voces mal distintas,
 Y temores bien formados:
 Que una muger si descubre
 El dulce amoroso llanto,
 Es prologo del affecto
 I a turbacion del recato.
 Pensaràs que el alma mia
 Lo sintiò por menos cabo,
 De mi sangre, pues no pienes
 Que lo sintiò; porque estando
 El alma llena de zelos,
 No cupo en dolores tantos
 De otra traycion el tormento,
 De otro amor el desagrado.
 Viste a caso un sauze hermoso,
 Que los ojos lo juzgaron
 Cortez lisonja del viento,
 Caricia amena del campo?
 Si fuere de un golpe agudo
 Tyrannamente cortado,
 Buelve otra vez preñuroso
 A nueva vida, brotando
 Lo vege ativo de hojas,

Lo bullicioso de ramos.
 Así pues mi pensamiento
 (Que por sauze lo comparo)
 De mil agrados vestido,
 De mil finezas ornado,
 Fue cortado con el golpe
 De los zelos temerarios;
 Pero despues venturoso
 Por se ver defengañado,
 Buelve a brotar las finezas,
 Buelve a engendrar los agrados.

Fab. Pero, Señor, que pretendes
 Quando sabes que es amado
 Carlos de tu hermana?

Duq. Agora
 Mandè llamarle, esperando
 Que a mi hermana pretendida
 Corresponda amante grato
 En aquel laço amoroso,
 En aquel conforeio sacro,
 Dò se disfruta lo bello
 Sin profanarse lo casto.

Fab. Hazes bien, porque es ilustre
 Descendiente de los claros
 Duques de Parma, y las armas
 En tu servicio hà tratado.

Duq. Esta eleccion me contenta,
 Pues con ella satisfago
 A mi honor en los empeños,
 A mi amor en los halagos.

Fab. Ya Carlos llega a tus plantas.

Sale Carlos.

Carl. Aquí señor un esclavo
 Viene a ofrecerse dichoso.

Duq. Sal de aquesta quadra Fabio.

Va-se Fabio.

De espacio, Carlos, hablemos
 En la importancia de un caso,
 Porque negocios de peso
 Piden balanças de espacio.

Sale Henrique, e dize ap.

Aquí están Carlos, y el Duque,
 Quiero escuchar retirado
 Lo que dicen; que a mi pecho
 Le alborotan sobrefaltos.

Duq. Supe agora de mi hermana
 Para zelosos descansos,
 Que te quiere, y tu le adoras:
 Por ser pues tu amigo, usando
 De la piedad, lo consiento,
 Aunque pudiera añublado
 Con el vapor atrevido
 De tus intentos livianos
 Alterar truenos de horrores,
 Mover borrascas de estragos.
 Quiero en fin, Carlos, que cases
 Con mi hermana, y bien te pago
 La lealtad, con que me sirves
 Alegre, dichoso, y grato.

Henriq. Bien el alma *ap.*
 Lo temia; pues le hà dado
 A Violante por su esposa,
 Murto mi amor.

Carl. Cielos Santos! *ap.*
 Que engaño es este! que el Duque
 Me ofresca su hermana? gano,
 Si la aceto, gran ventura:
 Pero nõ, que a mi amor hago
 Gran offensa, antes le diga,
 Por evitar mayor daño,
 Al Duque mi affecto.

Duq. Carlos,

No respondes?

Carl. Duque excelso,
De Mantua Principe amado,
En que dudan reverentes,
Qual es màs, los adversarios,
Si en tu denuedo lo invicto,
Si en tu gobierno lo sabio;
Bien conosco en tus favores
Lo que logro con la mano
De tu hermana; pero agora
En el riesgo amenazado
Rompa el paxaro la liga,
Abraze al muro un portazgo,
Destierre el Sol la tiniebla,
Salga de la nube el rayo;
Corra el amor la cortina,
Quiebre al secreto el encanto:
Descubra en fin las verdades,
Diga el pecho los engiños,
Que quien la verdad occulta
Aun Principe soberano,
Màs que torpe mentiroso
Es un traydor disfrazado.
Sabràs pues (benigno escucha)
Que quiero (dexa lo ayrado)
Constante (ruegos te muevan)
A Margarita, adorando
Entre de votos suspiros
De su rostro el simulacro
Siendo altar mi pensamiento,
Mi coraçon holocausto,
La pyra un fuego amoroso,
El ministro un Dios vendado.
Quando supo mi desdicha,
Despues de haverla adorado,
Que es tu Norte el Astro mio,
Que mi papel es tu ensayo,

Que es mi laço prision tuya,
Que mi viento es tu naufragio;
Bolviò-se luego en mis penas
(Oh que tormentos contrarios?)
Triagico affunto el papel,
Estrella infelz el Astro,
Tempestad de amor el viento,
Garrote del alma el laço.
Enfin queriendo mi pecho
Extinguir el fuego blando,
Quedò mi amor siempre firme,
No temiendo en lo obstinado
De tus zelos las tinieblas,
Aunque era luz de cuydados;
De tus rigores el Cierço,
Aunque era de affectos arbol;
De tu poder la borrarca,
Aunque era baxel de halagos;
El mar en fin de tus iras,
Aunque era rio de llanto.
Qual, gran señor, la velea,
Que en lo instable se hà juzgado
Fácil burla de los soplos,
Mudo emblema de los años;
Si es impelida del ayre,
Empieça a estarse mudando;
Agora para el Oriente,
Agora para el Ocaeso:
Y al mismo tiempo la torre,
En quien ella se hà fundado;
Firme està, firme se apuella,
Siendo a los soplos contrarios
Dura opposicion del viento,
Constante adorno del campo.
Assi pues como velea
Mi pensamiento igualado
Ya con los vientos se muda

De dos intentos pensados
 Al occiso del olvido,
 Al Oriente del agrado;
 Pero mi amor como torre,
 Sin que soplos temerarios
 Le mudassen su firmeza,
 De zelosos embarazos,
 Duro se alienta a los riesgos,
 Firme se oppone a los daños.
 Agora pues que me offreces
 Tu hermana con tin gallardo,
 Con tan generoso excesso,
 Espero en ti confiado
 Que me dês a Margarita,
 Y no sin rason lo alcanço:
 Que quien pretende una Dama,
 Que en otro amor se hà enpleado,
 Mâs que capricho en lo amante
 Es un desayre en lo hidalgo.
 Dame en fin a Margarita
 Por pariente, por esclavo,
 Por amigo al fin, que es nombre
 Tan gustosamente blando,
 Tan dulcemente sonoro,
 Que en beneficios rogados
 Es para atraher esponja,
 Es para pedir halago.
 No propongas en mi pleyto
 De tus zelos los embargos;
 Despierta con tu clemencia
 De mi temor el lethargo;
 Sea al Amor finalmente
 (Quando niño se hà llamado)
 Tu piedad sabrosa cuna,
 Tu favor dulce regaço.
 Vê que eres Principe heroyco,
 En cuyo pecho sagrado

No hinde habitar los rigores,
 Pues ha de vivirpreciado
 Mâs de vencer gustos propios,
 Que vencer reynos estraños.
 Bien sabes que te hê servido
 En los belicos trabajos,
 Pero nõ, calle la lengua
 Mis servicios señalados;
 Que en ellos, quando son muchos;
 Puede un Principe obligado
 Con gratitud recibirlos,
 No sin desgusto escucharlos.
 Solo en tu clemencia espero
 El generoso despacho,
 Assi tu vida copiosa
 Con mil gustos dilatados
 Resolandesca en mâs hazañas,
 Y floresca en mâs applausos,
 Que luzes escribe el Cielo,
 Que flores dibuxa el Mayo.
 Assi logres una Espôsa,
 Que tenga tin bien casado
 La lifonja de lo hermoso
 Con el blason de lo casto,
 En successiõ numerosa
 De bellos hijos: que es tanto
 En un Monarca este logro,
 Que ellos con fuertes amparos
 Establecen los Imperios,
 Y prosperan los Estados.
 Acaben, señor, los zelos,
 (Si valen mis ruegos algo)
 Los zelos digo, que son
 Un Aspid en verde prado,
 Un infierno en dulce gloria,
 Una niebla en Cielo claro,
 Un naufragio en mar sereno,

Un eclipse en Sol dorado.

Duq. Que es esto, fortuna impia?
Estos son los defengaños,
Que Violante me hà texido,
Que Margarita ha formado?
Ah mugeres, que en amores
Cortais siempre, para ornarlos
De mil engaños la tela,
Dé mil mentiras el paño!

Henriq. Que a Violante Carlos dexa
Por Margarita? Estimadlo
Affectos mios; albricias,
Coraçon enamorado.

Duq. Que no quieres a mi hermana?

Carl. Desnudas verdades hablo,
Solo a Margarita adoro.

D. Pues ya que descubres Carlos
Tu passion, yo te prometto
El dexarte libre el campo,
Si dixere Margarita
Que gratamente te hà dado
En dura guerra de incendios
Dulce vitoria de agrados.
Que siendo assi, fuera injusto
Que de mi fuesse estorvado
Por envidia tu contento,
Que en amor dos males hallo
Querer morir de embidioso
Quien muere de despreciado.

Carl. Dexo ya de referirte
Mil cartas, que me hà mandado,
Porque en el juego amoroso,
Donde se ganan regalos,
Por divertir una pena
Las cartas juega un cuydado.

D. Ah traydora, que esto vea! *ap.*
Y que nõ vea en pedaços

El coraçon? Ah desdichas,
Para que es vivir penando?

Henriq. Coraçon, hoy la ofadia
Te ha de ocasionar halagos,
Si al Duque agora le pides
A Violante, pues alcanço
Que tambien la darà a Henrique,
Pues el la offrecia a Carlos.

Carl. Agradeciendo mi pecho
Tus favores soberanos,
Voyme señor

Duq. Id con Dios.

Carl. Prospere el Cielo tus años.

Va-se Carl.

D. Quando pensava mi affecto
Que hallava ya dezengaños,
Otros engaños renacen,
Reviven otros cuydados:
Mas nõ entiendo la razon,
Porque agora me hà engañado
Violante con Margarita;
Pero es ocioso el reparo:
Que una muger siempre engaña
En amores desdichados,
No por cautela, por vicio,
No por temor, por agrado:

Sale Henrique dedonde estava.

Duq. Henrique.

Henriq. Señor:

Duq. Milfiglos

Vivais, pues siempre alentado

A vòs, a mi, y a mi reyno

Dais generosos applausos:

El de Gonzaga me escribe

Oo

Vuestro

Vuestro valor, y no pago
Lo que devo a vuestra diestra
Con lo mejor de mi Estado.

Sale Violante al paño.

Viol. No sé Cielos lo que *Henriq. ap.*
Habla agora con mi hermano,
Quiero oyrlos desta puerta;
Atencion, Amor vendado.

Duq. Pedid.

Henriq. Pues, señor, si puedo
Mereceros favor tanto,
Aunque atrevido es mi intento,
De vuestra sangre me valgo;
Que heredè de mis abuelos,
Que aqui, como vòs, reynaron,
Para pediròs dichofo
De vuestra hermana la mano,
Si bien como os vi tan facil,
Que la ofrecisteis a Carlos,
No es mucho que peque agora
De imprudente, y temerario.
Bien sabeis lo que es amor,
Y como se arroja ofado,
Que como ligero buela,
Sube siempre a lo màs alto.
Vuestra hermana enfin os pido,
Y si esta ocasion me hà dado
Vuestro pecho de pediròs,
Con que me haveis otorgado
De vuestro Estado, señor,
Lo mejor; và pues lo àlcanço,
Pues me dais cò vuestra hermana
Lo mejor de vuestro Estado.

Viol. Esperemos la respuesta, *al paño.*
Que quiero bien escucharlos

Duq. Henrique si ella quiziere
Cazar contigo, estimarlo
Es forçoso, y de mi parte
Te la offresco.

Viol. Cielos Santos!

Henriq. Agradesco esta fineza
A tus piès arrodillado.

Va-se el Duque.

Ya Violante tus rigores
Seran conmigo escusados,
Si fut tu amante infelice,
Serè tu esposo esperado.

Sale Violante.

Viol. Sois tan atrevido Henrique,
Que me pedis a mi hermano,
Sin que en vuestras pretensiones
Ni un rasguño, ni un retrato,
Ni una sombra de favores
Os haya mi gusto dado?
Mas si, que quien no merece,
Es atrevido, y villano,
Y màs que de pretendiente
Se atreve de confiado.

Henriq. Señora, mi bien.

Viol. ¿Que es esto?

Henrique cerrad el labio,
Que aunque muger.

Henriq. Perdon pido,
Señora, de haver hablado;
Pero ved que confiança
Es mayor, que quando a Carlos
Estimeis, el os desprecia,
E yo, que soy despreciado,
Os estimo; ved agora
Quien es aqui màs villano,

Si quien despreciado estima,
Si quien desprecia estimado.

Viol. Que dezis? Yo no os entiendo.

Henriq. Pues sabed que por descãço
De tantos zelos el Duque
Offreceros quizo a Carlos,
Y el en su amor poco firme
Fuè tan necio, y tan ingrato,
Que os dexò por Margarita:
Era amado, no me espanto.
Liberal el Duque entonces
A Margarita le hà dado;
Yo viendo tal occasion,
Para mi amor desdichado
Ser venturoso le pido.

Viol. No digais màs, bien alcanço
Su ingratitud, idos fuera.

Henriq. Si fois mi Dueño adorado,
Es justo que os obedesca:
Que como señora, os amo,
El cortejo de obediente
Escalon es para amado.

Va-se.

Viol. Carlos me quita el sentido,
Henrique dàmè cuydado,
El Duque a *Hèrique* me hà dado,
Y Carlos no me hà querido;
Margarita me he fingido,
Y si esto amor me enseñò,
Bastardo arbitrio eligiò,
Pues Carlos por fino amante
Hà despreciado a *Violante*,
Y a *Margarita* pidiò.
Agora en mi dulce fuego
Es mi desdicha tan dura,
Que me daña la ventura,
Y me desvela el fofsiègo:

Que si à Carlos mi amor ciego
Grande constancia aconseja,
Tanto de mi màs se alexa,
Pues en su engaño offendida,
Quien me pretende, me olvida,
Y quien me busca, me dexa.

Sale Carlos.

Viol. Carlos.

Carl. Margarita.

Viol. A un duelos

Duran de torpes engaños?

Carl. No se atreven viles daños

A tan ilustres desvelos:

Si son tempestad los zelos,

No los temo en tu arrebol,

Que quando logro el faròl

Hermoso de tu beldad,

No temo la tempestad,

Pues siempre me alumbrà el Sol.

Pero es tan fino mi amor,

Que antes de amar tu hermosura

Con dos tiempos se assegura

Para su gloria mayor;

En las dichas deste ardor

Imagino que logrado

Tuve siempre mi cuydado,

Porque este gusto contente

No solo al tiempo presente,

Sinò tambien al passado.

Quando el pecho no fofsièga

Con llamas de un fuego blando,

Ya te impieço a estar amando

Para el dia que aun no llega;

Y en este amor, que me ciega

Discretamente el penar,;

Queriendo el dia esperar,

O o j j

Ser

Soy tan fino en el sufrir,
 Que antes que logre el vivir,
 Ya me anticipo el amar.
 Quando confagro mi fe
 A tan soberano bien,
 A mi me quiero tan bien,
 Porque tambien acertè:
 Y si en este amor me vè
 El ciego alado rapaz,
 Con otro amor me hallaràs,
 Y quando otro amor altero,
 Parece que menos quiero,
 Solo porque quiero màs.
 Desuerte que al conocer
 Estotra llama amorosa,
 Bien puedes estar zelosa,
 Si ansi me vengo a querer:
 En fin si pude emprender
 Otro amor en el que figo,
 Estraños zelos profigo,
 Pues quando me quiero ansi,
 Si tienes zelos de mi,
 Te doy los zelos conmigo.

Viol. Ya que estàs dezengañado
 De aquella noche tyranna,
 Dime si el Duque a su herman,
 En sacroñudo te hà dado.

Carl. Agora el Duque engañado
 Me ofreciò su hermana.

Viol. Que
 Respondiste? mas yà se
 Que me olvidas, si te amè,
 Que con color de prudencia
 Una noble conveniencia
 Haze villana una fe.

Carl. No rengas vano temor,
 Que en tu zeloso recelo
 No hade llegar a tu Cielo

De aqueffe agravio el vapor:
 Que aunque en doblado favor
 Mediera su Principado,
 Nunca la huviera acetado,
 Pues ya logra mi amor tierno
 De tu alvedrio el gobierno,
 De tu hermosura el Estado.

Viol. Con mil engaños atrozes
 Teme, Carlos, mi afficion
 La mentira, y la traycion
 En tus suspiros, y voces;
 No las creo por velozes,
 Y por liviano ardimiento,
 Que aunque estas, y aquellos fièto,
 Dichos de amor, de amor tiros,
 Son viento al fin los suspiros,
 Al fin las voces son viento.
 Viste un fuego, que en rigores
 Luzidissimos le aclamas
 Oro liquido de llamas,
 Sierpe tremula de ardores:
 Con el leño sus furores
 Brotan humo riguroso,
 Que provoca a lo lloroso,
 De fuerte, que aun tiempo hà sido
 De la llama lo luzido,
 Del humo lo tenebroso?
 Assi pues en tu afficion
 Tu amor agora se extiende,
 Pues como fuego te enciende
 El leño del coraçon:
 Recela en el mi opinion
 Engañosas estrañesas, (ños
 Pues brota aun tiempo en mis da-
 El humo de tus engaños,
 La llama de tus finesas.

Carl. Con el mismo exemplo yo

Te provarè mi fofiego,
 Porq̃ quando es grande el fuego,
 Nunca el humo respirò;
 Affi tambien fi abrazò
 Con muchas operaciones
 Grande amor a mis paffiones,
 No fe junta en mis lealtades
 Con la luz de las verdades
 El humo de las trayciones.

Viol. Pues agora por mi mal,
 Y porque en mi amor concluya,
 No pudo, Carlos, fer tuya.

Carl. Que digas palabra tall
 Y fi effe golpe mortal
 De tu voz quiere acabarme,
 Es ociofo el mal tratarme,
 Aunque esgrima mal tan fiero,
 Pues quando de amores muero,
 No puede otra vez matarme. •

Viol. Soy Carlos de Henrique agora,
 Que el Duque a Henrique me diò.

Carl. El Duque?

Viol. El Duque.

Carl. Quien viò
 Tanto mal, que el pecho flora?
 Empero advierte feñora
 Que està tu pecho engaño do,
 Porque el Duque a ti me hà dado,
 Y en una palabra noble
 No cabe inconstancia doble.

Viol. Esto he visto, y he escuchado!

Carl. Viò-se mayor liviandad
 De un Principe soberano,
 Que me prometta tu mano
 Por gratitud, opiedad,
 Y con leve faldedad,
 Y poco attento sentido

Hoy a Henrique te hà ofrecido
 Despues de ofrecerte ami?
Viol. Tu lo mereces, que aqui
 Tu mismo nõ me has querido.
 Henrique solo me quiere,
 Y tu me olvidas ingrato
 Solo porque amores trato.

Carl. Que esto tu labio profiere!
 Yo te olvido' oh como hiero
 El Duque, y tu misma (en effa
 Nueva, que tu voz confieça)
 A mi triste coraçon,
 Tu con ingrata opinion,
 El con liviana promessa:
 Hoy al Duque he de quexarme,
 Y culpar la fin razon,
 Pues pudo con una accion
 Tanto mal ocasionarme:
 Pero si el quizo ferirme
 Lo que mi fè pretendiò,
 Como a Henrique lo ofreciò?

Viol. Porque tu me aborreciste.

Carl. Sièpre amante, y siempre triste
 El alma mia te amò.

Viol. Aunque Carlos, me enamoras
 Con sobornos de una pena,
 Aun la doblèz te condena,
 Pues fè que a Violante adoras.

Carl. Solo soy, aunque lo ignoras,
 Amante de tu candor,
 Que si es Sol, y flecha amor,
 Tu sola vienes a fer
 El blanco de mi querer,
 Y la esfera de mi ardor.
 Oh como agora me holgàra
 Quando el alma màs se altera,
 Quando Violante me quiziera,

Porque

Porque por ti la dexàra,
Si lisonja en ti se hallàra;
Porque una Dama procura
Por vanidad o locura
Que por su rostro adorado
Se desprecie otro cuydado,
Y si olvide otra hermosura.

Viol. En fin Carlos, que no quieres
A Violante?

Carl. No me offendas
Con tus voces.

Viol. No pretendas
Mi amor, si la aborrecieres:
Mas si agora pretendieres
Ser de mis penas amante,
Ser en tu fè màs constante,
Pues hoy tu afficion te incita,
No quieras a Margarita,
Ama, Carlos, a Violante.

Carl. Margarita, si te adoro
Eres perla, con que advierto
Que tiene hallado mi acierto
En tu hermosura un theforo:
Que quiera a Violante ignoro,
Ni fuera bien el quererla,
Que entonces al escogerla
Era juzgar superior
Su belleza a tu esplendor,
Una Violeta a una Perla.

Viol. Quiere sine bien?

Carl. El penar
Siempre alimento por ti.

Viol. Pues si me quieres a mi,
A Violante has de estimar.

Carl. Que mal entiendo esse hablar!
Si no quieres ser a nada,
Si tu desprecio te agrada:

Pues si aquesto se pondera,
Eres la mug r primera,
Que estima ser despreciada.
Viol. Mira este papel dichoso,
Infunde dichas amor, *ap.*
Que en el papel, ay honor!
Le confie, o que es mi esposo.

Dale El papel, y lee Carlos.

Carl Leo el papel, temeroso,
Breve parece la prosa.

Viol Es breve, porque es dichosa.

Lee.

Carlos querido, Violante
Si fuè tanto tiempo amante,
Serà mañana tu esposa.

Carl. Rompo el papel.

Viol. Carlos mira.

Carl. Jà nõ tengo que mirar,
Que si fino quiero amar,
Es prudencia lo que es ira.

Rompe-lo.

Rompo el papel, y me admira
Que en tantas llamas precisas,
Con que mi ardor solennizas,
Quando agora lo rompiesse,
Pedaços mi amor lo hiziesse,
Y no lo hiziesse cenizas.
Castigo-lo, si en lo amable
Me aconseja lo grossero,
Que aun siente el amor sin cero
Un consejo de mudable;
Y si el coraçon affable
Contra el ansia verdadera
Este papel admittiera
Con villanas falsas artes,
Màs que el papel en mil partes,

En

En mil partes lo rompiera.

Viol. En fin quiziste romprelo,
Aunque lo contrario dixes?

Carl. El romperlo no me afflige,
Solo me afflige el leerlo.

Viol. Pues ya que quiziste hazerlo,
Quando en tus engaños tóco,
Queda-te ingrato por loco.

Haze que se vá, y detiene-la.

Carl. Oye, espera Margarita.

Viol. Margarita? Más me incita
Tu voz, pues me estima en poco.
Tu te atreves a romper?
Lo que Violante te escribe?

Carl. Que mal tu pecho recibe
La offrenda de mi querer.

Viol. Contigo puedo entender
Que no tendré buena estrella,
Que pues a Violante bella
Desprecias, también te digo
Que Carlos, harás conmigo
Lo que hazes Carlos, con ella
Y tanto más se adelanta
Mi opinion establecida,
Quanto va de preferida
A una vassalla una Infanta;
Y deste discurso es tanta
Mi pena, que mis tristezas
Llorarán otras finezas.

Carl. Yo no entiendo tus crueldades,
Pues injurias mis verdades,
Y castigas mis firmezas.

Viol. Carlos, si constantes son
Tus finezas, yo lo pido,
Ama a Violante.

Carl. El tentado

Me roba la confusion.

Viol. No se altere tu passion,
Que de modo pude hazerme
Su amiga, que al offenderme,
Y también al estimarme
Es el dexarla dexarme,
Es el quererla quererme.
Mañana pues, como digo,
Entre tinieblas vendrás
Al jardin, donde hallarás
Sola a Violante conmigo.

Carl. Si ella estuviere contigo,
Daré con temor callado,
Y desvelo enamorado,
Entre uno, y otro conceto,
A su luz todo el respeto,
A tu luz todo el agrado.

Viol. Mi pecho al jardin te espera.

Carl. Oh que noche ven urosal.

Viol. Albricias, alma zelosa,
Que es su afficion verdadera,
Y tan otra se pondera, ap.
Que quando su amor le creo,
Es tan extraño mi enleó,
Que se con engaño necio
Por la voz de mi desprecio
La constancia de su empleo.

Va-se Violante.

Carl. En mis engaños no entiendo
Lo que veo en mis engaños,
Quando busco de zengaños,
Engaños estoy sintiendo;
Sta Margarita pretendo,
Y el Duque a mi me la dió,
Otro empeño siento yo,

Porque

Porque mi mal signifique,
 Pues vâ se q̄ el Duque a Henrique
 Mi Margarita ofreciò.
 Y despues, quando constante
 Quiero solo a Margarita,
 Ella en pesares se excita,
 Porque no quiero a Violante;
 Y me aconseja inconstante
 Que quiera a Violante hermosa,
 Y se enoja rigurosa
 De que le rompa el papel,
 Quando ¡me promete en el
 Que serà luego mi esposa.
 No entiendo la variedad
 De Margarita ¡intratable,
 Que me aconseja mudable
 Un desprecio a su beldad:
 Para saber la verdad
 Al Duque agora que viene,
 Hablar con el me con viene.

Sale el Duque.

Duq. Carlos?

Carl. Señor.

Duq. Que tristesa

Teneis?

Carl. De vuestra grandesa

Nace al alma el mal que tiene,

Pues quando tan liberal

Margarita me ofrecisteis,

Como señor, me rompisteis

Vuestra palabra real?

Duq. Carlos en engaño tal

Sabràs que a Henrique ofreci

Mi hermana, despues que aqui

Te hablè.

Carl. Que dizes, señor,

Si Margarita a mi amor
 Esto me confieça a mi?
Duq. Ya es mucho mi sufrimiento
 Con tus varias pretensiones,
 Pues agora en tus passiones
 Me renuevas otro intento;
 Si es tan loco tu ardimiento,
 Que jugando en tu ventura
 Con poco honor, y cordura,
 Por Margarita, y mi hermana
 Hazes pelota liviana
 De tu liviana locura.
 De suerte que quando yo
 Por piedad màs generosa
 A Margarita amorosa
 Mi grandesa te ofreciò,
 Y aunque mi pecho sintiò
 A pesar de mi deseo,
 Que es Margarita tu empleo,
 Ya te he dado a Margarita;
 Que quieres màs?

Carl. Infinita

Es mi pena! ah fuerte enleol

Duq. Que dizes, que te suspende?

Carl. Ella misma me affirmò,

Que a Henrique la dieras.

Duq. Yo?

El alma tu voz no entiende,

Que en sus mudanças agora

Tantos engaños hà hecho.

Carl. En mil congexas el pecho

Tantos enleos ignora.

Duq. Vamos, Carlos, que he de ver

Si Margarita te adora,

Porque si ella te enamora,

Tuya, Carlos, hade ser.

Carl. Amor, nõ se que hede hazer

En inquietudes, que has dado
 Quando el fofiego has hallado.
 Dime Amor, como en tus flechas
 Me aseguras con fofpechas,
 Me fofiegas con cuydados?

Van-se.

Sale Dinero.

Din. Dexòme Carlos, aqui
 Alma mia discurramos
 Un rato fobre mi vida,
 Pues tengo vida a lo gato.
 Yo foy criado, esto es mucho,
 Carlos ilufre es mi Amo,
 Que es un Archicavallero,
 Y es un Archimentecato.
 Ama fola a Margarita,
 Otro amor hà defpreciado,
 No quiere amor a lo Turco,
 Ama muy a lo Christiano.
 Mas dexando este difcurfo,
 A mi vidilla bolvamos;
 Qual la falud mas perfeta
 Con buen humor firvo a Carlos;
 Y de todos fus fervientes
 Lindos, morenos, o claros,
 Graves, alegres, o bobos,
 Yò foy el Archicriado.
 Todos a mi me refpetan,
 Yo dellos foy eftimado,
 Porque foy el màs antigo
 Ladron de casa, o criado.
 A los modernillos, que entran
 Al ferviente Noviciado,
 Soy Maestro Capuchino,
 Y foy Guardian Francifcano.

A las rentas, caferias,
 Dineros, quintas, palacios
 De Carlos los llamo nueftros,
 Y al fin la verdad declaro:
 Con privilegios nõ impreffos
 De Criado, quando me armo,
 Defafio, quiebro, rompo,
 Injurio, acuchillo, y mato.
 Ayer con una navaja
 Muy fangriento dibuxando,
 He delineado una frente,
 Donde mis iras retrato.
 Antaño en cierto bobillo
 Fanfarron de los màs altos
 Me guardò los mandamientos
 Sin tener roftro a lo fantò.
 Y fi acazo algun Elbirro,
 Quando me encuentra, rondando,
 Quien vâ me dize fobervio,
 Yò luego defenvainando
 Lo de firvo a Carlos, el
 Con el temor no pensado
 Se buelve como un cordero;
 Y en inclinacion de urbano,
 haziendo tiros cortezes,
 Todo fe dobla en un arco.
 Y fi acafo no ferviera,
 Me aprifionâra bolando,
 Dando a mi cuerpo mil xaques:
 Ay del que no firve aun Carlos!
 Tambien fi pretendo honores,
 Quantos quiero, los alcanço,
 Y para màs merecerlos,
 Por mis fervices los gano.
 Tambien por me hazer fobervio
 Con grandes feñores hablo,
 No con los picaros viles,

Ya poco a poco me hid algo.
 Hay más bien, ni más fortuna,
 Que servir? esto es bien claro,
 Que si en esta vida siempre
 Los hombres han procurado
 Los honores, y riquezas,
 Quien sirve es rico, es honrado.
 De lo honrado ya lo he dicho,
 La riqueza luego aguardo,
 Porque Carlos me promete
 Un officio muy ricoço,
 Para que pueda venderlo
 Y luego, luego embolsarlo.
 En conclusion soy dichoso;
 Quien no sirve, es mentecato
 Ad perpetuam rei memoriam,
 Sed libera nos a malo.

Sale Clara'a.

- Cl. Dinero amigo, que quiere?
 D. Basiliſco açucenado,
 De los jardines clavel,
 De los coraçones clavo,
 Clavo dulce quando formas
 Esta harmonia de agrados,
 Clavela, ò vela de amores,
 Que estàs al alma abrazando,
 Y en tu hermosura luziendo,
 Quieres amarme?
 Cl. Gallardo
 Amante, a Celia no quieres?
 Din. A Celia quiero hà mil años,
 Pero en lo vario del gusto
 Mi coraçon recreado,
 Dexo a la Fenis lo solo,
 Tomo a las flores lo vario.
 Bien sabes que soy Dinero,

Cavallero muy bizarro,
 Que trata con mucha gente,
 Y por esso es más amado.
 Si me quizieres, Clavela,
 Por ti passaré peñascos,
 Breñas, montes, serranias,
 Noches, inviernos, atajos,
 Sepulchros, muertes, infiernos;
 Y si encarecerlo trato,
 Porti sufrirè, Clavela,
 De los pleytos el enfado;
 Sufrirè la gravedad
 De un descortez escrivano;
 Verè la cara de un rico,
 Que se precia de tacaño,
 Y presume de muy noble;
 Sufrirè de un Ministraço.
 La vara, quando se dobla
 Al peso de algunos quartos;
 Verè grandes presunciones
 De un necio muy confiado;
 Sufrirè de una ramera
 El melindre adonzellado;
 Hablarè con hombres sordos,
 Y escucharè versos malos.

- Cl. Dexa, Dinero, el sermón,
 Que en mi eleccion no me abaxo
 A lo picaro de un gusto,
 A lo bufon de un agrado.
 Dn. Espera, miel con chapines,
 Aguarda nieve con sayo.

Va-se.

*Sale Margarita, Celia, y Datus
 que canten.*

- Cl. Quando el dolor te condena,
 Quieres que canten, señora?

Marg.

Marg. Si que es suspension canora
 La Musica de una pena.
 Canten pues, y en el rigor
 De tanta tristefa mia
 Serà nectar la harmonia
 Quando veneno el dolor.

Cantan.

Si mi pecho os enamora
 Esse florido arrebol,
 Sois toda en los ojos Sol,
 Sois toda en el rostro Aurora.
 Ya con vòs florecerà,
 Como blanca flor, mi fè,
 Pues en vòs el Sol se vè,
 Pues en vòs Aurora està.

Cel. Dulce le trilla parece:

Marg. Con Sol, y Aurora es luzida.

Cel. El canto aliviò tu vida?

Marg. Mayor la pena se ofrece:
 Que un pecho en pèsares, tibio
 Vive al bien; y en ansia tal
 Quando halla alivio en el mal,
 Le causa mal el alivio.

Ay engaños, ay desvelos,
 Ay de amor verdad ingratal. *Llora.*

Cel. Lluvia de liquida plata
 No quieran verter tus Cielos.

Marg. Suele a Sicilia inundar

Salte el Duque.

Duq. Quien pensàra, cruel, que siendo amado
 Tu rostro bello de mi fè constante,
 Entre las luzes de amoroso agrado
 Oppozieffes las sombras de inconstante!
 Mas si: que si el Amor se hà ponderado
 Harmonia, y tu rostro flor brillante,
 Entre harmonia, y flor, oh como infiero
 La frena traydora, el Aspid fiero!

Con dos corrientes ame o,
 Que una forve el mar Tyrreno,
 La otra el Libyco mar,
 Un fertil rio; y si alarga
 Con crystalino correr
 Sus corrientes, viene a ser
 Una dulce, y otra amarga.
 Asfi tambien este rio
 De lagrymosa passion
 Entre amorosa afficion,
 Y zeloso desvario
 Vierte agora en mis dolores
 Dos corrientes por mis ojos,
 Una amarga en mis enojos,
 Otra dulce en mis amores.

Cl. Ya sabe el Duque, señora,
 Para alivio de tus zelos,
 Que Carlos en sus desvelos
 Solo a Violante enamora.
 Y pues esto ya se sabe,
 El Duque sabrà tu fè,
 Porque dichoso te dè
 De su coraçon la llave.
 El viene

Marg. Quiera la suerte
 Que succeda el desengaño,
 Porque se acabe mi daño,
 O ya me acabe la muerte.

Amor, engaños,

Qual ave hermosa, que en el verde prado
Siendo Musico amante de unas flores,
Trueca una flecha con el golpe ayrado,
Quiebro dulces en quiebro gemidores;
Tal a mi coraçon, quando hã bolado
Al florido primor de tus candores,
Hiere tu engaño, siendo en vil sospecha
Ave mi coraçon, tu engaño flecha.

Qual ciego pez, que en la carrera undosa
Entre el ançuelo sagasmente crudo
Le combida la yesca por sabrosa,
Y le mata el ançuelo por agudo;
Ansi mi amor en la passion llorosa,
Que es agua de los tristes, hallar pudo;
Porque lo dulce, y lo mortal le asista,
Ançuelo tu traycion, yesca tu vista.

Rompa mi pecho la prision quexosa,
Borre mi pecho tu gentil retrato,
Que agravios quiebran la cadena hermosa,
Que sospechas nõ ven el lienço ingrato:
Marchite-se el Amor como la rosa,
Viendo el Estio de engañoso trato,
Porque nõ sienta en mefas de porfia
Manjar mi amor, y tu traycion Harpia.
No dixiste.

Dize dentro Violante.

Viol. Llega Carlos.

Duq. Que es aquesto?

Carl. dentro. Gran ventura

D Tu bellefa me assegura.

uq. Vive Dios, que hede matarlos.

Carlos con mi hermana agora,

Y quando yo la ofrecia,

Dixo que nõ la queria,

Y que a Margarita adora;

En la guerra de un dolor
Doblado siento el disgusto,
Uno, que conquista el gusto,
Otro, que assalta el honor.
Quando pues iras me inflamma,
Ya dos castigos merece,
Pues dos agravios me ofrece
Con la hermana, y con la Dama.

Va-se el Duque.

Marg. Oye, señor, que tu hermana;

Mas

Mas ay, que entra riguroso:
 Ah lance de honor quexoso!
 Ah honra de Amor tyranna!
 Voy pues su furia impedir,
 Si lo puede una muger. *Entra-se*

Dentro el Duque.

Duq. Pues me quiziste offender
 Oy Carlos has de morir.

*Sale Carlos huyendo, y el Duque con una
 daga, deteniendolo. Margarita, y
 Violante.*

Viol. Deten hermano el valor.

Marg. Enfrena, señor, el brio.

Viol. Ah suerte, ah triste alvedrio!

Marg. Ah fortuna, ah crudo amor!

Duq. Quitate allá Circe fiera,
 Suelta yá Medea impia.

Viol. Oye.

Marg. Escucha.

Viol. La voz mia.

Marg. Mi desculpa.

Duq. Carlos muera.

Viol. Mata-me aqui,

Marg. Dáme muerte.

Viol. Si eres sordo.

Marg. Sinò escuchas.

Viol. Mucho honor.

Marg. Verdades muchas.

Viol. En respetarte.

Marg. En quererte.

Viol. Vè.

Marg. Mira.

Viol. Mi honor

Marg. Mi fè.

Viol. Esto te pido:

Marg. Esto ruego. *A vmbas.*

Duq. Dize pues, acaba luego.

Viol. Ya digo.

Marg. Yo lo dirè.

Viol. Yo con Carlos hasta aqui

Por Margarita le amè,

Y en la verdad de una fè

Estos engaños fingi,

Encubriò mi pecho doble

Con el disfráz engañoso.

El semblante de amoroso

Por el decoro de noble,

Y para mi desempeño

A Margarita pedi escusa

Que le escribiesse por mi

De aquel papel el empeño.

Ya Carlos es mi marido,

Pues a Violante le diste.

Duq. Carlos, que así te atreviste?

Carl. Es amor, perdon te pido.

Y agora defengañado

De tus zelos, y los mios

Cessarán mis desvarios,

Y tu amor serà logrado.

*Aqui sa'en todos, y el Duque envaina
 la daga.*

Duq. Dá pues la mano a Violante
 Carlos

Carl. A tus pies prostrado

Tendrè de esposo el cuydado

Entre el cariño de amante.

Dan-se las manos.

Viol. Estas son de amor las palmas.

Carl. Oh quien te diera estimado

En

En un amor mil agrados,
 En una mano mil almas:
Henr. Amor perdí la esperanza.
Duq. Margarita en tal firmeza,
 Que devo a tanta nobleza,
 Ya tu amor mi mano alcança.

Dan-se las manos.

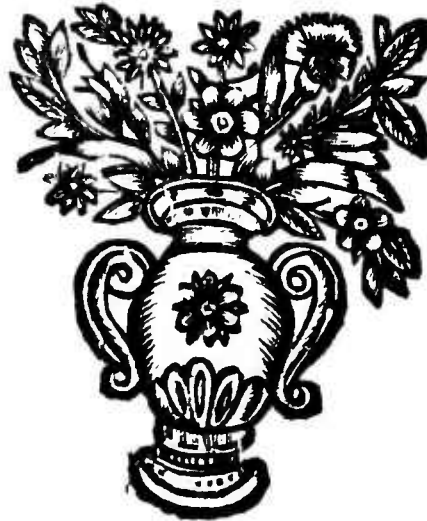
Marg. Esta es mi mano, señor.
Din. Tenemos más casamientos,
 Que juntan otros yumentos.
 De otras manos el rigor.
 Yo no me quiero casar
 Con Celia, ni con Clavela,
 Y si el casar me desvela,
 Es solo para embiudar.
Cel. Es picaro tu desprecio.
Cl. Eres necio.

Din. No.

Ambas. Porque?

Din. El que Dinero se ve,
 Nunca fue picaro, y necio:
 Señores, esto es mal fiero,
 La Comedia se acabò;
 Todo mi ser perdi yo,
 Pues dexè de ser Dinero.
 Mis señores, mis amigos,
 En esta Comedia veo,
 Segun el titulo leo,
 Los tres del alma enemigos;
 Si en comparaciones hablo,
 Amor en la carne fundo,
 Engañ es fin todo el Mundo,
 Y los zelos son el Diablo.

LAUS DEO.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).